

ANDRÉ LUIS FREITAS DA SILVA

**QUANDO TODOS SÃO GUARANI: a guaranização indígena em
escritos do século XVI nas Províncias do Rio da Prata**

DOURADOS – 2018

ANDRÉ LUIS FREITAS DA SILVA

QUANDO TODOS SÃO GUARANI: a guaranização indígena em escritos do século XVI nas Províncias do Rio da Prata

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em História.

Área de Concentração: *História, Região e Identidades.*

Orientador: Prof. Dr. **Thiago Leandro Vieira Cavalcante.**

DOURADOS - 2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586q Silva, André Luis Freitas Da.

QUANDO TODOS SÃO GUARANI: a guaranização indígena em escritos do século XVI nas Províncias do Rio da Prata / Andre Luis Freitas Da Silva --
Dourados: UFGD, 2018.
178f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Leandro Vieira Cavalcante

Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências Humanas,
Universidade Federal da Grande Dourados.
Inclui bibliografia

1. História Indígena. 2. Guarani Colonial. 3. Guaranização. 4. Cronistas. 5.
Século XVI. I. Título

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

ANDRÉ LUIS FREITAS DA SILVA

QUANDO TODOS SÃO GUARANI: a guaranização indígena em escritos do século XVI nas Províncias do Rio da Prata

TESE PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE DOUTOR

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH/UFGD

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Presidente e orientador:

Thiago Leandro Vieira Cavalcante (Dr., UFGD) _____

2º Examinador:

Beatriz dos Santos Landa (Dra., UEMS) _____

3º Examinador:

Júlio Ricardo Quevedo dos Santos (Dr., UFSM) _____

4º Examinador:

Cándida Graciela Chamorro Arguello (Dra., UFGD) _____

5º Examinador:

Lúcio Tadeu Mota (Dr., UFGD/UEM) _____

A minha esposa Lucicleide, aos meus filhos Bárbara e Pedro Miguel, a minha mãe Helena (*In memoriam*), meu pai Miguel Osório (*In memoriam*), meu sobrinho Fernando (*In memoriam*), minhas irmãs, Sônia, Rose e Rosa; meus irmãos, Luis, João, José e Lauro; meus sogros João e Francisca.

AGRADECIMENTOS

Ao final deste trabalho, em primeiro lugar agradeço ao meu Deus por me permitir continuar caminhando. Agradeço a minha esposa Lucicleide pela paciência nos momentos difíceis e principalmente pelas contribuições relevantes ao trabalho. Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em História da UFGD, aos professores que ao longo dos anos contribuíram para meu aperfeiçoamento, em especial, ao meu orientador, professor Dr. Thiago Leandro Vieira Cavalcante, que me enriqueceu com seu conhecimento e me conduziu na pesquisa. Agradeço as professoras e professores que fizeram parte de minha Banca de Qualificação e minha Banca de Defesa de Tese. Agradeço a professores, técnicos e outros profissionais do Centro de Documentação da FCH/UFGD, do Centro de Cultura Missioneira da URI/Santo Ângelo, do Museu Etnográfico Andrés Barbero em Assunção e do Instituto Anchietano da UNISINOS/São Leopoldo.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Caminho do Peabiru.....	139
Mapa 2 – Guairá Etnográfico.....	142

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – <i>Quatri Partito - Espelho dos Navegantes</i>	109
--	-----

RESUMO

Este trabalho descreve e analisa fontes escritas produzidas no transcorrer do século XVI que trazem informações sobre o Guarani do período colonial. Essas fontes históricas foram concebidas por cronistas que testemunharam os primeiros contatos e que viveram entre povos indígenas das Províncias do Rio da Prata. Também por cronistas que escreveram a partir de seus gabinetes, subsidiados por relatos orais, transmitidos por exploradores do Novo Mundo, por documentos oficiais da administração espanhola e por outros papéis escritos que tratavam de povos indígenas. O objetivo das descrições e análises é demonstrar pelo viés da História Cultural, pelos métodos da Étno-história, que alguns escritos desse período histórico são portadores de uma ideia que consideramos ser de *guaranização*. Para este trabalho, a ideia de guaranização que estamos propondo não acontece necessariamente pela via do contato entre diferentes povos, mas, principalmente no campo narrativo. Portanto, guaranizar é difundir uma visão genérica, de forma intencional ou não, de que o Guarani colonial foi um povo que ocupou demograficamente amplo espaço geográfico, reproduzindo características socioculturais homogêneas em diferentes lugares e diferentes temporalidades, que submeteu outros povos, devido à sua capacidade guerreira, superioridade de sua cultura e influência de seu idioma. Portanto, guaranizar é exaltar um povo em detrimento de outro, é invisibilizar uma pluralidade sociocultural nativa em nome de uma singularidade sociocultural. As crônicas do século XVI que traçaram os primeiros contornos que identificamos como sendo de guaranização, e que influenciaram a produção escriturária sobre os Guarani, desenvolvida nos séculos posteriores, foram produzidas por Luiz Ramíres, Sebastião Caboto, Cabeza de Vaca e Juan Lopes de Velasco. Esses autores imprimiram em suas narrativas a presença marcante do Guarani colonial em diferentes espaços e sua forte influência no contexto das relações interétnicas.

Palavras – chave: Guarani colonial. Guaranização. Cronistas.

ABSTRACT

WHEN ALL ARE GUARANI: indigenous guaranization in writings from the 16th century in the Provinces of the River Plate

This work describes and analyzes written sources produced during the sixteenth century that bring information about the Guarani of the colonial period. These historical sources were conceived by chroniclers who witnessed the first contacts and who lived among indigenous peoples of the Provinces of the River Plate, and also by chroniclers who wrote from their offices, subsidized by oral reports, transmitted by New World explorers, by official documents of the Spanish administration and by other written papers dealing with indigenous peoples. The purpose of the descriptions and analyzes is to demonstrate by the bias of Cultural History, by the methods of Etymology, that some writings of this historical period bear an idea that we consider to be guaranization. For this work, the guaranization idea that we are proposing does not necessarily happen through the way of contact between different peoples, but mainly in the narrative field. Therefore, guaranize is to diffuse a generic view, intentionally or not, that the colonial Guarani was a people that occupied demographically wide geographical space, reproducing homogeneous sociocultural characteristics in different places and different temporalities, that submitted other peoples, due to its capacity warrior, superiority of their culture and influence of their language. Therefore, guaranize is to exalt one people to the detriment of another, is to make a native sociocultural plurality invisible in the name of a sociocultural singularity. The sixteenth-century chronicles that traced the first contours that we identified as guaranization, and which influenced the writing production on the Guarani, developed in later centuries, were produced by Luiz Ramíres, Sebastião Caboto, Cabeza de Vaca and Juan Lopes de Velasco. These authors have printed in their narratives the marked presence of colonial Guarani in different spaces and their strong influence in the context of interethnic relations.

Keywords: colonial Guarani. Guaranization. Chroniclers.

SUMÁRIO

Introdução	12
Capítulo 1	
O Guarani do período colonial	22
1.1. O Guarani do período colonial: contextualizando.....	23
1.2. Guarani do período colonial: perspectivas linguísticas e arqueológicas.	38
1.3. Guarani do período colonial: questões preliminares aos próximos capítulos: Parte I	41
1.4. Guarani do período colonial: questões preliminares aos próximos capítulos: Parte II - Índícios, sinais e deduções.....	44
1.5. O Guarani do período colonial: questões preliminares aos próximos capítulos: Parte III - Motivos para guaranização na conturbada história da morte de Juan Díaz de Solís.....	49
Capítulo 2	
O guarani do período colonial em fontes escritas do século XVI: crônicas de bordo	60
2.1. A gênese Guarani nas primeiras narrativas de viagens ao rio da Prata.....	61
2.2. O cronista Luis Ramírez: texto e contexto.....	64
2.2.1. O cronista Luis Ramírez: carta a seu pai.....	68
2.3. O Guarani em Diego García de Moguer: relatório de viagem.....	94
2.4. O Guarani em Sebastião Caboto: possível relato de viagem.....	103
Capítulo 3	
O guarani do período colonial em fontes escritas do século XVI: crônicas de campo e gabinete	111
3.1. O Guarani em Pero Lopes de Souza: diário de navegação	112
3.2. O Guarani em Ulrich Schmídel: diário de campo	117
3.2.1. Os Carió: quiçá Guarani.....	130
3.3. Os Guarani em Cabeza de Vaca.....	133
3.4. A homogeneização indígena nas províncias do Rio da Prata em Juan López de Velasco: crônica oficial de gabinete.....	148
Conclusão	156
Referências	162

INTRODUÇÃO

O Guarani do período colonial descrito em sua cultura, sociedade e demografia é considerado por linguistas como falante de língua pertencente à *Família Linguística Tupi-Guarani*, do tronco linguístico Tupi e por arqueólogos como pertencente à *Tradição Ceramista Tupiguarani* (sem hífen). Os linguistas inferem que os povos pertencentes à família Tupi-Guarani teriam iniciado sua dispersão pelo território Sul-americano a partir da área compreendida entre os rios Madeira, Guaporé e Aripuanã¹. Por outro lado, conforme Beatriz Correa da Silva, estudos na área da arqueologia apontam a dispersão dos portadores da cerâmica Guarani (Subtradição Guarani) a partir da confluência dos rios Madeira e Amazonas, “subindo o rio Madeira a oeste, interiorizando-se na Amazônia e descendo rumo ao sul até o rio da Prata”².

Os estudos históricos que tratam do Guarani do período colonial são reflexos, em grande medida, de narrativas produzidas nos séculos XVI, XVII e parte do século XVIII que assinalavam a presença desse povo em distantes e distintos ambientes das antigas províncias do Rio da Prata³. Ao analisarmos papéis escritos nesse período, fica bastante evidente que informações neles contidas salientam a demografia, a língua falada e aspectos socioculturais, de tal maneira, que nos transmitem a impressão ou falsa impressão, de que realmente tratava-se de um grande e único povo amplamente disperso.

Em parte de relações históricas e estudos que se produziram posteriormente à época colonial, o olhar que se debruçou sobre as fontes que tratam desses personagens históricos, de maneira geral, reproduziram a ideia de que a categoria indígena Guarani era uma unidade sociocultural e linguística, demograficamente ampla, que estava assentada em vasto espaço

¹ Cf. CORREA DA SILVA, B., *Mawé/Aweti/Tupi-guarani: Relações Linguísticas e Implicações Históricas*, p. 45.

² CORREA DA SILVA, B., *Mawé/Aweti/Tupi-guarani: Relações Linguísticas e Implicações Históricas*, p. 49.

³ Os espanhóis definiram logo no início da exploração e conquista, as terras banhadas pelo rio da Prata e seus afluentes maiores, como *Provincias del Rio de la Plata*. De maneira geral elas abarcavam os territórios pertencentes à atual Argentina, Uruguai, Paraguai, e grande parte dos estados do sul do Brasil e parte do atual estado de Mato Grosso do Sul. Usamos esse topônimo para referenciar o espaço considerado como de circulação e habitação dos povos Guarani do período colonial.

geográfico, e procuraram explicar os motivos que levaram a esse povo a expandir-se, conquistar e manter-se *impermeável* ao tempo e ao contato com outros povos⁴.

Um dos principais motivos elencados para a distribuição espacial tinha a ver com o movimento de seus poderosos exércitos, que, obedecendo a grandes convites xamânicos, reuniam-se em centenas ou milhares de guerreiros. Pensou-se que essas incursões, que por consequência levavam a expansão, possuíam um caráter estritamente guerreiro, no entanto, mais tarde, passou-se a acreditar como sendo de caráter religioso⁵. Em certo sentido, conforme podemos perceber em Cristina Razzera dos Santos, fundamentada em Susnik, as questões guerreira, religiosa e econômica não estavam totalmente desvinculadas desses chamamentos.

Desde de los tiempos de la dispersión de las tribus Tupí-Guaraníes esta búsqueda con el implícito ethos ogwatá reflejaba objetivos concretos: la expectativa de alcanzar la plenitud y la perfección a través de motivaciones guerrero-conquistadoras con los rituales antropofágicos, las tiestas de chicha, el maracá y los bailes rituales promovidos por el chamán-andante. Sin embargo, la plenitud a ser alcanzada era a nivel existencial, de manutención de las pautas culturales de subsistencia⁶.

Nesses eventos, os grupos confederavam-se e partiam para saquear e conquistar povos e territórios. Pela força de seus exércitos e pela superioridade de sua cultura, eles conseguiam impor aos vencidos, sua língua e características de seu modo de ser e viver⁷.

A proposta de que na época colonial para as terras baixas da América do Sul, em especial a parte meridional, houvesse um povo dominante, assim como eram os Inca e os Asteca, por exemplo, para as terras altas, não é totalmente desproposital. O problema é que o *Guarani no papel*⁸, que visualizamos no passado, era fragmentado em seus aspectos sociopolíticos e culturais, especialmente e temporalmente. Florestan Fernandes em seus

⁴ Essa ideia de expansão territorial, conquista de outros povos, imposição da cultura e da língua, além da manutenção de aspectos socioculturais e linguísticos, podemos perceber em SUSNIK (1979/80).

⁵ Cf. MELIÀ, B., *La lengua Guaraní del Paraguay*, p. 16.

⁶ RAZZERA DOS SANTOS, C., *Aspectos de la resistencia Guaraní: los proyectos de integración en el virreinato del río de la Plata (1678-1805)*, p. 72/3.

⁷ Cf. RAZZERA DOS SANTOS, C., *Aspectos de la resistencia guaraní: los proyectos de integración en el virreinato del río de la Plata (1678-1805)*, p. 64.

⁸ Cf. SANTOS. M. C., *El Guaraní de papel*.

estudos sobre os Tupinambá percebeu a mesma fragmentação e não reconheceu neles, unidades sociais maiores do que os grupos locais⁹.

A que se frisar, conforme Thiago Cavalcante, fundamentado em Carlos Fausto, que “seria ingenuidade afirmar que existe uma simples correlação entre demografia e complexidade sociocultural ou sociopolítica”¹⁰, negando desta forma, a possibilidade de um povo amplamente disperso e culturalmente homogêneo. No entanto, no caso do Guarani colonial, há evidências que em nosso entendimento corroboram nossas assertivas, conforme discutiremos ao longo dos capítulos da tese. Segundo John Monteiro, há “fatores que se contrapõem a qualquer visão monolítica de uma "nação" Guarani”¹¹.

Bartomeu Melià, observou que “cada época y tipo de relación entablada entre europeos y guaraníes fue inventando un rostro nuevo para esos indios [...]”¹². Mas, mesmo sob rostos novos, o Guarani, continuou a ser visto como uma ampla categoria indígena. Seu povo foi estimado entre 1.500.000 até 2 milhões de habitantes distribuídos desde “la costa atlántica de San Vicente, en el Brasil, hasta la margen derecha del río Paraguay, y desde el sur del Paranapanema y del Gran Pantanal, o lago de los Jarayes, hasta las islas del Delta, cerca de Buenos Aires”¹³.

Da mesma forma que o Guarani esteve sujeito a seus diferentes descobridores, narrativas e análises desenvolvidas nos séculos XIX e XX que se voltaram para os Guarani do período colonial, também estiveram sujeitas ao seu tempo e espaço, ou seja, a correntes de pensamento de sua época que procuravam explicar a diversidade cultural humana. Uma dessas correntes foi o Evolucionismo, linha de pensamento que observou, de maneira geral, que a humanidade se desenvolvia de forma linear, devendo passar por estágios evolutivos obrigatórios a todos¹⁴. A segunda corrente de pensamento foi a do Difusionismo, que de

⁹ FERNANDES, F., *A função social da guerra na sociedade Tupinambá*, p. 63.

¹⁰ CAVALCANTE, T. L. V., *Etno-história e história indígena: questões sobre conceitos, métodos e relevância da pesquisa*, p. 360.

¹¹ MONTEIRO, J. M., *Os Guarani e a história do Brasil Meridional*, p. 477.

¹² MELIÀ, B., *La lengua Guaraní del Paraguay*, p. 20.

¹³ Ibidem.

¹⁴ CASTRO, C., [org.]. *Evolucionismo cultural: textos de Morgan, Tylor e Frazer*, p. 14.

maneira geral, pregava um ponto de origem para as inventividades humanas, propagadas depois para outros locais por diversos meios¹⁵.

Essas duas correntes, em certo sentido, colaboraram para manter o *status quo* do Guarani colonial, pois ajudaram a explicar a mobilidade dos Guarani, que, ao migrarem a partir de um determinado ponto para outro, por seu caráter expansionista, difundiram sua língua e sua cultura. Ou seja, se os Guarani foram interpretados como um povo dominador, automaticamente se interpretou que havia povos dominados e de cultura inferior.

Para Bruce Trigger, “quase toda a mudança cultural no registro arqueológico era atribuída a difusão de ideias de um grupo a outro, ou a migrações que levavam à substituição de um povo e sua cultura por outro de cultura distinta”¹⁶. Esse intercâmbio de culturas está implícito no difusionismo na forma da ideia de aculturação¹⁷. Conforme Jairo Rogge, ao conceituar aculturação, o que “deveria envolver processos mútuos, multidimensionais foi interpretado como uma via de mão única, na qual uma cultura doadora transmitiria seus “valores” para uma cultura receptora, sendo que o caráter passivo dessa última a levaria a ser assimilada ou absorvida pela primeira”¹⁸. Assim como expos Carlos Rodrigues Brandão¹⁹, quando discutia questões ligadas à identidade e etnia, observando que “aculturação é o nome do processo através do qual, culturas intercambiavam “traços” e “complexos” culturais, de tal sorte que os de uma delas, mais forte, mais impositiva, envolviam os da outra e do encontro surgia uma nova cultura”.

Analogamente a ideia de aculturação, se manifesta a ideia de guaranização. Quando falamos em aculturação, estamos observando que uma cultura se sobrepõe a outra. Quando falamos em guaranização, indiretamente estamos agregando à cultura dos Guarani, um valor que eleva a mesma a um nível superior a outras culturas. Por esta ótica, ao dar um significado ao termo guaranização, o arqueólogo André Soares, observou que “os Guarani não somente aceitavam os outros grupos como os incorporavam, no processo conhecido vulgarmente como

¹⁵ Ibidem, p. 17.

¹⁶ TRIGGER, B. G., *História do pensamento arqueológico*, p. 151.

¹⁷ Cf. PANOFF, M.; PERRIN, M., *Dicionário de etnologia*, p. 55.

¹⁸ ROGGE, J. H., *Fenômenos de fronteira: um estudo das situações de contato entre os portadores das tradições cerâmicas pré-históricas no Rio Grande do Sul*, p. 27.

¹⁹ BRANDÃO, C. R., *Identidade e Etnia. Construção da Pessoa e Resistência cultural*, p. 90.

‘guaranização’. Este processo não negava o *ethos* Guarani, impositor e guerreiro, mas o reforçava”²⁰. Conforme Anselmo Neetzow, a guaranização “decorria do tipo de relação social que esse grupo mantinha com grupos não Guarani”²¹. Essas relações, conforme observou o autor, poderiam ocorrer por meio de “raptos, casamentos e guerras”²² situações que permitiam “a dominação Guarani”²³.

Muitos trabalhos ao analisarem a *atualidade indígena* dos povos falantes da língua guarani, quando procuram fazer um retrospecto histórico desses povos, tendo que se reportar a época do Guarani do período colonial, geralmente abordam a questão da guaranização. O mesmo ocorre com quem tem por objeto de estudo o próprio Guarani colonial. *Grosso modo*, quando a questão da guaranização está presente, é para explicar questões ligadas a dispersão linguística e organização sociocultural dos Guarani.

Pelo fato de que neste trabalho procuramos fazer alguns questionamentos e defender hipóteses sobre o Guarani colonial na forma como é representado em fontes escritas, relações históricas e análises contemporâneas, no que tange, principalmente, ao seu aspecto demográfico e sociocultural, procuramos alinhar nosso pensamento a outros olhares semelhantes.

Os pesquisadores Isabelle Combès e Diego Villar, ao tratarem sobre as representações dos povos Chané e Chiriguano, que carregam em si duas heranças culturais distintas e ao mesmo tempo misturadas, visto que a história nos diz que os Chiriguano são *filhos* de homens Guarani com mulheres Chané, e que os mesmos carregam apenas traços Guarani, fazem uma crítica a essa visão. Para eles a ideia de guaranização pode ser resultado da “onipotência da identificação guaranizante”²⁴ que guaranizou os próprios “pesquisadores que, em geral, apenas realçaram a dimensão guarani em detrimento da herança arawak”²⁵.

²⁰ SOARES, A. L. R., *Guarani: organização social e arqueologia*, p. 160.

²¹ NETZOW, A. A., *Diferentes interpretações sobre o rio da Prata quinhentista: reflexões sobre uma abordagem histórico-arqueológica*, p. 96.

²² *Ibidem*.

²³ *Ibidem*.

²⁴ COMBÉS, I.; VILLAR, D., *Os mestiços mais puros. Representações Chiriguano e Chané da mestiçagem*, p. 45/6.

²⁵ *Ibidem*.

Conforme comentamos mais acima, se a ideia de guaranização pressupõe expansão, conquista, domínio e assimilação, nos filiamos ao olhar de Isabelle Combés e Diego Villar. Pois, não é o processo de guaranização em si mesmo que iremos abordar, mas a maneira como o Guaraní colonial foi representado. Neste sentido, para este trabalho, a ideia de guaranização que estamos propondo, não acontece necessariamente pela via do contato entre diferentes povos, mas, principalmente no campo narrativo.

Portanto, guaranizar é difundir uma visão genérica, de forma intencional ou não, de que o Guaraní colonial foi um povo que ocupou demograficamente amplo espaço geográfico, reproduzindo características socioculturais homogêneas em diferentes lugares e diferentes temporalidades. Que submeteu outros povos, devido à sua capacidade guerreira, superioridade de sua cultura e influência de seu idioma. Guaranizar é exaltar um povo em detrimento de outro, é invisibilizar uma pluralidade sociocultural nativa em nome de uma singularidade sociocultural.

Dada a presença marcante desse povo nos escritos coloniais, numa situação em que se atribui ao mesmo como habitando desde a margem sul do rio Paranapanema até o nordeste argentino; desde o Atlântico até o oriente boliviano e proximidades do rio Amazonas; diríamos, parafraseando Guillermo Wilde²⁶, que somos condicionados, *consciente ou inconscientemente*, a perceber os mesmos como sendo uma imensa massa populacional, distribuída por diferentes espaços geográficos, falando um único idioma e se desenvolvendo sob uma única cultura.

Portanto, entendemos que o quadro que se desenhou sobre o Guaraní do período colonial, em termos de expansão demográfica, cultural e linguística, ganhou seus primeiros esboços, em narrativas de cronistas coloniais do século XVI. Essas narrativas influenciaram decisivamente o olhar de outros agentes coloniais, mas, em especial, a historiografia que se produziu na posteridade. A partir desta hipótese, nossa tese vai se deter sobre crônicas elaboradas no século XVI, por indivíduos que testemunharam os eventos e escreveram a partir de suas experiências junto a esse povo indígena ou por aqueles que escreveram a partir de seus gabinetes do outro lado do Atlântico.

²⁶ WILDE, G., *Territorio y Etnogénesis Misional en el Paraguay del siglo XVIII*, p. 84.

Observamos que as narrativas que iremos analisar não são sobre o Guarani reduzido e também não são sobre o índio etnográfico. O Guarani reduzido é posterior ao período histórico que iremos analisar. Quanto aos falantes da língua guarani, não há instrumentos metodológicos para aferir a etnicidade dos povos antigos para filia-los com os povos atuais, principalmente porque não temos a fala dos indígenas coloniais, que conforme Fredrik Barth é fator preponderante para conferir noção de pertencimento e identidade²⁷.

Ao estudarmos o Guarani do século XVI, no papel, metodologicamente falando, nos utilizaremos da História Cultural, visto que ela nos permite inquirir e confrontar as fontes de modo a obtermos os resultados que esperamos das mesmas. No entanto, devemos ter a consciência de que o testemunho produzido no papel é uma projeção do real. Por mais que os cronistas procurassem, em seu contexto histórico, fixar a realidade tal qual ela se apresentou diante dos olhos e dos sentidos, o fato testemunhado é um e o fato narrado é outro.

Nossa argumentação se apoia na análise efetuada por Peter Burke quando este debateu o conceito e o emprego da História Cultural na análise histórica. Para este autor, fundamentando nossa observação “tudo que é recebido é sempre diferente do que foi originalmente transmitido, porque os receptores, de maneira consciente ou inconsciente, interpretam e adaptam as ideias, costumes, imagens e tudo que lhes é fornecido”²⁸. Conforme este autor, este é um conceito dos *teóricos da recepção*, entre os quais ele inclui o antropólogo e historiador Michel de Certeau²⁹. De maneira geral, por esta ótica, o passado interpretado no presente, por diferentes leitores, ganha novos sentidos, pois, “a característica essencial da transmissão cultural é que tudo o que se transmite muda”³⁰.

Se considerarmos *cada olhar uma sentença*, a cada sentença uma nova interpretação, diferentes testemunhas também podem presenciar um mesmo quadro e apresentar diferentes versões para o mesmo. Essa é uma questão entre outras possibilidades que podem influenciar o texto narrado, conforme veremos quando estivermos nos detendo sobre a fala dos cronistas elencados para análise no segundo e terceiro capítulos. Esse conceito da História Cultural é

²⁷ BARTH, F., *O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas*, p. 27.

²⁸ BURKE, P., *Variiedades de história cultural*, p. 249/250.

²⁹ Ibidem.

³⁰ Ibidem.

um, entre outros, que nos transmite a ideia de *representação* social. Significa em outras palavras, “o modo como uma realidade social é pensada, construída, dada a ler”³¹.

De acordo com Antônio Ramos³², a História Cultural “busca decifrar as representações do mundo social, feitas por diferentes grupos em diferentes épocas”, permitindo neste caso, análise das narrativas históricas que constituíram sujeitos e lugares e deram sentido aos mesmos. “A história é sempre texto, ou mais amplamente, discurso, seja ele escrito, iconográfico, gestual etc., de sorte que somente através da decifração dos discursos que exprimem ou contém a história poderá realizar o seu trabalho”³³.

Trabalhamos no âmbito da História Cultural, pelo fato de que nosso trabalho se insere no campo da História Indígena. Desta forma, ao realizarmos uma abordagem histórica sobre o Guarani do período colonial, nos orientamos pelas ferramentas metodológicas da etnohistória. É por meio desta que nos inserimos no passado colonial indígena, o qual foi visto por lentes estrangeiras. Neste sentido, de acordo com Thiago Cavalcante, a ferramenta de análise que iremos nos utilizar “é um método que congrega, principalmente, os aportes da antropologia e da história, mas também e com grande importância de outras disciplinas, tais como a arqueologia e a linguística”³⁴.

Em sendo por meio do olhar europeu que acessamos o passado indígena, devemos ter sempre em conta que esses agentes registraram, conforme sinalizou Edgard Ferreira Neto³⁵, “o que lhes pareceu mais significativo”. Mas, considerando que o significado pode ser polissêmico em relação ao significante, ou seja, que o narrado pode ser distinto do observado, conforme já frisamos mais acima, teríamos ao final, um objeto deformado³⁶.

Neste cenário em que há incertezas sobre o objeto estudado, a etnohistória nos permite ampliar nossas percepções em relação ao mesmo, pois, seu caráter *primevo* é o diálogo entre diferentes disciplinas. Portanto, é com os aportes, em maior grau, da História e, em menor grau da Arqueologia, da Antropologia e da Linguística, que tratam do Guarani do período

³¹ CHARTIER, R., *A História Cultural entre práticas e representações*, p. 16.

³² RAMOS, A. D., *O Medo Instrumentalizado: Província Jesuítica do Paraguai, 1609-1637*, p. 22.

³³ CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R., *História e análise de textos*, p. 540.

³⁴ CAVALCANTE, T. L. V., *Etno-história e história indígena: questões sobre conceitos, métodos e relevância da pesquisa*, p. 353.

³⁵ FERREIRA NETO, E., *História e etnia*, p. 471.

³⁶ *Ibidem*.

colonial, que nos aparelhamos. Esse conjunto de disciplinas, aliadas a leituras de diversas fontes escritas, nos orientam, nos informam, nos conduzem e possibilitam o surgimento de *insights*³⁷. Dando-nos a clareza necessária para analisar, interpretar e fazer a crítica das crônicas do século XVI, cuja finalidade última é nos fornecerem respostas sobre a construção do Guarani colonial como sendo uma categoria demograficamente ampla e culturalmente homogênea.

Pelo que anteriormente esboçamos e considerando que a unidade Guarani do século XVI era fragmentada, tanto em seu sentido espacial e temporal, quanto nos vários olhares que se debruçaram sobre os mesmos, não falamos em um Guarani em seu sentido *ênico*, mas em seu sentido *ético*³⁸. Ou seja, tratamos do Guarani na história, mas, não se trata de uma história de guaranis. Portanto, enfatizamos que nos utilizamos do método étnico-histórico para analisar fontes escritas do século XVI, que tratam do Guarani colonial.

Quanto à organização, o trabalho foi dividido em três capítulos. O primeiro capítulo intitulado *O Guarani do período colonial*, trata sinteticamente de contextualizar o Guarani daquele período na forma como ele foi representado em fontes históricas, trabalhos posteriores e contemporâneos ao tempo presente. Incluímos neste tópico, de maneira geral, a percepção da Linguística e da Arqueologia. Na sequência do capítulo, discutimos a percepção de exploradores e conquistadores em relação à terra e as gentes. Ao final, trabalhamos com a notícia que se propagou sobre a morte do navegador Juan Diaz de Solís. O intuito desta última parte é considerar que a partir das notícias que se veicularam sobre os acontecimentos que ocorreram a este navegador no rio da Prata, ajudaram em tempos posteriores a influenciar por meio da escrita na propagação da ideia de guaranização.

O segundo capítulo tem por título *O Guarani do período colonial em fontes escritas do século XVI: crônicas de bordo*. Este capítulo tem objetivo de analisar a narrativa dos três primeiros cronistas coloniais que falaram pela primeira vez em um povo nomeado de Guarani. Por terem estado no mesmo contexto histórico navegando nas águas do rio da Prata, entre 1526 e 1530, designamos seus escritos como crônicas de bordo, pois, eles ainda estavam em um contexto de reconhecimento e exploração. As análises que realizaremos, sobre as falas de

³⁷ Cf. GINZBURG, C., *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*.

³⁸ Cf. CAVALCANTE, T. L. V., *Etno-história e história indígena: questões sobre conceitos, métodos e relevância da pesquisa*, p. 356.

Luis Ramírez, Diego Garcia e Sebastião Caboto, são fundamentais para esta tese, porque entendemos que nelas está presente a semente da ideia de guaranização.

O terceiro e último capítulo intitulado *O Guarani colonial em fontes escritas do século XVI: crônicas de campo e gabinete*, tem a função de analisar fontes escritas do século XVI que foram produzidas no contexto da conquista, apaziguamento e colonização. Ou seja, produzidas a partir do momento em que os espanhóis desembarcaram de suas *naus* para garantir a posse das terras e das gentes. Neste tópico, além dos cronistas de campo, direcionaremos nosso olhar para um cronista de gabinete chamado Juan Velasco, que será fundamental em nossa tese sobre a guaranização, pois, mesmo não tendo sido testemunha ocular dos fatos narrados, teve acesso a uma série de papéis que trataram da colonização das províncias do Rio da Prata e do testemunho oral de indivíduos que vivenciaram a conquista.

A título de nota, como optamos em analisar detidamente cada testemunho histórico em separado, parecerá ao leitor que estamos realizando um *looping* pelo fato de voltarmos de maneira recorrente a análises anteriores para atualizá-las ou discuti-las novamente. O motivo é que a fala de cada testemunho histórico, requer, em determinados casos, as mesmas análises já realizadas.

Sobre a grafia de nomes indígenas, para este trabalho, a grafia de nomes indígenas segue o padrão estabelecido por convenção assinada na 1ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada em 1953, na cidade do Rio de Janeiro. Assim, os nomes não recebem flexão de número ou de gênero e são escritos com iniciais maiúsculas. Nos casos em que os nomes são usados como adjetivos, mantém-se o padrão de não flexão, mas utilizamos iniciais minúsculas.

Sobre a grafia de palavras em Guarani: a maioria das palavras em guarani é oxítone e não são acompanhadas de acento agudo. Somente as paroxítonas e as proparoxítonas são acentuadas. Nas vogais que aglutinam o acento e a nasalização, o “til” tem função de acento. Nas citações, transcrevemos como estão no original.

CAPÍTULO 1

O Guarani do período colonial

Este primeiro capítulo tem a função de ser uma chave de leitura para os próximos. Neste sentido, no âmbito da pesquisa e sua materialização em uma tese, num primeiro momento contextualizamos por meio de uma síntese, o Guarani colonial, em que apresentamos aspectos presentes em fontes históricas e análises contemporâneas, incluído a perspectiva da linguística histórica e da arqueologia guarani.

Ao contextualizarmos o Guarani colonial a partir de diferentes áreas do conhecimento, buscamos num segundo momento compreender a percepção do europeu em relação ao espaço nativo e a forma como ele procurou organizar os grupos humanos com quem ele se deparou, discutindo como se desenvolveu a produção do conhecimento sobre as terras e as gentes do Novo Mundo e como essa questão pode ter influenciado na percepção dos conquistadores sobre as terras e as gentes.

Na elaboração das análises deste segundo momento, trabalhamos com a história que se propagou sobre a morte de Juan Diaz de Solís, com o intuito de considerar que a partir das notícias que se veicularam sobre os acontecimentos que ocorreram a este navegador no rio da Prata, ajudaram em tempos posteriores, a influenciar, por meio da escrita, na propagação da ideia de guaranização.

Lembramos, conforme observamos na introdução, que para esta pesquisa, a ideia de guaranização que estamos propondo, necessariamente não acontece somente pela via do contato entre diferentes povos, mas principalmente no campo da escrita, pela pena de quem escreveu sobre o Guarani do período colonial. Ou seja, entre outras formas, guaranizar pela escrita é propagar uma ideia na qual está subjacente nas entrelinhas, à tese de que o Guarani do período colonial formava um povo com amplitude demográfica quase que imensurável, com características culturais homogêneas e que submetia outros povos devido ao sua capacidade guerreira e superioridade de sua cultura.

1.1 O Guarani do período colonial: contextualizando

No início do século XVI à medida que os barcos portugueses e espanhóis avançavam em suas primeiras incursões pela orla marítima do litoral Atlântico e grandes rios interioranos do que seria hoje território brasileiro, uruguaio, argentino e paraguaio, procurando reconhecer as terras e as gentes que nela habitavam, foram se deparando com uma variedade de grupos humanos que se comunicavam em grande medida por meio de uma língua que foi considerada geral³⁹.

O padre jesuíta Fernão Cardim ao escrever os *Tratados da Terra e da Gente do Brasil* na década de 1580, citou dez tribos que considerou como sendo as principais que falavam esta língua. Conforme o religioso⁴⁰, a partir do litoral da Paraíba até São Vicente havia os Potyguara, Viatã, Tupinaba, Caaeté, Tupinaquim, Tupiguae, Muriapigtanga, Guaracaio ou Itati, Tegmegminó e Carijo. Em São Vicente habitava o mesmo povo encontrado em Ilhéus, Porto Seguro e no Espírito Santo, os Tupinaquim. Para o sul, pelo litoral e interior do continente até o Paraguai, os Carijó. “Todas estas nações acima ditas, ainda que diferentes, e muitas delas contrarias umas das outras, têm a mesma língua”⁴¹.

Em 1627 o Frei Vicente do Salvador, ao escrever sobre a História do Brasil, desde o descobrimento até aqueles dias, comentou que de São Vicente até o rio da Prata os habitantes eram “os Carijós, os de Rio de Janeiro, Tamoios, os da Bahia, Tupinambás, os do rio de S. Francisco, Amaupiras, e os de Pernambuco, até o rio das Amazonas Potiguaras, contudo todos falam uma mesma linguagem”⁴².

A língua geral nativa falada em grande parte da costa oceânica e interior do continente, conceituada atualmente como Tupi-guarani⁴³, foi de fundamental importância para o reconhecimento e conquista das terras e das gentes por parte dos ibéricos. Na colônia

³⁹ Para Aryon Rodrigues (1996, p. 7) o termo *língua geral* refere-se ao surgimento de línguas nos séculos XVI e XVII em função do contato e posterior miscigenação entre indígenas, europeus e africanos. O termo língua geral que utilizamos para este trabalho é conforme Dante Lucchesi (2009, p. 43). Uma língua “empregada na comunicação entre as tribos de línguas do tronco tupi da costa brasileira”. Ou seja, uma língua desenvolvida por indígenas para comunicação. Neste aspecto, a língua falada pelos Guarani, assim como Diego de Torres (1609) observou, se chamava *língua geral guarani*.

⁴⁰ Cf. CARDIM, F., *Tratados da Terra e Gente do Brasil*.

⁴¹ CARDIM, F., *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, p. 199.

⁴² SALVADOR, F. V., *História do Brasil*, p. 16.

⁴³ Cf. EDELWEISS, F. G., *Tupís e Guaranís: estudos de etnonímia e linguística*.

portuguesa, os jesuítas que desde 1549 já atuavam na catequização e conversão indígena, se utilizaram desta língua para realização de suas missões. O estudo e conhecimento da mesma permitiu ao padre José de Anchieta organizar uma gramática no ano de 1595 que chamou de “Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil”⁴⁴. Nas províncias do Rio da Prata, por sua vez, a língua geral atribuída por parte dos portugueses aos falantes carijós, foi, conforme Bartomeu Melià⁴⁵, apreendida e estuda primeiramente pelo franciscano Luis Bolaños e posteriormente pelo padre Alonso de Barzana em 1591.

Quando a Companhia de Jesus instala oficialmente a Província Jesuítica do Paraguai no ano de 1604, para atuação efetiva dos jesuítas nas províncias do Rio da Prata, formadas naquele momento pelas governações do Chile, Tucumã e Paraguai⁴⁶, o termo Carió empregado para identificar os falantes da língua geral que habitavam aquelas terras já havia sido substituído pelos espanhóis para o termo guarani. Conforme o jesuíta Diego de Torres, “Ay en cada una de estas tres gobernaciones una lengua general que es gran alivio y ayuda para facilitar la conversión de los Yndios. *La Guaraní* corre no solo El Paraguay sino el Brazil y hasta Santa Cruz de La Cierra”⁴⁷.

Desde 1526⁴⁸ esse termo já estava presente no vocabulário castelhano da conquista, que o utilizava em paralelo ao uso do termo carió para identificar determinados povos, vindo a substituir este último de forma mais efetiva na segunda metade do século XVI⁴⁹, de tal maneira que em 1570, Juan Lopes de Velasco, cronista oficial do Conselho das Índias, observou que “la lengua de los que se llaman guaraníes es la que generalmente se habla en todas las provincias, aunque tienen lenguaje particular”⁵⁰.

Enquanto a língua geral para os castelhanos se evidenciava sob o termo guarani, na colônia portuguesa os colonos se referiam a ela, de maneira geral, como língua Brasília ou língua geral da costa do Brasil. Nos escritos de Hans Staden (1557), do calvinista Jean de

⁴⁴ ANCHIETA, J., *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*.

⁴⁵ Cf. MELIÀ, B., *Pasado, presente y futuro de la lengua guarani*, p. 31/32.

⁴⁶ Cf. FURLONG, G., *Misiones y Sus pueblos de Guaraníes*.

⁴⁷ BOLLO, D.T., *Primera carta, del padre Diego de Torres, desde Córdoba del Tucumán (1609)*, p.8.

⁴⁸ Conforme veremos na sequencia do texto.

⁴⁹ Para MÉTRAUX (1948, p. 69.) “Os guaranis foram primeiro conhecidos como Carijó ou Carió, mas o nome guarani prevaleceu no Século XVII”.

⁵⁰ VELASCO, J. L., *Geografía y descripción universal de las Indias*, p. 555.

Léry (1578)⁵¹ e mais tarde em 1594 na fala do jesuíta Alonso de Barzana⁵², ela aparece com a nomeação vaga de língua tupi. Sendo somente em meados do século XIX, que ela passa a se consolidar como língua tupi, quando a elite intelectual brasileira no afã de construir uma identidade nacional, identificou no povo Tupi suas raízes humanas e linguísticas⁵³.

No caso da língua geral falada em uma boa parte das províncias do Rio da Prata, denominada de língua guarani, o jesuíta Antonio Ruiz de Montoya, assim como havia feito José de Anchieta com a língua geral do Brasil, também reduziu a língua geral guarani a escrita. Fundamentado especialmente no cenário linguístico da região do Guairá⁵⁴, onde atuou durante muitos anos e, com o aporte de trabalhos anteriores do franciscano Luis Bolaños e do próprio Anchieta, trouxe a luz entre os anos 1639 e 1640, uma gramática, um dicionário e um catecismo em língua guarani⁵⁵.

Com esse trabalho, ele irradiou, principalmente para as reduções de índios que se implantavam em diversos e diferentes ambientes, uma unidade linguística única. Se antes havia uma língua geral nativa manifestada de diferentes formas ou dialetos, gerando em muitos casos incompreensão entre os falantes⁵⁶, a unidade linguística materializada na escrita permitiria o diálogo e consolidaria de vez o falante e a língua como sendo guarani⁵⁷, assim como havia observado o jesuíta Alonso de Barzana.

La lengua que habla toda esta nación, tan a la larga, es una sola, que aunque la que hablan en el Brasil, que llaman Tupi, es algo distinta, es muy poca la distinción y que no impide nada; lo cual ha sido de mucho efecto para la conversión de esta nación⁵⁸.

Na mesma linha, Antonio Ruiz de Montoya, em seu discurso preliminar da obra *Tesouro da Língua Guarani* de 1639, comentou sobre o alcance geográfico da língua guarani.

⁵¹ Cf. CHAMORRO, G., *Terra Madura, yvy araguyje: fundamento da palavra guarani*, p. 34.

⁵² Cf. MELIÀ, B., *Pasado, presente y futuro de la lengua guarani*, p. 48.

⁵³ Cf. CHAMORRO, G., *Terra Madura, yvy araguyje: fundamento da palavra guarani*, p. 34.

⁵⁴ Cf. MELIÀ, B., *Pasado, presente y futuro de la lengua guarani*, p. 47.

⁵⁵ *Ibidem*, p. 30/31.

⁵⁶ Cf. FURLONG, G., *Misiones y Sus pueblos de Guaraníes*, p. 80.

⁵⁷ Para EDELWEISS (1947, p. 3), foram as obras de Montoya que mais contribuiriam para tornar conhecido o nome guarani.

⁵⁸ BARZANA, A. In: MELIÀ, B., *Pasado, presente y futuro de la lengua guaraní*, p. 48.

Tan universal, que domina ambos los mares, el del Sur por todo el Brasil, y ciñendo todo el Perú con los dos más grandiosos ríos que conoce el orbe, que son el de la Plata, cuya a boca en Buenos Aires, es de ochenta leguas, y el gran Marañón, a él inferior en nada”⁵⁹.

Assim como o jesuíta Fernão Cardim que estendeu a abrangência da língua geral do Brasil até Buenos Aires, Montoya, em sentido contrário, considerou a presença da língua guarani de Buenos Aires até o Amazonas. Portanto, ambos os jesuítas consideraram em suas falas como sendo uma única língua nativa de expressão universal. Por esta ótica, no contexto da presença de uma língua geral na colônia portuguesa e nas províncias do Rio da Prata, definidas já no primeiro século da conquista e colonização, mesmo que parcialmente, como língua tupi e língua guarani, podemos aventar a hipótese de que se todo o território fosse de domínio português ou castelhano, teríamos apenas uma língua geral, guarani ou tupi.

Diante da diversidade de povos contatados pelos agentes ibéricos nas províncias do Rio da Prata, os Guarani, ao menos nos escritos coloniais se tornaram expoentes e, a ação dos padres da Companhia de Jesus⁶⁰ muito colaborou para que isso ocorresse, já que desde que chegaram às províncias do Rio da Prata, estenderam sua ação missionária por um amplo território⁶¹.

Ao reconhecer terras, contatar e nomear as gentes, eles registraram aspectos socioculturais e linguísticos de diferentes povos, pois, se considerarmos um recorte histórico,

⁵⁹ MONTOYA, A. R., (prologo) *Tesoro de la lengua Guaraní*.

⁶⁰ Os jesuítas fizeram a cartografia do espaço físico e elaboraram diversos tratados sobre os mais variados assuntos, influenciando na administração espanhola local e colaboraram fortemente com a política espanhola para o Novo Mundo. No ano de 1673 o padre Sebastián Izquierdo, representante das províncias jesuíticas da Espanha em Roma, lembrava ao Procurador Geral das Índias os serviços prestados pelos religiosos e as principais finalidades desses serviços. Izquierdo observou que, “los Reyes Católicos, después que la Compañía se extendió por el mundo, siempre y frecuentemente imbiaron, à expensas suyas, à las Indias, copiosos números de religiosos de ella, para que allá se ocupasen también á expensas suyas en la conversión y cultura de los indios. [...] De las cuales Misiones, los piadosísimos Reyes sacaban dos preciosísimas utilidades. La primera era el rescate de innumerables almas de Indios. [...] La segunda utilidad era el aumento temporal con que enriquecían su Corona, pues no sin verdad puede decirse que los Religiosos de la Compañía en las Indias han agregado á la Corona de Castilla, por medio de la predicación del Evangelio, mayores distritos de tierras y mayores números de vasallos que le agregaron, por medio de las armas, los soldados que se las conquistaron”. (PASTELLS, Tomo II, p. 695/6).

⁶¹ De acordo com o historiador Moacir Flores (1983, p. 10), se levarmos em conta as fronteiras políticas atuais, o território da Província Jesuítica do Paraguai abrangeria as repúblicas da Argentina, Uruguai, Paraguai, sul da Bolívia, partes do sul e centro-oeste do Brasil.

entre 1609 e 1635⁶², os jesuítas, como método de ação missionária, entraram nas aldeias indígenas para viver, conhecer e ser conhecido pelos locais. No caso dos considerados Guarani, assumiram a condição de “outros karai”⁶³, como uma fórmula para interferir no cotidiano social e promover mudanças em aspectos da cultura material e imaterial desses povos, para que se adequassem a um modo de vida baseado em conceitos europeus da época.

Neste contexto, enquanto povo indígena, os Guarani ganharam uma amplitude geográfica e demográfica como nenhum outro povo, pois, se a língua geral estava presente em um amplo espaço geográfico, em nível de discurso nos escritos jesuíticos, os falantes da mesma também estavam. Somou-se a este quadro de dispersão demográfica, conforme já estamos observando, a organização dos espaços doutrinários que ao longo de 159 anos, entre tentativas e acertos fez surgir 57⁶⁴ espaços comumente chamados de reduções.

Neste caso específico, reduções de índios Guarani, organizadas⁶⁵ desde a margem oeste do rio Uruguai, nas proximidades da foz com o rio Ibicuí, até as margens do rio *Mbotetey*, no que é hoje o estado de Mato Grosso do Sul, das quais 30 floresceram como verdadeiros espaços urbanos, onde o povo reduzido tinha na língua guarani seu principal idioma e nos guaranis seu principal elemento humano⁶⁶.

Semelhante às doutrinas para os Guarani, os jesuítas organizaram outros espaços reducionais em outros locais com outros povos nativos. Enquanto alguns não se desenvolveram como o esperado, outros tiveram pleno êxito. Instalado nas terras baixas do oriente boliviano no início do século XVIII, houve um complexo de doutrinas abarcando dez reduções, que se não fosse pela narrativa dos padres que organizaram aquele espaço, poderia se pensar que se tratasse de um único povo habitando o mesmo. Falamos das reduções de

⁶² Efetivamente esse foi o principal período de ação missionária para o estabelecimento de doutrinas. Em 1609 é organizada a primeira redução de Guarani chamada de *San Ignacio Guazú del Iguaracamygtá* na província do Paraná e, em 1635 a redução de *San Ignacio Caagaçú*, no Itatim. Somente em 1682 é retomada a organização de outros espaços reducionais, mas, diferentemente da primeira fase, as reduções organizadas nesse período são com grupos oriundos de antigos espaços doutrinários, destruídos pelas bandeiras paulistas ou de espaços que tiveram que ser divididos, devido ao fato da população local ter aumentado significativamente. A novidade nesse novo contexto foi introdução de indivíduos pertencentes aos Montese ou Caaguas nas reduções já consolidadas.

⁶³ MELIÀ, B., *El guaraní conquistado y reducido*, p. 17.

⁶⁴ FREITAS DA SILVA. A. L., *Reduções Jesuítico-Guarani: espaço de diversidade étnica*, p. 88.

⁶⁵ Cf. FREITAS DA SILVA. A. L., *Reduções Jesuítico-Guarani: espaço de diversidade étnica*.

⁶⁶ Cf. SANTOS, M. C.; BAPTISTA, J. T., *Reduções Jesuíticas e povoados de índios: controvérsias sobre a população indígena (século XVII-XVIII)* e FREITAS DA SILVA. A. L., *Reduções Jesuítico-Guarani: espaço de diversidade étnica*.

índios Chiquito, que sob o nome desta categoria indígena, era constituído por povos indígenas com cultura, língua e organização social diferenciada⁶⁷.

A ideia de se aglutinar diferentes povos sob uma categoria genérica em espaços reduccionais estava de acordo com a política espanhola de identificar, nomear e classificar⁶⁸ os povos que viviam em seus territórios de ocupação tradicional. Era uma forma de organizar a babel humana que vivia dispersa em distantes e amplos ambientes⁶⁹. O “colonialismo hispánico, con su dinámica de “una fe, un rey, una lengua”, mediante la “misión por reducción”, se orientaba más bien hacia la reducción de las particularidades, lo que se hacía a través de esos centros urbanos que eran las Reducciones, o Doctrinas”⁷⁰. Desta maneira, buscavam-se na pluralidade humana elementos considerados comuns a todos, para singularizar as mesmas sob um único gentílico.

A fala do jesuíta Pedro Lozano é sugestiva neste aspecto, pois, ao escrever sobre o *Chacu Gualamba*, comentou de maneira superficial sobre os Toba, Mocovie e outros povos. Segundo ele, essa diversidade era vista como se fossem apenas um povo, por considerar que ambos apresentavam mais semelhanças que diferenças, já que na sua visão, todos eram traiçoeiros e *comedores de carne humana*⁷¹.

Os Toba, no contexto dos séculos XVII e XVIII eram um povo caçador, coletor e pescador, situados nas imediações do rio Vermelho, no Chaco, eles foram “llamados frentones por los europeos, porque arrancaban el cabello de la parte anterior de la cabeza”⁷². Este nome, Frentone, foi replicado para diferentes grupos que possuíam entre outras semelhanças, estética no corte de cabelo. Os “Europeos de la Provincia llaman así a las Naciones del Chaco ya que tienen la frente extremadamente espaciosa no solo a causa de los frecuentes cortes de cabello que se hacen a fin de que no crezcan para recubrirla”⁷³.

Essa forma de perceber os povos nativos por parte dos agentes da conquista e colonização, somando-se a outros elementos, gerou uma plêiade de macro-etnônimos tanto na

⁶⁷ Cf. LABRADOR, J. S., *El Paraguay Católico*. Tomo VI, p. 6-10.

⁶⁸ Cf. *La Recopilación de las Leyes de las Indias*, Libro IV.

⁶⁹ Cf. FREITAS DA SILVA, A. L., *Reduções Jesuítico-Guarani: espaço de diversidade étnica*.

⁷⁰ MELIÀ, B., *El pueblo guaraní: unidad y fragmentos*, p. 152.

⁷¹ LOZANO, P., *Descripción corográfica del gran Chaco Gualamba*, p. 12.

⁷² TECHO, N., *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús*. Tomo I, p. 184.

⁷³ JOLIS, J., *Ensayo Sobre la Historia Natural del Gran Chaco*, p. 65.

colônia portuguesa, quanto nas colônias castelhanas, tais como: Guaycurú, Frentone, Mbaya, Guaná, Guenoa, Chané, Chaná, Gualacho, Tupi, Tapuya e o próprio Guarani. Situação que nos causa, na atualidade, parafraseando Carlos Alberto Ricardo⁷⁴, uma *confusão semântica*.

Assim como já observamos, os jesuítas ao reconhecerem o uso e efetivarem a língua geral como sendo guarani, identificaram nos falantes, indivíduos Guarani, mas, aqueles que não falavam a língua geral guarani, eles identificaram genericamente de Gualacho⁷⁵. Pedro Lozano em sua história da Companhia de Jesus no Paraguai comentou que “todas estas gentes usaban del idioma general Guarani, excepto los Gualachos, è Ybirayàras, que tenían lenguajes peregrinos”⁷⁶. Em nosso entendimento, esta passagem de Lozano ilustra bem o fato de que usar o idioma guarani não significava ser Guarani. Ela induz a pensar que povos que possuíam idioma específico, foram considerados Guarani pelo fato de fazer uso da língua geral guarani.

De maneira semelhante, no contexto da expansão missionária para organização de reduções entre os nativos das províncias do Rio da Prata, os jesuítas identificaram e registraram povos como sendo Guarani em territórios habitados por diferentes povos⁷⁷, no entanto, de maneira geral, eles consideraram esses locais como lugares dos Guarani, assim como ocorreu nos lugares definidos como Tape, Itatim, Guairá e Uruguai.

Em 1594 o jesuíta Alonso de Barzana⁷⁸ a partir da cidade de Assunção, observava ao provincial do Peru, Juan Sebastián, que “los Guaranís pertenecientes á la jurisdicción de la Villa del Espíritu Santo, son, según dicen, más de 100.000”. Informação semelhante apresentou em 1609 o primeiro provincial da Província Jesuítica do Paraguai, Diego de Torres Bollo⁷⁹, ao comentar ao generalato da ordem dos jesuítas, por meio de uma carta *ânua*, que,

la Vila Rica tiene cien vecinos casados y cerca de cien mil Yndios tributarios

⁷⁴ Cf. RICARDO, C. A., *Passados 500 anos, sequer sabemos seus nomes*.

⁷⁵ Cf. FERRER, D., *Carta ânua para o padre provincial sobre a geografia e etnografia dos indígenas do Itatim escrita em 1633*, p. 45.

⁷⁶ LOZANO, P., *Historia de la Compañía de Jesús de la Provincia del Paraguay*, Tomo II, p. 133.

⁷⁷ Cf. PORTO (1954); SCHALLENBERGER (2006); FREITAS DA SILVA (2013).

⁷⁸ BARZANA, A., *Carta de la Asunción del Paraguay, dirigida á su Provincial, el P. Juan Sebastián, el día 8 de Septiembre de 1594*, p. 97.

⁷⁹ BOLLO, D. T., *Primera carta del padre Diego de Torres, desde Córdoba del Tucumã en 17 de mayo de 1609*, p. 19.

sin las mujeres, niños, ni viejos, son labradores que viven en pueblos que unos tendrán mil vecinos, otros más, otros menos, están apartados unos pueblos de otros a legua a dos leguas a cuatro leguas y el que más a diez leguas hablando todos una misma lengua que es la Guarani.

Na mesma carta, Diego de Torres complementa a informação dizendo que as terras de São Vicente a Buenos Aires “trescientas leguas, todas pobladas de gente Guarani⁸⁰”, e que a língua geral desses guaranis “corre no solo el Paraguay sino el Brazil y hasta Santa Cruz de la Cierra”⁸¹. Em 1620, um informe do jesuíta *anônimo*⁸² observou que quase todos os índios da cidade de Assunção eram Guarani, uma “nación muy extendida y toda tiene una lengua”. Neste informe também é comentado que “la provincia del Paraná [...] e del Itatín es toda gente Guarani”.

E para finalizar, Nicolas Del Techo⁸³, sacerdote e historiador da Companhia de Jesus, em 1673, escreveu que.

El país que se halla situado entre los ríos Marañón y Paraná, distantes entre sí más de mil leguas, está casi en el centro de la América meridional. En dicha región habitan los guaraníes, quienes pueblan además la tierra que se extiende desde el Paraguay y el Paraná hasta el virreinato del Perú.

Conforme as falas dos jesuítas, podemos perceber que a língua e o povo vão se intercalando até se tornarem em determinado momento um só. Neste sentido, quando os índios reduzidos se consolidam como sendo Guarani, começa a ocorrer uma mudança na forma de narrar. Se da segunda metade do século XVI até o final da primeira metade do século seguinte, nos escritos coloniais, o gentílico guarani era usado para identificar povos em diferentes e distantes ambientes geográficos; a partir da segunda metade do século XVII, com o advento das reduções jesuíticas, ao menos em cartas *ânuas* e relatórios administrativos produzidos pelos padres da Companhia de Jesus, os Guarani desaparecem da paisagem “natural” das terras do antigo Paraguai para somente serem localizados no interior das

⁸⁰ Ibidem.

⁸¹ Ibidem.

⁸² JESUÍTA ANÔNIMO. *Informe de um jesuíta anônimo sobre as cidades do Paraguai e do Guairá espanhóis, índios e mestiços*, p. 166, 169.

⁸³ TECHO, N., *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús*. Tomo II, p. 133.

reduções⁸⁴. Essa informação não está explicitada, mas por meio da análise das fontes do período, percebemos que houve uma mudança de perspectiva.

Percebemos que todo o índio que habitava fora dos “muros” da redução, que numa situação anterior seria nomeado de Guarani, passa a ser definido como falante do idioma guarani. Esses falantes de guarani que habitavam o interior das florestas foram identificados principalmente como *Caaguas* ou *Montes*. Enquanto os Guarani, reduzidos, passaram a representar os índios cristãos e civilizados, os Montes e Caaguas foram considerados índios infieis e arredios à civilização. Assim como observou o jesuíta Martín Dobrizhoffer quando se referiu as dificuldades enfrentadas pelos assunsenhos diante de grupos resistentes a colonização.

Lo que siempre me pareció prodigioso es que la provincia de Asunción no pereciera con todos los años que fue azotada por tan violentos enemigos. Por aquí siempre debió temerse la vecindad de los feroces guaycurúes y mbayás; por allá los cotidianos ataques de los abipones, mocobíes y tobas que dieron a las ciudades circundantes, gran trabajo y peligro. Agrega a éstos, los piratas payaguás, más peligrosos durante la paz, que en la guerra. Y callo lo referente a *los bárbaros silvícolas que llaman monteses, montaraces, o en lengua guaraní, caayguás, que aunque no siempre hostiles, siempre fueron muy saqueadores y dignos de poca fe para los españoles paraguayos* que se dedicaban a recolectar la yerba en selvas muy distantes de la ciudad, como en Carema, en Curiy, en Monday o en las costas del Acaray, que están fácilmente a doscientas leguas de Asunción⁸⁵.

Já em meados do século XVIII, época dos Montes e Caaguas, na história das missões de Guarani não houve nem um aumento significativo no número de reduções, por mais que houvesse uma grande quantidade de índios *selvagens* espalhados pelo território⁸⁶. A resposta a esse comentário, encontramos na fala do jesuíta Bernardo Nusdorffer no ano de 1737. Quando questionado sobre a falta do antigo ardor missionário dos primeiros jesuítas, ele teria respondido que o motivo de não fundarem mais reduções no espaço das Missões de Guarani,

⁸⁴ Em certo sentido, nossa observação se aproxima da fala de Bartomeu Melià (1988, p. 94). Para ele, “lo mejor de la documentación etnográfica de los jesuitas respecto a los Guaraní se concentra de hecho entre los años de 1594 y 1639, tomando como referencia límite dos documentos importantes: la carta del padre Alonso Barzana a Juan Sebastián (1594) y la Conquista Espiritual del padre Antonio Ruiz de Montoya (1639). Es el período en el cual sedan los primeros contactos de los Jesuítas con las naciones genéricamente conocidas como Guaraní”. Em nosso entendimento essa mudança na documentação é justamente pelo exposto acima.

⁸⁵ DOBRIZHOFFER, M., *Historia de los Abipones*. Tomo III, p. 21

⁸⁶ Cf. FURLONG, G., *Misiones y sus Pueblos de Guaraníes*, p. 629

na proporção em que tinham feito no início da missão, era porque “la conservación de una Reducción era una conquista continuada”⁸⁷.

A fala desse importante jesuíta neste ano de 1737 pode ser emblemática, pois sinalizou o prelúdio do fim de uma época. Em poucos anos, as reduções de Guaraní começariam a encontrar seu ocaso. Novos tempos se avizinhavam, a colônia estava consolidada, o tempo dos estados nacionais se aproximava e o tempo do Guaraní colonial estava findando. A época dos Kaiowa/Pãi-Tavyterã, Nhandeva e Mbya se aproximava, e com eles o que havia faltado nos séculos anteriores, ao menos nos escritos, a fala e o autorreconhecimento, para deixarem, assim, de ser *um guarani de papel*⁸⁸.

Conforme veremos na sequência, com o passar dos anos, já nos séculos XIX e XX, em alguns trabalhos que se produziram sobre o Guaraní do período colonial, aspectos sobre a dispersão demográfica e a ideia de amplitude geográfica, seja como nota introdutória ou como objeto de análise, se evidenciaram e somaram-se a características gerais sobre a organização social e cultural desse povo.

O cônego João Pedro Gay, ao escrever a história dos jesuítas no Paraguai, comentou que “desde as cabeceiras do majestoso Paraguai, do caudaloso Paraná e do soberbo Uruguai o território era ocupado por uma multidão de tribos selvagens, que geralmente são denominados Guaranis”⁸⁹. Para Felix de Azara⁹⁰, logo após a chegada dos europeus, os Guaraní ocupavam a costa sul do rio da Prata, desde Buenos Aires a *las Conchas*, seguindo pela mesma costa sem passar a margem oposta. Estavam assentados em todas as ilhas do rio Paraná, penetrando seu espaço de habitação umas 16 léguas até mais ou menos os 30° de latitude.

Desse paralelo, os Guaraní estariam habitando pela costa oriental do rio Paraná e também pela costa oriental do rio Paraguai até os 21° de latitude sem passar ao ocidente desses rios. Seus domínios se prolongavam até o litoral Atlântico, ocupando todo o Brasil. Ocupavam também a *Cayena* e estavam presentes em regiões próximas aos Andes.

Por sua vez, o naturalista Johan Rengger, em viagem pelo Paraguai no início do século XIX, escreveu que os habitantes

⁸⁷ NUSDORFFER, B., *apud*: FURLONG, G., *Misiones y sus Pueblos de Guaranies*, p. 629-631.

⁸⁸ SANTOS, M. C., *Clastres e Susnik: uma tradução do “Guarani de papel”*.

⁸⁹ GAY, J. P., *História da Republica Jesuítica do Paraguay: desde o descobrimento do Rio da Prata até nossos dias, ano de 1861*, p. 7.

⁹⁰ Cf. AZARA, F., *Descripción é Historia del Paraguay y del Rio de la Plata*. Tomo I, p. 179.

del Paraguay en el tiempo de la invasión española eran los indios de la nación guaraní. No hay duda de que esta nación fue la más numerosa de América del Sur (...). Sabemos que se extendían no solamente por el Paraguay, sino por todo el Brasil actual, abarcando inclusive hasta Guayana (...). Aunque muchas otras naciones de costumbres, lengua y apariencia diferentes vivían en medio de la nación guaraní el número de individuos que la componían se habría elevado a muchos millones⁹¹.

No século XX, Pierre Clastres, observou que o povo Guarani formava uma massa populacional que equivaleria a um milhão e meio de indivíduos vivendo em 350 mil Km²⁹², que mesmo estando situadas a milhares de quilômetros umas das outras, as tribos Guarani e Tupi “viviam do mesmo modo, praticavam os mesmos rituais e falavam a mesma língua”⁹³. Guillermo Furlong, ao reproduzir o olhar dos antigos jesuítas comentou que estes índios teriam habitado desde “*las riberas del Plata hasta las proximidades del gran río Marañón, y desde las costas del Atlántico hasta las aguas del Paraná*”⁹⁴.

Por sua vez, Carlos Brandão⁹⁵, observou que “de um território, entre florestas e grandes rios, com pouco mais de 500.000 km², os Guarani dominaram uma região de pelo menos 350.000 km². Concentrados pouco mais tarde basicamente nas imensidões do Chaco”. Já, Branislava Susnik, em seu trabalho sobre os nativos do Paraguai, observou que ao iniciar a conquista hispânica “los Avá-Guaraníes hallábanse nucleados en el área comprendida entre los ríos Paraguay, Miranda, Paraná, Tiete-Añemby, Uruguay, Yacuí, y con algunos asentos en el litoral atlántico”⁹⁶.

Esta autora clássica, por meio de sua vivência entre grupos étnicos de fala guarani do Paraguai, de seus amplos estudos e de sua profunda e variada obra bibliográfica, é uma das grandes referências em estudos sobre o Guarani do período colonial, exercendo uma influência muito positiva sobre o pensamento de pesquisadores contemporâneos a ela e contemporâneos ao tempo em que produzimos este trabalho.

O que pretendemos observar é que Susnik, fundamentada em seus estudos históricos,

⁹¹ RENGGER, J. R., *Viaje al Paraguay*, p. 109.

⁹² Cf. CLASTRES, P., *A Sociedade contra o Estado*, p. 110.

⁹³ *Ibidem*, p. 99.

⁹⁴ FURLONG, G., *Misiones y sus Pueblos de Guaranies*, p. 70.

⁹⁵ BRANDÃO, C. R., *Os Guarani: índios do sul, religião, resistência e adaptação*, p. 55.

⁹⁶ SUSNIK, B., *Los Aborígenes del Paraguay*. Tomo II, p. 9.

identificou no amplo território onde se considerou que os Guarani habitavam, 14 grandes núcleos populacionais com suas subdivisões internas. Aquilo que os padres jesuítas definiram como províncias ou áreas de ação missionária, tal como Itatim ou Iguaçu (rio), entre outros, ela sistematizou como sendo um conjunto de nucleações Guarani. A esses locais Susnik chamou de *Guará* e atribuiu características especiais aos grupos que neles habitavam. Conforme Maria Cristina dos Santos, o termo *guará*, foi uma atribuição de Montoya para identificar uma unidade regional⁹⁷, ou seja, um sufixo que significa “procedente ou morador de”⁹⁸.

Entre estas 14 províncias de Guaranis, conforme Susnik, teríamos as seguintes: *Cario; Tobatim; Guarambaré; Itatim; Mbaracay; Mondaí; Paraná; Ygañá; Iguaçu; Chandule; Uruguai; Tape; Guairá e Carijó*⁹⁹. Esses termos se referem a nomes de territórios, nomes de caciques, nomes de rios e possivelmente características atribuídas a indivíduos, apelidos que se transformaram em gentílicos, tais como os Carió e Chandule. Portanto, o termo que seria para indicar a procedência de determinado local, na interpretação de Susnik passou a indicar uma unidade sociopolítica Guarani, que vai se diferenciar em relação a outros *guarás* por uma espécie de “consciência da unidade e identidade sócio-cultural-regional [...]”¹⁰⁰.

De maneira geral, a autora repetiu a fórmula empregada pelos jesuítas, quando os mesmos reconheceram grupos habitando espaços distantes e diferentes, *tanto no tempo, quanto no espaço* e os consideraram Guarani¹⁰¹. A situação ficou mais complexa em Susnik, quando ela, fundamentada, especialmente nos escritos de Antonio Ruiz de Montoya, que havia reduzido por meio da escrita, uma pluralidade indígena local, falante de guarani a uma singularidade étnica Guarani¹⁰², colocou os Chandule do século XVI ao lado dos Tobatim do século XVIII, sob o mesmo guarda-chuva sociocultural de grupos indígenas da província do Guairá do início do século XVII.

⁹⁷ SANTOS, M. C., *Clastres e Susnik: uma tradução do “Guarani de papel”*, p. 211.

⁹⁸ Cf. CAVALCANTE, T. L. V., *Colonialismo, território e territorialidade: a luta pela terra dos Guarani e Kaiowa em Mato Grosso do Sul*, p. 62.

⁹⁹ SUSNIK, B., *Los aborígenes del Paraguay: etnohistoria de los Guaranies*. Tomo II, p. 22 - 46.

¹⁰⁰ SOARES, A. L. R., *O Guarani. Organização social, antropologia, etnohistoria e arqueologia*, p. 122.

¹⁰¹ Cf. OLIVEIRA, J. E., *Cultura material e identidade étnica na arqueologia brasileira: um estudo por ocasião da discussão sobre a tradicionalidade da ocupação Kaiowá da terra indígena Sucuri’y*.

¹⁰² Para saber mais sobre a ideia de *guará*, utilizado por SUSNIK, ler “*Clastres e Susnik: uma tradução do “Guarani de papel”*”.

Esse modelo de guarani, principalmente em seus aspectos linguísticos, na época, foi replicado para as reduções e reproduzido na posteridade em escritos que trataram do Guarani do período colonial, com o agravante de que se juntou aos aspectos linguísticos todo o arcabouço sociocultural identificado nos escritos coloniais, especialmente aqueles elaborados por Montoya. Com esse quadro geral, uma ideia ganhou sentido, a guaranização.

Conforme observamos mais acima, uma parcela interessante dos escritos jesuíticos sobre os Guarani nos traz uma ideia de guaranização. Isso está impresso de forma explícita ou implícita, quando eles se referiam, em determinadas passagens, a indígenas em seus espaços tradicionais ou no interior das reduções.

Pela importância de Branislava Susnik para a historiografia do Guarani do período colonial, a questão da guaranização ganhou relevância, pois, quando ela interpretou o guarani colonial, baseando-se em documentação histórica, dados arqueológicos e outras análises mais contemporâneas a ela, fortaleceu a ideia de um povo belicoso e conquistador, que impunha aos povos mais próximos e mais distantes, sua cultura e sua língua.

El mestizamiento con los protopobladores lápidos ya implicaba particularidades raciales diferenciales; en el proceso de este cruce racial predominaba la práctica de que los Avá fundaban sus nuevos “tevy” entre los grupos avasallados, de donde la simultaneidad de una “guaranización” culturolingüística. (...). Esse processo aculturativo também ocorria com os “Yvyrayáras¹⁰³ del R. Yvaýguareense em pleno processo de “mbyá-ización”. Muchos grupos de los Guayanás paranaenses y Ñuguáras¹⁰⁴ altoparanaguayenses guaranizados culturolingüísticamente. Los paleoamazónicos Ypacaraíenses, Eldoradenses y Tacuarenses, fusionados con los Avá, perdiendo su identidad étnica¹⁰⁵.

A partir destas colocações, se analisarmos de maneira geral alguns escritos, tal como o da própria Susnik, iremos perceber que em determinados trabalhos está presente a ideia de povos que assumiram a língua ou o modo de ser guarani e, raramente povos guarani que tenham dominado ou incorporado a língua ou o modo de ser de outros grupos.

¹⁰³ Conforme podemos ver em CORTESÃO (1951), os Ybirayaras possuíam língua específica e os padres da Companhia de Jesus tiveram que “reduzir a língua dos mesmos a escrita”.

¹⁰⁴ Há variações no termo, pois, às vezes aparece como Ñiguará ou Miguará. Conforme é possível constatar em CORTESÃO (1952 / 1955). Esse povo possuía alguns falantes da língua geral guarani, mas tinha idioma próprio. “En Xeréz habrá 600 cristianos yanaconas y 3. 000 infieles encomendados que hablan el Niguará” (PASTELLS, 1912, p. 386).

¹⁰⁵ SUSNIK, B., *Los Aborígenes del Paraguay*. Tomo II, p. 11/12.

Na tentativa de explicar a complexidade do espaço sociocultural, nos parece ter ocorrido uma via de mão única em que se exalta apenas um povo em detrimento de outros. É como se o *toque de Midas*, além de transformar tudo em guarani, o deixasse impermeável a influência externa. No entanto, conforme os exemplos abaixo, podemos perceber que esse padrão narrativo é questionável.

Lo primero que hice en pasando [en (?)] estos campos fue *buscar un lengua Guarani que supiese bien la Gualacha* y deparóme Nuestro Señor un Indio tullido el cual era natural del Paraná Pane y antes que nosotros entrásemos en aquel rio vino el a estas partes con ánimo de volverse luego, pero el Señor que le quería para maestro nuestro¹⁰⁶.

Estos Itatines son de buen natural, y no difieren de los demás guaranis, sino que tienen más trato y policía de cuantos Guaranis avemos visto hasta ahora, y también en la lengua tienen alguna diferencia de los demás Guaranis aunque poca acercándose algo al lenguaje Tupi, de suerte que algunos dicen que no son verdaderos Guaranis ni Tupis tampoco, sino que es una nación entremedia entre los Guaranis y Tupis que llaman Temiminos. Son ágiles para la caza y *su común ejercicio de recreación es llevar un palo a cuestas que pesa más de medio quintal*, y corren dos juntos cada uno con su palo a cuestas, y el que lo lleva más a priesa al término sale por vencedor.

As duas situações são interessantes porque acreditamos que elas nos ajudam a tentar conhecer a natureza construída do Guarani do período colonial, enquanto demografia ampla e cultura homogênea, pois, a partir do exemplo de povos considerados Guarani, tais como os Itatim e Guairá, somos induzidos a pensar que a imposição da língua e da cultura é uma retórica. Em nosso entendimento, esses grupos tanto influenciavam a vizinhança interétnica quanto eram influenciados por ela.

A primeira situação, entre outros aspectos, indiretamente nos dá uma ideia mesmo que tênue, de relações comerciais e intertribais amistosas ao apresentar um indivíduo Guarani que domina os códigos linguísticos de um grupo linguisticamente estranho ao seu, os Ibirayara, pois, esse indivíduo enquanto intérprete, ajudou na elaboração de um catecismo e vocabulário.

A outra situação que consideramos mais importante para exemplo, tem a ver com aspectos linguísticos, precisamente com aspectos socioculturais, pois, a corrida de toras é uma

¹⁰⁶ MONTOYA, A. R., *Carta ânua do padre Antonio Ruiz de Montoya, superior da missão do Guairá, dirigida em 1628 ao padre Nicolau Duran, provincial da Companhia de Jesus*, p. 293.

pauta presente em grande parte dos povos do tronco linguístico Macro-Jê¹⁰⁷ atuais e, possivelmente dos antigos, tais como os Kayapó do Sul¹⁰⁸ que teriam habitado entre outras áreas, o sul do antigo Mato Grosso até as terras do atual estado do Paraná¹⁰⁹.

Há alguns anos pesquisadores vêm questionando a categoria guarani do período colonial que mesmo fragmentado no tempo e no espaço, é percebido, de maneira geral, como sendo um povo, uma cultura e uma língua. Para o arqueólogo André Soares¹¹⁰, ao discutir questões sobre a cultura material e identidade, a lógica e o bom senso são desafiados ao

imaginar um grupo mantendo-se inabalável por uma área de mais de 1.500 km de extensão por 500 km de largura, como provam os registros desde Campo Grande (MS) até Buenos Aires (República Argentina) e desde o *chaco* paraguaio até o litoral paulista, em se tratando apenas dos índios Guaranis.

O historiador Thiago Cavalcante, em sua obra sobre o mito de São Tomé na América colonial, ao analisar os contatos entre as diferentes culturas, apropriações, ressignificações e percepções sobre o outro, em fontes documentais que versam sobre indígenas coloniais, observou que,

falar em *Guarani* talvez seja tão impreciso quanto falar em índio, tendo a acreditar que talvez esta perspectiva seja válida para os *Tupinambá*. Essas denominações são muito mais ligadas ao aspecto linguístico do que ao étnico. Portanto, dependendo da abordagem, torna-se problemático tomar a categoria Guarani como se ela fosse correspondente a um único grupo étnico¹¹¹.

Diante das incertezas das fontes documentais e no calor do debate sobre a questão de se atribuir identidade a cultura material do Guarani do período colonial, Jorge Eremites observou que “tenho a impressão de que o Guarani genérico, tal qual o imaginamos ou idealizamos na academia para a proposição de modelos interpretativos de longo alcance, nunca existiu de verdade”¹¹².

¹⁰⁷ MELATTI, J. C., *Corrida de Toras*, p. 1.

¹⁰⁸ NIMUENDAJÚ, C., *A corrida de toras dos Timbira*, p. 151.

¹⁰⁹ Cf. FREITAS DA SILVA, A. L., *Reduções Jesuítico-Guarani: espaço de diversidade étnica*, p. 108/9.

¹¹⁰ SOARES, A. L. R., *Pelo Fim do Frankenstein Guarani*, p. 768.

¹¹¹ CAVALCANTE, T. L. V., *Tomé: o apóstolo da América. Índios e jesuítas em uma história de apropriações e ressignificações*, p. 20.

Essas importantes questões suscitadas pelos autores, refletem o pensamento do filólogo e etnólogo argentino Rodolfo Shuller que ao escrever o prólogo da obra *Geografía Física y Esférica de las Provincias del Paraguay y Misiones Guaraníes*, de Felix de Azara, no ano de 1904, elaborou uma longa reflexão sobre *os Guarani e os Não Guarani*, na qual, questionava a amplitude demográfica desse povo e o fato de alguns autores contemporâneos a ele, identificarem grupos indígenas das proximidades do rio da Prata como sendo Guarani ou Guaranizados¹¹³. Ou seja, logo no início do século XX, possivelmente entre outros olhares de mesma natureza, já havia questionamentos sobre a ideia do Guarani do período colonial ser um Guarani genérico.

1.2. Guarani do período colonial: perspectivas linguísticas e arqueológicas.

O Guarani do período colonial descrito em sua cultura, sociedade e demografia é considerado por linguistas como pertencente à *Família Linguística Tupi-Guarani*, do tronco linguístico Tupi e por arqueólogos, como pertencente à *Tradição Ceramista Tupiguarani* (sem hífen). Os primeiros inferem que os povos pertencentes à família Tupi-Guarani teriam iniciado sua dispersão pelo território Sul-americano a partir da área compreendida entre os rios Madeira, Guaporé e Aripuanã¹¹⁴, enquanto que arqueólogos apontam a dispersão dos portadores da cerâmica guarani a partir da confluência dos rios Madeira e Amazonas, subindo o rio Madeira a oeste, interiorizando-se na Amazônia e descendo rumo ao sul até o rio da Prata¹¹⁵.

Conforme Beatriz Correa da Silva¹¹⁶, o desenvolvimento da Linguística Histórica como ciência ocorreu durante o século XIX, consolidando-se a ideia de que o estudo das línguas poderia fornecer informações históricas, sendo que foi somente no século XX que se

¹¹² OLIVEIRA, J. E., *Cultura Material e Identidade Étnica na arqueologia brasileira: um estudo por ocasião da discussão sobre a tradicionalidade da ocupação Kaiowá da terra indígena Sucuri*, p. 99.

¹¹³ SHULLER, R., (Prólogo). *Geografía Física y Esférica de las Provincias del Paraguay y Misiones Guaraníes*.

¹¹⁴ Cf. CORREA DA SILVA, B., *Mawé/Aweti/Tupi-guarani: Relações Linguísticas e Implicações Históricas*, p. 45.

¹¹⁵ *Ibidem*, p. 49.

¹¹⁶ CORREA DA SILVA, B., *Mawé/Aweti/Tupi-guarani: Relações Linguísticas e Implicações Históricas*, p. 2.

passou a considerar efetivamente uma dimensão sociológica no estudo das línguas.

Portanto, ao falarmos em Família Tupi-Guarani por meio da linguística histórica, inferências sobre os aspectos sociais e culturais dos falantes pertencentes a esta grande família linguística são realizadas, pois, esta disciplina entende que a classificação genética de línguas em seus diversos subagrupamentos,

reflete não apenas um modelo hipotético de desmembramento de línguas, mas também de separação dos povos que as falam [...], sendo possível portanto, formular hipóteses sobre a localização dos povos indígenas no passado e fazer inferências sobre suas rotas de deslocamento e/ou migração, sobre a forma de ocupação do território e sobre os contatos que estabeleceram com outros povos. Além disso, também se pode testar modelos de sequenciamento histórico-cultural que situam a língua e a comunicação em relação às forças materiais, econômicas e políticas¹¹⁷.

Portanto, quando tratamos de dispersão Guarani por meio da linguística histórica, o que temos é a presença da língua falada num amplo espaço, e quando se fala em aspectos socioculturais, o que se evidencia são inferências, visto a dificuldade de se identificar sujeitos históricos por meio da linguagem num período muito recuado de tempo.

É comum encontramos trabalhos que versem sobre o Guarani do período colonial que buscam o aporte da linguística histórica como forma de subsidiar análises sobre estes indígenas. Nestes casos, seria importante frisar que quando os aportes da linguística estão presentes, em especial a estes indígenas, a ideia é para denotar a dispersão da língua Guarani, mostrando que não se trata de etnia ou grupo disperso, já que falar guarani ou a língua geral guarani, pode não significar ser um indivíduo guarani¹¹⁸.

Conforme Beatriz Correa da Silva há uma tentativa de aproximar as teorias da dispersão Tupi-Guarani dos linguistas com as teorias da dispersão Tupiguarani dos arqueólogos¹¹⁹. No entanto, ao contrário da linguística histórica que procura deixar claro suas inferências, na arqueologia da Tradição Tupiguarani existe uma linha de pensamento que procura atribuir etnicidade a cultura material de povos coloniais, especialmente por parte daqueles que estudam o Guarani do período colonial. Essa situação levou à instauração de um

¹¹⁷ Ibidem, p. 6, 73.

¹¹⁸ Cf. SOARES. A. L. R., *Pelo Fim do Frankenstein Guarani*, p. 787.

¹¹⁹ Cf. CORREA DA SILVA, B., *Mawé/Aweti/Tupí-guaraní: Relações Linguísticas e Implicações Históricas*

importante debate no seio da Arqueologia.

Conforme André Soares¹²⁰, até a década de 1980 havia um entendimento de se evitar relacionar etnicidade à cultura material, “pois esta discussão foi rejeitada pelo PRONAPA, disfarçada pela criação de mais de 60 fases na tradição Tupiguarani que, de tanto questionadas, abririam espaço para o problema social da interpretação cerâmica”¹²¹. Situação que começou a mudar quando o arqueólogo José Proenza Brochado rompeu com este pensamento e dividiu a Tradição Ceramista Tupiguarani em duas subtradições, situando de São Paulo para o Nordeste a subtradição Tupi (cerâmica pintada), e do Paranapanema para o Sul, a subtradição Guarani (cerâmica corrugada).

José Proenza “sugere analogia histórica direta como parâmetro interpretativo para responder a qual grupo étnico pertencia esta cerâmica”¹²², avançando, segundo André Soares, em uma área na qual os arqueólogos ligados ao PRONAPA não apresentavam ligação aparente, de atribuir “eticidade à cerâmica (tupiguarani). [...] Brochado une as possibilidades interpretativas da etnografia e da etno-história para compreensão dos sítios arqueológicos Guarani”¹²³.

Até este momento, a arqueologia em seus estudos sobre cultura material evitava fazer ligação direta com um determinado grupo étnico, pois, o conceito de tradição arqueológica elaborada pelo PRONAPA, estava relacionado a um conjunto de técnicas distribuídas no tempo e no espaço. Tupiguarani, até então, era o nome da classificação de uma cerâmica que apresentava determinadas características. Neste sentido, em nosso entendimento, ela poderia ser uma cerâmica escovada produzida por um grupo Payagua e fazer parte da Tradição Ceramista Tupiguarani, em alusão à técnica aplicada à peça, e não a um grupo Tupi-Guarani.

Portanto, de maneira geral até a década de 1980 quando se falava em dispersão tupiguarani, o que se enunciava era a dispersão da tecnologia desta tradição e não do povo. Mas, a partir das novas premissas este panorama começou a mudar no sentido de que passaram a identificar o elemento humano na dispersão da cultura material, neste caso em específico, a dispersão Guarani. Nesta perspectiva, o arqueólogo Francisco Noelli, partindo

¹²⁰ CF. SOARES. A. L. R., *Contribuição à Arqueologia Guarani: estudo do sítio Röpke*.

¹²¹ SOARES, A. L. R., *Índios Guarani: Seria a diversidade arqueológica das vasilhas cerâmicas um parâmetro étnico?*, p. 164.

¹²² SOARES. A. L. R., *Contribuição à Arqueologia Guarani: estudo do sítio Röpke*, p. 24.

¹²³ *Ibidem*.

das premissas da etno-história, linguística histórica e dos resultados de investigações e um grande conjunto de sítios arqueológicos, asseverou que o Guaraní histórico, amplamente disperso, assim como consta em documentos do século XVII, possui uma continuidade de traços culturais que vem se mantendo ao longo de dois mil anos¹²⁴.

A análise de Francisco Noelli faz uma analogia direta entre a tradição ceramista pré-histórica com um povo colonial genérico, na qual, imprime a aparência de unidade fornecendo o elemento prístino. Por esta ótica, ao estabelecer ligação entre o passado com o presente etnográfico de grupos distantes no tempo e no espaço, ele reproduz a narrativa de que o Guaraní estava amplamente disperso, impondo a outros sua cultura, sua língua e seu modo de ser.

1.3. Guaraní do período colonial: questões preliminares aos próximos capítulos: Parte I.

Primeiramente gostaríamos de salientar dois pontos. Em certo sentido eles irão nos ajudar na composição do quadro histórico que iremos desenhar sob a perspectiva de guaranização. O primeiro ponto é que o espaço geográfico do território das províncias do Rio da Prata era todo marcado por uma rede de comunicações, ou seja, nas províncias dificilmente haveria algum grupo em situação de isolamento, e um dos principais motivos tem a ver com a questão genética.

A possibilidade de um grupo entrar em colapso social, seja este organizado em linhagens, clãs ou que não se defina em nenhuma dessas situações¹²⁵, seria muito grande para o caso de tentar manter casamentos com parentes consanguíneos. Por isso a prática comum entre os indígenas de raptar mulheres e crianças de outros agrupamentos somava-se a prática de casamentos intertribais, pois, enquanto um permitia a continuidade biológica e a saúde do grupo, o outro permitia, também, a construção de alianças políticas, duradouras ou não, que poderiam influenciar diretamente no sistema organizacional de cada grupo, principalmente nos aspectos socioeconômicos.

¹²⁴ Cf. NOELLI, F. S., *La Distribución Geográfica de las Evidencias Arqueológicas Guaraní*, p. 18.

¹²⁵ MELATTI, J. C., *Índios do Brasil*, p. 132.

O segundo ponto, é que não devemos lançar nosso olhar para o passado indígena na véspera do contato com os europeus e pós-contato, especialmente para os povos “fixados” nas terras baixas da América Meridional, acreditando que estaremos diante de grupos humanos inoperantes no sentido de estabelecerem contatos uns com outros pela via guerreira, de forma esporádica ou no sentido de um pré-comércio, negando assim a possibilidade de os mesmos terem outras perspectivas futuras de desenvolvimento sociocultural por meio das relações estabelecidas com vizinhos e estrangeiros. Ou seja, negar esta perspectiva é querer manter os mesmos em um estágio estacionário¹²⁶ ou acreditar que mudanças culturais tenham ocorrido apenas de maneira endógena.

Neste aspecto, gostaríamos de frisar a capacidade de absorção de indivíduos pertencentes a variados grupos nativos no que diz respeito à aprendizagem da cultura material e imaterial de outros povos ou grupos afins. Os padres jesuítas comparavam entusiasticamente obras de santos barrocos produzidas por índios reduzidos a obras produzidas por artistas europeus. “En lo que son singulares es en la imitación” comentou o padre Guevara¹²⁷.

Essa capacidade de se apropriar das formas e das ideias se reproduzia em outros ofícios, tais como a carpintaria, fundição, hidráulica, construção, pintura, arquitetura e vários outros. Uma aptidão que não era exclusiva do índio reduzido. Ele não aprendia a copiar, essa faceta era da sua natureza. Os grupos em sua “naturalidade” possuíam esta capacidade de absorção da cultura do “outro”. É claro que tudo dependeria do contexto em que se apresentavam as novidades e do interesse de determinado grupo em se apropriar das mesmas, resignificando, incorporando ou não, em seu rol, uma nova pauta.

Por esta ótica, é interessante termos o cuidado ao associarmos cultura material de um determinado lugar a determinado povo histórico, pois, poderemos estar correndo o risco de construirmos um *Frankenstein*, neste caso, um *Frankenstein* Guarani¹²⁸, visto que a presença de elementos da cultura material em determinado grupo, quer seja semelhante na forma, na estética e na tecnologia empregada, a elementos da cultura material de outro grupo distinto,

¹²⁶ Situação análoga acontece na atualidade. Há um pensamento que considera que manter os indígenas atuais estacionados em suas pautas culturais antigas ou em suas tradições irá ajudar a proteger os mesmos de um futuro permissivo. Questões que colocam o jovem indígena em uma encruzilhada. Ou ele se abre para o novo e deixa de ser índio (ideia por trás do discurso) ou ele se mantém no antigo e tradicional e entra em conflito consigo mesmo.

¹²⁷ GUEVARA, J. *Historia de la conquistada del Paraguay, Rio de la Plata y Tucumán*. Tomo I, p. 55.

¹²⁸ Ver SOARES (2012).

tal como um recipiente cerâmico, pode ser explicada pela via do comércio de trocas, pela produção própria, em uma situação que houve apropriação dos moldes de outro povo e pelas mãos das mulheres *cativas* que levaram seu ofício e seu idioma para a casa, rancho ou toldo do futuro esposo ou por meio de casamento interétnico.

A las espaldas de los Guayarapos tierra adentro están los Charayes y Nambiquaruçus o Orejones que entraban en Santa Cruz de la Sierra la antigua antes que se despoblase. Estos también son Gualachos porque tienen lengua diferente pero saben la Guaraní y son muy amigos de ellos porque *casanse o viven a su modo con mujeres Guaranis, y los Guaranis se casan con sus mujeres*¹²⁹.

Essa ótica na qual os nativos não viviam em isolamento sociocultural encontra forte amparo na questão das línguas faladas. Os povos nativos não dominavam apenas o seu idioma, elas dominavam, dependendo do interesse de cada comunidade e do interesse de cada indivíduo, línguas faladas por outros povos. Neste aspecto, a noção dos agentes ibéricos de que havia uma diversidade de línguas, situação que poderia tornar-se empecilho para a conquista, povoamento e gestão do território, era completamente atenuada pela presença de línguas regionais e suprarregionais.

As línguas gerais são a nosso ver, a grande prova de que os diferentes povos estavam em constante comunicação. Pensar que em diferentes ambientes havia indivíduos falando a língua de outros grupos, que não a sua própria ou usando recursos de uma língua geral, não é algo descabido.

Conforme Sanchez Labrador, os Mbayá incorporaram em seu vocabulário palavras da língua guarani para usar em seu dia a dia. Neste sentido, acreditamos que a incorporação de elementos linguísticos estranhos ao vocabulário próprio, era possível devido a presença constante de outro idioma no cotidiano de determinados povos. Como os Mbayá possuíam enfrentamentos constantes com os Guarani, uma das hipóteses é que a incorporação de elementos linguísticos tenha se dado devido a presença de mulheres e meninos cativos entre os mesmos.

Tales son estas: Mitá, Mini, que nombran a los chicos y pequeñuelos las dos naciones. También las siguientes: Ecoluguá, que significa una calabaza olorosa, que el Guaraní llama: Curuguá. Esta Guapoma es corrompida la voz

¹²⁹ FERRER, D., *Ánua do padre Diogo Ferrer para o provincial sobre a geografia e etnografia dos indígenas do Itatim em 1633*, p. 47.

Guaraní *Iba Pomog*, una fruta; otras menos alteradas y acomodadas a su pronunciación y dialecto¹³⁰.

Ao finalizarmos esta rápida abordagem sobre aspectos da organização sociocultural nativa, enfatizamos que nada seria mais correto para o agente da conquista do que tentar simplificar o espaço social diversificado, estabelecendo nele uma ordem das coisas, tal como uma mesma língua, uma mesma cultura e um mesmo povo. As chamadas *Reduções de Índios Guarani* foram um exemplo típico desta situação. Conforme observamos acima, o próprio nome já trazia impresso à ideia de que nas mesmas somente havia indígenas guarani, quando, se sabe que atrás dos muros havia muita diversidade sociocultural¹³¹.

Nas considerações que apresentamos, a intenção é reforçar outras possibilidades de interpretação do espaço social nativo, que não é novidade nos estudos históricos desses povos, pois, outros autores já fizeram afirmações semelhantes. Portanto, este trabalho tem a intenção de reforçar o olhar e aquecer as discussões entorno do tema.

1.4. Guarani do período colonial: questões preliminares aos próximos capítulos: Parte II - Indícios, sinais e deduções¹³².

Seria um paradoxo produzirmos interpretações históricas sobre representações do passado se não acreditássemos que essas representações têm algo de real. É como estarmos logo atrás de um indivíduo em frente a um espelho, a esse indivíduo só o conhecemos pela imagem refletida. De muito olharmos esta imagem, passamos a reconhecê-lo sem ajuda do espelho. Essa situação somente ocorre devido ao fato de constantemente enxergarmos a realidade histórica pelos olhos e pela voz de outras pessoas que nos contam o passado. Dos muitos olhares sobre os fragmentos, construímos um todo, que mesmo sob as brumas do

¹³⁰ LABRADOR, J. S., *El Paraguay Católico*, Tomo II, p. 61.

¹³¹ SANTOS, M. C; BAPTISTA, J. T. *Reduções Jesuíticas e povoados de índios: controvérsias sobre a população indígena (século XVII-XVIII)*, p. 241; FREITAS DA SILVA, A. L., *Reduções Jesuítico-Guarani: espaço de diversidade étnica*.

¹³² A ideia do título é baseada na obra “*Mitos, Emblemas e Sinais*”, de Carlo Ginzburg, 1979.

tempo, nos permite perceber indícios, sinais¹³³ de que há algo mais.

É através desses sinais que iremos procurar construir nossa interpretação histórica, ao observarmos que, no ano I (um) do século XVI, europeus de diferentes castas começaram a produzir conhecimentos que se fundamentavam em pequenas amostragens dos povos que viviam no litoral atlântico e às margens do rio da Prata e seus afluentes maiores, Uruguai, Paraná e Paraguai. Mesmo que a natureza das primeiras navegações tivesse um caráter meramente de observação e identificação das terras e das gentes, além de um pequeno comércio em determinados locais, ou seja, serem de curta duração, relatos escritos por meio de cartas, diários de bordo, relatórios de viagem ou relatos orais¹³⁴ foram produzidos com a intenção de narrar e descrever a experiência da navegação.

Essas primeiras impressões sobre as terras e as gentes de parte da América Meridional produzidas por esses exploradores litorâneos, transformaram-se rapidamente em *conhecimentos* para a Coroa castelhana e para aqueles que viriam depois a serviço da mesma para conquistar, apaziguar e povoar. Foram conhecimentos construídos a partir de um contato superficial entre os navegadores e os grupos indígenas, mas que influenciaram decisivamente os rumos da administração espanhola e os escritos posteriores.

A experiência narrada por Américo Vespúcio é um exemplo do que estamos falando. No retorno a Europa, após ter navegado pelo litoral atlântico no limiar do século XVI, escreveu ao final de 1502 uma carta para Lorenzo de Médici, na qual expôs suas impressões sobre as terras e as gentes, em específico sobre um grupo nativo que habitava o litoral das terras que estavam sendo conquistadas por Portugal. “Não têm lei, nem fé nenhuma, e vivem segundo a natureza. Não conhecem a imortalidade da alma, não têm entre eles bens próprios, porque tudo é comum; não tem limites de reinos, e de Províncias; não têm Rei”¹³⁵.

¹³³ Ibidem.

¹³⁴ Os relatos orais a terceiros foram muito importantes para a composição da história das Índias Ocidentais. Isso significa dizer que nem tudo que os cronistas do velho continente escreveram sobre as terras e as gentes foram produzidos a partir dos relatórios oficiais elaborados para conhecimento dos reis e da corte. Pedro Mártir de Anglería ao escrever *Décadas do Novo Mundo*, comentou que muito de seus conhecimentos sobre as novas terras e as ações dos castelhanos, adveio das narrativas de navegadores, que lhe contaram informalmente em sua casa ou no ambiente da corte, as venturas e desventuras da viagem. José Torre Revello (1957, p. 139) que *estudou a vida e obra de Anglería comenta que “descubridores y funcionarios reales, frailes y clérigos, pilotos y maestros de naos, artesanos y menestrales”* cruzaram o oceano e ao retornarem, “de viva voz comunicaron al insigne humanista primicias que servirían para alegrar el ánimo y fijar la atención de los destinatarios de sus escritos”. É Anglería que vai usar pela primeira vez em suas crônicas o termo *novo mundo*.

¹³⁵ VESPÚCIO, A., *Novo mundo: cartas de viagens e descobertas*, p. 71.

Essa incompreensão consolidou-se como uma impressão pessoal do real. Neste sentido, suas impressões pessoais se generalizaram tornando-se impressões de outros. O conceito de que estas populações eram “sem fé, sem lei e sem rei” foi reproduzida por outros cronistas e tornou-se senso comum na opinião dos agentes ibéricos, a ponto de fundamentar e respaldar ações de caráter civilizatório no âmbito da conquista e povoamento.

Por mais que o início do conhecimento efetivo por parte de exploradores estrangeiros das terras que estavam dentro da demarcação castelhana, em especial neste caso, parte das terras que viriam a ser definidas como Províncias do Rio da Prata, tenha se dado a pouco mais de 30 anos em relação chegada do Almirante Colombo às Antilhas em 1492 até o ano 1526, ano em que Sebastião Caboto ancorou na ilha de Santa Catarina, o conhecimento produzido nestas missões temporárias, antes da chegada de Caboto, serviu de subsídio teórico e prático para os marinheiros que em tempos posteriores singrariam os mares em direção a esta parte da América.

Ao dar ênfase a esta ideia de que no contato efêmero dos primeiros navegadores, uma interessante quantidade de conhecimentos sobre os povos e as terras foi produzido, gostaríamos de salientar que, em geral, nem um comandante em missão oficial, deveria partir de portos castelhanos sem conhecimento prévio do que iria encontrar. Quando marinheiros tocavam pela primeira vez o solo das terras baixas da América Meridional para conquistar e povoar, já deveriam possuir internalizada uma ideia sobre as gentes.

As terras encontradas eram posses dos reinos de Castella e Portugal, tudo pertencia a ambas as coroas. Neste sentido, somente viagens oficiais eram autorizadas a estas novas terras. Mas, ao terem que buscar apoio na iniciativa privada, devido à falta de recursos, tiveram que dividir os lucros da conquista e exploração com armadores, banqueiros e comerciantes. Para isso formalizaram contratos de navegação e estabeleceram regras¹³⁶. Para ter o controle sobre a ação de terceiros, a coroa castelhana criou em Sevilha no ano de 1503, um órgão de governo chamado de Casa de Contratação, para ser o espaço oficial onde se formalizavam os contratos entre os reis católicos e terceiros.

A Casa de Contratação foi o local onde se assinavam os acordos, as capitulações entre a administração espanhola e os particulares que saíam para explorar e conquistar. Local onde se definiam os objetivos e procedimentos a serem adotados no decorrer das expedições. Era o

¹³⁶ Cf. BÉCKER. J., *La política Española en las Indias*.

local onde os interessados em navegar para o Novo Mundo¹³⁷ deveriam se abastecer de informações e orientações sobre as terras que iriam aportar. Os conhecimentos ali adquiridos, concebidos a partir de experiências anteriores, ganhavam um caráter oficial que, aliados a um sistema de normas, conduziam as ações dos navegadores, em especial dos comandantes das expedições.

Devido ao grande fluxo de serviços, por volta da segunda década do século XVI, a Casa de Contratação cedeu espaço a outro órgão estatal, o Conselho das Índias. Criado por volta de 1524, este assumiu questões ligadas à área científica, jurídica, religiosa, administrativa e governativa, ficando a parte comercial com a Casa de Contratação¹³⁸.

Praticamente toda a legislação das índias ocidentais castelhanas dos dois primeiros séculos de colonização, foi concebida a partir desses dois órgãos de governo. A referência que fazemos a esses órgãos governamentais é para frisar o que procuramos enfatizar nesses primeiros parágrafos, que é a ideia de que com exceção da primeira viagem exploratória, os indivíduos que seguiram nas expedições posteriores, especialmente os oficiais de bordo, quando chegavam num determinado local pela segunda vez, estavam munidos de um pré-conhecimento sobre o que iriam encontrar, um conhecimento prévio construído por outro agente da conquista em visita anterior, salvo, quando não era o próprio que estava retornando.

Por esta ótica, o conhecimento oficial adquirido nos órgãos administrativos da realeza espanhola, antes da viagem, possivelmente fundamentava a representação dos conquistadores sobre os nativos, dava o tom de como as terras deveriam ser identificadas e como seus possíveis habitantes deveriam ser descritos e narrados nos relatórios posteriores.

A título de exemplo do que estamos comentando, citamos a *cédula real*¹³⁹ emitida em

¹³⁷ Conforme Francisco López de Gómara (p. 4) em sua apresentação da obra *Historia General de las Indias*, ao imperador Carlos V, “La mayor cosa después de la creación del mundo, sacando la encarnación y muerte del que lo crió, es el descubrimiento de Indias; y así las llaman Nuevo Mundo. Y no tanto te dicen nuevo por ser nuevamente hallado, cuanto por ser grandísimo y casi tan grande como el viejo, que contiene a Europa, África y Asia. También se puede llamar nuevo por ser todas sus cosas diferentísimas de las del nuestro. Los animales en general, aunque son pocos en especie, son de otra manera; los peces del agua, las aves del aire, los árboles, frutas, hierbas y grano de la tierra, que no es pequeña consideración del Criador, siendo los elementos una misma cosa allá y acá. Empero los hombres son como nosotros, fuera del color, que de otra manera bestias y monstruos serían y no vendrían, como vienen de Adán. Mas no tienen letras, ni moneda, ni bestias de carga; cosas principalísimas para la policía y vivienda del hombre; que ir desnudos, siendo la tierra caliente y falta de lana y lino, no es novedad”.

¹³⁸ Cf. BÉCKER. J., *La política Española en las Indias*.

¹³⁹ Real cédula por la que se encomienda á Juan Diaz de Solís y á Juan Vespuchi que hagan el padrón real, 24 de julio de 1512.

1512, pela rainha Joana de Castella, na qual ordenava a Juan Diaz de Solís e Juan Vespúcio que elaborassem um *padrón* real das terras descobertas e das que viessem a ser descobertas.

Por cuanto á nuestra noticia es venido y por experiencia se ha visto que por no ser los pilotos tan expertos y tan instructos como sería menester para regir é gobernar los navíos que llevan á, cargo en los viajes que fazen para las Indias, Islas é Tierra Firme del Mar Océano, é por defecto de los, por no saber de que manera se han de regir é gobernar (...) vos mando que amos á dos juntamente en la nuestra Casa de la Contratación de las Indias de Sevilla y en presencia de los nuestros Oficiales que en ella están, hagáis juntar todos los más pilotos que ser pudiere (...) se haga por amos é dos vosotros juntamente un padrón general que se llame el Padrón Real, en pergamino, questé puesto juntamente en la dicha Casa de la Contratación, por el cual todos pilotos se han de regir é gobernar é hacer sus viajes, é para que todos los tengan en su poder é se rijan por ellos, vos el dicho micer Juan Vispuche los podáis hacer é fagáis todos los tres lados del dicho padrón real, é no otro ninguno, (...) é mandamos á nuestros pilotos de nuestro reinos, que de aquí adelante fueren á las dichas Islas é Tierra Firme del mar Océano descubiertas y por descubrir, y hallando nuevas tierras ó islas ó nuevos puertos ó cualquier cosa que sea digna de ponerla en el dicho padrón real, que en viniendo á Castilla vaya á dar su relación á vos el dicho Juan de Solís é micer Juan Vispuchi, é á los dichos nuestros Oficiales de la Contratación, para que luego vosotros lo asentéis en el dicho padrón cada cosa en su lugar, de manera que los navegantes sean más cautos y enseñados en la navegación (...).

A produção escrita que tratou especificamente das regiões meridionais do continente americano, produzida pelos navegadores, começaram a ganhar contornos mais amplos por volta de 1526/1527, quando Sebastião Caboto e Diego Garcia de Mouguer aportaram na ilha de Santa Catarina. As interpretações dos relatos produzidos por cronistas dessas duas expedições tornaram-se a gênese sociocultural de um povo nativo que passou a ser denominado de Guarani.

Frisamos neste aspecto, que, quando Sebastião Caboto e Diego Garcia de Mouguer retornaram à Espanha, eles, juntamente com indivíduos da tripulação foram inquiridos a comparecerem à Casa de Contratação para prestar esclarecimentos sobre a expedição. Essa era uma formalidade de praxe, quando não fosse o caso dos secretários da Casa de Contratação, subirem abordo das embarcações quando estas atracavam no porto, para ali mesmo começarem a tomar esclarecimentos dos fatos ocorridos durante à viagem. Essa era uma formalidade que, por princípio, deveria ocorrer com todas as expedições que retornavam à Espanha.

Luego de haber anclado en Sevilla la «Santa María del Espinar», el 28 de Julio de 1530/ se presentó á bordo el factor de la Casa de la Contratación, Juan de Aranda, acompañado de un escribano real, para tomar á los

tripulantes sus declaraciones acerca de las incidencias que les hubieran ocurrido en el viaje; siendo de advertir que esa medida no implicaba perjuicio alguno, pues era lo que entonces se acostumbraba ejecutar en semejantes casos¹⁴⁰.

Quem nos traz essa passagem é Toribio Medina em seu estudo sobre Sebastião Caboto. O mesmo procedimento havia ocorrido com a expedição *destroçada* de Solís, quando retornou à Espanha, mas ao contrário desta, os documentos emitidos no interrogatório da expedição de Solís desapareceram¹⁴¹.

A documentação oficial produzida no retorno das expedições, com informações relevantes sobre as gentes e as terras, tornava-se um lastro de conhecimento para nortear futuros marinheiros que iriam singrar os mares em direção às terras americanas. A interpretação das informações presentes nessas narrativas é a pedra fundamental para análises e para a construção da escrita histórica que se desenvolveu sobre algumas populações indígenas contatadas. As impressões desses primeiros cronistas e a interpretação que delas se fez, estarão presentes no contexto histórico do povoamento e na produção historiográfica da posteridade.

1.5. O Guarani do período colonial: questões preliminares aos próximos capítulos: Parte III - Motivos para guaranização na conturbada história da morte de Juan Díaz de Solís.

Entre oito e nove anos mais tarde em relação à chegada de Colombo, por volta de 1500/1501, algumas embarcações navegaram pela primeira vez no litoral atlântico, penetrando nas águas de um grande estuário chamado em uma das línguas nativas, de *Paranaguaçu*, atual rio da Prata. Na busca por uma passagem interoceânica, Américo Vespúcio, sob as ordens do Rei de Portugal Dom Manuel¹⁴², foi o comandante das pretensamente primeiras *naus* que singraram esse estuário.

Em 1507, três anos após a morte da Rainha Isabel de Castella, que era quem realmente

¹⁴⁰ MEDINA, J. T., *El Veneciano Sebastián Caboto al servicio de España y especialmente de su proyectado viaje a las Molucas por el Estrecho de Magallanes y al reconocimiento de la costa del Continente hasta la gobernación de Pedrarias Dávila*, p. 303/04.

¹⁴¹ *Ibidem*, p. 298.

¹⁴² GÓMARA, F. L., *Historia general de las índias*.

conduzia a política espanhola para as novas terras, houve uma espécie de vácuo da autoridade real sobre o território, durante um curto período¹⁴³. A lei que proibia a entrada de estrangeiros não era mais respeitada¹⁴⁴. Temendo perder o controle sobre as terras que ainda eram em grande parte desconhecidas, o rei Fernando II de Aragão requisitou em 1507 os melhores pilotos que poderiam prestar seus serviços ao reino.

Impôs a si mesmo o Rei grande cuidado em tratar dos descobrimentos, porque *durante sua ausência destes reinos, [o cuidado] se havia afrouxado muito*. Mandou chamar a Corte a Juan Diaz de Solís, Vicente Yañez Pinzon, Juan de la Cosa e Américo Vespúcio. Homens práticos na navegação para as Índias, e havendo conversado com eles, se acordou que fossem em descobrimento do Sul por toda a costa do Brasil adiante (...) ¹⁴⁵.

Por volta de 1508, Juan Díaz Solís e Vicente Yañez Pinzon assinaram capitulação com o rei Fernando II para navegar em caráter exploratório e comercial nas águas do Atlântico Sul, abaixo da Linha do Equador. Esses capitães de navios deveriam fazer o reconhecimento da costa sem se aproximar das posses portuguesas e também deveriam buscar o mesmo estreito procurado por Vespúcio. Solís e Pinzon singraram o rio da Prata estabelecendo contatos breves com indivíduos nativos que estavam nas margens de algumas ilhas. Conforme as orientações recebidas, deveriam seguir o descobrimento e exploração costeira sem se demorar muito nos portos. Dependendo das informações prestadas sobre as terras, ao retornarem da viagem, os reis fariam uma nova contratação para conquista e povoamento se assim fosse o caso¹⁴⁶.

As impressões que o navegador Juan Diaz de Solís extraiu das terras visitadas, possivelmente das gentes que viu e do que ouviu das mesmas, foram tão marcantes que fizeram com que ele, alguns anos mais tarde, firmasse uma nova capitulação¹⁴⁷. Na qual ele

¹⁴³ Cf. HERRERA Y TORDESILLAS (Tomo I, Decada I) com a morte de Isabel I de Castela, com a incapacidade mental da herdeira Joana de Castella e pela morte de seu marido, Felipe I, o trono de Castella fiou nas mãos de Fernando II de Aragão, viúvo de Isabel de Castella, que assumiu como regente de sua filha Joana até sua morte.

¹⁴⁴ Cf. Gonzalo Fernandez de Oviedo y Valdés em sua *Historia general e natural de las Indias*, Tomo II, Livro VI, que a rainha Isabel, entre outras ações, proibia a presença de pessoas que não pertencessem ao reino, nas posses espanholas do novo continente.

¹⁴⁵ HERRERA Y TORDESILLAS, A. *Historia General de los hechos de los Castellanos en las Islas y Tierra-Firme del Mar Océano*, p. 223.

¹⁴⁶ *Ibidem*, p. 224.

¹⁴⁷ MEDINA. J. T., *Juan Diaz de Solís: estudio histórico*, 1897.

solicitou a primazia da exploração, conquista e povoamento do novo território. Ele havia conseguido amostras de prata e parecendo-lhe “bien la tierra y gente, cargó de Brasil y volvió se á España. Dio cuenta de su descubrimiento al rey, pidió la conquista y gobernación de aquel río¹⁴⁸”.

Por ser piloto maior de Castella, obteve autorização real para empreender esta nova viagem, assumindo os custos da mesma com o apoio de terceiros. Neste novo contrato, Juan Díaz de Solís retornou ao rio da Prata no ano de 1515 na qualidade de *adelantado*. A viagem estava prevista para ter ocorrido ainda em 1512, mas devido a uma série de contingências, ocorreu somente três anos mais tarde¹⁴⁹. Com o conhecimento adquirido na viagem anterior, sua nova missão consistia em realizar comércio de ouro, prata, especiarias e o que fosse de interesse da Coroa, tomar posse das terras que viessem a ser descobertas, elaborar um mapa dessas terras e realizar a demarcação de limites marítimos entre Castela e Portugal, conforme capitulação celebrada no ano de 1512¹⁵⁰.

Ao navegar pelas águas do rio da Prata em sua margem norte, Solís, desembarcou acompanhado de um grupo de homens em um local ainda controverso¹⁵¹. Buscando manter contato com nativos que lhe acenavam das margens, foi emboscado e morto juntamente com seus homens. Esse fato que se tornou histórico devido a sua relevância e emblemático para a história escrita sobre os Guarani, veio a público por meio das palavras do primeiro cronista das índias, Pedro Mártir de Anglería, que assim se referiu ao acontecimento.

Ya navegaba á espaldas de la Cabeza del Dragón y de la castellana Paria, que caen al Aquilón y miran al ártico (polo), quando se encontró con los malvados y antropófagos caribes, de quien en otras partes hemos hablado latamente. Estos, cual astutas zorras, parecía que les hacían señales de paz, pero en su interior se lisonjeaban de un buen convite; y quando vieron de lejos á los huéspedes, comenzaron á relamerse cual rufianes. Desembarcó el desdichado Solís con tantos compañeros quantos cabían en el bote de la nave mayor. Salió entonces de su emboscada gran multitud de indígenas, y á palos les mataron a todos á la vista de sus compañeros; y apoderándose del bote,

¹⁴⁸ GÓMARA, F. L., *Historia general de las indias*, p. 133.

¹⁴⁹ Cf. MEDINA. J. T., *Juan Diaz de Solís: estudio histórico*, 1897.

¹⁵⁰ *Ibidem*.

¹⁵¹ Para alguns pesquisadores Juan Diaz de Solís desembarcou em uma ilha batizada de Martim Garcia, pelo fato de que neste local, foi sepultado no ano de 1808 um despenseiro de uma expedição anterior (Cf. MEDINA 1897). Nesta ilha Solís teria sido emboscado e morto. Para outros historiadores, Solís foi morto por um grupo indígena na margem norte do estuário que navegava.

en un momento le hicieron pedazos: no escapó ninguno. Una vez muertos y cortados en trozos, en la misma playa, viendo sus compañeros el horrendo espectáculo desde el mar, los aderezaron para el festín; los demás, espantados de aquel atroz ejemplo, no se atrevieron á desembarcar, ni pensaron en vengar á su capitán y compañeros, y abandonaron aquellas playas crueles¹⁵².

De acordo com Herrera y Tordesillas¹⁵³, os índios “tomando á cuestras los muertos y apartándolos de la ribera, hasta donde los del navío los podían ver, cortando las cabezas, brazos y pies, asaban los cuerpos enteros y se los comían”.

Ante a morte do comandante e de alguns oficiais principais, os tripulantes que restavam nas caravelas que formavam a expedição, sem poder de reação diante do acontecido, navegaram até o Cabo de Santo Agostinho, local onde carregaram pau brasil. No percurso entre o rio da Prata e o Cabo de Santo Agostinho, perderam uma embarcação que naufragou próximo à ilha de Santa Catarina, atual Florianópolis, restando apenas duas *naus* que retornaram a Espanha¹⁵⁴. Dos tripulantes da embarcação naufragada, os relatos apontam que sobreviveram onze, mas, apenas dois, terão seus nomes registrados na história ao serem contatados anos mais tarde¹⁵⁵, Henrique Montes e Melchior Ramírez¹⁵⁶.

Esses náufragos passaram a viver na ilha e no continente com índios que ali habitavam, formando família entre os naturais da terra ao se casarem com filhas de alguns chefes locais. A esses náufragos somam-se a outros indivíduos que em situação de naufrágio, degredo ou por livre opção de permanecerem nas novas terras¹⁵⁷, foram, em muitos casos, os guias e intérpretes dos conquistadores e colonizadores que chegaram mais tarde.

Não será pelos relatos de Solís que o gentílico guarani ganhará vida pretérita nos escritos coloniais, o termo guarani somente surge alguns anos mais tarde para a historiografia

¹⁵² ANGLERÍA, P. M., *De orbe novo decades*, p. 202/3.

¹⁵³ HERRERA Y TORDESILLAS, A. *Historia General de los hechos de los Castellanos en las Islas y Tierra-Firme del Mar Océano*. Decada primera, p. 14.

¹⁵⁴ Cf. MEDINA. J. T., *Juan Diaz de Solís: estudio histórico*.

¹⁵⁵ Ibidem.

¹⁵⁶ CF. RAMÍREZ, L., *Carta do Rio da Prata em 10 de julho de 1528*.

¹⁵⁷ Nas orientações passadas a Diego Garcia para a realização de sua viagem no ano de 1526 é possível percebermos essas premissas. "(...) é si os pareciere que al servicio de Dios Nuestro Señor é nuestro, conviene dejar allá alguna persona religiosa ó lega, lo podáis hacer sin apremiarlos para ello, y quedará á cargo la tal persona ó personas de se informar por entero de todas las cosas de la dicha tierra" (Copia de las Instrucciones dadas a Diego García, Juan de Sandoval e Gonzalo Hernández Platero para el viaje que han de hacer al Rio de la Plata).

sob a pena de Luis Ramírez¹⁵⁸. Para este trabalho, as notícias sobre Solís tornam-se um recorte histórico devido a sua morte, ou mais precisamente a maneira como teria acontecido.

Neste sentido, se ele foi canibalizado, provavelmente teria sido morto por indígenas Guarani. Já que nesses territórios os únicos considerados “comedores de carne humana” seriam os Guarani, pois, os Tupinambá, outros comedores de carne humana, viviam no litoral português mais ao norte. Mas não foi isso que pensaram os primeiros cronistas do rio da Prata. “Durante muito tempo se assegurava que Solís teria sido morto por integrantes do grupo Charrua”¹⁵⁹. Para o poeta histórico Martim del Barco Centenera, Solís havia sido morto por indígenas do povo Timbu.¹⁶⁰

A incógnita se criou num primeiro momento na historiografia ao atribuir a morte de Solís e seus companheiros aos Timbú ou Charrua. Mas, tanto um grupo como o outro não eram canibais ou antropófagos¹⁶¹. Os Charrua eram povos nômades, caçadores, pescadores e coletores, habitantes do campo, das margens de rios e lagoas. Os Timbú, muito presentes nas primeiras narrativas sobre o rio da Prata, não eram Guarani, e não há relatos sobre os mesmos terem sido antropófagos.

No caso de Solís ter sido morto, canibalizado e os agentes não terem sido os Charrua ou qualquer outro grupo semelhante, provavelmente seriam os Guarani os promotores dessa ação. Ítala Irene Becker afirma que a “historiografia posterior ao século XVII, refutou a posição”, de que Solís tivesse sido morto por indígenas Charruas ou Timbus, afirmando que “à luz de novos conhecimentos”¹⁶² os algozes de Solís teriam sido indígenas pertencentes aos Guarani.

Por esta ótica e a partir de outros elementos, alguns estudos definem o local como de habitação Guarani. Tudo estaria em acordo se os prováveis locais onde teria ocorrido o incidente com Solís não fossem espaços de assentamento e circulação de índios identificados

¹⁵⁸ Conforme Bartomeu Melià (1987, p. 17), “as notícias etnográficas relativas a eles (os Guarani), vêm, pois, sem solução de continuidade, desde 1528, em que pela primeira vez se registra o nome Guarani na carta de Luis Ramírez”.

¹⁵⁹ BECKER, I. I., *Os Índios Charrua e Minuano na Antiga Banda Oriental do Uruguai*, p. 56.

¹⁶⁰ CENTENERA, M. B., *La Argentina o la conquista del rio de la Plata*.

¹⁶¹ Canibalismo e antropofagia são palavras sinônimas, mas, conforme Eliane Carvalho (2006) “quando relacionadas a rituais sociais, coletivos, estas práticas são geralmente denominadas de antropofagia, enquanto que o termo canibalismo é usado mais frequentemente, com relação ao ato de comer a carne para saciar a fome ou uma vontade, ou associado a um ato arbitrário, uma crueldade”.

¹⁶² BECKER, I. I., *Os Índios Charrua e Minuano na Antiga Banda Oriental do Uruguai*, p. 56.

e classificados pela historiografia colonial como de Chaná Timbu, Beguá, e especialmente de Charrua. A controvérsia se estende se pensarmos que o Guarani do período colonial poderia não ser canibal e nem antropófago¹⁶³. Os Tupi foram considerados antropófagos e, sobre essa questão longos rituais foram descritos¹⁶⁴. Sobre a questão dos Guarani serem antropófagos ou canibais, acreditamos que pairam dúvidas. As poucas passagens na literatura histórica que afirmam ser este índio um antropófago ou canibal, carecem de novos olhares¹⁶⁵.

Felix de Azara¹⁶⁶ ao escrever sobre os indígenas do antigo Paraguai observou a partir de estudos em papéis antigos e do contato que estabeleceu com vários grupos indígenas ao longo dos muitos anos em que esteve nas províncias do rio da Prata, que o ato de comer carne humana fazia parte de uma fábula e ao se referir à morte de Juan Diaz de Solís, observou que o mesmo foi morto por índios Charrua, mas não houve canibalismo¹⁶⁷, pois, segundo este autor, quem teria espalhado essa falsa notícia, teria sido seu irmão e cunhado, que participavam da expedição¹⁶⁸. Para Susnik,

el guaraní nunca fue declarado por "caribe", antropófago, pues esto significaría, por disposiciones reales, a considerarlo esclavo; pero es indudable que en los primeros años de la convivencia con los españoles, los guaraníes, indispensables por su condición de "amigos y acompañantes", podían ocasionalmente satisfacer su *ethos* guerrero con los chaqueños por sus víctimas¹⁶⁹.

O canibalismo sofrido pelos agentes ibéricos nos soa muito estranho, enquanto fato histórico, se levarmos em consideração algumas questões. Primeiramente porque eram os primórdios da conquista, ainda não havia um forte histórico de agressão, neste local, por parte dos estrangeiros que chegavam. Em praticamente todas as crônicas dos primeiros contatos há

¹⁶³ Entendemos aqui que o canibal era o índio que comia a carne de outro indivíduo sem a necessidade de um ritual mágico predeterminado. O ato de comer a carne de outro indivíduo poderia servir tanto para saciar o apetite, quanto ser um marcador cultural para demonstrar a belicosidade guerreira. Antropofagia era o ato de comer a carne de outro indivíduo, mas, nesse caso de um indivíduo considerado poderoso. Antropofagia necessitava de um ritual para ser realizado.

¹⁶⁴ Conforme podemos ler em Hans Staden (1974) e Jean de Léry (1980).

¹⁶⁵ Encontramos passagens sobre canibalismo ou antropofagia em CABEZA DE VACA (1922); SCHMÍDEL (1903) e em documentação relativa a ação missionária da Companhia de Jesus.

¹⁶⁶ AZARA, F., *Descripción e historia del Paraguay y del río de la Plata*. Tomo I, p. 143.

¹⁶⁷ AZARA, F., *Descripción e historia del Paraguay y del río de la Plata*. Tomo II, p. 5.

¹⁶⁸ Ibidem.

¹⁶⁹ SUSNIK, B., *El Indio colonial del Paraguay*. Tomo I, p. 48.

uma recepção mais amistosa por parte dos nativos em relação aos recém-chegados e, além do mais, não identificamos na literatura colonial desta parte da América, especificamente na região do rio da Prata e seus afluentes maiores, outro caso semelhante ocorrido contra europeus.

De acordo com Luis Kalil¹⁷⁰, ao analisar as crônicas de Staden, Léry e Schmidel sobre a questão do canibalismo entre os Tupinambá e Carió, “as descrições respondem não apenas critérios etnográficos, mas principalmente, a critérios religiosos, políticos e morais”, pois, segundo este autor, a prática narrativa “visava mais do que retratar a verdade, estabelecer julgamentos morais”.

O canibalismo puro e simples vai contra a própria lógica nativa no estabelecimento de contato com outros povos, principalmente dos considerados Guarani, é acreditar na velha concepção de que os povos nativos quando não estavam isoladas em suas aldeias ou toldos, mantendo intactas suas pautas culturais, estavam atacando uns aos outros. Conforme Anthony Pagden “las acusaciones de canibalismo contribuían a la deshumanización de los extraños, pues los hombres que comen a otros hombres nunca podían ser completamente humanos”¹⁷¹, situação que fundamentaria ações civilizatórias por parte dos europeus contra os nativos. Ao “relatar um ataque contra os Carió, Schmidl inseriu em sua narrativa a palavra “*kannibelez*”, como uma maneira encontrada para justificar o massacre, o aprisionamento e a escravização desses indígenas”¹⁷². O que devemos reter nesta discussão é que a notícia da canibalização de Solís ocorrida em 1516 acabou fortalecendo a ideia de que a margem norte do rio da Prata era povoada pelos Guarani.

O primeiro historiador, ou historiador primitivo conforme Toribio Medina (1897), que narrou o acontecimento foi Pedro Mártir de Anglería (1516), dando uma versão histórica que foi reproduzida mais tarde sob a pena de outro cronista das Índias, Gonzalo Fernández de Oviedo, por volta de 1535 e assim subsequentemente por outros cronistas até o final do século XVI.

No caso desses cronistas é interessante observarmos que as narrativas desde os primeiros contatos estavam impregnadas de representações oriundas do imaginário europeu.

¹⁷⁰ KALIL, L. G. A., *Os canibais tonsurados: a antropofagia nas crônicas de Schmidl, Staden e Léry*, p. 17.

¹⁷¹ PAGDEN, A., *La caída del hombre natural*, p. 119.

¹⁷² KALIL, L. G. A., *Os canibais tonsurados: a antropofagia nas crônicas de Schmidl, Staden e Léry*, p. 8.

Sereias e canibais, desde a chegada de Colombo às Antilhas, frequentemente estavam presentes nos relatos. “Ontem, quando o Almirante ia ao Rio del Oro, diz que viu três serias, que saltaram bem alto, acima do mar, mas não eram tão bonitas como pintam, e que, de certo modo, tinham cara de homem”¹⁷³.

Anglería, que trouxe a história da fatídica morte de Solís, mesmo que por pouco tempo, havia feito parte do Conselho das Índias, logo no início de sua criação por volta de 1524¹⁷⁴. Ele observava em seus escritos que grande parte de seus conhecimentos sobre as Índias Ocidentais provinham da relação de amizade e confiança que mantinha com pessoas que haviam se aventurado ao novo mundo, não se furtava ele, desse imaginário que também povoava as páginas de seus escritos. Em uma carta elaborada para um amigo, ele comentou o seguinte:

Por tus cartas supe, mi queridísimo Pomponio, que las noticias que te di del descubrimiento del mundo de los antípodas, hasta ahora oculto, causaron en ti tal gozo, que te embargaron la voz y te arrancaron lágrimas de alegría; y bien muestras en tus palabras el efecto que este suceso ha hecho en ti, propio de tú mucho saber y profundos estudios. Porque ciertamente, ¿qué mejor manjar puede presentarse a los grandes ingenios? ¿Qué convite más agradable? De mí sé decir que cuando hablo con las personas discretas que han viajado por aquellas regiones, siento al oírlas un deleite inefable. Gócese los miserables con la idea de acumular inmensos tesoros; los viciosos con los placeres; mientras nosotros, elevando nuestra mente a la contemplación divina, admiramos su inagotable poder y recreamos nuestros ánimos con la noticia y conocimiento de cosas tan inauditas y singulares¹⁷⁵.

Provavelmente quem narrou para Anglería esta versão, conheceu algum indivíduo nativo fisicamente em alguma condição especial, ouviu algum relato dos nativos sobre a existência dos mesmos, ou simplesmente narrou para Anglería versões que o cronista desejava ouvir e que as pessoas desejavam saber.

Outra hipótese é que o próprio Anglería quando escrevia suas cartas para amigos, como neste caso a Pomponio Leto, que fazia parte da corte papal em Roma¹⁷⁶, impregnava as mesmas com escritas edificantes, já que ele próprio era segundo as palavras de José Torre de

¹⁷³ COLOMBO, C., *Diários da descoberta da América*, p. 111.

¹⁷⁴ Cf. TORRE REVELLO, J., *Pedro Mártir de Anglería y su obra de Orbe Novo*, p. 136.

¹⁷⁵ ANGLERÍA, P. M., *apud* TORRE REVELLO, J., *Pedro Mártir de Anglería y su obra de Orbe Novo*, p. 140.

¹⁷⁶ Cf. VICENTE, J. A. A., *Pedro Mártir de Anglería, continuo real y cronista de Castilla. La invención de las nuevas Indias*, p. 213.

Revello “iluminado por su profunda fe religiosa”¹⁷⁷, ou seja, na qualidade de cronista oficial, ele se impregnava do atavismo cristão da época, pincelando em seus escritos a ideia de conversão e civilização dos gentios, fundamentando na mente dos leitores e justificando a cruzada pela fé. Neste contexto, Anglería acreditava que tinha uma missão junto a cristandade.

Manifiesta Anglería el anhelo de presenciar la guerra de la nación católica y participar en ella "contra los enemigos de nuestra fe, y porque joven yo y ansioso de novedades, no veía en Italia cosa que pudiera alimentar mi ingenio por la discordia de los príncipes". Consideraba que la Providencia lo había llevado a España, para registrar en sus escritos los grandes acontecimientos que en su tiempo vivía la cristiandad: la expulsión de los moros, la unificación de España y el maravilloso descubrimiento de un mundo nuevo¹⁷⁸.

A escrita oficial sobre a conquista de gentes e terras era também uma tarefa divina, pois, encontrava sua justificativa nas transformações que os reis católicos promoviam em nome do Deus cristão no mundo novo, neste sentido, enfeitar um acontecimento que pode ser irrelevante para a história e transformá-lo em um ato de fé, tal como um oficial ser canibalizado por selvagens quando age em nome da fé cristã, nos parece bastante plausível para fortalecer a fé daqueles que levavam a bandeira de Cristo.

Nada mais interessante para justificar a conquista espiritual de um novo território do que atribuir a morte “mal explicada” de um oficial a serviço do Rei e do Papa a indígenas canibais. Esta última hipótese não se torna descabida de fundamento se pensarmos, conforme frisou José Revello, que “Anglería, apenas recogía las noticias que hacían a su propósito, las dictaba a sus amanuenses, a quienes hacía escribir no todo lo anotado, sino aquello que podía interesar al destinatario, según su criterio personal”¹⁷⁹.

Ainda com respeito à morte desse piloto maior dos reis castelhanos e as dúvidas que pairam sobre a forma como teria ocorrido a mesma, há o testemunho de outro cronista do século XVI. Em sua obra “História das Índias”, o frei dominicano Bartolomé de las Casas escreveu o seguinte:

¹⁷⁷ TORRE REVELLO, J. *Pedro Mártir de Anglería y su obra de Orbe Novo*, p. 135.

¹⁷⁸ TORRE REVELLO, J., *Pedro Mártir de Anglería y su obra de Orbe Novo*, p. 135.

¹⁷⁹ *Ibidem*, p. 140.

En este año de 1515 partió de Cádiz, ó del Puerto, Juan de Solís, piloto y gran marinero, con tres navíos, para ir á descubrir desde el cabo de San Agustín que ahora llaman la costa del Brasil los portugueses, adelante hacia el Mediodía, el cual fue costeando y pasó la línea equinoccial 30° y más, descubriendo aquél el rio que ahora dicen de la Plata, no sé por qué ocasión, el cual nombró el dicho Juan de Solís el cabo y rio de Santa María. Saltó el dicho Juan de Solís con ciertos marineros, los que pudieron caber en la barca ó batel del navío en que iba, en cierta parte de aquella costa; los indios los mataron y *dijose que los comieron*. Yo no sé cómo pudieron ver que los habían comido, pues no osaron parar los demás por aquella tierra, si quizá no los comieron en la misma costa de la mar y que desde los navíos los vieses¹⁸⁰.

O frei, que viveu durante muitos anos trabalhando com povos nativos, acrescenta certo tom de ironia em seu comentário, ao desconfiar da forma como teria ocorrido a morte de Solís. Esta questão, no entanto, não altera a versão histórica que se cristalizou em parte da historiografia, mas, soma-se a outros argumentos, tal como o desaparecimento da documentação oficial que se produziu ao retorno da expedição de Solís, conforme observamos mais acima. Talvez tivéssemos outra versão sobre a forma como se deu a morte desse oficial comandante.

Os argumentos que estamos elencando podem parecer subjetivos, mas em nosso entendimento, contribuem para reforçar a hipótese que levantamos por meio da interpretação de fontes escritas do século XVI, de que não houve canibalismo e de que não havia Guarani habitando aquelas paragens do rio da Prata, conforme aprofundaremos nos próximos capítulos.

Em nenhum momento das narrativas que veremos em outro tópico mais a frente, quando três naufragos de Solís serão contatados próximos à ilha de Santa Catarina e margem norte do rio da Prata, é apontado que o referido Solís teria sido canibalizado. Falam na sua morte, mas não a forma como ocorreu. É como se eles não soubessem da versão que se construiu na Espanha. Acreditamos que um fato desta natureza não se apagaria da memória dos naufragos devido ao seu caráter simbólico e, portanto, não estaria ausente das narrativas que se produziram no retorno ao rio da Prata.

Neste sentido, entendemos que quando se afirmam que o território em questão era habitat Guarani, existe a presença de uma ideia de guaranização, principalmente da forma como se é observado. Razzera dos Santos, ao analisar o cenário de distribuição dos Guarani a

¹⁸⁰ LAS CASAS, B., *Historia de las Indias*. Tomo IV, p. 294.

época da chegada espanhola, comentou que, “las características de sus desplazamientos representan diferentes etapas del “proceso de guaranización” en las regiones por ellos ocupadas y de los grupos conquistados en el camino”¹⁸¹.

Entre as características da forma como se dava este processo migratório de dispersão, conquista e guaranização, a autora observou, assim como Branislava Susnik¹⁸², entre outras coisas, que os Guarani buscavam “la integración interétnica o la sumisión de los grupos conquistados por la guerra” impondo “sus pautas socioculturales y su lengua como condición para la comunicación”¹⁸³.

Ambas as margens do rio da Prata e do rio Paraná eram locais de circulação de populações que faziam parte de outras matrizes socioculturais. Tal como era a zona entre Buenos Aires e o rio Carcaranal, “donde se estableció la famosa fortaleza de Gaboto, estaba en poder de los Querandi-Pampa, indios llaneros, cazadores nómadas (...)”¹⁸⁴, e que “los conquistadores encontraron-se con varias tribus, todas canoeras-pescadoras, que se repartían ambas as orillas del río”¹⁸⁵, tais como os Charrua e os Chaná Timbu. O cônego João Pedro Gay, em relação aos charruas comentou em seu trabalho histórico que eles foram os algozes de Solís e que habitavam toda a extensão entre Maldonado e o Rio Uruguai¹⁸⁶.

Portanto, até este momento, com as informações que estamos levantando, podemos aludir que não havia Guarani assentados nesta área em uma situação de dispersão e conquista territorial. Se houve Guarani assentado, foi sob outro contexto histórico e não sob a perspectiva guaranizante de dispersão expansionista, que se dava por meio de uma guerra de conquista.

¹⁸¹ RAZZERA DOS SANTOS, C., *Aspectos de la Resistencia Guaraní: Los Proyectos de Integración en el Virreinato del Río de la Plata. (1768-1805)*, p. 63.

¹⁸² SUSNIK, B., *Los aborígenes del Paraguay*. Tomo I.

¹⁸³ RAZZERA DOS SANTOS, C., *Aspectos de la Resistencia Guaraní: Los Proyectos de Integración en el Virreinato del Río de la Plata. (1768-1805)*, p. 64.

¹⁸⁴ SUSNIK, B., *Las Características Etno-Socio-Culturales de los Aborígenes Del Paraguay en el Siglo XVI*, p. 84.

¹⁸⁵ Ibidem.

¹⁸⁶ GAY, J. P., *História da Republica Jesuítica do Paraguai desde o descobrimento do Rio da Prata até nossos dias, ano de 1861*, p. 10.

CAPÍTULO 2

O Guarani do período colonial em fontes escritas do século XVI: crônicas de bordo

Este capítulo analisa fontes escritas produzidas no transcorrer do século XVI para problematizar a questão de que há passagens em certos documentos que guaranizam uma parcela significativa de grupos humanos que habitavam territórios, que com a colonização ibérica fizeram parte das Províncias do Rio da Prata. Esses escritos, de forma intencional ou não, influenciaram relações históricas e estudos que se produziram sobre o Guarani do período colonial em séculos posteriores, no qual se veiculou a imagem de um povo belicoso, dominador, amplamente disperso e culturalmente homogêneo, que submetia outros povos nativos a seu modo de vida, tornando-os guaranizados.

Ao conjunto de povos que formavam o Guarani do período colonial no século XVI, conforme observado no capítulo anterior, Branislava Susnik¹⁸⁷ em seus estudos identificou e nomeou 14 grupos históricos e 43 subgrupos, classificando-os em sua maioria a partir dos lugares que habitavam. Desses grupos, os Chandule e Carijó ou Carió, além dos próprios Guarani, estarão presentes em nossas análises.

Enquanto os Chandule irão desaparecer no decorrer do século XVI, Carió e Guarani, ora um, ora outro, permanecerão nomeando os mesmos grupos até o momento em que somente restará apenas o etnônimo Guarani para identificar e classificar povos assentados em distantes e diferentes espaços. Fato que se dará principalmente com o efetivo trabalho dos padres da Companhia de Jesus no início do século XVII.

Para uma melhor sistematização, definimos o atual capítulo como crônicas de bordo. O motivo acontece pelo fato do cronista Luís Ramírez ter elaborado sua descrição enquanto navegava pelas águas do rio da Prata e seus afluentes maiores, mas também, porque entendemos ser interessante manter um capítulo em separado para os três cronistas que escreveram pela primeira vez, entre os anos de 1526 e 1530, sobre um povo local que passou

¹⁸⁷ SUSNIK, B., *Las Características Etno-Socio-Culturales de los Aborígenes del Paraguay en el Siglo XVI*, p. 82/103.

a ser nomeado de Guarani.

2.1 A gênese Guarani nas primeiras narrativas de viagens ao rio da Prata.

Se definirmos como recorte histórico a passagem de Américo Vespúcio pelo estuário do rio da Prata no ano de 1501 até o ano de 1526, época da chegada da armada de Sebastião Caboto na ilha de Santa Catarina. Poderemos considerar que as navegações na costa atlântica e margens de grandes rios interioranos, possuíam apenas o caráter de conhecimento e reconhecimento. Situação que veio a resultar em uma produção de informações pouco expressivas sobre as gentes e as terras.

Neste sentido, é somente a partir do final de 1526 que narrativas mais amplas sobre as terras e povos que habitavam o litoral sul e as margens das águas interioranas da Bacia Hidrográfica do rio da Prata começaram a ser realizadas de forma mais consistente, pois, foi o momento em que os marinheiros desembarcaram de suas *naus* para explorar e preparar o terreno para conquistar, apaziguar, povoar e colonizar. Situação que marcaria definitivamente o início do fim dos tempos cíclicos¹⁸⁸ para as gentes desta parte do mundo na época.

Entre os possíveis motivos que levaram os espanhóis a adotarem tal postura em relação a esta porção meridional da América, foi o contato efetuado no estuário do rio da Prata com indivíduos nativos que ostentavam em seus corpos, adornos corporais feitos com metais preciosos e os entusiasmados relatos fornecidos por náufragos que se referiam à existência de imensas riquezas nas terras altas a oeste.

Devido a essas notícias recebidas de náufragos que viviam próximos ao que seria hoje a ilha de Florianópolis. Sebastião Caboto, que estava à frente de uma expedição para as Molucas, mudou o rumo de seu curso original para procurar tesouros em terras ainda desconhecidas. Henrique Montes foi um dos náufragos que o influenciou a repensar a viagem às Molucas. Montes havia feito parte da expedição de Juan Diaz de Solís (1516) e vivia aproximadamente a 15 léguas ao sul da ilha¹⁸⁹, em uma aldeia¹⁹⁰ junto ao litoral.

¹⁸⁸ Usamos de figura de linguagem para observar que com a chegada dos estrangeiros, findavam-se os tempos míticos e iniciava-se o tempo linear, histórico.

¹⁸⁹ Conforme consta na carta de Luis Ramírez, a ilha de Santa Catarina – atual Florianópolis - foi nomeada pela expedição de Caboto.

Nas palavras do cronista Luis Ramírez, tripulante de um dos navios de Caboto, Henrique Montes havia observado ao comandante da expedição que,

estaba cierto que entrando por el rio de Solís iríamos á dar en un rio que llaman Paraná, el cual es muí caudolosisimo [...] dicho rio de Paraná, y otros que á el vienen á dar, iban á confinar con una sierra á donde muchos Yndios acostumbraban ir y venir, y que en esta sierra había mucho metal [...] había mucho oro y plata. [...] é como junto á la dicha sierra avía un Rey blanco¹⁹¹ que traía buenos vestidos como nosotros¹⁹².

Sebastião Caboto tinha como objetivo de navegação, ir pelo Estreito de Magalhães em direção às Molucas e outras ilhas *descobertas* para comerciar e carregar os navios com ouro, prata, pedras preciosas, pérolas, especiarias, sedas e outras coisas que achasse de valor¹⁹³. No entanto, ao saber das novidades transmitidas a ele de forma entusiástica e ver amostras de metais preciosos, optou por mudar o curso de sua viagem se deslocando ao rio Prata para iniciar efetivamente o projeto de conquista, exploração e povoamento, já que no horizonte de seu olhar, ele apenas vislumbrava as grandes riquezas a oeste. No entanto, é importante ressaltarmos que ao optar por explorar as terras do rio da Prata, ele alterou o plano original de sua viagem que tinha como destino às Molucas. Era Diego García, conforme veremos mais a frente, que teria esta primazia.

¹⁹⁰ Henrique Montes comentou em um relatório oficial de retorno à Espanha, que por volta do início de abril de 1526, (alguns meses antes da chegada de Caboto) as embarcações da expedição de Garcia Jofré de Loaísa, haviam ancorado no Porto dos Patos (este porto ficava no continente em frente à ilha de St^a Catarina, atual Florianópolis) para se reabastecerem e, “estando tomando el agua, vino un indio que traía una carta que enviaban unos cristianos, en que decía la carta cómo les habían dicho los indios que estaba allí una nao, que les diesen respuesta delo. D. Rodrigo (comandante da *nau* São Gabriel que fazia parte da expedição) envió al contador de la nao para que hablase con los cristianos. A cabo de tres días vino un hombre delos con el dicho contador, y dijo a don Rodrigo que había diez cristianos que se habían perdido allí con un galeón, y que habían quedado cuatro delos, y que habían allí fecho su asiento: y que su merced mandase bajar la nao cerca de su casa, que eran quince leguas, que le darían bastimentos y rescataría cierta plata y metal que tenían; y don Rodrigo se bajó con la nao al puerto donde el cristiano vivía, y don Rodrigo envió a tierra al contador y tesorero para que asentasen en una casa donde rescatasen con los indios; y el clérigo de la nao fue a hacer cristianos a ciertos fijos que tenían aquellos cristianos (MEDINA, 1908, p. 261).

¹⁹¹ Para saber mais sobre o mito do Rei Branco, ler COMBÈS (2011).

¹⁹² RAMÍREZ, L., *Carta do Rio da Prata em 10 de julho de 1528*, p. 20.

¹⁹³ Cf. HERRERA Y TORDESILLAS. A. *Historia General de los hechos de los Castellanos en las Islas y Tierra-Firme del Mar Océano*.

Sebastião Caboto, um veneziano a serviço dos reis da Espanha, havia aportado na ilha de Santa Catarina em outubro de 1526¹⁹⁴. Como qualquer oficial comandante em missão de reconhecimento, exploração, conquista de terras e povos, seguia instruções demandadas pela corte castelhana, tais como as que estão observadas na *Recopilación de Leyes de los Reinos de las Indias* de 1680¹⁹⁵. Neste conjunto de leis estão presentes as orientações da realeza quanto aos procedimentos que os marinheiros deveriam adotar quando chegassem a terras desconhecidas.

Entre esses procedimentos havia um que orientava aos descobridores nomear “las provincias, montes, ríos, puertos y pueblos”¹⁹⁶, enquanto que outro procedimento orientava a utilizar “algunos indios, y interpretes de las partes donde fueren más propósito [...], y por su medio hablen, y platiquen con los de la tierra, procurando entender sus costumbres, calidades, y forma de los comarcas”¹⁹⁷.

Essas normas e orientações que definem as primeiras ações a serem colocadas em prática em terras estranhas, faz com que Caboto se assemelhe a um *demiurgo*, assim como outros tantos agentes da conquista que o precederam e que viriam posteriormente. A primazia de identificar e nomear, que por consequência facultava classificar e estabelecer os povos no interior de uma ordem compreensível das coisas¹⁹⁸, as quais lhes atribuíam atributos socioculturais positivos ou negativos, lhes davam essa característica.

É neste contexto que o termo guarani torna-se um etnônimo, nascendo para a historiografia indígena a partir de uma lógica dos conquistadores ibéricos, que era de nomear e classificar. Que “los descubridores pongan nombres à las provincias, montes, ríos, puertos y

¹⁹⁴ Cf. MEDINA, J.T., *El Veneciano Sebastián Caboto al servicio de España y especialmente de su proyectado viaje a las Molucas por el Estrecho de Magallanes y al reconocimiento de la costa del Continente hasta la gobernación de Pedrarias Dávila*, 1908.

¹⁹⁵ La Recopilación de las Leyes de los Reinos de las Indias reunió las Pragmáticas y Cédulas Reales, los autos acordados, las Ordenanzas, así como cualquier otra fuente legal, con registros de quiénes las habían puesto en vigor y cuándo se originaron; constituyó así un cuerpo legal del conjunto de disposiciones legislativas reunidas y ordenadas en 9 libros, que contienen alrededor de 6.400 leyes, constituyendo un elemento indispensable para conocer los principios políticos, religiosos, sociales y económicos que inspiraron la acción de gobierno de la monarquía española.

¹⁹⁶ *La Recopilación de las Leyes de los Reinos de las Indias. De los Descubrimientos, Libro IV, Tít. Primero, Ley 8ª. Que los descubridores pongan nombres à las provincias, montes, ríos, puertos y pueblos.*

¹⁹⁷ *La Recopilación de las Leyes de los Reinos de las Indias. De los Descubrimientos, Libro IV, Tít. Primero, Ley 9ª. Que los descubridores, lleven interpretes, y se informen de lo que esta ley declara.*

¹⁹⁸ Cf. MONTEIRO, J. M., *Tupis, Tapuias e historiadores: estudos de história indígena e do indigenismo*, p. 24.

pueblos”¹⁹⁹. Essa diretiva da corte de *Castella* possibilitou a construção de categorias étnicas que perpetuam controvérsias em nossas análises até a atualidade. Neste sentido, com esta atitude de nomear e por sua vez classificar, os descobridores, parafraseando Manuela Carneiro, conferiram no caso específico dos Guarani, objetos de nosso estudo, “uma entrada no grande curso da história”²⁰⁰, pois, muitos povos com organização política e cultural estranhas entre si, transformaram-se em uma única unidade étnica com devir histórico pretérito, comum a todos.

No âmbito deste quadro que estamos apresentando, a gênese Guarani, a identificação, nomeação e classificação desse povo, acontece nas informações produzidas por Luis Ramírez, Sebastião Caboto e Diego García, sendo este último, comandante de uma pequena expedição que se encontrou com a expedição de Caboto, quando o mesmo explorava o rio Paraná no ano de 1527. As dificuldades em se interpretar o Guarani do período colonial, presente em fontes escritas do século XVI²⁰¹, em nosso entendimento, surgem nas descrições genéricas efetuadas sobre povos nativos contatados no decorrer dessas expedições mencionadas acima.

Em sendo no século XVII, conforme frisou Izabel Malinowski, que o “designativo Guarani generalizou-se para referir-se a grupos Guarani-falantes que tinham características culturais semelhantes”²⁰², é no decorrer do século XVI, no desenrolar da conquista do rio da Prata, que a semente da guaranização foi lançada.

2.2 O cronista Luis Ramírez: texto e contexto

Poucas informações são encontradas sobre o marinheiro Luis Ramírez. Lafone Quevedo²⁰³ e Toribio Medina²⁰⁴, que realizaram uma pesquisa histórica sobre Sebastião

¹⁹⁹ *La Recopilación de las Leyes de los Reinos de las Indias. De los Descubrimientos*, Libro IV, Tít. Primero, Ley 8ª. *Que los descubridores pongan nombres à las provincias, montes, ríos, puertos y pueblos*.

²⁰⁰ Cf. CUNHA, M. C., *Índios no Brasil: história, direitos e cidadania*, p. 8.

²⁰¹ Cf. MONTEIRO, J., *Os Guarani e a história do Brasil meridional séculos XVI e XVII*.

²⁰² MALINOWSKI, I., *Antropología Paraguaya*, p.107.

²⁰³ LAFONE QUEVEDO, S. A., *El Sebastián Gaboto de Henry Harrisse*, p. 23.

²⁰⁴ MEDINA, J. T., *El Veneciano Sebastián Caboto al servicio de España y especialmente de su proyectado viaje a las Molucas por el Estrecho de Magallanes y al reconocimiento de la costa del Continente hasta la gobernación de Pedrarias Dávila*, p. 282/3.

Caboto, nos falam respectivamente que na armada de Caboto havia quatro *naus*. Ramírez era um tripulante do navio do armador Miguel Rifos, no qual não teria uma função específica, sendo percebido apenas um *fidalgo instruído* que acompanhava os expedicionários. Sua presença na expedição possivelmente seria um favor prestado por Juan de Samano, secretário na corte espanhola²⁰⁵.

Quando a esquadra de Caboto zarpou em fevereiro de 1527 da ilha de Santa Catarina, Ramírez, conforme suas próprias palavras, estava gravemente enfermo²⁰⁶. Este quadro de saúde que teria perdurado por um longo tempo, num primeiro momento, impediu a Ramírez de acompanhar Caboto em sua navegação de contato e exploração no Rio Paraná acima, após terem ancorado nas águas do rio da Prata em abril de 1527. Conforme o relato do cronista²⁰⁷, muitos meses ele teve que aguardar num local que foi batizado de São Lázaro, padecendo de muita fome. Somente cinco meses mais tarde, Caboto enviou um pequeno barco para resgatar a ele e alguns companheiros que ali haviam permanecido, conduzindo-os até o forte Espírito Santo, erguido pelos expedicionários nas margens do *rio Carcañal*.

Conforme Toribio Medina²⁰⁸, Ramírez enviou sua carta em julho de 1528 (dois anos antes do termino da expedição) por um navio que retornou a Espanha para levar notícias e buscar apoio logístico para seguir com a expedição. Estas seriam as últimas informações sobre Luis Ramírez, pois, provavelmente ele morreu algum tempo mais tarde devido a um ataque indígena ao forte Espírito Santo²⁰⁹.

As advertências que Luis Ramírez faz a seu pai em sua carta, tal como não olhar “a la mala orden del escribir que como ha tanto que no lo hago estando en esta tierra he perdido el estilo”²¹⁰, e a situação dele a bordo de uma das embarcações, sem uma função definida, conforme foi observado anteriormente, nos leva a crer que o mesmo, um cidadão letrado e culto para sua época, além de querer viver uma aventura em terras estranhas, queria produzir

²⁰⁵ Ibidem.

²⁰⁶ Cf. RAMÍREZ, L., *Carta do Rio da Prata em 10 de julho de 1528*, p.15.

²⁰⁷ Ibidem.

²⁰⁸ Cf. MEDINA, J. T., *El Veneciano Sebastián Caboto al servicio de España y especialmente de su proyectado viaje a las Molucas por el Estrecho de Magallanes y al reconocimiento de la costa del Continente hasta la gobernación de Pedrarias Dávila*, 1908, p. 282/3.

²⁰⁹ Ibidem.

²¹⁰ RAMÍREZ, L., *Carta do Rio da Prata em 10 de julho de 1528*, p. 15.

histórias sobre essas terras. Possivelmente para também contar histórias semelhantes às que foram narradas por cronistas que lhe antecederam nas viagens ao Novo Mundo.

Ao consideramos Luis Ramírez como alguém interessado em escrever histórias sobre as Índias Ocidentais a partir de sua própria experiência, estamos nos fundamentando em Mariano Cuesta Domingo. Conforme este autor, a arte da escrita neste período histórico estava restrita a um grupo seleto de pessoas que tinham a função, entre outras, de *ilustrar as pessoas* e se dedicar ao gênero literário²¹¹. Portanto, para Luis Ramírez, viajar para as novas terras, testemunhar os acontecimentos e canalizar a experiência vivida por meio da escrita, seria um importante passo a ser dado, da mesma maneira que outros que se "sintieron capacitados para relatar las vicisitudes que vivieron, las peripecias que soportaron y, además, para describir la geografía física y humana que fueron conociendo"²¹².

Além da hipótese que atribuímos a Ramírez, em conhecer e assim poder contar a outros, o que viu e sentiu, também havia o não menos importante fato de que o seu testemunho e a produção narrativa oriunda de sua experiência poderia lhe galgar algum posto oficial na corte, maior ascensão social e melhores rendas.

Que sean Vuestras Mercedes ciertos, si Dios allá me vuelve, volveré de arte con que pueda servir las muchas mercedes que siempre he recibido, y al presente espero recibir, y esto pueden Vuestras Mercedes tener por cierto, segundo lo esperamos, será así como digo, y a todo lo que Vuestras Mercedes oyeren de la bondad de la tierra, pueden dar entero crédito, porque yo les certifico no pueden decir tanto como es y por nuestros mismos ojos habemos visto²¹³.

Há uma explícita intenção do cronista em receber benefícios, caso voltasse com vida à Espanha. Essa percepção teve Juan Francisco Maura quando observou que “Luis Ramírez venderá su ‘Carta’ para conseguir igualmente una serie de privilegios a raíz de unos sucesos narrados de los que el es el protagonista”²¹⁴. Porém, para atingir tal meta, não bastava ser uma testemunha ocular dos fatos narrados, teria que dominar a arte de contar histórias.

²¹¹ Cf. CUESTA DOMINGO, M., *Los Cronistas oficiales de India: de López de Velasco a Céspedes del Castillo*, p. 116.

²¹² *Ibidem*.

²¹³ RAMÍREZ, L., *Carta do Rio da Prata em 10 de julho de 1528*, p. 15.

²¹⁴ MAURA, J. F., *Carta de Luis Ramírez a su padre desde el Brasil (1528): Orígenes de lo ‘real maravilloso’ en el Cono Sur*, p. 15

Conforme Maura²¹⁵, a técnica de escrita poderia incluir pequenas sutilezas para assim poder cativar os leitores, pois, Ramírez emprega a mesma técnica utilizada por outros cronistas ao se utilizar em suas descrições *coisas difíceis de acreditar* e a de chamar as pessoas de *poco mundo*, por não terem elas, a experiência, o conhecimento para se compreender as maravilhas do mundo, coisas que somente podem ser vislumbradas por aqueles que as testemunham²¹⁶. Neste entendimento, a arte de enfeitar a escrita, dominada por Ramírez, esta presente em passagens de sua carta, tais como: “(...) los indígenas son tan buenos corredores que cansan a los venados y a falta de agua beben de su sangre”²¹⁷.

Esta forma de contar histórias que se utiliza de um variado número de figuras de linguagens e sentidos diversos para atrair e deter a atenção do leitor, não tira do documento a sua importância e validade histórica. Devemos ter em mente que Ramírez nos legou um testemunho histórico que retrata lugares específicos e o cotidiano vivido a partir de suas observações. O que cabe a nós historiadores é interpretar as fontes para assim reconstituir este passado sob um novo olhar.

Metodologicamente falando, o viés da História Cultural nos permite inquirir e confrontar as fontes de modo a obter os resultados esperados das mesmas, tendo claro que o testemunho produzido no papel, é uma projeção do real. Por mais que haja uma proposta do cronista em fixar a realidade tal qual ela se apresenta diante dos olhos e dos sentidos, o fato testemunhado é um e o fato narrado é outro. Nossa argumentação, conforme assinalamos anteriormente, se apoia na análise efetuada por Peter Burke, que procura apresentar as formas como a História cultural pode ser empregada. Para este autor, fundamentando nossa assertiva “tudo que é recebido é sempre diferente do que foi originalmente transmitido, porque os receptores, de maneira consciente ou inconsciente, interpretam e adaptam as ideias, costumes, imagens e tudo que lhes é fornecido”²¹⁸.

Sendo assim, diferentes testemunhas podem presenciar um mesmo quadro e apresentar diferentes versões para o mesmo. Se considerarmos *cada olhar uma sentença*, a cada sentença uma nova interpretação. Esse conceito da História Cultural é um, entre outros, que dão a ideia

²¹⁵ Ibidem, p. 16.

²¹⁶ Ibidem.

²¹⁷ Ibidem.

²¹⁸ BURKE, P., Variedades de história cultural, p. 249.

de *representação* social. Significa em outras palavras, “o modo como uma realidade social é pensada, construída, dada a ler”²¹⁹. Portanto, frisando o que já observamos, outras interpretações sobre os fatos narrados são passíveis de verdade histórica.

Por fim, quanto ao documento que estamos analisando, ele foi descoberto e transcrito pela primeira vez por Adolfo Varnhagen quando esteve investigando na *Biblioteca Alta do Escorial*²²⁰. Outras versões foram produzidas desde então. Uma é do historiador chileno José Toribio Medina²²¹, que utilizou a versão de Varnhagen quando necessário. Uma terceira versão com nova transcrição que tivemos acesso recentemente, foi produzida pelo historiador Juan Francisco Maura²²², que compara as versões anteriores com a produzida por ele, tecendo o seguinte comentário:

Cotejo las versiones realizadas anteriormente por el historiador brasileño Francisco Adolfo Varnhagen (1851), por el americanista español Marcos Jiménez de la Espada (1902) y por el historiador chileno José Toribio Medina (1908), no siempre coincidentes con el original, sobre todo en referencia a los nombres indígenas. La transcripción de Marcos Jiménez de la Espada es, con diferencia, la más fiel al original. En los casos en que mi interpretación paleográfica sea diferente a la de los citados autores, aparecerá aclarado en una nota.

Assim, conforme Maura observou, as três versões da carta de Ramírez que utilizo para a execução da pesquisa e composição do relatório, quando apresentam divergências nas transcrições, comentamos e analisamos em notas de rodapé ou no interior do texto.

2.2.1 O cronista Luis Ramírez: carta a seu pai

²¹⁹ CHARTIER, R., *Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: A História Cultural entre práticas e representações*, p. 16.

²²⁰ Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil. Tomo XV (1852). Tradução de Francisco Adolfo de Varnhagen, 1852.

²²¹ MEDINA, J. T., *El Veneciano Sebastián Caboto al servicio de España y especialmente de su proyectado viaje a las Molucas por el Estrecho de Magallanes y al reconocimiento de la costa del Continente hasta la gobernación de Pedrarias Dávila*, 1908.

²²² MAURA, J. F., *Carta de Luis Ramírez a su padre desde el Brasil (1528): Orígenes de lo ‘real maravilloso’ en el Cono Sur*, p. 21.

Até o presente momento se considera que é sob a pena de Luis Ramírez, marinheiro de Caboto, que o Guaraní surge para as páginas da história pela primeira vez²²³, pois, quando enviou uma carta para seu pai em julho de 1528, narrando sua aventura, ele ainda estava vivendo a experiência da exploração e conquista a aproximadamente dois anos, desde que aportaram na ilha de Santa Catarina no ano de 1526.

Ao falar da sua permanência na ilha e adjacências, narrou que no mesmo dia que o capitão Caboto havia recebido Henrique Montes em sua *nau*, conforme vimos anteriormente, também recebeu na parte da tarde, outro naufrago da expedição de Juan de Solís, Melchior Ramírez era o nome deste personagem. E assim, da mesma maneira que Henrique Montes, ele confirmou a versão sobre as riquezas da terra, acrescentando que o grupo de náufragos que haviam permanecido na ilha e no continente era formado por um grupo de sete homens, sendo que naquele momento, apenas ele e Montes se encontravam na região, visto que os outros companheiros, entusiasmados com as notícias de grandes riquezas a oeste, haviam partido. “(...) Junto á la dicha sierra había un rey blanco que traía buenos vestidos como nosotros, se determinaron de ir allá, por verlo que era, los cuales fueron y *les enviaron cartas*”²²⁴. Conforme Isabelle Combés, esse rei branco estava presente na mitologia indígena como Candiré ou Paititi²²⁵.

Segundo Luis Ramírez, o náufrago Melchior havia informado que seus companheiros enviaram notícias para comunicar que eles ainda não haviam chegado às terras onde haveria tal riqueza, mas que estavam mantendo contato com um povo que habitava nas imediações dos domínios do dito rei branco. Conforme Ramírez, as notícias davam conta de informar, entre outras coisas, que os habitantes desse local portavam “en las cabezas unas coronas de plata é unas planchas de oro colgadas de los pescuezos é orejas (...)”²²⁶. Para assegurar a veracidade das informações, os companheiros de Melchior e Henrique Montes, “les enviaron doce esclavos y las muestras del metal (...)”²²⁷.

²²³ De acordo com Bartomeu Meliá (1987, p. 21), a carta é considerada o primeiro documento a nomear e descrever uma população sob o gentílico Guaraní.

²²⁴ RAMÍREZ, L., *Carta do Rio da Prata em 10 de julho de 1528*, p. 15.

²²⁵ Cf. COMBÉS, I., *Pai Sumé, el Rey Blanco y el Paititi*.

²²⁶ RAMÍREZ, L., *Carta de... a su padre desde el Brasil (1528): Orígenes de lo 'real maravilloso' en el Cono Sur*, p.26.

²²⁷ RAMÍREZ, L., *Carta de Luis Ramírez á su padre*, p. 445.

Os náufragos informaram a Sebastião Caboto que os companheiros que se aventuraram nas serras, haviam lhes convidado a ir encontrar-se com eles, mas, por temerem maiores perigos, resolveram permanecer no local onde estavam. Nas palavras de Luis Ramírez, os náufragos Henrique Montes e Melchior, comentaram que novos mensageiros lhes trouxeram outras notícias sobre os amigos aventureiros. “Sus compañeros volviéndose a do ellos estaban una generación de Yndios que dicen los guarenis los avían muerto por tomarles los esclavos que traían cargados de metal lo cual nosotros hallamos ahora por cierto en lo que descubrimos por el Paraná arriba”²²⁸. Na carta escrita por Luis Ramírez, esta é a primeira vez que uma palavra semelhante ao termo guarani é utilizada.

Sobre o termo guarani, encontramos uma explicação um século mais tarde em relação à carta de Ramírez. Na obra *Tesouro da Língua Guarani* publicada por Antonio Ruiz de Montoya no primeiro quartel do século XVII, aparece às palavras *guaryni* ou *guarini*. Acompanhadas de outros vocábulos elas expressam diferentes sentidos para a ideia de guerra, tais como, estar em guerra, ir para guerra, exercita-se para a guerra, capturar inimigo na guerra, animar-se para a guerra, temer a guerra, entre outras²²⁹. De maneira geral, no vocabulário da língua guarani de Montoya, o termo apresenta o sentido de *guerreiro*, *guerra* ou situações que têm a ver com *guerra*. No Tupi antigo, o termo *guarini*, também encerra sentidos semelhantes para guerreiro e guerrear²³⁰.

Na mesma linha de raciocínio, encontramos uma definição do termo guarani nas palavras do padre Sanchez Labrador. Em relação a Montoya, pouco mais de um século havia transcorrido quando esse jesuíta afirmou que “Guarani viene de guariní”. Esta assertiva em relação ao segundo termo, conforme esse eminente jesuíta, “significaba soldado o peleador”. Sendo esta, “una expresión muy de ellos y los indios de otras tribus los llamaban guaryní o guaraní”²³¹.

Montoya e Labrador nos ajudam a entender que o termo que remete a ideia de guerra e ao sujeito que pratica a ação de guerrear, transformou-se em um *apodo*. Esse apelido genérico aos olhos do europeu que estava incumbido de identificar, nomear e classificar, serviu como

²²⁸ RAMÍREZ, L., *Carta de ... a su padre desde el Brasil (1528): Orígenes de lo ‘real maravilloso’ en el Cono Sur*, p. 26.

²²⁹ MONTOYA, A. R., *Tesoro de la lengua Guarani*. p. 319/338

²³⁰ LEMOS B. A., *Pequeno Vocabulário Português-Tupi*, p. 116.

²³¹ FURLONG, G., *Misiones y Sus Pueblos de Guaraníes*, p. 71.

uma forma de aglutinar sob uma mesma categoria, grupos nativos dispersos. Neste sentido, entendemos que o termo guarani parece ser uma nomeação apropriada para identificar grupos nativos que falavam a língua geral da terra, que também se definiu como língua guarani²³². Por este entendimento, ao longo do processo colonial, nos escritos históricos, guarani, tornou-se um etnônimo para definir um povo com uma história *prístina* e as interpretações produzidas a partir desses escritos, ajudaram a corroborar a ideia de amplitude demográfica desse povo.

Dando sequência a narrativa, Ramírez nos informa que três meses e meio o pessoal de Caboto permaneceu na Ilha de Santa Catarina. Durante a estadia, se reabasteceram com mantimentos, melhoraram as embarcações e construíram um pequeno barco para seguirem viagem ao rio da Prata. Levando “cuatro muchachos para que en adelante le sirviesen de intérpretes”²³³, içaram âncora no dia 15 de fevereiro de 1527. Os jovens indígenas que lhes acompanharam eram filhos de caciques e foram levados sem autorização dos chefes tribais. Situação que, entre outras, causou um inquérito administrativo a Caboto no seu retorno a Espanha e transtornos para os navegadores posteriores, quando estes paravam para descansar e reabastecer seus navios com provisões²³⁴.

Seguiram costeando o litoral meridional por seis dias até o Cabo de Santa Maria, que fica na entrada do rio da Prata. No dia seis de abril de 1527 chegaram a um local que batizaram de São Lázaro, devido ao fato de ser o dia que homenageia o santo da Igreja Católica. Por um mês a expedição ficou ancorada, sendo tempo suficiente para que os *lenguas* que os acompanhavam, entre eles Henrique Montes e Melchior Ramírez, descobrissem que nas proximidades do local vivia outro cristão chamado Francisco del Puerto, que também pertencera a expedição de Solís.

Este Francisco se apresentou a Caboto e deu importantes informações sobre a terra e as gentes. Conforme Felix de Azara, ele teria vivido aproximadamente dez anos entre os Yaró, até ser contatado pela esquadra que ali chegou. Os Yaró habitavam na banda oriental do

²³² Ao escrever em 1609 [PASTELLS (1912), p.8], sua primeira carta anual, o padre Diego de Torres Bollo observou que “ay en cada una estas tres gobernaciones una lengua general que es gran alivio y ayuda para facilitar la conversión de los yndios. La Guarani corre no solo el Paraguay sino el Brazil y hasta Santa Cruz de La Cierra”.

²³³ AZARA, F., *Descripción é Historia del Paraguay y del Rio de la Plata*, p. 8.

²³⁴ Cf. HERRERA Y TORDESILLAS, A., *Historia General de los hechos de los Castellanos en las Islas y Tierra-Firme del Mar Océano*.

rio Uruguai, entre o rio Negro e São Salvador, sendo classificados pela literatura histórica colonial como pertencentes à povos nômades, caçadores e coletores, que se tornaram equestres com o passar dos anos, com idioma diferente da língua guarani.

Sobre o exposto acima, observamos que desde que a expedição saiu da ilha de Santa Catarina, passou a contar com um grupo de espanhóis que lá estavam²³⁵ e também com quatro jovens indígenas que embarcaram na mesma ilha para junto com os náufragos exercerem a função de *lenguas*²³⁶. Somou-se ao grupo, Francisco del Puerto que por ter passado parte de sua vida junto aos nativos que habitavam as paragens do rio da Prata, tornou-se uma figura importante na mediação das relações entre os habitantes que viviam as margens do estuário do Prata e de rios interioranos que desaguavam no mesmo e os expedicionários de Caboto.

A chegada desse náufrago é interessante porque fortalece a ideia da língua geral, pois, conforme Felix de Azara²³⁷, ele aprendeu uma das línguas gerais do território, batizada mais tarde de língua guarani, entre os Yará. Não descartamos a possibilidade de que tenha aprendido a língua geral com indivíduos Guarani que viviam entre os Yará. Essa situação não é despropositada se dermos uma rápida olhada em outras crônicas e relações históricas produzidas nos primeiros séculos da conquista. Veremos que em diversos momentos, indivíduos oriundos de diferentes grupos viviam junto a outras configurações sociais.

Nos primeiros tempos da colônia, os europeus empregaram o termo cativo para se referir a muitos desses indivíduos que eles acreditavam viver na condição semelhante à de escravos. Portanto, nada impossibilita a presença de indivíduos Guarani entre os Yará²³⁸. Há um caso pitoresco para fundamentar a assertiva sobre a presença de nativos de diferentes procedências entre outros grupos.

Em um documento de 15 de fevereiro de 1545 que apresenta “los méritos y servicios del capitán Gonzalo de Mendoza”, que se encontrava desde 1535 nas terras das províncias do Prata, consta, que por volta de 1536, quando este retornava da ilha de Santa Catarina com suprimentos e interpretes para ajudar no processo de conquista e colonização das terras,

²³⁵ Cf. RAMÍREZ, L., *Carta de ... a su padre desde el Brasil (1528): Orígenes de lo ‘real maravilloso’ en el Cono Sur*, p. 29.

²³⁶ AZARA, F., *Descripción é Historia del Paraguay y del Rio de la Plata*. Tomo II, p. 9.

²³⁷ Cf. AZARA, F., *Descripción é Historia del Paraguay y del Rio de la Plata*.

²³⁸ Essa questão dos cativos pode ser vista em Ulrich Schmídel, 1599 (1903).

deixou no porto de Boa Esperança, casa forte estabelecida na terra dos Timbú um *lengua*²³⁹.

Se acuerda que quedo allí un maestre Pedro que era lengua de los guaraníes y hombre de buen ingenio para que mediante el los ayudase y entendiese en todo lo que fuese menester a la dicha gente y pacificación de la tierra e Yndios dela *porque aunque los Yndios que allí trataban eran tenbues y carcaraes y difieren en la lengua de los guaraníes todavía diz que avía entre ellos intérpretes guaraníes quel dicho maestre Pedro podía entender*²⁴⁰.

Lembramos que entre os nativos o rapto de mulheres e crianças, de ambos os sexos, de outros povos ou grupos afins, era uma prática recorrente. De maneira geral as vítimas adotavam os costumes e o modo de vida dos captores como se biologicamente tivessem nascido em seu meio²⁴¹. Observamos que dificilmente se encontra na documentação algo sobre a fuga de “prisioneiros”. Mulheres e crianças de outros povos, capturadas durante um confronto ou em outras situações, se incorporavam ao cotidiano de seus captores.

Neste quadro, podemos propor a hipótese que se havia algo semelhante a uma ética no espaço social nativo, se manter fiel a seus captores, viver entre eles, ou se deixar morrer pelas mãos dos mesmos, como era o caso do Guarani (guerreiro) capturado na guerra para ser executado em ritual antropofágico Tupinambá, a ética seria esta, não fugir, por honra a si mesmo e a sua família. Esse argumento propõe que as sociedades nativas tinham plena consciência de que sua sobrevivência dependia dessa prática sociocultural. A introdução de terceiros no meio social, seja pela via pacífica ou guerreira, era uma questão de natureza biológica, de natureza econômica e de natureza bélica.

Toribio Medina comenta que Francisco del Puerto “debió su salvación á sus pocos años, (sábase que era grumete), como solía acontecer aún en las guerras entre salvajes, en las cuales no pocas veces los niños eran incorporados á la tribu vencedora”²⁴². O soldado Antonio

²³⁹ Informaciones de méritos y servicios de descubridores, conquistadores y pobladores del Perú. In: SCHMÍDEL, Ulrich. *Viaje al Rio de La Plata*, p. 386.

²⁴⁰ Esse documento está anexo à edição de Ulrich Schmidel de 1093. Sobre a passagem acima, o americanista Lafone Quevedo, respondendo a outros estudos que colocavam os Timbu como sendo grupos Guarani ou guaranizados, afirmou que nessa passagem “está claro que los caracará y timbú no eran de raza guaraní ni hablaban su lengua, pero que indios de los guaraní vivían entre ellos y que había quien sirviese de intérprete valiéndose de la tal lengua que era la que hablaba el «maestre Pedro» traído para ello del Brasil” (SHMÍDEL, 1903 p.385).

²⁴¹ AZARA, F., *Descripción é Historia del Paraguay y del Rio de la Plata*. Tomo I, p. 148/9.

²⁴² MEDINA, J. T., *Juan Diaz de Solís: estudio histórico*, p. 288.

Rodrigues que ajudou na fundação de Assunção comentou que se os *Garinas*, grupo indígena local, “cativam meninos, fazem-nos, à sua maneira”²⁴³.

Não seria um engano considerar que boa parcela dos grupos se mestiçava via raptos de mulheres, crianças e casamentos interétnicos por meio de alianças. As centenas de mulheres Carijó, diante da derrota sofrida por seu povo frente aos espanhóis da armada de Pedro Mendoza, se uniram a seus algozes. O motivo não foi apenas o preço a ser pago pela derrota sofrida,²⁴⁴ entre outras coisas, além do parentesco por meio da união com os espanhóis, buscou-se a segurança biológica dos grupos Carijó envolvidos com a mistura do sangue estrangeiro em seu meio.

Neste contexto, se considerarmos que boa parte dos grupos era formado por mulheres e homens pertencentes a outras sociedades, seja os mesmos oriundos de raptos ou casamentos interétnicos, somos levados a deduzir que as configurações sociais da época da conquista se davam, *grosso modo*, muito mais pelas características sociais e culturais do que por um viés biológico de pertencimento e nascimento. A identidade do indivíduo se vinculava aos aspectos socioculturais da sociedade em que ele vivia do que propriamente pela ancestralidade comum. Essa questão nos leva a ideia sobre etnicidade proposta por Fredrik Barth²⁴⁵, na qual se observa que não é somente a origem que faz com que um indivíduo se identifique com o grupo, mas sim, os valores compartilhados. Situação que permite que eles se reconheçam e se diferenciem em relação a outros grupos.

Retornando a narrativa, enquanto Caboto subiu em direção ao rio Paraná, Luis Ramírez, devido ao fato de estar em más condições de saúde, permaneceu nas imediações onde haviam ancorado até o dia 28 de agosto, quando uma *galeota*²⁴⁶, o levou juntamente com seus companheiros até o local onde Caboto havia erguido uma casa forte, chamada de Espírito Santo²⁴⁷.

Ao navegar pelo rio da Prata, Caboto havia deixado equipamento e um pequeno efetivo na atual ilha de São Gabriel, sendo que mais à frente havia erguido um forte próximo à

²⁴³ RODRIGUES, A., *Cópia de uma carta do irmão Antonio Rodrigues para os irmãos de Coimbra*, 1553, p. 3.

²⁴⁴ Cf. IRALA (1541); RODRIGUES (1553); SCHMÍDEL (1599);

²⁴⁵ BARTH, F., *O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas*, p. 27

²⁴⁶ Conforme Juan Francisco Maura (2007, p. 29), citando Eduardo Madero, “La galeota era una embarcación abierta de 20 bancos. Consta en los procesos de Caboto”.

²⁴⁷ Cf. RAMÍREZ, L., *Carta do Rio da Prata em 10 de julho de 1528*.

foz do rio São Salvador com o rio da Prata, a fim de se defender de uma possível hostilidade de Charrua e Yaró, que observavam a movimentação dos espanhóis. “Guarnecido con milicia el fuerte, saltó en un bergantín y carabela al majestuoso Paraná, y surgió en el Carcarañal, pechero suyo por la margen occidental; donde levantó segunda fortaleza, que denominó Sancti Spiritus”²⁴⁸.

De acordo com Luis Ramírez, Sebastião Caboto “había hecho su asiento y una fortaleza arto fuerte [...], la cual acordó de hacer para la pacificación de la tierra”²⁴⁹. Nesse local onde foi erguido o forte, índios que habitavam o território, pertencentes a diferentes nações e falantes de diversos idiomas, ao saberem da chegada dos estrangeiros, se aproximaram a casa forte para se familiarizar com os recém-chegados. Conforme estudos de Toríbio Medina, foi por orientação do *lengua* Francisco del Puerto, que Caboto resolveu erguer um forte nessas imediações, pois, o intérprete teria lhe dito que o rio Carcarañal tinha sua origem nas serras, local onde se iniciavam as minas de ouro e prata²⁵⁰.

Luis Ramírez escreveu que entre os nativos, “vino una gente de campo que se dicen Querandís. Gente muí ligera, mantienense de la caza que matan, y en matándola cualquiera que sea le beben la sangre”²⁵¹. Para o autor, o motivo de beber o sangue da caça estava no fato de que nas terras habitadas por eles, havia a pouca água. “Estos Querandís pelean con arcos y flechas, y con unas pelotas de piedra redondas, tan grandes como el puño, con una cuerda atada que la guía las cuales tiran tan certero que no hierran. [...] nos dieron muí buena relación de la sierra y del Rey Blanco”²⁵². Rui Dias de Gusmão observou que, por volta de 1612, grande parte desses Querandí estava dividida entre os encomendeiros de Buenos Aires.

Conforme o cronista Ramírez, outros povos habitavam as imediações do *Carcarañal*, local onde foi erguido o forte Espírito Santo, “las cuales son Carcarais, Chanaes, Beguas, Chanaes Timbús y Timbús, que son de diferentes lenguajes”²⁵³. De acordo com o cronista, esses povos eram “gente muí bien dispuesta” todos eles furavam os narizes e as suas orelhas:

²⁴⁸ GUEVARA, J., *Historia del Paraguay, Rio de la Plata y Tucumán*, p. 135.

²⁴⁹ RAMÍREZ, L., *Carta do Rio da Prata em 10 de julho de 1528*, p. 26.

²⁵⁰ Cf. MEDINA, J. o., *El Veneciano Sebastián Caboto al servicio de España y especialmente de su proyectado viaje a las Molucas por el Estrecho de Magallanes y al reconocimiento de la costa del Continente hasta la gobernación de Pedrarias Dávila*.

²⁵¹ RAMÍREZ, L., *Carta do Rio da Prata em 10 de julho de 1528*, p. 26.

²⁵² *Ibidem*, p. 27.

²⁵³ *Ibidem*, p. 26.

“los hombres horadan los labios por la parte baja. Los Carcarais y los Timbús siembran abati y cabazas y habas, y todas las otras naciones no siembran, y su mantenimiento es carne y pescado”²⁵⁴. Ruy Díaz de Guzmán considerava os Timbú e Caracará de melhor trato e costume que os Querandí, “son labradores y tienen sus pueblos fundados sobre la costa del río. Tienen las narices horadas, donde sientan por gala en cada parte una piedra azul o verde, son muy ingeniosos y hábiles”²⁵⁵.

A identificação e nomeação desses povos indígenas é literalmente o batismo dos mesmos na escrita da história indígena colonial, e o idioma que nomeava presumidamente era voz da língua guarani. “O idioma general del Brasil, que era el Guarani” era o que nomeava os grupos, pois os interpretes falavam a língua geral. “Y, por esta razón, vemos que en los primeros textos, casi todas las naciones, indistintamente, están registradas con nombres guaranis”²⁵⁶. Confirmando a assertiva de Rodolfo Shuller, o Jesuita Sánchez Labrador nos exemplifica que o nome de “*Guaycurú Guazú* trae su origen en el idioma guaraní, y significa, *Guaycurús* numerosos, o grandes en número de almas. En realidad que son muchos, porque en toda la Nación como se colige del segundo nombre”²⁵⁷.

Efetivamente a voz na língua geral não referenciava um etnônimo, mas um estereótipo percebido. A mesma alcunha poderia ser aplicada a outra população em outro local. No caso dos Timbú, “es [nome] general de todo indio que horadaba las narices”²⁵⁸. Ou seja, não importava se um nativo estivesse habitando um local específico do Guairá ou habitando próximo à Santa Fé. Se este índio usasse adorno em seu nariz, tais como, pequenas pedras coloridas com formas variadas, haveria boa possibilidade de o mesmo ser apelidado por meio da língua geral de timbú.

Antonio Serrano²⁵⁹, ao estudar povos indígenas do Uruguai, dizia que “en los documentos jesuíticos los indígenas de esta amplia región aparecen agrupados en Camperos, Canoeros e Caaiguás”. Categorias aplicadas a índios que habitavam áreas de campo, rios e o

²⁵⁴ Ibidem.

²⁵⁵ GUZMÁN, R. D., *Argentina: historia del descubrimiento y conquista del Río de la Plata*, p. 81.

²⁵⁶ SCHULLER, R., (prologo). *Geografía Física y Esférica de las Provincias del Paraguay y Misiones Guaraníes*.

²⁵⁷ LABRADOR, J. S., *El Paraguay católico*, Tomo I, p. 15.

²⁵⁸ LAFONE QUEVEDO, S. A., (prologo). *Viaje al Río de La Plata*, p. 24

²⁵⁹ SERRANO, A., *Etnografía de la Antigua Provincia del Uruguay*, p. 31-2.

interior das florestas. Essas classificações, segundo o autor, eram usadas tanto para identificar povos considerados Guaraní, quanto para os Guañana visto que esses dois distintos grupos habitavam os mesmos ambientes.

O Kaiowa é um nome étnico de uma população falante de guarani que se identifica e se afirma sob este etnônimo, tem sua origem neste contexto comentado por Serrano. Certamente, indivíduos de outros grupos com linguagem diferente da língua geral guarani, lhe dariam outro apelido, já que esta era uma prática comum num espaço físico e social onde os povos circulavam.

Nomear o outro a partir de suas próprias prerrogativas era de natureza social, independentemente da cultura de cada um. Felix de Azara nos apresenta um exemplo ao que estamos comentando, sobre um povo chaquenho chamado Lengua. Ele observou que os “Payaguá, chamavam a esses de Cadulú; os Toba os chamavam de Cocoloth; os Machicuy, de Etaboslé; os Enimagá, de Cochaboth e os próprios Lengua²⁶⁰ se definiam a si mesmos de Jugadfechy”²⁶¹.

Não é uma tarefa muito fácil localizar registros sobre a automeação de grupos na documentação colonial. Geralmente quando ocorre essa situação, o grupo esta se automeando como pertencente a determinado lugar. Há uma passagem interessante escrita pelo padre Nicolau Duran, quando narra em uma carta às condições em que se encontravam às reduções de índios do Guairá entre os anos de 1626 e 1627, que serve como exemplo ao que estamos enfatizando. Ao falar das características da redução de São Francisco Xavier (de Guaraní), ele havia observado que o referido povoado estava situado em uma área de campo que “ya desde aquel puesto empieza la nación de los que llamamos camperos, porque habitan los campos, aunque ellos no quieren tener tal nombre porque se tienen por más nobles que ellos y su antigua nobleza la tienen puesta en ser naturales de ríos de fama²⁶²”.

Mas, como não são esses atores coloniais, os nativos de São Xavier, que narram a sua história, ficaram registrados na documentação colonial como pertencentes ao mesmo grupo

²⁶⁰ Para Rodolfo Shuller (1904, p.388), os espanhóis atribuíam o nome de Lengua a este povo devido a “causa de la forma particular del barbote, que usan”. O capitão de fragata Francisco Aguirre acrescentou em seu diário (Etnografía del Chaco, 1793 [1898]) que os Lenguas (nome castellanizado), possuíam o idioma mais elegante no conjunto das populações do Chaco. Devido às guerras, pestes e aos abortos praticados, em seu tempo esta população estava praticamente extinta, restando apenas alguns jovens.

²⁶¹ AZARA, F., *Geografía Física y Esférica de las Provincias del Paraguay y Misiones Guaraníes*, p. 399.

²⁶² DURAN, N., *12ª Carta anual da Província Jesuítica do Paraguai, escrita em 1628*, p. 233.

genérico Campeiro, pelo fato de habitarem região semelhante. “Desde esta reducción de la encarnación como vimos se comienzan a extender muy dilatados campos, que dan nombre a los muchos indios que los habitan y se llaman camperos, a distinción de las demás naciones que todos viven en los montes y ríos”²⁶³.

Complementando a ideia acima, incluímos o exemplo que nos traz o jesuíta Sánchez Labrador que durante muitos anos exerceu seu apostolado entre os indígenas do Chaco. Ao escrever sobre os Guaycurú, comentou que esta é uma forma imprecisa de se referir a esta população, pois o correto é a forma como eles se autorreferenciam.

Eyigua-yegi; éste es el nombre que tiene toda la nación, y tanto los de la Banda Oriental como los de la occidental del río Paraguay son conocidas por este nombre general, y añaden los particulares de los sitios en que más de asiento viven. El dicho nombre significa *Perteneciente al Palmar* de una especie de palmas llamada *Eyiguá*. De estas hay muchas en la orilla occidental del río, en donde en sus principios vivió toda la nación²⁶⁴.

A questão dos nomes atribuídos aos povos nos leva a reforçar a ideia de que os etnônimos indígenas pós-colombianos se originam em grande medida a partir de apelidos registrados. Neste caso, de acordo com Viveiros de Castro, estas seriam apenas uma “amostra de que a identificação dos grupos por meio de etnônimos era fruto de uma incompreensão total da dinâmica étnica e política do socius ameríndio (...) [o] congelamento e o isolamento das etnias é um fenômeno sociológico e cognitivo pós-colombiano”²⁶⁵.

Essas questões têm a ver desde o princípio da colonização com a forma como os ibéricos procuraram fazer a gestão do território conquistado. Não foi apenas um ato de identificar e nomear, foi classificatório. Neste sentido, de maneira geral, povos nativos que tinham na atividade agrícola importante fonte de subsistência e por sua vez propensos ao sedentarismo, foram classificados no rol dos amigos, por outro lado, povos nômades, caçadores, coletores e pescadores que vagavam pelos campos e matas²⁶⁶, foram classificados

²⁶³ Ibidem, p. 242.

²⁶⁴ LABRADOR, L. S., *El Paraguay católico*, Tomo II, p. 15.

²⁶⁵ VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Histórias Ameríndias*, p. 32.

²⁶⁶ Cf. FREITAS DA SILVA, A. L., *Reduções Jesuítico-Guarani: espaço de diversidade étnica*, p. 37.

como inimigos, pois, o discurso que preponderou sobre eles era de que os mesmos se mantinham sem lei, sem fê e sem rei²⁶⁷.

No rol dos amigos, o Guarani teve maior destaque nos escritos históricos que trataram do quadro das relações dos espanhóis com os povos nativos desta parte da América. Assim como ocorreu na colônia portuguesa do Brasil, onde houve uma classificação em que grupos horticultores que falavam a língua geral, os Tupi, foram considerados os amigos, e os grupos de língua travada²⁶⁸ foram considerados os inimigos. Nomeados genericamente de Tapuia, tinham na coleta, na pesca e caça suas principais atividades de subsistência.

Foram classificações genéricas frequentemente utilizadas ao longo do processo colonial que invisibilizaram uma diversidade de configurações socioculturais que talvez tenham desaparecidas antes mesmo de se fazer qualquer espécie de registro sobre as mesmas. Um exemplo dessa classificação aleatória pode ser tomador dos relatos do “Padre José de Anchieta em 1554 y Gabriel Soares de Sousa em 1587, [que] emplearon respectivamente los etnónimos de *Carijós y Tapuias* para los habitantes no-europeos²⁶⁹” que habitavam no litoral sul e a margem norte do rio da Prata, no atual Uruguai.

Neste contexto em que os atores indígenas coloniais, por uma ação unilateral, política e cultural²⁷⁰, desapareceram, enquanto outros foram essencializados pela história escrita, os Guarani, seja como unidade ou fragmento²⁷¹, ganharam maior destaque. A intenção de agentes ibéricos de considerar a presença de gente Guarani em distantes e diferentes ambientes e a materialização deste ato, que podemos chamar de discursivo nos documentos escritos, levou a importantes pesquisadores, tal como John Monteiro, a afirmar que “não há como negar que, a partir do século XVI, a experiência guarani se confunde com a história da expansão ibérica para o interior do continente”²⁷².

A fala do autor reflete em boa medida a presença Guarani em grande parte da documentação colonial que tem a ver com o antigo Paraguai. Também reflete a guaranização

²⁶⁷ Cf. ASENJO, D. A., *Etnónimos indígenas en la historiografía uruguaya: Desensamblando piezas de diferentes puzles*, p. 31.

²⁶⁸ Cf. ABREU, C., *Capítulos de história colonial*.

²⁶⁹ ASENJO, D. A., *Etnónimos indígenas en la historiografía uruguaya: Desensamblando piezas de diferentes puzles*, p. 6.

²⁷⁰ *Ibidem*.

²⁷¹ Cf. MELIÁ, B., *El pueblo guaraní: unidad y fragmentos*.

²⁷² MONTEIRO, J.M., *Os guarani e a historia do Brasil meridional: séculos XVI e XVII*, p. 476.

de papéis produzidos por indivíduos de diferentes procedências. Situação que não passou despercebida para os pesquisadores Isabelle Combès e Diego Villar que estudam os povos Chané e Chiriguano.

A tratarem sobre as representações desses dois povos, que carregam em si duas heranças culturais distintas e ao mesmo tempo misturadas, visto que a história afirma que os Chiriguanos são filhos de homens Guarani com mulheres Chané, e que os mesmos carregam apenas traços Guarani, esses pesquisadores fazem uma crítica a essa visão. Eles enfatizam que a ideia de guaranização pode ser resultado da “onipotência da identificação guaranizante” que guaranizou os próprios “pesquisadores que, em geral, apenas realçaram a dimensão guarani em detrimento da herança arawak”²⁷³.

O olhar presente nos escritos de indivíduos que singraram o estuário do rio da Prata no primeiro quartel do século XVI, tal como a carta escrita por Luis Ramírez, integrante da expedição de Sebastião Caboto, a seu pai no ano de 1528, que traz elementos para a concepção e constituição do Guarani colonial, é de acordo com Daniel Laponte, “la construcción del concepto Guaraní (...)”²⁷⁴. É o momento em que o índio guerreiro (guarani) começa a deixar de ser um adjetivo, um “exônimo interétnico, proveniente de lenguaraces que nombraron las etnias en su propio idioma”²⁷⁵, e passa a categorizar povos diversos sob o etnônimo Guarani.

Aquí con nosotros está otra generación, que son nuestros amigos, los cuales se llaman Guarenís y por otro nombre Chandris estos andan derramados por esta tierra y por otras muchas, como cosarios, á causa de ser enemigos de todas estas otras naciones y de otras muchas que adelante diré: son gente muy traidora, todo lo que hacen es con traición; éstos señorean gran parte desta India y confinan con los que habitan en la sierra. Estos traen mucho metal de oro y plata en muchas planchas y orejeras y en hachas, con que cortan la montaña para sembrar: éstos comen carne humana”²⁷⁶.

²⁷³ COMBÉS, I.; VILLAR, D., *Os mestiços mais puros. Representações Chiriguano e Chané da mestiçagem*, p. 45-6.

²⁷⁴ LAPONTE, D., ACOSTA, A., *La construcción de la unidad arqueológica Guarani en el extremo meridional de su distribución geográfica*, p. 197/98.

²⁷⁵ ASENJO, D. A., *Etnónimos indígenas en la historiografía uruguaya: Desensamblando piezas de diferentes puzles*, p. 25.

²⁷⁶ RAMÍREZ, L., *Carta do Rio da Prata em 10 de julho de 1528*, p. 27.

Aqui com nós esta outra população que são nossos amigos, sendo que os mesmos se chamam guarenís ou chandris (chandis). Pois bem, fato dado não é fato consumado, neste sentido, o que podemos reter desta primeira passagem é que o motivo de estarem ali, não significa que moram ali. O caso dos índios Campeiro que citamos mais acima pode ser um exemplo para esta questão. Eles estão ali, mas podem não ser dali, pois o local de onde Luis Ramírez escreveu e datou sua carta corresponde ao forte erguido junto ao rio São Salvador erguido pelos homens de Caboto.

Conforme Toribio Medina²⁷⁷, “la ubicación de ese sitio no ofrece dificultades, por cuanto Caboto ha dibujado en su mapamundi el río de San Salvador, cuyo nombre se conserva en las cartas modernas”. Situado na margem oriental do rio Uruguai, conforme Felix de Azara, o local onde esses Guarani estariam, era área de circulação de outro povo do campo chamado Yaró, que ficava entre o rio Negro e São Salvador²⁷⁸. De acordo com Lafone Quevedo²⁷⁹, “los Guaraníes de San Salvador serían los de las islas, aquí rodeados por tribus enemigas.”

Quanto a questão do nome guarani, conforme já observamos, tem o significado na língua geral do rio da Prata de guerreiro. Como é um termo que pode ter outros sentidos na língua do emissor da mensagem, é muito provável que não seja uma autorreferencia, mas um apelido aplicado por náufragos que faziam uso da língua geral. Já, o nome *chandris* (chandis), é totalmente desconhecido, é como se houvesse um erro na ortografia, impressão ou fosse uma atribuição dada por um indígena falante de outra língua. Na crônica desses primeiros exploradores e conquistadores, este nome, não será mais reproduzido. O nome que se fará presente é o Chandule.

Na sequencia da narrativa a seu pai, Luis Ramírez, não mais se refere a estes nativos como Guarani, somente usa o termo chandule. Neste caso, é interessante observarmos que Ramírez não faz menção a esses Chandule como semelhantes aos habitantes da ilha de Santa Catarina e adjacências, local onde permaneceram aproximadamente cem dias. Lembramos, que quando lá estive, relatou em breves comentários que os habitantes daquela costa tinham

²⁷⁷ MEDINA, J. T., *El Veneciano Sebastián Caboto al servicio de España y especialmente de su proyectado viaje a las Molucas por el Estrecho de Magallanes y al reconocimiento de la costa del Continente hasta la gobernación de Pedrarias Dávila*, p. 160.

²⁷⁸ AZARA, F., *Descripción é Historia del Paraguay y del Rio de la Plata*. Tomo I, p. 160.

²⁷⁹ LAFONE QUEVEDO. S. A., *Los indios Chanases y su lengua*, p. 118.

muitas semelhanças com os Tupinambá da costa de Pernambuco, que ele havia descrito logo de sua chegada as terras do Brasil. Não perceber ou não relatar possíveis semelhanças que poderiam haver entre esses povos que estarão sob um mesmo etnônimo, no futuro, novamente direciona nossa atenção para a ideia da singularização da pluralidade nativa.

No caso específico dos Guaraní, a hipótese mais provável é que a construção desta categoria indígena executada pela gestão espanhola que procurava organizar o espaço físico e social deu-se em função da língua geral. Aglutinar diferentes sociedades sob uma mesma língua, identificando-as sob um mesmo nome é uma ideia bastante plausível. Neste quadro, grupos não guaraní foram designados como tais por falar a língua dos mesmos. Alfredo Métraux, nos trás um exemplo que se aproxima do que estamos falando.

Los *Tapieté*, una típica tribu chaqueña, poseen una cultura muy semejante a la *Mataco* y los *Chorotí*, pero hay que destacar el detalle curioso que estos indios hablan el dialecto *Guaraní* de sus vecinos *Chiriguano*. Es sin duda alguna a causa de un prolongado contacto con ellos que esta tribu ha adoptado el lenguaje de los mismos, descartando su propia lengua aborigen, a pesar de que corren rumores de que aún la siguen usando entre ellos²⁸⁰.

Em uma carta ao jesuíta Bruno Morales, o jesuíta Pedro Lozano²⁸¹, entre outras coisas, comentou, ao dissertar sobre os povos que habitavam desde Buenos Aires ao Estreito de Magalhães, que os Puelche falavam em sua maioria a língua dos Aucae, no entanto, esses últimos não sabiam a língua dos Puelche. O religioso não mencionou a possibilidade de uma relação assimétrica entre os dois grupos, deixando entrever que se tratava de duas forças que se equiparavam, portanto, teria sido uma opção dos Puelche adotar a língua de outro povo. Com isso, afirmamos que as dinâmicas socioculturais e relacionais dos grupos contribuíram para que paulatinamente algum grupo, assim como os Tapieté, optasse pela língua de outro povo com quem mantinha contato, deixando em desuso sua língua materna.

A questão da língua e o que foi falado anteriormente nos ajuda a conceber a hipótese de que os Chandule descritos por Ramírez, não habitassem aquele local como um habitat permanente, no sentido de terem ali suas chácaras e casas comunais. As considerações de Ramírez sobre estes nativos, não seguem o mesmo padrão narrativo que ele realizou

²⁸⁰ METRAUX, A., *Etnografía del Chaco*, p. 73.

²⁸¹ LOZANO, P., *Carta del P. Pedro Lozano, de la Compañía de Jesús, de la Provincia del Paraguay, escrita al P. Bruno Morales de la misma Compañía, y Provincia, existente en esta Corte de Madrid 1746*, p. 10.

anteriormente para descrever povos locais. Durante os quase quatro meses que permaneceu em um porto de Pernambuco, ele foi bem mais específico ao descrever as gentes que ali habitavam.

Hay en la tierra muchos mantenimientos de maíz mandio, que son unas raíces de que se hace mucha buena harina blanca: cómenla con pan, hecha harina tostada. Hay otras raíces que se dicen patacas: comense cocidas, y asadas son muy buenas; muchas calabazas, frisóles, habas, gallinas, papagallos muy buenos: de todo esto llevó la gente mucha cantidad. La gente de esta tierra es muy buena é de muy buenos gestos, así los hombres como las mujeres: son todos de mediana estatura, muy bien proporcionados, de color de canarios, algo más escuro, de todos, ellos y ellas, se derraen de los pelos del cuerpo todo, salvo los cabillos, que dicen que los que tal no hacen son bestias salvajes; ellos son muy ligeros é muy buenos nadadores; sus armas son arcos é flechas, lo cual tienen en mucho; é si quando van á la guerra toman alguno de sus contrarios, tráenlo por esclavo (...)²⁸².

Nos três meses na ilha de Santa Catarina, conforme citação anterior, ele teceu considerações sobre cultura material, agricultura e o modo de ser dos habitantes, identificando semelhanças entre os mesmos e os habitantes de Pernambuco. “Aquí con nosotros está otra generación (...)”²⁸³. Sobre esses *chandis* ou *guarenis*, em momento algum ele fala para seu pai sobre os animais criados, os alimentos plantados, sobre suas casas, ou vestuário, mesmo permanecendo junto a eles um longo tempo.

O que Ramírez faz neste momento, mudando sua maneira de informar, é simplesmente expor de forma genérica a natureza comportamental desses indivíduos em relação a outros grupos e sua localização no território, observando ao final que eles cortam a mata para semear e comem carne humana. Sobre os de Pernambuco, ele teceu todo o processo antropofágico. Neste caso, nem ao menos tentou comparar esta prática. É como se neste último caso ele reproduzisse um clichê das narrativas do período. “Éstos comen carne humana”²⁸⁴.

Desde a época de Cristovão Colombo esta frase se fez presente no vocabulário da conquista. “Al igual que ocurre con otras crónicas de la época, es preciso dejar un amplio margen de credulidad sobre la información que nos da el autor ya que no sabemos a ciencia

²⁸² RAMÍREZ, L., *Carta do Rio da Prata em 10 de julho de 1528*, p. 17.

²⁸³ *Ibidem*, p. 27.

²⁸⁴ *Ibidem*.

cierta dónde empieza y donde acaba la imaginación y la veracidad de sus aseveraciones”²⁸⁵. Questões como essa, por mais subjetivas que possam parecer nos mostram que ainda carecemos de informações para entender a complexidade do Guarani que foi sendo constituído. “Eles andam espalhados por esta terra e por outras muitas, como corsários, a razão de serem inimigos de todas estas e outras nações”.

A pergunta que nos vem diante desta afirmação, é como eles podem ser inimigos destas nações, que neste caso seriam os Timbú, Carcará, Charrua, Querandi e Yaró? Que relação há, para que esses inimigos odiados se façam presentes entre outros povos belicosos que os combatem? Seriam esses Guarani, cativos ou parentes dos Yaró e Chaná? Já que habitavam, principalmente, lugares de circulação desses povos, conforme observamos mais acima? E por que o autor usa o termo corsário para se referir a esses guerreiros (Guarani)? Entendemos que estarem espalhados pela terra como corsários é estarem em constante pilhagem a serviço de outro, visto que, corsário seria um especialista em guerras marítimas a serviço de um terceiro.

Não podemos supor que o termo corsário, seja destituído de sentido no contexto em que é empregado. Neste caso, esses Guarani teriam sua razão de ser, ao serem especialistas na arte da guerra, colocando assim seu ímpeto belicoso²⁸⁶ a serviço de grupos (outros) aparentados. Lembramos que no contexto social das terras baixas, a literatura histórica afirma que fazia parte das pautas culturais dos Guarani, casar suas mulheres com indivíduos de outros grupos e assim por reciprocidade de parentesco prestar serviços ao cunhado²⁸⁷. Essa pauta cultural de reciprocidade fazia com que houvesse o sequestro de “mujeres por los jefes más poderosos de otras aldeas” ocasionando “la subordinación de la respectiva parentela [das mulheres]; las "visitas" en el sentido neolítico desempeñaban la función de "trueque de servicios" y una norma de reciprocidades”²⁸⁸.

Se nos atentarmos aos Guaicuru, perceberemos que algo semelhante ocorria. Eles eram grupos errantes e pilhavam outros grupos que encontravam em seu caminho. Sua especialidade era a guerra, mas, estavam amparados por outros povos de agricultores, que

²⁸⁵ MAURA, J. F., *Carta de Luis Ramírez a su padre desde el Brasil (1528): Orígenes de lo 'real maravilloso' en el Cono Sur*, p.16.

²⁸⁶ Cf. SUSNIK, B., *El indio colonial del Paraguay: o Guarani colonial*. Tomo I.

²⁸⁷ Ibidem.

²⁸⁸ SUSNIK, B., *El indio colonial del Paraguay: o Guarani colonial*. Tomo I, p. 11.

sendo também guerreiros, os respeitavam, no entanto, não os temiam, lhe dando suporte humano para a guerra, alimentos para subsistência e sítios para descanso. Estes eram os Chané-Guaná. Genericamente formados por um conjunto de povos que em suas especificidades sociopolíticas estabeleciam diferentes alianças com os diferentes grupos de Guaicuru. Especialmente alianças matrimoniais, respeitando a construção hierárquica de cada grupo. Ambos os grupos apenas estabeleciam parentesco com grupos que eles considerassem que estivesse a altura de sua estirpe²⁸⁹.

Os especialistas na guerra, chamados de Guaicuru, também estavam espalhados por terras das índias e eram inimigos de todas as nações, principalmente dos Guarani, *pois, tudo o que faziam era com traição*. Neste sentido, a ideia que a documentação nos traz dos Guaicuru e a que estamos conjecturando dos Guarani, nos levam a perceber semelhanças, principalmente se estes últimos estabeleceram algum tipo de parentesco com algum dos povos do entorno.

O que não seria impossível, pois, conforme Lafone Quevedo, o termo “Cheaná signifique – mi pariente – en guarani”²⁹⁰, poderíamos aventar a possibilidade de haver casamento interétnico entre indivíduos desses dois grupos e ações de reciprocidade. Isso não significa que houvesse a guaranização de um e a chaneização²⁹¹ de outro, semelhante à ideia de aculturação, onde um impõe sua cultura ao outro²⁹². Lafone Quevedo argumenta que as semelhanças percebidas por Luis Ramírez entre os “Caracarães, Chanásés, Mbeguás, Chaná-Timbúes” lhe levam a deduzir que “podían ser tribus emparentadas”²⁹³, não significando ser um mesmo grupo disperso.

O cronista Luis Ramírez, ao falar da dispersão desses Guarani (guerreiros), frisou que estes assenhoreavam estas índias. Assenhorear, nos dá à ideia de domínio, portanto, eles dominavam estas índias. Mas, não podemos pensar que *estas índias* seja a mesma representação visual do espaço que se constituiu quando Irala e Cabeza de Vaca começaram a explorar alguns anos mais tarde as mesmas terras. Os agentes ibéricos naquele momento, por

²⁸⁹ Cf. SANTOS, L. G., *Cerâmica Kinikinau: a arte de um povo tido como extinto*.

²⁹⁰ LAFONE QUEVEDO, S. A., *Los indios Chanases y su lengua*, p.116.

²⁹¹ COMBÈS, I.; Villar, D., *Os mestiços mais puros: representações chiriguano e chané da mestiçagem*, p. 46.

²⁹² Cf. SHADEN, E., *Aculturação indígena: ensaio sobre fatores e tendências da mudança cultural de tribos índias em contato com o mundo dos brancos*.

²⁹³ LAFONE QUEVEDO, S. A., *Los indios Chanases y su lengua*, p. 130.

mais que estivessem subsidiados por informações de naufragos, ainda não possuíam a dimensão do território. Neste caso, quando ele diz, estas índias, esta sendo circunspecto ao território que estão, ou seja, entre certa altura do rio Uruguai e certa altura do rio Paraná e Paraguai. A ilha de Santa Catarina e adjacências, por exemplo, seriam outras *Indias*.

A concepção de que esse Guarani era o senhor dessas terras, estava ligada à forma como o narrador (cronista) percebia o contexto em que estava envolvido, como ele operava mentalmente as informações recebidas e, por fim, como ele traduziu essas informações para terceiros. A título de exemplo, num contexto histórico que se desenvolveu um pouco mais tarde, esse Guarani, senhor do território, desaparece, vira fumaça, e o Guarani que se faz presente, é refém de seus vizinhos interétnicos, esta acuado.

Conforme Schmidel e Cabeza de Vaca, esses Guarani eram os de Assunção. Essa é a impressão que temos ao ler sobre o constante assédio militar que os Payagua e outros povos chaquenhos praticavam contra os mesmos²⁹⁴. Em determinado momento, Cabeza de Vaca nos fala que aproximadamente dez mil Guarani acompanhados de centenas de espanhóis a cavalo, tremiam de medo diante do iminente ataque que iriam desfechar contra três mil Guaicuru, que estavam sendo pegos de surpresa em seus toldos, logo ao amanhecer²⁹⁵.

Portanto, o índio Guarani que, em dado momento histórico, ataca, conquista, aterroriza, escraviza e guaraniza outros, num segundo momento esta acuado e temeroso diante de um inimigo que ele considera mais forte. A final, de que guarani estamos falando?²⁹⁶ Neste caso, o primeiro é o Chandule, o segundo trata-se do Caryó de Assunção. O tempo que os separa é de poucos anos e o espaço é de algumas poucas milhas. Neste aspecto, a impressão que temos ao observarmos o exemplo desses dois povos e de outros tantos considerados Guarani é que estamos diante de grupos distintos. No caso desses dois grupos que estamos evidenciando, se realmente são grupos distintos, o que fez com que o segundo grupo viesse a se tornar Guarani? Provavelmente por uma ideia pré-concebida de que os mesmos apresentassem “un perfil cultural y homogéneo bastante similar”²⁹⁷, pela questão da língua

²⁹⁴ Cf. SUSNIK, B., *Las Características Etno-Socio-Culturales de los Aborígenes Del Paraguay en el Siglo XVI*.

²⁹⁵ CABEZA DE VACA. Á. N., *Naufragios e Comentarios*, p. 217.

²⁹⁶ Lembramos que conforme acentuamos no início deste capítulo, estamos trabalhando por meio da História Cultural, na qual está presente a ideia de representação. Neste sentido, aqui nesta passagem se evidenciam os objetos que estamos analisando. Conforme Darío Arce Asenjo “a través de las descripciones escritas como de la iconografía, el indio es antes que cualquier otra expresión y/o percepción, una imagen”, p. 27.

²⁹⁷ MELIÀ, B., *El pueblo guaraní: unidad y fragmentos*, p. 152.

geral ou por uma questão de política espanhola.

Em nosso entendimento todos os elementos foram importantes, mas preponderou a questão da língua falada como elo que uniu diferentes unidades, sendo permeado por uma política de agrupar grupos distintos sob um mesmo gentílico. As reduções de Guaraní e de Chiquito, organizadas subsequentemente décadas mais tarde, são reflexos desta ideia. Ambos os conjuntos reducionais foram formados por povos de matizes culturais e linguísticas diversos, mas, categorizados como se fosse um único povo²⁹⁸, numa situação que escondia sua heterogeneidade²⁹⁹.

As reduções de Guaraní começaram a ser organizadas logo após a criação da Província Jesuítica do Paraguai³⁰⁰, por volta de 1609. Foram espaços estabelecidos com grupos indígenas provenientes de diferentes povos, mas, que tinham na língua guarani seu principal idioma e nos Guaraní seu principal elemento humano. Na avaliação de Maria Cristina dos Santos e Jean Tiago Baptista³⁰¹, na “historiografia consolidou-se a imagem das reduções paraguaias como um espaço absolutamente de população Guaraní”, que havia sido instaurado durante o processo reducional, quando “os próprios missionários assim se referem a elas: *Pueblos de Guaranies*”.

A documentação que trata das reduções de índios Guaraní não é clara a respeito da diversidade de povos e línguas faladas no interior das mesmas, diferentemente das reduções de índios Chiquito. Nessas, que começaram a serem organizadas por volta de 1690, portanto, quase um século mais tarde, os jesuítas foram mais objetivos ao descrever as diferenças linguísticas e culturais entre os povos que foram reduzidos sob o gentílico Chiquito, e a maneira como eles procuraram diluir essas diferenças.

O jesuíta Juan Patricio Fernandez³⁰² escreveu que “estas nuestras Reducciones de Chiquitos, ay neófitos de tres, y cuatro lenguas. Con todo esto, para quitar este impedimento a

²⁹⁸ Cf. FREITAS DA SILVA, A. L., *Reduções Jesuítico-Guarani: espaço de diversidade étnica*.

²⁹⁹ Cf. WILDE, G., *Territorio y Etnogénesis Misional en el Paraguay del siglo XVIII*.

³⁰⁰ Cf. FREITAS DA SILVA (2013, p.69), “A partir de 1625 o território da Província Jesuítica do Paraguai estava formado pelas terras das governações civis de Tucumã, Paraguai, Buenos Aires e parte da governação civil de Santa Cruz da Serra”.

³⁰¹ SANTOS, M. C.; BAPTISTA, J. T., *Reduções Jesuíticas e povoados de índios: controvérsias sobre a população indígena (século XVII-XVIII)*, p. 241.

³⁰² FERNANDEZ, J. P., *Relación historial de las Misiones de los Indios, que llaman Chiquitos, que están a cargo de los padres de la Compañía de Jesús de la Provincia del Paraguay*, p. 45.

la Santa Sé, se ha procurado, que todos los indios aprendan la lengua de los Chiquitos”. O jesuíta complementa que se não fosse possível agir desta maneira, teria que existir uma redução para cada povo de língua distinta. O que tornaria quase impossível a ação missionária.

Ainda sobre as reduções de Chiquitos, o jesuíta Sanchez Labrador comentou que no interior dos dez espaços reducionistas havia os Chiquito, propriamente ditos, com seu idioma próprio e os *Quibiquicas, Paiconecas, Burecas, Itatines, Carrucanecas, Batasicas, Vejiponecas, Quidabonecas, Tapiquias, Ugarones, Morotocos, Tomdenos, Panonos, Tieques, Cucurates, Zeriventes, Onorebates, Caypotorades, Zamucos, Paunacas, Quitemos, Napecas, Paicomecas, Pisocas, Guarayos, Parisicas, Tapuricas, Ugarones, Tunachos, Imonos, Zarabeca, Curuminacas, Ecorabecas, Otuques, Cucutades, Zatienos, Coraberas, Guaycurúes e Guanás*³⁰³.

Conforme podemos observar, as reduções de Chiquito eram formadas por um número bastante amplo de diferentes povos e línguas. Essas reduções tinham, entre outros objetivos, a intenção de reduzir a pluralidade sociocultural e linguística a uma singularidade sociocultural e linguística, nomeada de Chiquito.

A fala do padre jesuíta Cipriano Barace, na sequência, em uma carta escrita em 1680, indiretamente reforça a assertiva de que havia uma política ibérica que procurava aglutinar diferentes povos e culturas sob um mesmo gentílico. Ou seja, aumentar o capital demográfico de um determinado povo em nome de uma melhor organização social e espacial.

Ao questionar a proposta de outro religioso de criar uma missão de índios Mojo, num local de diversidade humana e linguística, onde os Mojo formavam um pequeno grupo, Barace argumentou que “el hermano Castillo, que quiere a toda costa hacer esta misión, hace pasar por *mojos* a otros indios: unos pueblos de distinta lengua, que están 13 días de camino por un río arriba, también los quiere bautizar por *moxos* para amplificar esta empresa”³⁰⁴.

Na sequência da narrativa, encontramos Luis Ramírez zarpando do forte Espírito Santo no dia 23 de dezembro de 1527 em direção ao norte. A expedição que partia era liderada por Caboto e buscava contatar povos que possuíam metais preciosos. Alguns dias mais tarde aportaram no início de janeiro em uma ilha habitada por Timbú. Esses Timbú,

³⁰³ LABRADOR, J. S., *El Paraguay Católico*, Tomo I, p. 5/9.

³⁰⁴ BARACE, C., *Carta del Padre Cipriano de Barace al Provincial sobre la conversión de los infieles. Santa Cruz de la Sierra, 10 de septiembre de 1680.*

liderados por dois caciques, em local anterior haviam realizado um comércio de trocas com os espanhóis que lhes foi pouco vantajoso. Insatisfeitos, voltaram para suas casas, proferindo, conforme Ramírez, algumas ameaças e tentando flechar os índios *lenguaraces* que acompanhavam a expedição. Temendo que esses indígenas atacassem o forte Espírito Santo que ficava mais abaixo do rio, Caboto os atacou logo ao amanhecer. “(...) matamos muchos delos y otros se prendieron y les tomamos todo el millo que en la casa tenían é cargamos el bergantín y quemámosles las casas”³⁰⁵. Os nativos capturados, na condição de escravos foram enviados ao forte Espírito Santo³⁰⁶.

Sobre esses indígenas, o autor nos fala que “las mujeres destos Timbús tienen por costumbre de cada vez que se les muere algún hijo ó pariente cercano se cortan una coyuntura de un dedo³⁰⁷”. Essa pauta cultural dos Timbú é interessante porque ela é percebida em outros atores sociais do contexto. A mulher Charrua da mesma forma que a Yaró, tinha o costume de cortar as juntas dos dedos quando morria algum parente³⁰⁸. Mesmo sendo um olhar do presente lançado ao passado, acreditamos que uma pauta cultural desta natureza, não nos parece ser algo que os povos optassem por imitar de outro grupo com facilidade. Isso nos leva a crer que Timbú, Charrua e Yaró pudessem compor um mesmo povo. Eram canoeiros, pescadores, caçadores, coletores e, além dos campos, habitavam as ilhas. Diferentemente dos Guarani, eles habitavam uma grande extensão de um espaço geográfico contínuo, muito semelhante no clima, no relevo e na cobertura vegetal.

Seguindo a narrativa, içaram âncora novamente e navegaram em direção ao norte, passando, conforme Ramírez, por uma infinidade de ilhas, provavelmente todas desabitadas, pois, o autor comenta que no trajeto até a foz do rio Paraguai com o rio Paraná encontraram somente um povo identificado como Mepene. Várias léguas após o encontro dos dois rios, navegando no Paraná acima, Caboto ancorou em um local que eles batizaram de *Santana*³⁰⁹. Nesse local havia uma aldeia sob a liderança de um cacique chamado Yaguarón. “(...) nos

³⁰⁵ RAMÍREZ, L., *Carta do Rio da Prata em 10 de julho de 1528*, p. 29.

³⁰⁶ Cf. RAMÍREZ, L., *Carta de ... a su padre desde el Brasil (1528): Orígenes de lo ‘real maravilloso’ en el Cono Sur*, p. 33.

³⁰⁷ *Ibidem*, p. 451.

³⁰⁸ Cf. TECHO, N., *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús*. Tomo III.

³⁰⁹ Cf. RAMÍREZ, L., *Carta de ... a su padre desde el Brasil (1528): Orígenes de lo ‘real maravilloso’ en el Cono Sur*, p. 35.

trajeron mucho bastimento, así de abatí, calabazas, como raíces de mandioca, patatas y panes hechos de harina de las dichas raíces de mandioca muy buenos”³¹⁰.

De acordo com Felix de Azara, o local chamado de Santana era a “la isla de Apipé, que tiene treinta leguas de largo [...] se formó después el actual pueblo de Ytati [...]”³¹¹. Para Rodolfo Shuller, citando Pedro Lozano, este local era chamado na língua da terra de *Appupén*. Segundo este autor, *Appupen* e *Apipe* não são vozes na língua guarani. Para comprovar sua hipótese, o autor identifica um número considerável de topônimos e nomes de caciques, estes últimos na Relação de Garay, que terminam em *pen*, significando que são vozes de povos pampianos e chaquenhos³¹².

Em sua narrativa, Luis Ramírez comenta que seis léguas acima do local onde estavam, havia outra aldeia da mesma geração do cacique Yaguarón, que estavam em constante conflito. Ambos os povos são identificados como Chandule e usavam adereços de ouro e prata. Conforme o autor³¹³, para conseguir tal material os Chandule se deslocavam a outra aldeia, também de Chandule, que ficava sessenta ou setenta léguas da foz do rio Paraguai, acima, local onde realizavam comércio. Ramírez observa que “estos indios comen carne humana y son parientes é de la misma generación de los questán en la fortaleza de Santis spiritus con nosotros”.

Na passagem que citamos mais acima, quando Luis Ramírez comenta dos *guarini* ou *chandis* que estavam com eles no forte às margens do rio São Salvador, observamos que o referio cronista não havia descrito com maior propriedade a organização econômica e as casas daqueles indígenas, conforme ele havia feito em descrições anteriores. No caso atual, sobre esses Chandule de Santana, ele também não realiza uma descrição mais pormenorizada, no entanto, ao longo de sua narrativa podemos perceber que se tratava de grandes aldeias muito bem organizadas e com grande fartura de alimentos. “(...) llegábamos a las caserías las cuales

³¹⁰ RAMÍREZ, L., *Carta do Rio da Prata em 10 de julho de 1528*, p. 32.

³¹¹ AZARA, F., *Geografía Física y Esférica de las Provincias del Paraguay y Misiones Guaraníes*, p. 5.

³¹² SCHULLER, R. R., (prologo). *Geografía Física y Esférica de las Provincias del Paraguay y Misiones Guaraníes*, p. 91.

³¹³ RAMÍREZ, L., *Carta do Rio da Prata em 10 de julho de 1528*, p. 29.

eran de un indio principal que se llamaba Yaguaron capitán *ques de todas estas caserías que en esta comarca.(...)*³¹⁴”.

Além de Yaguaron “los otros mayores de la tierra nos trajeron mucho bastimento así de abatí calabazas como raíces de mandioca e patatas e panes hechos de harina de las raíces de mandioca muy Buenos”³¹⁵. O cronista nos induz a pensar que além de existirem muitas casas, as chácaras eram amplas, pois alimentaram por muitos dias um número considerável de espanhóis famintos, além dos próprios indígenas e abasteceram as embarcações de Caboto para retorno ao forte Espírito Santo³¹⁶.

Durante sua estadia junto a esse povo nativo, Sebastião Caboto aumentou seu interesse pela terra devido ao fato desses Chandule estarem enfeitados com “muchas *orejeras* y planchas de muy buen oro y plata”³¹⁷. Para Branislava Susnik, esses índios das ilhas são os mesmos Chandule do delta do Paraná, povo que ela interpretou como estando sob a influência do cacique Yaguaron. Segundo a autora, com a divisão dos 14 cacicados que compunham essa população por Garay, por ocasião da fundação da segunda Buenos Aires, “los Chandules desaparecieron como un grupo étnico”³¹⁸. No entanto, ao analisarmos o *repartimiento de los indios*³¹⁹ organizado por Juan de Garay de 1580, identificamos os 14 cacicados, mas não é possível identificarmos em 12 deles, quais seriam os Guaraní repartidos e onde estariam localizados, pois, apenas os primeiros dois cacicados da relação de Garay identificam dois caciques e suas parcialidades³²⁰ como Guaraní das ilhas.

Seguindo as informações do cronista Luis Ramírez, Caboto, zarpu da aldeia do cacique Yaguaron no dia 28 de março de 1528, retornando ao rio Paraguai para subir o mesmo até umas casas de índios que também seriam Chandule. Conforme informações do *lengua* Francisco del Puerto que havia contatado os mesmos a pedido de Caboto, esses

³¹⁴ RAMÍREZ, L., *Carta de ... a su padre desde el Brasil (1528): Orígenes de lo 'real maravilloso' en el Cono Sur*, p. 35.

³¹⁵ Ibidem.

³¹⁶ Cf. RAMÍREZ, L., *Carta de ... a su padre desde el Brasil (1528): Orígenes de lo 'real maravilloso' en el Cono Sur*, p. 35.

³¹⁷ Ibidem, p. 35.

³¹⁸ SUSNIK, B., *Las Características Etno-Socio-Culturales de los Aborígenes Del Paraguay en el Siglo XVI*, p. 84.

³¹⁹ Cf. GARAY, J. *Fundación de la ciudad de Buenos Aires por Juan de Garay*.

³²⁰ O termo parcialidade presente em determinados documentos coloniais se refere a parentes ou de maneira geral aos seguidores de determinada liderança indígena.

nativos tinham comércio constante com aqueles que viviam próximos a serra. “Francisco, lengua, se informó que tenían mucho metal porque según los Yndios le decían de las dichas caserías iban mujeres y niños hasta la dicha sierra é traían el dicho metal”³²¹.

É plausível serem as mulheres a realizarem tal comércio pelo fato de serem elas que estabeleciam as alianças com grupos de um mesmo povo ou de povos estranhos, ao se casarem com indivíduos masculinos procedentes de outros segmentos sociais, políticos e culturais. Portanto, em um contexto sociocultural belicoso, mas fora de um período de conflito, elas seriam o gênero correto para realizar comércio, pois, em teoria não ofereceriam risco aos seus interlocutores e na ética nativa, poderiam se deslocar livremente para comerciar.

Nesta passagem também devemos reter outra questão. A serra que elas realizavam comércio não era as serras a oeste onde viveria o rei branco. É muito difícil crermos que elas atravessassem o Chaco para tal feito. Se considerarmos o fato que esses Chandule estavam próximos ou algumas léguas acima do atual rio Vermelho (Bermejo), ou “rio hepetin que en el lenguaje de los yndios quiere decir rio barriento”³²², as regiões altas que elas se dirigiam não deveria ser muito distante. Neste caso, distante também seriam as serras que definidas atualmente como serra de Amambaí e Maracaju. Portanto, o provável é que seja alguma serraria nas imediações. Essa faixa de território seria *as índias que estes guaranis assenhoreavam*, conforme observou Luiz Ramírez³²³.

Navegando o rio Paraná abaixo até a foz com o rio Paraguai. Ramírez enumerou que subindo o rio Paraná do forte Espírito Santo até ao Porto de Santana, habitavam os Mecoretai, Camarae e Mepene e, subindo algumas léguas o rio Paraguai a partir de sua foz com o Paraná, estavam os Ingatu, Beaye, Conamegoal, Berese, Tendeae e Hogae. Sendo todos habitantes das margens, sem contar os “de la tierra adentro que es cosa innumerable son de diversos lenguajes no siembran estos ni los de Paraná su mantenimiento es carne y pescado y lo más natural es pescado porque ay tanto en el rio y pescanlo ques una cosa no crehedera”³²⁴.

³²¹ RAMÍREZ, L., *Carta de Luis Ramírez, do Rio da Prata a 10 de julho de 1528*, p. 33.

³²² RAMÍREZ, L., *Carta de ... a su padre desde el Brasil (1528): Orígenes de lo ‘real maravilloso’ en el Cono Sur*, p. 36.

³²³ *Ibidem*, p. 27.

³²⁴ RAMÍREZ, L., *Carta de ... a su padre desde el Brasil (1528): Orígenes de lo ‘real maravilloso’ en el Cono Sur*, p. 36.

Abrimos um pequeno parêntese para comentar o final desta passagem. A mesma é interessante porque nos remete ao que discutimos no início do capítulo. Ou seja, sobre as sutilezas na escrita para cativar os leitores, pois, antes de chegarem na aldeia do cacique Yaguaron, Ramírez narrava a terrível fome que eles e seus companheiros passaram em suas embarcações enquanto subiam o rio Paraná. Situação que os levou a se comportarem “como lobos hambrientos”, pois, entravam nas matas em busca de qualquer coisa que os pudesse alimentar. Quando nada encontravam “si topábamos que alguno había hallado alguna dar tras el *tuero* y a trozos llevarlo a la galera y picarlo poco a poco con un cuchillo grande o con un hacha muy menudo y comerlo que de aserraduras de tablas a ello había poca diferencia”³²⁵.

A dificuldade em encontrar alimentos, da fase inicial, se transformou na fartura de peixes que o rio oferecia. Tal era esta fartura que a principal atividade de subsistência dos indígenas, conforme o autor, era a pesca. Acreditamos que com certeza não faltavam anzóis aos espanhóis para pescar, pelo fato desses serem objetos de troca junto aos nativos³²⁶. O que parece contradição na escrita, nada mais é do que a intenção do autor em realçar alguns aspectos da experiência vivida. Neste sentido, comer os talos de plantas exóticas para sanar a fome, estar diante de homens com pernas semelhantes às de avestruz ou viver junto a canibais, era uma artimanha utilizada pelo cronista para cativar e envolver o leitor na sua narrativa. Desta maneira, quando o cronista observa que os Chandule do cacique Yaguaron comiam carne humana, ele está apenas incrementando sua escrita, pois, não dá maior relevância ao tema, como se não houvesse o que evidenciar. Neste caso, acreditamos que ele simplesmente reproduziu uma voz comum.

Ao comentar que estes nativos do cacique Yaguaron “son parientes é de la misma generación de los que están en la fortaleza de Santispritus”, da mesma geração dos que estavam no forte do rio São Salvador e também da mesma geração daqueles assentados próximos ao rio Bermejo, ele fortalece a ideia da presença destes indivíduos em diferentes locais, mas deixa dúvidas na forma de assentamento em São Salvador e no Espírito Santo, pois ele não nos dá maiores detalhes desses locais. Desta forma, assim como já observamos anteriormente, ao não ser muito específico na descrição desses Chandule, Ramírez nos permite manter a

³²⁵ Ibidem, p. 34.

³²⁶ Cf. MEDINA, J. T., *El Veneciano Sebastián Caboto al servicio de España y especialmente de su proyectado viaje a las Molucas por el Estrecho de Magallanes y al reconocimiento de la costa del Continente hasta la gobernación de Pedrarias Dávila*, p. 438.

interpretação de que estes não habitavam aqueles locais de forma permanente, assim como era a aldeia do cacique Yaguaron. Não narrar ou descrever minimamente como fez com os Chandule de outros espaços ou mesmo com outros grupos humanos, provavelmente é sinal de que naquele momento não havia nada para ele perceber e descrever.

Em nosso entendimento, a carta escrita por Luis Ramírez em algum porto do rio da Prata e, enviada para seu pai no ano de 1528, possui um caráter simbólico por ser o primeiro documento que faz uma referência aos Guarani³²⁷; por analogia a carta de Pero Vaz de Caminha, ser a “certidão de nascimento” das terras banhadas pelo rio da Prata e, principalmente, por ser a gênese das narrativas que trazem implícita a ideia de guaranização, que é foco de nossas análises.

Algumas de suas observações tornaram-se premissas históricas que ajudaram a conceituar o Guarani. “[...] *andan derramados por esta tierra y por otras muchas [...] á causa de ser enemigos de todas (naciones) éstos señorean gran parte de esta India y confinan con los que habitan en la sierra*”³²⁸. Os três tópicos em destaque, entre outros, figuram em estudos posteriores, somando-se a outros olhares, para caracterizar a ideia de ampla dispersão espacial, de estarem constantemente em movimento, se impondo a outros povos pela via guerreira, conquistando e assenhoreando. Ou seja, em outras palavras, impondo sua cultura e guaranizando.

2.3 O Guarani em Diego García de Moguer: relatório de viagem

Sob as ordens de Carlos V, rei da Espanha, Diego Garcia partiu do porto de *La Coruña* no dia 15 de janeiro de 1526 rumo à região banhada pelo rio da Prata e seus afluentes maiores com a finalidade de tomar posse das novas terras, explorá-las e resgatar alguns náufragos. Mas, a viagem de García teve tantos imprevistos que ele ancorou apenas em janeiro de 1527 no porto de São Vicente, onde permaneceu por um ano junto a uns portugueses que ali

³²⁷ Cf. MELIÀ, B.; SAUL, M. V.; MURARO, V. F., *O Guarani: uma bibliografia etnológica*, p. 21.

³²⁸ RAMÍREZ, L., *Carta do Rio da Prata em 10 de julho de 1528*, p. 27.

viviam³²⁹. Conforme vimos anteriormente, o veneziano Sebastião Caboto em viagem as *Molucas*, que havia partido quatro meses mais tarde, lhe antecedeu na missão ao aportar na ilha de Santa Catarina em outubro de 1526.

Ao ter participado das expedições de Juan Dias de Solís e Fernão de Magalhães³³⁰, García conhecia a terra e dela havia levado amostras de prata e ouro a corte espanhola³³¹. Por sentir-se no direito de ter primazia sobre a exploração da terra, solicitou ao rei à conquista e exploração por um período de oito anos, para ele e os armadores que o financiavam. Da mesma forma que Ramírez, García entra para a história ao trazer as primeiras informações sobre parte dos povos nativos que habitavam as margens dos principais rios que formam a Bacia Hidrográfica do Rio da Prata. Esses dados estão contidos na relação que fez ao rei Carlos V, no seu retorno a Espanha.

Conforme Toríbio Medina³³², este navegador não sabia escrever, portanto, este documento que acessamos não é um escrito produzido pela própria mão do cronista; (um diário, uma carta ou algo do gênero), ele foi produzido a partir de um relato oral a oficiais reais da Casa de Contratação de Sevilha. Portanto, é um documento administrativo³³³. Neste sentido, tem um caráter mais formal em comparação às crônicas de outros viajantes, no entanto, isso não o eximiu do pitoresco. Ou seja, é um testemunho que narra acontecimentos de viagem a terras ainda desconhecidas sob o espírito literário do século XVI, não se furtando, portanto, quando necessário, de incorporar a sua narrativa, *coisas difíceis de acreditar*, talvez, justamente por sua viagem não ter tido êxito esperado.

Pelo fato do atraso para chegar às terras do rio da Prata, ele se defrontou com a esquadra de Sebastião Caboto e com a imposição desse capitão. Por ter uma esquadra inferior em recursos materiais e humanos, ele praticamente se sujeitou a autoridade do outro. Perdendo tempo no deslocamento e homens no conflito com nativos, praticamente abandonou

³²⁹ GARCÍA DE MOGUER, D., *Memoria de la navegación que hice este viaje en la parte del mar océano desde que Salí de Ciudad de la Coruña, que allí me fue entregada la armada por los oficiales de S. M. que fue en el año de 1526*, p. 237.

³³⁰ Cf. MEDINA, J. T., *Los viajes de Diego García de Moguer al Rio de la Plata*.

³³¹ Cf. Memorial de Diego García de Moguer em que o mesmo se oferece a ir descobrir o mar do Sul, passando pelo Estreito de Magalhães.

³³² MEDINA, J. T., *Los viajes de Diego García de Moguer al Rio de la Plata*, p. 71.

³³³ GARCÍA DE MOGUER, D., *Memoria de la navegación que hice este viaje en la parte del mar océano desde que Salí de Ciudad de la Coruña, que allí me fue entregada la armada por los oficiales de S. M. que fue en el año de 1526*.

sua empreitada. Desta forma, ao retornar a Espanha teve que prestar contas ao Conde D. Fernando de Andrade, Cristoval de Haro “y otros comerciantes de Sevilla [que] habían celebrado con el Rey Católico”³³⁴.

Sendo um documento da administração espanhola da época, aqueles que escreveriam sobre os *feitos castelhanos* no século XVI, o tiveram em mãos. Tal como o cronista maior das índias, Antonio Herrera, que o citou na composição de suas histórias³³⁵ entre o final do século XV e início do século XVI. Este documento pertence ao Arquivo das Índias, tendo sido acessado e transcrito pelo historiador brasileiro, Francisco Adolfo Varnhagen em meados do século XIX³³⁶. Além da transcrição de Varnhagen, estamos utilizando de outra transcrição impressa que foi elaborada pelo historiador José Toribio Medina. Conforme Bartomeu Melià, na “etnologia da conquista”³³⁷, a memória de Diego García esta entre os primeiros documentos que trazem importantes informações sobre o Guarani colonial.

Em meados de fevereiro de 1528, Diego García ancorou no Porto dos Patos, próximo a atual ilha de Florianópolis. Trazia por interprete um português que há mais de duas décadas vivia na condição de degredado em São Vicente junto com seus irmãos. Nesse local ele contatou com índios Carijó que habitavam as imediações. “Una buena generación que hacen muy buena obra á los cristianos, e se llaman Carrioces”³³⁸. Essa foi uma peça que faltou em Ramírez na sua passagem pelo local em período anterior, que encontramos em Garcia.

Os nativos que ali viviam se chamavam Carrioce (Carijó). Provavelmente a identificação atribuída por Garcia, tenha sido fornecida pelo *lengua* que o acompanhava, que falava a língua geral do litoral da colônia portuguesa. Conforme observamos anteriormente, Caboto havia levado alguns Carijó desse local para lhe servirem de intérpretes em sua

³³⁴ ALVEAR, D., *Relación geográfica e histórica de la Provincia de Misiones*, p. 19.

³³⁵ HERRERA Y TORDESILLAS, A., *Historia General de los hechos de los Castellanos en las Islas i Tierra Firme del Mar Océano*, p. 178.

³³⁶ Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil. Tomo XV, p. 5.

³³⁷ MELIÀ, B.; SAUL, M. V.; MURARO, V. F., *O Guarani: uma bibliografia etnológica*, p. 21.

³³⁸ GARCÍA DE MOGUER, D., *Memoria de la navegación que hice este viaje en la parte del mar océano desde que Salí de Ciudad de la Coruña, que allí me fue entregada la armada por los oficiales de S. M. que fue en el año de 1526*. p. 239.

navegação. Por meio de Diego García soubemos que os mesmos foram levados para a Espanha, onde “tres de los los tiene el asistente de Sevilla”³³⁹.

O cronista nos relata que esse fato tornou delicada a relação dos locais com os estrangeiros que ali aportavam para descansar e reabastecer, mas, pelo visto não impossibilitou a relação estabelecida com García, pois, lhes deram “muchas vituallas, que se llaman millo é fariña de mandioca, é muchas calabazas é muchos patos é otros muchos mantenimientos”³⁴⁰ para que ele prosseguisse em seu itinerário. O cronista não comenta se algum *lengua* local subiu a bordo para lhe acompanhar ao rio da Prata, no dia que zarpou deste porto.

Após alguns dias navegando o litoral sul, ele margeou a banda norte do rio da Prata se deslocando até a boca do rio Uruguai. “Allí luego me partí me bergantín armado por el rio arriba porque hallamos rastro de cristianos, é andando por el rio arriba que se llama Ouriáy. [...] Veinte é cinco leguas por este rio arriba halle dos naos de Sebastião Gaboto³⁴¹”. Em todo o percurso o único grupo que vislumbrou na costa, ele identificou como sendo os Charrua, nativos que “no comen carne humana [e] mantienense de pescado é caza³⁴²”.

Ao se aproximar do porto, suas embarcações foram cercadas pela gente de Caboto que vinha acompanhada por canoas de índios. Pensavam os mesmos que García fosse outro navegador, um inimigo. De acordo com o que comentamos anteriormente, esse local onde estava a gente de Caboto, era o forte São Salvador³⁴³, local de circulação de Yaró e Chaná, entre os rios São Salvador e Rio Negro.

Ao considerarmos a fala do jesuíta Nicolas Mastrillo Duran, um século mais tarde, toda a margem oriental do rio Uruguai, até a redução de Yapeyú, ou mais exatamente até o rio Ibicuí, era habitada por índios não guarani, pois, desta redução começava “propriamente rio

³³⁹ GARCÍA DE MOGUER, D., *Memoria de la navegación que hice este viaje en la parte del mar océano desde que Sali de Ciudad de la Coruña, que allí me fue entregada la armada por los oficiales de S. M. que fue en el año de 1526*. p. 240.

³⁴⁰ Ibidem.

³⁴¹ Ibidem.

³⁴² Ibidem.

³⁴³ Cf. MEDINA, J. T., *Los viajes de Diego García de Moguer al Rio de la Plata*, p.116.

arriba la nación de los indios del Uruguay [que aunque], sus tierras corren con el río [asta el de la plata] pero están habitadas de los indios Charrúas, Yaros, i otras naciones”³⁴⁴.

Obsevamos que o espaço onde se encontrava o forte São Salvador e as terras que se estendiam tanto para o norte, quanto para o sul, eram habitadas por povos não guarani. Neste sentido, entendemos que não houve um vazio demográfico Guarani em função da colonização espanhola, permitindo que outros grupos humanos viessem a ocupá-lo, assim como sugerem alguns estudos.

La presencia europea desequilibró la balanza en detrimento de los Guaraní, con la introducción de vectores infecto-contagiosos entonces desconocidos [...] Creo que esto es la clave para comprensión de la modificación de la territorialidad, pues el colapso liberó espacios para que los Charrúas y otros grupos volviesen a las tierras que los Guaraní les habían quitado pocos siglos antes³⁴⁵.

Ao contatar com os tripulantes de Caboto, Diego García soube que os mesmos aguardavam naquele local porque as embarcações em que estavam eram grandes demais para singrar o rio Paraná, itinerário que Caboto estava fazendo. Diego García, comenta que leu “una carta (de Caboto) en la cual avisaba cómo había muerto más de cuatrocientos indios, é que iba con gran vitoria por el río arriba haciendo guerra á los índios”³⁴⁶. Ramírez não havia comentado sobre este genocídio, mas, é provável que a aldeia destruída seja os casarios dos Timbú, que eles atacaram em certo amanhecer, matando muitos, queimando as casas e escravizando outros.

Após o encontro com a gente de Caboto, Garcia partiu rumo ao forte Espírito Santo com a pretensão de encontrá-lo. Conforme o cronista, ao chegar neste forte foi possível ver casas de índios que “tenían cabe la fortaleza sus casas é al derredor en algunas islas, que se llamaba esta generación *Guarenies*, é éstos mantenían á los cristianos de la fortaleza”³⁴⁷.

Com esta passagem, voltamos a discutir algumas questões anteriores. Principalmente sobre a forma como estavam assentados os Chandule ou Guarani no forte Espírito Santo.

³⁴⁴ DURAN, N., *Décima segunda carta ânua escrita no ano de 1628*, p. 367.

³⁴⁵ NOELLI, F. S., *La distribución geográfica de las evidencias arqueológicas Guarani*, p. 32-33.

³⁴⁶ *Ibidem*, p. 10.

³⁴⁷ GARCÍA DE MOGUER, D., *Memoria de la navegación que hice este viaje en la parte del mar océano desde que Salí de Ciudad de la Coruña, que allí me fue entregada la armada por los oficiales de S. M. que fue en el año de 1526*, p. 243.

Anteriormente, pela descrição de Ramírez, observamos que a presença desses indígenas no local provavelmente não caracterizava uma aldeia de horticultores pelo fato do autor não mencionar as casas e a produção das chácaras, assim como ele havia se referido em sítios de outros povos. É como se nada houvesse para relatar. No entanto, Diego García nos traz alguns elementos que faltaram em Ramírez. “Estos comen carne humana. Como arriba digo; tienen é matan mucho pescado é abatías, é siembran é cogen abatís é calabazas”³⁴⁸.

São dados importantes e que faltaram em Ramírez, mas não alteram nossa percepção de que esses guerreiros estavam assentados naquele local devido a fatores que não tem a ver com expansão por meio da guerra de conquista ou outra forma guaranizante, assim como é observado em alguns trabalhos. Baseados em Branislava Susnik, esses estudos asseveram que “el proceso de ocupación Guaraní tuvo lugar por medio de una auténtica guerra de conquista, que no respetó a las poblaciones (...)” incorporando no sociopolítico “gente no-Guaraní, aparentemente integrada como esclava, raramente aliada”³⁴⁹. Acreditamos que a possível presença Guarani nesses espaços não se deva a expansão belicosa. De acordo com as narrativas, a presença dos mesmos é muito mais em função da presença espanhola que lhes servem de aliados, do que em uma situação de conquista.

Somos levados a manter a dúvida que enfatizamos anteriormente. Por que Luis Ramírez não descreveu esse povo que ali habitava? Um grupo local considerado essencial para a permanência dos espanhóis, visto que em todo o local que ele se deteve, quando havia certa organização sociocultural, ele a descreveu. Neste caso, é possível que esses Guarani na condição de amigos dos espanhóis, começaram a assentar-se em maior número no local, após o fato de os espanhóis terem iniciado um processo de represálias contra grupos locais que lhes eram hostis. Algo semelhante ao ocorrido com os Carijó assentados na ilha de Santa Catarina, que começaram a aumentar com a presença da expedição de Caboto, conforme observado pelo próprio Ramírez em citação anterior.

Branislava Susnik, comentando sobre os Chandule, avalia que com seu dinamismo expansivo eles haviam penetrado ao sul da confluência dos rios Paraná e Paraguai, mas por serem pequenos grupos nunca puderam se fixar nas terras ribeirinhas, devido a belicosidade dos caçadores nômades “aceptando una convivencia periférica interétnica dentro do

³⁴⁸ Ibidem, p. 245.

³⁴⁹ NOELLI, F. S., *La distribución geográfica de las evidencias arqueológicas Guaraní*, p. 20.

conglomerado litoral-paranaense”³⁵⁰. Concordamos com Susnik sobre a possibilidade de relação interétnica, mas discordamos com a possibilidade desses pequenos grupos, conforme ela observa, terem avançado pela via guerreira. Ainda nos parece muito estranho, esses Guarani, em pequenas aldeias, estarem inseridos num local onde há uma diversidade de povos distintos, também extremamente belicosos que o próprio Ramírez apontou como inimigos dos mesmos.

Talvez possamos incluir outros elementos em nossas assertivas a partir de uma passagem de Diego García, quando ele navegou rio acima buscando encontrar Caboto. Ao sair do forte Espírito Santo, ele descreveu um tecido social mais amplo:

La primera generación a la entrada del río a la banda del noreste se llama los *Charruasses*, estos comen pescado y cosa de caza y no tienen otro mantenimiento ninguno la *habitan en las Islas*. Otra generación que se llama los *Guaraníes*, estos comen carne humana como arriba digo, tienen y matan mucho pescado e abatir, y siembran y cogen abatir é calabazas. Ay otra generación andando el río arriba que se llaman los *Janaes*, y otros que se llaman *Janaes atembures*; estos todos comen abatir y carne y pescado: y de la otra parte del río esta otra generación que se llaman los *carcaraes*, y más atrás esta otra generación muy grande que se llama los *Carandies*, y otros más adelante ay que se llaman los *Atambues*. Todas estas generaciones son amigos y están juntos hácese buena compañía, y estos comen abatir y carne y pescado; e luego más adelante de la banda del norte ay otra generación que se llama *Mecotaes* que comen pescado y carne; é hay otra más adelante, que se llama *Mepenes*, que come carne é pescado é algún arroz é otras...E más adelante hay otra generación que se llama *Conameguaes*: comen carne y pescado; é otra generación que está cabe estos... ríos arriba del Paraguay, que se llama los *Agaces*, y estos comen pescado y carne; y luego más adelante está otra generación de *Chandules*, que comen abati, carne y pescado é vituallas que tienen todas estas generaciones no comen carne humana, no hacen mal á los cristianos, (antes) son amigos suyos³⁵¹.

O cronista identifica os povos e descreve-os brevemente em uma sequência que em nosso entendimento respeita o seu itinerário percorrido, que vai desde chegada ao rio da Prata até certa altura do rio Paraguai, algumas léguas após a foz com o rio Paraná. Nesta passagem quatro pontos nos chamam atenção. O primeiro é que todos os povos descritos mantêm relações amistosas, o segundo ponto é a presença dos Chandule somente no rio Paraguai, acima de sua foz com o rio Paraná. O terceiro ponto é o que incluí este último nos povos que

³⁵⁰ SUSNIK, B., *Las características etno-socio-culturales de los aborígenes del Paraguay en el siglo XVI*, p. 84.

³⁵¹ *Ibidem*, p. 13/4.

não comem carne humana e o quarto ponto, segundo esse cronista, é que os Charrua habitavam as ilhas.

Não acreditamos que esses cronistas narrassem suas venturas de maneira despreziosa. Há sim, interesses em jogo, diferentes é claro, mas aponto de alterar a percepção de determinados povos contatados em um mesmo contexto e em meses de diferença, acreditamos que não. Vejamos a questão de Luis Ramírez. Ele escreveu a seu pai contando, entre outras coisas, que havia Chandule ou Guarani junto ao forte São Salvador, descrevendo parcialmente sua índole guerreira, seu caráter expansivo e sua aptidão para comer carne humana. Identifica-os novamente no forte Espírito Santo e no alto Paraná, sendo mais específico ao observar questões socioeconômicas sobre esses últimos.

Diego García, por sua vez, elabora sua *relación* aos oficiais da Casa de Contratação identificando os nativos do forte de Espírito Santo e algumas ilhas ao redor, como sendo Guarani. Descreveu alguns pormenores do grupo como se houvesse vivenciado algumas situações cotidianas. No caso dos Chandule, que para Ramírez eram os mesmos Guarani, ele somente identifica-os no alto Paraguai e os percebe como sendo uma população distinta dos Guarani. Propriamente ele não faz alusão a esta situação, mas ao colocá-los entre os que não comem carne humana, não reconhecer neles traços semelhantes aos do delta e atribuir gentílicos diferentes entre um e outro, nos remete a esta conclusão. Outra questão é sua observação quanto aos Charrua das ilhas. Normalmente a literatura colonial contemporânea fala em Guarani das ilhas, atribuindo a eles esses espaços, mas a percepção do cronista é outra.

A que se devem as distinções e a atribuição de semelhanças? O que um percebeu que o outro não reconheceu? Será que tudo tem a ver com o fato dos informantes serem outros? E por que não os compararam com os nativos dos arredores e da ilha de Santa Catarina com quem tiveram longo contato. Assim como o próprio Ramírez o fez ao perceber semelhanças entre aqueles e os Tupinambá.

As dúvidas permanecem em aberto sobre quem eram esses Chandule e Guarani, porque os autores num mesmo contexto, num mesmo período, interagindo com os mesmos povos os percebem não simplesmente em nuances diferentes, mas, etnicamente falando, como distintos grupos. E, em nosso entendimento a diferença crucial que se manifesta entre os dois grupos a partir desses dois relatos é a antropofagia. Num primeiro momento, para Ramírez, os

Chandule ou Guarani comem carne humana, num segundo momento, para Garcia, os Guarani comem carne humana e os Chandule não.

Conforme já frisamos anteriormente, o ato de comer carne por parte do Guarani do período colonial, talvez seja um falseamento histórico, pois, não há nenhum relato mais consistente que justifique esta prática. Pero Hernández, ao escrever os *Comentários* em 1555 para contar apologeticamente a vida de Cabeza de Vaca no Paraguai³⁵², narra um ritual antropofágico dos Guarani ou Carijó de Assunção, mas, a narrativa se assemelha tanto a descrição do ritual antropofágico elaborado por Luis Ramírez sobre os Tupinambá da costa do Brasil, que parece uma cópia melhorada³⁵³.

Há outra questão sobre o ato de comer carne humana que podemos evidenciar, que além de ser interessante para colorir a escrita com a presença de antropófagos ou canibais, a menção de determinado povo possuir tal pauta cultural, justificava e possibilitava o uso da força e a sujeição dos mesmos. Sobre essa questão, Lopes de Gomara comentou que,

libres dejaban a los indios al principio los Reyes Católicos, aunque los soldados y pobladores se servían de ellos como de cautivos en las minas, labranza, cargas y conquistas que la guerra lo llevaba. Mas el año de 1504 se dieron por esclavos los caribes, por el pecado de sodomía y de idolatría y *de comer hombres*, aunque no comprendía esta licencia y mandamiento a todos los indios. Después que los caribes mataron los españoles en Cumaná y asolaron dos monasterios que allí había, uno de franciscos y otro de dominicos, según ya contamos, se hicieron muchos esclavos en todas partes sin pena ni castigo, porque Tomás Ortiz, fraile dominico, y otros frailes de su hábito y de San Francisco aconsejaron la servidumbre de los indios, y para persuadir que no merecían libertad presentó cartas y testigos en Consejo de Indias, siendo presidente fray García de Loaisa, confesor del emperador. Fray García de Loaisa dio grandísimo crédito a fray Tomás Ortiz y a los otros frailes de su orden; por lo cual el emperador, con acuerdo del Consejo de Indias, declaró que fuesen esclavos, estando en Madrid, el año de 25³⁵⁴.

Essa questão é importante porque os nativos que fossem classificados como antropófagos ou canibais, automaticamente perdiam o direito a liberdade e, conforme veremos na sequencia do texto, em Caboto, esses Guarani dominavam a terra. Portanto, existe uma

³⁵² Cf. MAURA, J. F., *El gran burlador de América: Alvar Núñez Cabeza de Vaca*.

³⁵³ CABEZA DE VACA. A. N., *Naufragios y Comentarios*, p. 640/41.

³⁵⁴ GÓMARA, F. L., *Historia general de las Indias*, p. 459/60.

coerência política na ótica da conquista em utilizar um subterfúgio para dominar aqueles que “dominavam” as terras, chamando-os de comedores de carne humana.

Ao finalizarmos, conforme já foi dito mais acima, esta era a segunda passagem de Diego García por essas terras. Ele teria vindo por volta de 1516 com Juan Diaz de Solís e provavelmente deve ter testemunhado a morte do mesmo. Com isso queremos dizer que em momento algum ele se refere à forma como Solís teria morrido. Ou seja, voltando a tema anterior, é muito provável que Solís não tenha sido canibalizado pelos nativos locais. Pois, um evento dessa magnitude, a morte de um famoso capitão pelas mãos de canibais, mesmo para a época, seria facilmente lembrado. Seria uma forma de colorir a narrativa.

Percebemos ao analisarmos determinadas passagens nos escritos de Diego García, que sua fala é um contraponto a fala de Ramírez no sentido da guaranização. Luis Ramírez exalta a dispersão dos Guarani pela via guerreira e por consequência a conquista de territórios, percebendo a presença dos mesmos, enquanto Guarani ou Chandule, em ilhas do rio Paraná, rio Uruguai e no rio Paraguai. Por sua vez, Diego García elabora um retrato mais sucinto, observando que os Guarani e Chandule não eram um mesmo povo. Os primeiros moravam em ilhas do delta do rio Paraná, eram antropófagos e forneciam aos espanhóis, gêneros alimentícios retirados de suas chácaras. Os Chandule, por sua vez, não eram antropófagos e habitavam no alto do rio Paraná e um trecho do rio Paraguai. A fala de García não traz a ideia de guaranização, pois a presença dos Guarani não é realçada pela ideia de expansão demográfica pela via guerreira.

2.4 O Guarani em Sebastião Caboto: possível relato de viagem

Conforme já observamos anteriormente, Sebastião Caboto aportou nas proximidades da ilha de Santa Catarina em outubro de 1526. Sua missão não consistia em explorar estas terras. Sua viagem estava programada para as Molucas. Era Diego Garcia quem possuía autorização real para a exploração e conquista. Ao usurpar o direito de outro navegador e por

acontecimentos ocorridos durante a expedição que havia comandado, Caboto sofreu uma série de processos administrativos em seu retorno à Espanha³⁵⁵.

Diante da dificuldade em se conseguir informações narradas pelo próprio Caboto e de outros expedicionários que estiveram sob seu comando, são os fragmentos desses processos administrativos que, somados a carta de Ramírez, ajudam aos pesquisadores a conhecer os fatos ocorridos nessa histórica expedição. Sobre a ausência de fontes, Toribio Medina³⁵⁶ afirmou que “para la redacción de las páginas que hemos consagrado á la historia del viaje de Caboto al Río de la Plata, hemos tenido que valemos, á falta de relaciones ordenadas, de los datos esparcidos en los autos judiciales que se tramitaron con ocasión de los procesos” abertos contra Caboto em seu retorno para a Espanha.

As poucas informações sobre sua expedição, excetuando-se a carta de Ramírez, são encontradas nesses autos processuais. Documentos que deveriam compor um acervo histórico da expedição desapareceram com os anos, tal como o relatório oficial com o testemunho de Caboto que teria sido entregue a Casa de Contratação.

O fragmento de uma informação de Caboto que estamos nos utilizando foi retirado dos escritos de Antonio de Herrera y Tordesillas e é chamado de *Relación de la entrada de Sebastián Gaboto al Rio de la Plata*³⁵⁷. Esse recorte, segundo o próprio Toribio Medina³⁵⁸, que estudou Sebastião Caboto e sua viagem às terras meridionais, contém informações que põem em cheque sua autenticidade.

Conforme Herrera, em sua *Terceira Década*, publicada por volta de 1601, ao chegar à corte castelhana, Caboto fez a seguinte relação:

Que la mas principal generación de Indios de aquella tierra, son los Guaranis, gente guerrera, traidora, i soberbia, i que *llaman esclavos à todos que no son de su lengua*, con los cuales siempre andaban en guerra, en la cual eran muí sangrientos, i crueles, matando à cuantos podían, sin tomar hombre à vida, i de esta Nación está poblada la Comarca de la Ciudad de La

³⁵⁵ Cf. MEDINA, J. T., *El Veneciano Sebastián Caboto al servicio de España y especialmente de su proyectado viaje a las Molucas por el Estrecho de Magallanes y al reconocimiento de la costa del Continente hasta la gobernación de Pedrarias Dávila*.

³⁵⁶ MEDINA, J. T., *El Veneciano Sebastián Caboto al servicio de España y especialmente de su proyectado viaje a las Molucas por el Estrecho de Magallanes y al reconocimiento de la costa del Continente hasta la gobernación de Pedrarias Dávila*, p. 205.

³⁵⁷ Ibidem.

³⁵⁸ Ibidem.

Plata, de donde *en tiempo de Guaynacapá, Rey de el Perú, padre de Atabalipa*, salieron grandes Compañías, i *caminando por todas las Tierras de su Nación, que se extienden más de quinientas leguas*, llegaron a tierra del Perú: i después de haber hecho grandes daños en los Charcas, porque su forma de guerrear era de noche, i en haciendo sus saltos, se retiraban a las Montañas, en cuya aspereza se mantenían³⁵⁹.

Antonio de Herrera y Tordesillas foi *Cronista Mayor de Indias* entre os anos de 1596 e 1625. Ao escrever os feitos dos castelhanos entre 1492 e 1554, teve acesso a uma infinidade de papeis escritos por dezenas de autores anteriores a ele. Neste aspecto, o tempo transcorrido estava ao seu favor, ou seja, diferentemente de Anglería que narrava os acontecimentos como se fosse uma testemunha presente no dia a dia dos marinheiros, talvez devido a questão de a ele serem transmitidas oralmente as impressões das viagens e de ele estar escrevendo enquanto o *novo mundo* estava se descortinando diante dos olhos do *velho mundo*³⁶⁰, Herrera, ao contrário, conforme Anderson dos Reis, possuía uma “atitude historiadora, isto é, consciente do tempo que o separava dos fatos narrados e, por conseguinte, da possibilidade de interpretá-los valendo-se de sua posição onisciente”³⁶¹.

Neste sentido, quando ele narrava alguma passagem antiga, imprimia na mesma, observações que somente alguém com conhecimento posterior poderia fazer. Essa questão é perceptível quando ele atribui ser do próprio Caboto a fala que teria efetuado ao rei no ano de 1531, no entanto, ao invés de fazer análise em separado, ele insere comentários na mesma, descaracterizando-a completamente.

De acordo com Toribio Medina “examinando el párrafo copiado por Herrera, se ve que en él se menciona á Guainacapac y á Atahualpa, cosa á que no pudo aludirse en aquella Relación, ya que el Perú aún no estaba descubierto”³⁶². O autor ainda observou que “caso, pues, de haber existido ese informe de Caboto, debió de ser redactado con mucha posterioridad á su viaje, y así resulta inadmisibile que Herrera diga que la relación que Caboto

³⁵⁹ HERRERA Y TORDESILLAS, A., *Historia General de los hechos de los Castellanos en las Islas i Tierra Firme del Mar Océano*, p. 168.

³⁶⁰ Cf. REIS, A. R.; FERNANDES, L., *1492: partos do fecundo oceano*.

³⁶¹ Idem, p. 748.

³⁶² MEDINA, J. T., *El Veneciano Sebastián Caboto al servicio de España y especialmente de su proyectado viaje a las Molucas por el Estrecho de Magallanes y al reconocimiento de la costa del Continente hasta la gobernación de Pedrarias Dávila*, p. 205.

dio á su vuelta fue aquélla”³⁶³. Medina, acredita “que Caboto no dio relación alguna de su viaje, ni á su regreso, ni menos después”³⁶⁴.

Essa fala de Caboto, encontramos reproduzida na obra *História da Republica Jesuítica do Paraguai desde o descobrimento do Rio da Prata até nossos dias*, do Cônego João Pedro Gay³⁶⁵, sendo muito provável que ela também esteja presente em outros trabalhos. O que gostaríamos de observar, é que concordamos com as observações de Toribio Medina sobre a possibilidade de a mesma não ser de Caboto. Justamente por que contém informações sobre o povo Inca, que somente foi conquistado por volta de 1532. Portanto, aproximadamente dois anos após o retorno deste navegador a Espanha.

Sebastião Caboto, tal com Luis Ramírez e Diego Garcia, transmite uma informação sobre os Guarani de forma superficial. Conforme Carlos Fausto, ao falar sobre os indígenas do período colonial, as narrativas informam sobre a unidade dos costumes e da língua em detrimento de informações “sobre diferenças interétnicas, sinais diacríticos de identidade [e] distinções dialetais”³⁶⁶.

Em todo o caso, mesmo não sendo mais claro em suas descrições, Sebastião Caboto ajudou a conceber a imagem do Guarani do período colonial com os atributos que o tornaram hegemônico em relação a outros povos, ao menos nas narrativas históricas e algumas análises que se desenvolveram.

Conforme já observamos anteriormente, a ideia de guaranização que trabalhamos, não acontece apenas por meio das relações interétnicas, mas, por meio da pena do narrador, que exalta um povo em detrimento de outros. Neste sentido, no curto período em que esteve nessa região, ao observar que os Guarani eram o *principal povo das terras do rio da Prata; guerreiros conquistadores; senhores de grandes domínios territoriais e que chamavam a todos que não falam sua língua de escravos*, ele guaranizou pela escrita.

Considerando que as terras baixas da América Meridional era um espaço físico compartilhado por diferentes povos, queremos atribuir uma imensurável área de domínio

³⁶³ Ibidem.

³⁶⁴ Ibidem.

³⁶⁵ GAY, J. P., *História da Republica Jesuítica do Paraguai desde o descobrimento do Rio da Prata até nossos dias, ano de 1861*.

³⁶⁶ FAUSTO, C., *Fragmentos de historia e cultura tupinambá: da etnologia como instrumento critico de conhecimento etnohistórico*, p. 385.

para um único segmento sociocultural ou queremos atribuir uma pauta homogeneizante que deriva de um povo em deslocamento no espaço físico, que busca novas terras para cultivo e uma “mítica terra sem males”³⁶⁷, que impõem a outros grupos sua cultura material e imaterial, condicionando esses grupos há uma esfera linguística que não lhes é própria, é *guaranizar no papel*³⁶⁸.

Não podemos negar que Caboto em algum momento tenha emitido algum parecer sobre a terra e as gentes, mas, quando Herrera tornou pública sua obra, na qual acrescentou informações aludidas a viagem de Caboto, somos levados a admitir a possibilidade de que há informações estranhas. Neste sentido, na suposta fala de Caboto, há enunciados de Herrera. Não nos esqueçamos, que não importa a época que a escrita tenha sido produzida, conforme bem salientou Michel de Certeau, “toda a escrita decorre de uma prática histórica”³⁶⁹, com isso, não queremos dizer que buscamos encontrar a mesma prática historiográfica de um historiador moderno, nestes escritos antigos, mas, eles escreveram movidos por intenções particulares ou subjacentes a profissão, a partir de um lugar social e com um futuro leitor em mente.

As dúvidas que elencamos ao final da fala de Diego Garcia permanecem. O Chandule que Ramírez considerou ser o mesmo Guarani é percebido em Diego Garcia como sendo outro. Eles entram para a história indígena colonial como pertencentes ao grupo que se convencionou chamar de genericamente de Guarani, no entanto, na escrita histórica esses Chandule irão desaparecer enquanto grupo étnico alguns anos mais tarde, conforme observação anterior de Susnik.

O que podemos reter é que os mesmos, assim como os Chiriguano e os Itatim, foram resultados de uma forja interétnica ocorrida por meio de casamentos. Conforme Isabelle Combès e Diego Villar, “a mestiçagem ameríndia não é um problema exclusivo de índios e brancos e tampouco começou somente com a chegada dos colonizadores”³⁷⁰. Até esse momento, é a explicação mais plausível para a presença desses Chandule no centro do raio de ação de povos que a historiografia consagrou como *inimigas* dos Guarani. Ou seja, os

³⁶⁷ Cf. BARBOSA, P. A., *La tierra sin mal: historia de un mito*.

³⁶⁸ SANTOS, M. C., *Clastres e Susnik: uma tradução do “guarani de papel”*.

³⁶⁹ CERTEAU, M., *A escrita da história*, p. 65.

³⁷⁰ COMBÈS, I.; VILLAR, D., *Os mestiços mais puros: representações Chiriguano e Chané da mestiçagem*, p. 40.

Chandule habitavam locais nas margens dos rios Paraná, Uruguai e Paraguai, onde o Charrua, Yaró, Chaná, Timbú, Querandí, entre outros povos, convergiam.

Se permanecerem algumas dúvidas relativas a esse povo, o mesmo não acontece com a ideia de guaranização. É na visão de Luis Ramírez e no improvável relatório de Caboto que o Guarani hegemônico que conhecemos ganhou ares totalizantes. Não queremos com isso atribuir aos navegadores de passagem, a pretensa ideia de substantivar o espaço social do território em questão. Mas, a ideia de expansão e amplo domínio territorial pela via guerreira, a imposição da língua como definidor de lugar social e a ideia de amigos dos espanhóis são a marca indelével dos Guarani. Que estará presente em narrativas que se perpetuaram na historiografia indígena colonial. Por esta ótica, a ideia de guaranização nasce em Luis Ramírez e se perpetua na *questionável* fala de Caboto.

Ao finalizarmos, incluímos logo a baixo uma tabela que faz parte do livro *Quatri Partito*, conhecido comumente por *Espelho dos Navegantes*, produzido por Alonso Chaves no ano de 1538. Alonso de Chaves ao longo de sua vida foi navegador, piloto maior a serviço de Castella, cosmógrafo e cartógrafo. Autor de diversos trabalhos de relevo para a navegação espanhola da época acompanhou a Sebastião Caboto em sua navegação ao rio da Prata na condição de piloto.

A obra *Espelho dos navegantes* que Chaves organizou, conforme María Cuesta³⁷¹, foi proibida sua publicação na época devido a gama de informações nela contida. Segredos de navegação que poderiam colocar em risco os interesses espanhóis. O mesmo afirma María Vicente ao observar que “probablemente, la obra de Alonso de Chaves no llegó a publicarse por el contenido del libro cuarto, un derrotero general de navegación a las Indias, que debía mantenerse en secreto”³⁷².

Vindo a público de forma completa somente em 1983, a parte que indexamos ao trabalho se refere ao XXIII capítulo, que trata do rio da Prata, que esta na quarta parte do livro, que é referente às particularidades das Índias Ocidentais. Conforme podemos observar, nele aparecem topônimos referentes aos Querandí, Janaé, Carcará e Mepene.

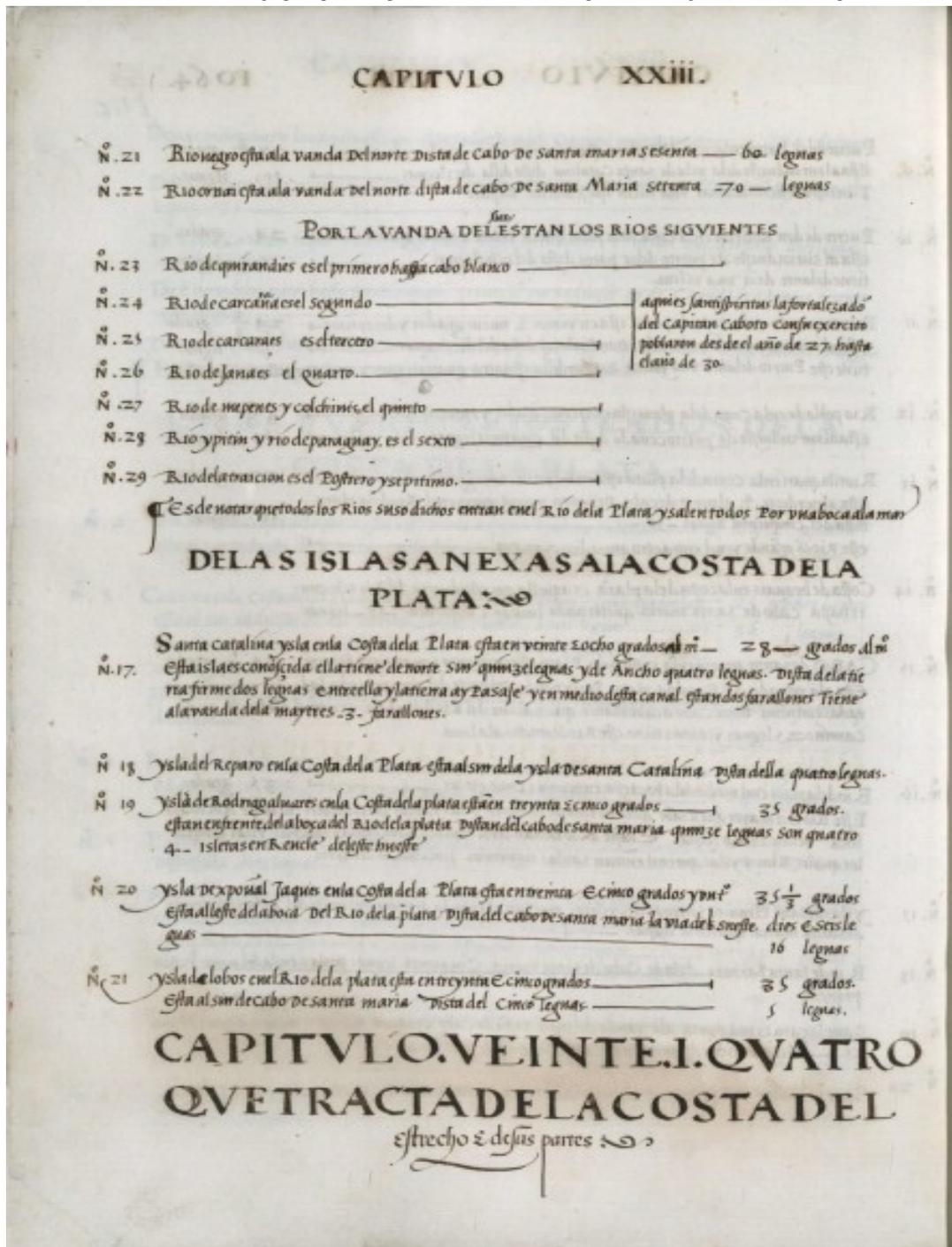
A presença deste material não é desproposita, é para mostrar que na confecção do mesmo estão ausentes topônimos que poderiam se referenciar aos Guarani ou Chandule. Não

³⁷¹ CUESTA, M. P., *Una colección de historiografía náutica del siglo XVI*, p. 132.

³⁷² MAROTO, M. I.V., *El arte de la navegación en el siglo de oro*, p. 207.

consideramos irrelevante este dado, pelo fato de que ele nos leva a crer que em sua ação de reconhecer, identificar e nomear as terras e povos, os espanhóis não levaram em consideração a presença de Guarani ou Chandule, pois não há registro dos mesmos neste primeiro material.

Tabela I: Quatri Partitu en cosmographia pratica i por outro nõbre llamdo Espejo de Nauegantes. Livro 4º/ Capítulo XXII



A questão de não existir registros de Guarani ou Chandule para identificar lugares, pode estar denotando a ausência real desses povos naqueles espaços, no sentido de que não eram territórios de habitação fixa dos mesmos. Eles não pertenciam às ilhas próximas ao delta do rio da Prata. Passaram a habitar o mesmo em caráter temporário motivados, principalmente, pela presença espanhola na região. Esse quadro tem um caráter bastante subjetivo, no entanto, pode estar explicando a questão que tem a ver com o fato de Luís Ramíres não ter descrito em sua narrativa os aspectos socioculturais dos Guarani ou Chandule, que com eles estavam. Também pode estar nos mostrando o porquê de Diego García ter registrado aspectos econômicos desse grupo, dois anos mais tarde.

Reforçamos que tem um caráter subjetivo, mas pode explicar que no interstício de dois anos houve tempo suficiente para que os Guarani ou Chandule construíssem suas casas e fizessem suas chácaras próximas ao forte Espírito Santo. Com essa questão, reforçamos a hipótese de que os prováveis Chandule ou Guarani das ilhas e imediações não habitavam os sugeridos espaços num contexto de expansão pela via guerreira. A presença dos mesmos tem a ver com a presença espanhola na região. Essa ótica é outra versão a ideia de que contágios, guerras e escravidão tenham levado aos Guarani a desaparecerem desses locais. O motivo do desaparecimento teria sido a própria ausência dos mesmos daqueles espaços.

CAPÍTULO 3

O GUARANI COLONIAL EM FONTES ESCRITAS DO SÉCULO XVI: Crônicas de campo e gabinete

Este capítulo tem a função de analisar fontes escritas do século XVI, que foram produzidas no contexto da conquista, apaziguamento e colonização. Ou seja, produzidas a partir do momento em que os espanhóis desembarcaram de suas *naus* para conquistar as terras e as gentes. Ele se constituiu para ser espaço de análise de papéis produzidos por cronistas após o período de reconhecimento. São documentos que irão ajudar a compor a hipótese de que, a guaranização é uma ideia que esteve presente em materiais escritos no decorrer da conquista europeia das terras baixas da América Meridional, em um momento histórico que antecedeu às ações jesuíticas nas terras das antigas províncias do Rio da Prata. Período no qual o Guarani se efetivou por meio da organização das reduções de índios como o *Guarani reduzido* ou o *Guarani missioneiro*. Representava um povo, uma cultura e uma língua, transcendendo assim, a diversidade sociocultural que o constituía³⁷³.

Ao definirmos este capítulo como crônicas de campo e gabinete, reforçamos a proposta de que eles foram produzidos no âmbito da conquista, apaziguamento e povoamento das terras, tanto por indivíduos que testemunharam os eventos, quanto por aqueles que escreveram a partir de seus gabinetes, subsidiados por meio do testemunho de terceiros, orais ou escritos, com a intenção de informar: dar a conhecer.

Os textos que iremos arrolar têm sua origem na memória histórica de Pero Lopes de Souza, Ulrich Schmídel, Pero Hernández (Álvar Núñez Cabeza de Vaca) e na obra de Juan López de Velasco. Com exceção deste último, os primeiros foram todos testemunhos oculares que por um menor ou maior período, navegaram ou viveram nas terras das províncias do Rio da Prata.

³⁷³ Conforme podemos perceber nas análises de WILD (2009), SANTOS e BAPTISTA (2007) e FREITAS DA SILVA (2013).

3.1 O Guarani em Pero Lopes de Souza: diário de navegação

Pero Lopes de Souza chegou ao rio da Prata aproximadamente dois anos após o retorno de Caboto e Diego García à Espanha. Sendo que foi por volta de novembro de 1531 navegava por um local chamado Cabo de Santa Maria, próximo à entrada do rio da Prata. Nesse local, ele e sua tripulação permaneceram alguns dias, devido as fortes tempestades que assolavam a região. Conforme Adolfo de Varnhagen³⁷⁴, o rei de Portugal Dom João III, ao ter notícias sobre a presença espanhola no rio da Prata, armou uma expedição comandada por Tomé de Souza para efetivar a posse de seus domínios e colonizar a terra que pelo Tratado de Tordesilhas, lhe pertencia.

Enquanto as narrativas anteriores se deram na forma de carta e relatórios, a narrativa que interpretaremos nesse momento foi produzida na forma de um diário. Ambos são relatos de viagem e fazem parte das crônicas coloniais. Assim como já observamos no capítulo anterior, esses escritos foram elaborados por indivíduos que materializaram suas impressões apreendidas no dia a dia da experiência vivida ou em um tempo posterior ao fato vivenciado.

Importa-nos reter que esses testemunhos históricos foram produzidos por diferentes europeus do século XVI, alguns provenientes de diferentes países e de diferentes segmentos sociais, narrando, cada um *per si*, aquilo que a seu modo de ver era interessante contar para quem interessava ouvir. Neste sentido, a presença de Pero Lopes em nossas análises não se deve ao fato do mesmo ter mantido contato com algum povo identificado como Guarani, Chandule ou Carijó. Sua presença se deve aos contatos esporádicos com grupos identificados como sendo Charrua e Beguoa e, por um nativo que lhes falou algumas palavras na língua geral. As informações que extraímos de sua narrativa nos ajudam a ampliar a compreensão do cenário sociocultural das margens daquela grande enseada que foi chamada de rio da Prata.

Pero Lopes nos conta que em uma quarta-feira do dia 11 de novembro de 1531, navegava em um bergantín pela margem setentrional do rio da Prata quando um grupo de nativos, remando em pé, em quatro grandes canoas se aproximou de seu barco.

Traziam arcos e flechas e azagaias (lança) de pau tostado e, eles com muitos penachos todos pintados de mil cores; [...] a fala sua não entendíamos; nem

³⁷⁴ VARNHAGEN, F. A., *Diário da navegação da armada que foi a terra do Brasil em 1530, sob a Capitania-Mór de Martin Affonso de Souza, escrito por seu irmão Pero Lopes de Souza*, p. 21.

era como a do Brasil; falavam do papo como os mouros (...) as suas almadias eram de dez, doze braças de comprido, e meia braça de largura. A madeira era de cedro, muito bem trabalhado. Os remos eram largos, parecendo umas pás muito compridas. Nos cabos dos remos havia enfeites de penachos. Cada almadia remava quarenta homens, todos em pé³⁷⁵.

Pero Lopes não identificou que grupo era esse, mas observou que não falavam a língua geral das terras portuguesas, portanto, entendemos que não poderiam ser percebidos como Guarani ou Chandule. Sua fala era gutural, possivelmente poderia ser a mesma fala ou ter semelhanças com o modo falar dos Charrua, descritos anteriormente por Diego García, quando havia navegado por aquele mesmo litoral³⁷⁶.

Pero Lopes havia navegado até os esteiros dos índios Querandi³⁷⁷, local não muito distante do que teria sido o forte Espírito Santo, organizado por Caboto. Ao retornar, seguindo seu itinerário de exploração, sua atenção foi despertada quando estava próximo a uma ilha denominada como ilha dos Corvos. Batizada por esse nome devido à grande quantidade de pássaros marinhos que havia na mesma.

Diante de um arvoredo ouvimos grandes brados, e fomos demandar onde bradavam: e saiu a nós um homem á borda do rio, coberto com peles, com arco e flechas na mão; *falou-nos duas ou três palavras guaranis*, e entenderam-nas os linguas que levava; tornaram-lhe a falar na mesma língua, ele não em tendeu; disse-nos que era *Beguoaa Chanaa*, e que se chamava *Ynhandú*. Chegamos com o bergantín a terra, e logo vieram mais três homens e uma mulher, todos cobertos com peles de animais. A mulher era muito formosa, trazia os cabelos compridos e castanhos. Os homens traziam na cabeça uns barretes de cabeça de pele de onças, com dentes e com tudo. Por meio de acenos, entendemos que havia um homem com outro grupo, que chamavam Chanás, e que sabia falar muitas línguas³⁷⁸.

Sobre esse *Beguoaa Chana*, o caso é interessante no sentido que ele chamou atenção da tripulação do barco usando a língua geral da terra, mas, ao ser inquirido por falantes que usavam os recursos linguísticos do que seria a mesma língua geral, *não soube* responder.

³⁷⁵ SOUZA, Pero Lopes de. *Diário da navegação que foi á terra do Brasil em 1530*, p. 41.

³⁷⁶ Cf. GARCÍA DE MOGUER, D., *Memoria de la navegacion que hice este viaje en la parte del mar oceano desde que Salí de Ciudad de la Coruña, que allí me fue entregada la armada por los oficiales de S. M. que fue en al año de 1526*.

³⁷⁷ SOUZA, P. L., *Diário da navegação que foi á terra do Brasil em 1530*, p. 47/8.

³⁷⁸ *Ibidem*, p. 48.

Lembramos, conforme discutimos no primeiro capítulo, que a língua geral das posses espanholas teria se efetivado como língua guarani, somente na segunda metade do século XVI. Neste caso, esse indígena contatado falava-a parcamente devido ao fato de pertencer a outra matriz sociocultural ou, sendo ele um falante de língua da família Tupi-Guarani, sua língua não era intercompreensível com a língua dos Carijó que acompanhavam Lopes de Souza. Parece não ser este o caso, pelo fato de que o nome Beguoaa Chana denota que o mesmo pertenceria a outros grupos nativos.

Para Rodolfo Schüller, o nativo identificado como sendo um *Beguoaa Chana* pertencia ao que ele denomina ser do grupo *Charrua e seus congêneres*. Pois, de acordo com o autor, os nativos identificados com os gentílicos - Beguoaa Chana ou Chana Timbu – são vozes na língua guarani, mas não são Guarani. “Chanáes, Beguaes y Chanáes Timbus era una gente tan dispuesta como los Charrúa. También ellos se horadaban las narices y el labio inferior, y, eran orejones”³⁷⁹.

Quanto ao homem que vivia com os Chana e falava muitas línguas, nos perguntamos se a caso seria ele o mesmo Francisco del Puerto que esteve com Caboto e mais tarde abandonou a expedição, desaparecendo do cenário histórico? Não citamos anteriormente esta passagem da carta de Luis Ramírez, na qual Francisco del Puerto teve desavenças com alguns tripulantes de Caboto e desapareceu justamente em um momento que os Chandule teriam emboscado e matado alguns espanhóis³⁸⁰.

A título de observação nos chama atenção o termo guarani empregado na passagem acima para identificar a língua falada pelo nativo. Se, por volta de 1531/1532, época em que esse português navegava pela região, à palavra guarani nomeava a língua falada, podemos inferir que esse é o primeiro registro por escrito designando a língua geral como *língua guarani*. Se essa questão estiver correta, reforça a hipótese de que o Guarani colonial foi concebido a partir da língua geral guarani.

O diário que acessamos foi localizado por Francisco Adolfo Varnhagen em meados do século XIX, sendo publicado pela primeira vez em 1839. Varnhagen esteve à frente de mais três edições, no entanto, ele teria desaprovado a segunda edição³⁸¹. Uma quinta edição

³⁷⁹ SHULLER. R. R., (prólogo). *Geografía Física y Esférica de las Provincias del Paraguay y Misiones Guaraníes*, p. 117.

³⁸⁰ CF. RAMÍREZ, L., *Carta do Rio da Prata em 10 de julho de 1528*, p. 15.

foi publicada em 1927 com prefácio de Capistrano de Abreu e comentários de Eugênio de Castro. Sob a supervisão de Paulo Prado, essa última edição se baseou na terceira e quarta edição de Varnhagen³⁸². Essa quarta edição Varnhagen foi melhorada com a inclusão de novos documentos e comentários sobre as passagens históricas³⁸³. Junto à versão pública da primeira edição que estamos trabalhando, cotejamos a quarta edição de Varnhagen e a quinta edição comentada por Eugênio de Castro.

Pero Lopes de Souza em sua navegação de reconhecimento pela margem norte do rio da Prata, num local chamado rio dos Beguaes, que segundo Schüller³⁸⁴ estaria a oito milhas do cabo de Santa Maria, manteve contato com um grupo local.

A gente dessa terra são homens musculosos e grandes, de rosto são muito feios. Trazem o cabelo comprido, alguns deles furam os narizes e nos buracos trazem metidos pedaços de cobre que brilham muito. Todos andam cobertos com peles. Dormem no campo onde a noite lhes encontra. Não trazem outra coisa consigo, que não seja peles e redes para caçar. Trazem por armas um - piloro de pedra do tamanho de um falcão – e dele sai uma corda de uma braça e meia de comprido e no cabo há um maço de penas de ema. E atiram com essa arma como uma funda. Trazem também umas azagaias feitas de madeira, e umas maçãs de madeira do tamanho de um côvado. Não comem outra coisa, se não, carne e pescado. São muito tristes. A maior parte do tempo choram. Quando morre algum deles, segundo o parentesco, se cortam os dedos. Por cada parente morto, uma junta. E vi muito homens velhos, que tinham apenas o dedo polegar. O falar deles é de papo como os mouros. Quando vinham nos ver, não traziam nem uma mulher. Não vi mais que uma velha, que quando chegou a nós, lanço-se no chão de bruços e não mais levantou o rosto. Com nem um presente nosso eles folgavam. Não mostravam contentamento com nada. Se traziam pescado ou carne, davam-no de graça. E se lhes déssemos alguma mercadoria eles não folgavam. Se mostrávamos o quanto havíamos trazido, não se espantavam. Nem havia medo em nossa artilharia, se não, suspiravam sempre. Nunca tinham outro modo, se não de tristeza³⁸⁵.

³⁸¹ Cf. ABREU, Capistrano. (prefácio) *Diário da navegação de Pero Lopes de Souza (de 1530 a 1532)*.

³⁸² Cf. ABREU, C., (prefácio) *Diário da Navegação de Pero Lopes de Souza (1530-1532)*.

³⁸³ Cf. BATALHONE JÚNIOR, V. C., *Uma história das notas de rodapés: a anotação da história geral do Brasil de Francisco Adolfo Warnhagen (1854-1953)*.

³⁸⁴ Cf. SHULLER. R. R., (prólogo). *Geografía Física y Esférica de las Provincias del Paraguay y Misiones Guaraníes*.

³⁸⁵ SOUZA, P. L., *Diário da navegação que foi à terra do Brasil em 1530*, p. 54/5.

Esses indígenas descritos apresentam todas as características das populações consideradas atualmente Pampiana³⁸⁶, sendo que naquele período viviam essencialmente da caça, pesca, coleta e alguns, como os Timbú, eram horticultores. Fisicamente possuíam estatura alta e forte massa muscular, sendo identificados na literatura colonial como Charrua, Minuano, Chana e Timbu. Usavam boleadeiras de pedra e lanças compridas da mesma forma que os Querandí.

Os relatos que estamos acompanhando desde o capítulo anterior, conforme já esboçamos, reforçam a hipótese de que todo o litoral uruguaio do século XVI, seguindo pela margem norte do rio da Prata até a foz do rio Paraná com o rio Paraguai, toda extensão na parte argentina que se inicia no cabo de Santo Antonio até a altura do rio Vermelho, além da margem leste e oeste do rio Uruguai até onde se estabeleceu no século XVII a redução de Yapeyú, conforme o jesuíta Nicolas Mastrillo Duran, citado no capítulo anterior, era habitado por povos que podemos chamar de *não guarani*. Povos indígenas nômades e seminômades, caçadores, pescadores, coletores e alguns horticultores, que a história colonial se encarregou de nos mostrar que eram extremamente aguerridos.

No entanto, para o etnólogo Alfred Métraux, fundamentado em documentação colonial, análises contemporâneas e dados arqueológicos, o

Guarani, chamado pelos primeiros cronistas "Guarani das ilhas" Chandris, ou Chandules, viveu no século 16 nas ilhas do Rio da Prata, e no lado sul do Delta do Paraná de Santo Isidro nas proximidades do rio Carcaranal, (lat. 34 ° S., longo 58 ° W.). Havia alguns enclaves guaranis ao longo da costa uruguaia em Martin Chico, e de São Lazaro a São Salvador. Vasos de cerâmica inconfundíveis A origem guarani foi encontrada perto de São Francisco Soriano e Concórdia no Uruguai, na ilha de Martin Garcia e em Arroyo Malo, entre o rio Lujan e o rio Paraná de las Palmas³⁸⁷.

Na perspectiva que estamos colocando, a presença destes possíveis *enclaves* Guarani não aconteceu numa situação de expansão pela via guerreira, conforme consta em alguns materiais. Se por um lado eles realmente habitavam esses espaços, possivelmente estavam ali assentados por meio de casamentos interétnicos ou na condição de grupos cativos. De acordo

³⁸⁶ BECKER, I. B., *Os Índios Charrua e Minuano na Antiga Banda Oriental do Uruguai*, p. 69.

³⁸⁷ METRAUX, A., *The Guaraní*, p. 70.

com as descrições que estamos analisando, observamos que, com exceção dos Chandule de Santana, eles seriam pequenos grupos.

Já comentamos sobre os casamentos e sobre os cativos no capítulo anterior, mas traremos outro exemplo para ajudar a corroborar nossas hipóteses. O jesuíta Pedro Lozano, ao descrever os povos do Chaco, comentou sobre os Mataguayos, um povo indígena composto segundo ele, por cinquenta tribos.

Hay unos llamados Mataguayes Coronados, y otros Mataguayes Churumatas. Los Coronados hablan la lengua guaraní, aunque la materna suya es diferente. Los Mataguayes Churumatas entienden y hablan diversas lenguas, como son la Quichua, la Guaraní y la Ocloya, por los diferentes cautivos que tienen en sus tierras, y entienden también la lengua de los Tobas³⁸⁸.

Um ponto aqui nos interessa, é adoção de uma das línguas gerais das antigas províncias do rio da Prata, como língua franca por parte dos Churumata. Eles, conforme Lozano, adotaram a língua guarani. Muitos podem ser os motivos que levam um grupo a adotar outra língua para uso corrente. Neste caso, não podemos falar em *etnogênese*³⁸⁹ porque não temos a dimensão da mudança ocorrida e até que ponto essa mudança teria afetado aspectos da cultura desse povo. No entanto, podemos usar a imaginação histórica para a possibilidade de Luís Ramíres e seus compatriotas de expedição terem encontrado um grupo em condição semelhante a esses Churumata Coronado e, nomeá-los como Guarani ou Chandule por falarem a língua geral. Pois, se fortalece o olhar que foi devido principalmente à língua falada por diversos povos que a unidade Guarani no período colonial foi conferida³⁹⁰.

3.2 O Guarani em Ulrich Schmídel: diário de campo

³⁸⁸ LOZANO, P., *Descripción corográfica del gran Chaco Gualamba*, p. 81.

³⁸⁹ De acordo com Miguel Alberto Bartolomé em *As Etnogêneses: Velhos Atores e Novos Papéis no Cenário Cultural e Político* (p.40/1), a etnogênese “refere-se ao dinamismo inerente aos agrupamentos étnicos, cujas lógicas sociais revelam uma plasticidade e uma capacidade adaptativa que nem sempre foi reconhecido pela análise antropológica”, o autor ainda observa que etnogênese é “o processo básico de configuração e estruturação da diversidade cultural humana”, que pode ser motivada tanto por fatores internos ao grupo, quanto externos. Portanto, a divisão ou união de determinados grupos podem ser geradores de etnogênese, ou geradores de novas configurações sociais.

³⁹⁰ Cf. MELIÀ, B., *El Guaraní conquistado y reducido*, p. 18.

O soldado alemão Ulrich Schmídel chegou à região banhada pelo rio da Prata e seus afluentes maiores aproximadamente seis anos após o retorno das expedições de Sebastião Caboto e Diego García à Espanha e aproximadamente quatro anos após a rápida passagem de Pero Lopes. Neste intervalo de tempo não identificamos registros históricos que pudessem assinalar a passagem de novas expedições. Mas, isso não nos impossibilita afirmar que a presença estrangeira já era uma realidade na vida das gentes desta terra.

Elementos da cultura material ibérica circulavam de mão em mão entre os nativos. Vestuário, adornos, machados, enxadas, facões, anzóis, punhais, espadas entre outras tantas coisas, ornamentavam, ostentavam e alimentavam os sentidos daqueles que as possuíam. Isso acontecia enquanto animais do velho mundo, domesticados ou alçados, procriavam em lugares ermos, pisoteando sobre sementes de plantas estrangeiras lançadas ao solo³⁹¹.

Além do contato com outra humanidade, que de acordo com Tzvetan Todorov só foi conhecida pelos espanhóis após a conquista³⁹², a nosso ver, esse foi o panorama simbólico que o soldado alemão Ulrich Schmídel encontrou. É por meio das edições do diário que ele nos legou, publicado após seu retorno a Europa, que possuímos um retrato histórico dos povos locais que até então não havia sido produzido na época, em referência a esta parte meridional da América.

Ao seguirmos os passos do aventureiro Ulrich Schmídel no século XVI, por meio de seus escritos, nos norteamos por uma narrativa que pode ser definida como *relatos de viagem* pelo fato de ter sido constituída, assim como o próprio nome já diz, no decurso de sua viagem pelas terras do Novo Mundo. Desta forma, num sentido histórico, conforme o pensamento de Thissiane Fioreto, o relato de viagem possui “uma face histórica que busca registrar os fatos que viveu o viajante³⁹³” e o “contexto sócio-histórico e político da época”³⁹⁴.

Esse relato é fruto de um diário que na acepção do próprio nome deveria ser semelhante ao diário de Pero Lopes de Souza, não o era. E não se trata de diferenças de cunho pessoal, de nacionalidade, idioma, cultura, estilo de escrita, entre outras, a assimetria

³⁹¹ Para saber sobre a chegada de plantas exógenas em solo americano na época do contato, ler BEINART; MIDDLETON (2009). *Transferências de plantas em uma perspectiva histórica: o estado da discussão*.

³⁹² Cf. TZVETAN, T., *A conquista da América: a questão do outro*.

³⁹³ FIORETO, T., “*Verissima et ivcndissima descriptio...*”, de *Ulrico Schmidl: literatura de viagem ou relato de viagem?*, p. 240.

³⁹⁴ *Ibidem*.

que estamos propugnando entre um e outro tem a ver com a intervenção de terceiros sobre o que seria a versão original de cada relato.

Enquanto o diário de Pero Lopes de Souza foi transcrito da língua vernácula de Portugal do século XVI para a língua vernácula do século XIX e posteriormente para o português do Brasil no início do XX, portanto, transcrito e publicado numa mesma língua e manuseado por *poucas mãos*, a memória escrita de Schmídel que chegou até nossos dias, esteve sujeita a maiores intervenções ao longo das diversas edições e reedições publicadas.

De acordo com seu biógrafo Bartolomé Mitre³⁹⁵, ele foi publicado em alemão pela primeira vez no ano de 1567 em Frankfurt, sendo reeditado na mesma língua alemã em 1597 por Teodoro de Bry e editado novamente pelo mesmo editor em 1599 com tradução de Gothard Arthus para o Latim. No mesmo ano de 1599, outro editor chamado Levinus Hulsius publicou uma quarta edição em língua alemã e simultaneamente em latim³⁹⁶. Conforme Thissiane Fioreto, esse editor “por não concordar com a tradução de Arthus e julgá-la ruim, optou por realizar uma nova tradução para o latim”³⁹⁷.

Desde a primeira edição, o historiador Efrain Cardozo identificou 42 publicações do diário de Schmídel até o transcorrer do século XX³⁹⁸. Neste contexto editorial, o historiador Kalil³⁹⁹ firma que atualmente se reconhece a existência de três manuscritos em diferentes cidades alemãs. Um estaria em Hamburgo, outro em Stuttgart e o último em Munique. Existe a possibilidade de que Levinus Hulsius tenha possuído uma quarta versão que teria se perdido. Conforme Marion Lois Huffines⁴⁰⁰ há informações desconstruídas entre estes manuscritos, tais como “a exclusão de trechos repetidos ou truncados, a divisão da obra em capítulos, a introdução de expressões religiosas e de citações de autores clássicos, entre outras”⁴⁰¹.

³⁹⁵ MITRE, B., *Viaje al Río de la Plata*, p. 7.

³⁹⁶ Ibidem.

³⁹⁷ FIORETO, T., “*Verissima et ivcvndissima descriptio...*”, de *Ulrico Schmidl: literatura de viagem ou relato de viagem?*, p. 162.

³⁹⁸ Cf. KALIL, L. G. A., *A conquista do Prata: análise da crônica de Ulrich Schmidel*, p. 150.

³⁹⁹ Ibidem, p. 59.

⁴⁰⁰ KALIL, L. G. A., *A conquista do Prata: análise da crônica de Ulrich Schmidel*, p. 150.

⁴⁰¹ Ibidem, p. 57.

Copistas, tradutores, editores, que se debruçaram sobre os manuscritos originais que tiveram em mãos, promoveram alterações no texto a fim de prender a atenção de futuros leitores as narrativas que eles tornavam pública. Segundo Thissiane Fioreto, eles “tentavam corrigir e alterar o texto de Schmidl para adaptá-lo ao que consideravam ser o esperado pelo público leitor de relatos de viajantes, gênero bastante comum naquele momento⁴⁰²” dos séculos XVI e XVII.

Sobre a questão da modificação em textos, Louis Gaulin⁴⁰³ comentou que durante muito tempo os copistas realizaram intervenções pessoais em trabalhos de terceiros, numa situação em que “acrescentavam ou cortavam o texto, interpretavam o conteúdo, corrigiam”. Conforme Thissiane Fioreto, Levinus Hulsius, havia informado a seus leitores que a obra de “Schmidl teria sido corrigida a partir da comparação com outros relatos de viajantes, isso para que tivesse certeza de que seu conteúdo estava em conformidade com aquilo que diziam os historiadores espanhóis, italianos e franceses sobre as terras do Novo Mundo”⁴⁰⁴.

Essas questões, por si só, seriam suficientes para colocar em suspenso o conteúdo do diário. No entanto, o seu caráter histórico que nos interessa para a tese, é considerado por muitos estudiosos como documento fundamental para conhecer o contexto natural e sociocultural desta parte sul da América⁴⁰⁵. Neste sentido, nos utilizamos de duas versões do diário de Schmidel para compor análise que estamos realizando. A primeira e principal para nosso trabalho, foi traduzida para o espanhol da edição latina de Hulsius (1599) pelo historiador Lafone Quevedo. Atualmente o manuscrito original da mesma se encontrara em Munique⁴⁰⁶. Essa edição publicada em 1903 possui anotações biográficas e bibliográficas de Bartolomé Mitre. Outro trabalho que estamos utilizando para cotejar com publicação em espanhol, foi extraído da tese da pesquisadora e latinista Thissiane Fioreto, que se utilizou entre outras versões, da edição de 1599 do editor Teodoro de Bry.

⁴⁰² FIORETO, T., “*Verissima et ivcndissima descriptio...*”, de *Ulrico Schmidl: literatura de viagem ou relato de viagem?*, p. 161.

⁴⁰³ GAULÍN, J. L., *A Ascese do texto ou o retorno as fontes*, p. 178.

⁴⁰⁴ FIORETO, T., “*Verissima et ivcndissima descriptio...*”, de *Ulrico Schmidl: literatura de viagem ou relato de viagem?*, p. 163.

⁴⁰⁵ Para saber mais sobre o diário de Ulrich Schmidel e as controvérsias que encerra, indicamos KALIL (2008) e FIORETO (2015).

⁴⁰⁶ KALIL, L. G. A., *A conquista do Prata: análise da crônica de Ulrich Schmidel*, p.68.

Consideramos a obra de Quevedo e Mitre, importantes pelo fato dos mesmos acrescentarem diversas notas de cunho etnográfico e comentários importantíssimos sobre algumas passagens. Com um olhar contemporâneo em relação à época em que o diário foi escrito, Lafone Quevedo utilizou-se de outros trabalhos e análises históricas para tornar a narrativa que eles estavam publicando mais segura para ser analisada e interpretada. Além do mais, Quevedo e Mitre anexaram documentos históricos relativos a outros atores coloniais que dividiram a experiência do contato e conquista com Schmídel. Conforme Luis Kalil, os editores procuraram dar um caráter mais científico a obra⁴⁰⁷.

Essas questões nos levam novamente ao trato das fontes coloniais. Conforme já comentamos anteriormente, os cronistas do período não eram isentos de interesses pessoais e estavam sujeitos ao contexto social e cultural da época, em especial a própria produção escrita. Conforme podemos apreciar na fala de outros estudiosos do período, fica muito clara a ação de copistas, tradutores e editores sobre as narrativas daqueles que testemunharam eventos.

Desse contexto escriturário a ideia de representação do passado colonial se evidencia. Pois, em um primeiro plano temos o cronista, que, sujeito e vivendo em uma determinada época, percebe, registra e traduz os objetos para o papel a partir de sua cognição. Num segundo plano, temos um profissional, um editor, que buscará tornar pública a memória escrita do cronista, não sem antes, intervir na mesma, esteticamente e teoricamente.

Este último aspecto que observamos foi elaborado por Roger Chartier ao analisar a escrita da História cultural. Conforme este autor, para se compreender a produção escrita e os sentidos que ela carrega, temos que saber que há dois tipos de dispositivos na produção de um texto,

(...) os que decorrem do estabelecimento do texto, das estratégias de escrita, das intenções do autor; e dos dispositivos que resultam da passagem a livro ou impresso, produzido pela decisão editoria ou pelo trabalho de oficina, tendo em vista leitores ou leitoras que podem não estar de modo nenhum com os pretendidos pelo autor⁴⁰⁸.

Ao final dessa dinâmica de concepção, produção e leitura de um texto, o que temos é a representação de uma determinada realidade. Que para ser compreendida deve ser lida de

⁴⁰⁷ Ibidem, p. 159.

⁴⁰⁸ CHARTIER, R., *A História Cultural entre práticas e representações*. p. 127.

forma indireta, situação que Carlo Ginzburg define como *método indiciário*, o qual permite interpretar objetos opacos por meio de sinais e indícios⁴⁰⁹. Por esta ótica, em nossa análise, quando não há clareza no objeto pesquisado, por exemplo: quando as coisas se apresentam de forma muito superficial, buscamos por sinais, indícios e nos servimos de *insights* a partir do próprio texto, mas também, a partir do aporte de outros trabalhos e análises históricas que nos subsidiam.

Neste sentido, um dos primeiros sinais que percebemos na leitura do texto é que os quase vinte anos que o soldado alemão permaneceu junto aos povos nativos, ele, em momento algum, se refere a índios Chandule ou Guarani como povos oriundos de um mesmo extrato cultural. Acreditamos que na percepção do cronista, esses povos enquanto entes sociais não existiam, mesmo dividindo a experiência da conquista com outros companheiros de expedição que tiveram percepção diferente⁴¹⁰. Em momento algum Schmídel cita os mesmos. O índio que existiu na mesma significação que a historiografia posterior consagrou para Chandule e Guarani, foi o Carijó ou Carió.

Será com a categoria indígena Carió, além de muitas outras, que Schmídel irá lidar. O autor irá se referir a esses nativos de forma positiva, acrescentando elementos em seus comentários que qualificam esse povo, sem desprestígio a outros e sem enaltecimentos exagerados quando se refere a aspectos de sua cultura e sua dispersão espacial. Essa é uma característica que entendemos ser positiva na fala de Schmídel, pois, parece haver “un instinto de imparcialidad sin afectación”⁴¹¹, mesmo que ele carregue nas tintas quando quer se referir à quantidade de indivíduos no território.

Quando ele se refere a grupos sociais diversos não percebemos no mesmo a pretensão de deformar o objeto percebido, mesmo que isso possa soar positivo. Parece não haver intenção no autor em tornar o grupo observado e descrito melhor do que ele realmente lhe pareça ser. Mesmo atribuindo a determinado grupo um caráter que seja especial aos olhos dos agentes da conquista, esse não será em detrimento dos demais. Por esta ótica, mesmo com todas as intervenções externas ao texto, por *insights* oriundos das muitas leituras e estudos de

⁴⁰⁹ Cf. GINZBURG, C., *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*, p. 177.

⁴¹⁰ Um dos participantes da expedição foi Domingo Martinez de Irala, capitão na expedição de Pedro Mendoza e posteriormente governador do Paraguai. Em um relatório de 1545 ele vai se referir textualmente a Guarani ou Carió para designar o povo que habitava o local onde se estabeleceu as primeiras fundações de Assunção.

⁴¹¹ MITRE, B., (notas). *Viaje al Río de La Plata*, p. 15.

documentos e textos históricos, ao analisarmos a narrativa de Schmídel, temos a impressão de estarmos olhando o espaço social nativo muito próximo da realidade aparente que se desenhava diante do mesmo. Não no que tange aos gentílicos, mas na organização sociocultural e distribuição espacial, visto que Schmídel seria, conforme Bartolomé Mitre, um

observador atento y tranquilo de la naturaleza, sin imaginación y despreocupado aunque no exento de preocupaciones vulgares y de prevenciones personales, narra seca y concisamente los hechos, establece las fechas, determina las distancias, describe lo que ve como lo comprende, sin ornamentos de estilo ni divagaciones, y sólo de vez en cuando formula un juicio, hace una reflexión o consigna datos etnográficos, geográficos, estadísticos, astronómicos o de historia natural, que en breves rasgos nos dan un retrato, bosquejan una comarca, describen un animal o una planta, señalan un punto en el espacio o dan idea de razas y costumbres perdidas, suministrando a la vez elementos preciosos para la cronología y para la historia de la colonización inicial del Río de la Plata por la raza europea⁴¹².

Quando a expedição de Pedro de Mendoza atravessou o Atlântico e tocou o litoral português, ancorou por quatorze dias em um local chamado de porto Rio de Janeiro. Após este tempo transcorrido eles navegaram diretamente ao rio da Prata. Segundo o diário de Schmídel, os navios que compunham a esquadra não pararam no porto de Santa Catarina, que era local para reabastecimento de gêneros alimentícios e aquisição de *lenguas* da terra.

Acreditamos que a não contratação de *lenguas* nesse local, fato que se confirma no documento “Información de los méritos y servicios del capitán Gonzalo de Mendoza”⁴¹³, pode ter influenciado a forma como Schmídel percebeu o contexto humano local. O motivo é bastante simples: Schmídel trata em sua crônica somente dos Carió. Lembramos que no percurso dos rios da Prata, Paraná e Paraguai, onde outros cronistas identificaram Guarani e Chandule, ele somente identificou os Carió no lugar onde os espanhóis organizaram Assunção. Talvez ele tenha sido influenciado pelos conhecimentos de um português chamado Gonzalo de Acosta, que acompanhava a expedição de Pedro Mendoza na qualidade de *lengua* da terra.

Lembramos que a forma como Diego García e principalmente Luis Ramírez construíram suas percepções sobre os povos locais, foi em grande medida devido a influência

⁴¹² Ibidem, p. 5.

⁴¹³ SCHMÍDEL, U., *Viaje al Río de La Plata*, p. 370.

dos naufragos que na qualidade de *lenguas* e tradutores culturais transmitiram percepções que eram próprias ao contexto em que estavam vivendo.

Os naufragos da ilha de Santa Catarina Melchior Ramires e Henrique Montes que relataram a Caboto sobre como os Guaraní (guerreiros), lhes haviam informado da morte de cristãos quando esses retornavam das terras altas a oeste, onde teriam se deslocado para buscar metais preciosos, provavelmente seriam os mesmos interpretes que mais tarde nas ilhas do rio Uruguai e no delta do rio Paraná, identificaram grupos locais utilizando a mesma categoria empregada anteriormente, guaraní.

Já, a presença dos Chandule nos relatos, deve ser creditada a influência do naufrago Francisco del Puerto que a mais de dez anos vivia nas imediações do estuário do Prata, entre outros povos locais. Por estar familiarizado e envolvido com outra dinâmica sociocultural, visto que eram outros grupos indígenas que habitavam o local, Francisco del Puerto teria identificado como Chandule os mesmos nativos que Henrique Montes e Melchior Ramírez identificaram de Guarení. Este seria o possível motivo que levou Luis Ramírez a nominar determinados nativos de Guarení ou chandule, conforme consta no capítulo anterior.

A dúvida que fica é por que Diego García que chegou um pouco mais tarde a região do rio da Prata identificou os Guaraní no delta do rio Paraná e os Chandule somente no rio Paraguai? Por qual motivo ele classificou um e outro como grupos distintos e não percebeu semelhanças com os nativos de Santa Catarina?

Neste último caso, a razão, talvez seja a presença do *lengua* Gonzalo de Acosta⁴¹⁴. Um português que vivia em São Vicente e que acompanhou Diego García na expedição ao rio da Prata. Ao retornar à Europa com Diego García, Gonzalo de Acosta prestou serviços à Espanha. Conforme observamos mais acima, ele retornou ao rio da Prata na expedição de Pedro Mendoza, como um de seus principais *lenguas*. Também foi um dos principais *lenguas*, na expedição comandada por Cabeza de Vaca que chegara ao rio da Prata alguns anos mais tarde.

Lembramos que para os portugueses de São Vicente os povos litorâneos mais ao sul eram chamados de Carijó. Neste sentido, é muito provável que Gonzalo de Acosta, que por muitos anos teria morado em São Vicente, não considerasse serem os Chandule, Guaraní e

⁴¹⁴ MEDINA, J. T., *Los viajes de Diego García de Mouguer al Rio de la Plata*, p. 105.

Carió, um extrato social de um mesmo povo⁴¹⁵. Por enquanto permanece a incógnita. Conforme John Monteiro, a presença dessas aparentes incoerências nos relatos históricos são questões de difícil solução⁴¹⁶.

Com essa questão, retornamos ao debate anterior, só que ao contrário da desconfiança sobre quem eram os Chandule, questionamos a forma como se construiu o Guarani enquanto marcador étnico naquele contexto. Se hipoteticamente o considerarmos como sendo uma alusão dos naufragos de Santa Catarina, que por meio da língua geral, apreenderam a concepção da palavra *guarení* no sentido de soldado *peleador* - nossos guerreiros, nossos guarenís – e a empregaram de forma generalizada para aqueles que lhes eram aliados e falavam a língua geral. Teríamos um quadro em que a singularização da pluralidade humana nativa se concebia a partir de uma função social comum, visto que também haveria *guarinis* em outros grupos, ou seja, também havia guerreiros em outros grupos.

Mas, definir um povo ainda nos primórdios da conquista por meio de um termo que provavelmente não era uma alcunha comum, seria devido à incompreensão do espaço sociocultural nativo ou a necessidade de se identificar uma unidade humana dominante numa terra onde às forças pareciam se equivaler. Se não havia lei e rei, ao menos um povo forte era necessário. Desta forma podemos imaginar que nada seria mais interessante aos agentes da conquista, diante de uma babel humana imensurável, do que construir uma narrativa própria, falando sobre um povo que era horticultor, guerreiro e que possuía uma língua que outros tantos povos falavam. Um povo com aptidão para se tornar cristão e submeter-se a autoridade real. Numa situação em que na qualidade de súditos forneceriam mulheres e homens para mão de obra e soldados para a guerra.

Neste quadro hipotético, podemos conjecturar que naquele momento histórico não havia, ao menos, um grupo para ser chamado de Guarani, mesmo entre os nativos locais, guarani (*guarení*) não chegava a ser uma alcunha ou um adjetivo empregado por um grupo a outro, era um termo para identificar uma forma de guerra, uma prática guerreira ou um indivíduo guerreiro. Não sendo uma característica específica de um único povo. Portanto, é

⁴¹⁵ Para saber mais sobre a participação de Gonzalo de Acosta nas expedições espanholas ao rio da Prata, ler *El portugués Gonzalo de Acosta al servicio de España* de José Toribio Medina, (1908).

⁴¹⁶ MONTEIRO, J. M., *Os guarani e a historia do Brasil meridional: séculos XVI e XVII*, p. 477.

muito provável que quem transformou esse termo em uma alcunha teriam sido os próprios espanhóis.

Conforme comentamos mais acima, a expedição de Pedro de Mendoza chegou ao porto de São Gabriel no rio da Prata, aproximadamente seis anos após o retorno de Caboto a Espanha. Mesmo com os incidentes entre as gentes de Caboto e indígenas locais, acreditamos que mudanças profundas no cenário humano não devem ter ocorrido. Com essa observação queremos enfatizar que ao longo do tempo, Schmídel e seus companheiros de jornada tiveram contato com os mesmos povos contatados anteriormente.

Desta forma, o primeiro povo contatado próximo ao porto de São Gabriel, foi chamado de Zechuruass (charrua), enquanto que na margem oposta, sul do rio da Prata, eles contataram os Querandí. Os dois grupos, de acordo com a narrativa possuíam muitas semelhanças. Estabelecidos nesta parte sul, os espanhóis ergueram um forte chamado Buenos Aires e mantiveram boas relações com os locais.

Conforme o cronista, durante o tempo em que ali estiveram “estos *carendies* traían a nuestro real y compartían con nosotros sus miserias de pescado y de carne por 14 días sin faltar más que uno en que no vinieron”⁴¹⁷. No entanto, essa relação de amizade durou pouco, ao menos pela parte dos ibéricos, visto que, quando os Querandí pararam de fornecer alimentos aos estrangeiros, provavelmente por que suas próprias reservas estavam terminando, os espanhóis tentaram manter pela força o *status quo* deste intercâmbio.

Diante da ruptura das relações com este grande grupo local e com a falta de alimentos, Pedro de Mendoza enviou trezentos e cinquenta homens para navegarem o rio Paraná acima para contatarem outros grupos nativos para que pudessem lhes fornecer provisões. Tentando seguir o curso do rio Paraná em quatro pequenos barcos a remos, chamados bergantins, esta expedição ficou afastada cinco meses do forte de Buenos Aires. Ao transcorrer desse tempo, retornou ao forte sem ter obtido sucesso, pois, os nativos com quem tentavam contato, abandonavam e queimavam suas casas e suas plantações⁴¹⁸.

Devido a fortes conflitos com os Querandí e a fome que se generalizou, segundo relatos, centenas de homens pereceram. Um trecho da carta de Isabel de Guevara, que fez parte da expedição de Pedro de Mendoza, escrita a rainha da Espanha duas décadas mais

⁴¹⁷ SCHMÍDEL, U., *Viaje al Río de La Plata*, p. 55.

⁴¹⁸ Cf. SCHMÍDEL, U., *Viaje al Río de La Plata*, p. 57.

tarde, ilustra esta passagem.

A esta provincia del Rio de la Plata, con el primer gobernador dela, don Pedro de Mendoza, avemos venido ciertas mujeres, entre las cuales a querido mi ventura que fuese yo la una; y como la armada llegase al puerto de Buenos Aires, con mil é quinientos hombres, y les faltase el bastimento, fue tamaña la hambre, que, al cabo de tres meses, murieran los mil⁴¹⁹.

Do total de homens da expedição, pouco mais de quinhentos sobreviveram. Nova expedição foi organizada. Um grupo permaneceu abordo dos navios que estavam ancorados e o restante preparou-se para subir novamente o rio Paraná em busca de alimentos e de um novo local para um estabelecimento definitivo. Após navegarem por oitenta e quatro milhas em aproximadamente dois meses, chegaram a umas casas de índios que habitavam algumas ilhas. Identificados como Timbú, os espanhóis calcularam o número dos mesmos em quinze mil homens de guerra. De acordo com Schmídel, os homens eram “altos y bien formados, pero las mujeres, por el contrario, viejas y mozas, son horribles, porque se arañan la parte inferior de la cara que siempre está ensangrentada”⁴²⁰. Atualmente, a partir de outros relatos e estudos históricos, podemos observar que essas tatuagens apontadas pelo cronista eram uma pauta cultural comum às mulheres de muitos grupos chaquenhos.

No local, o cronista nos conta que permaneceram por quatro anos. Neste ínterim, Pedro de Mendoza retornou a Espanha por estar com a saúde debilitada, vindo a óbito durante a viagem. Mas, uma promessa sua registrada em testamento foi respeitada, que era de enviar logo após a sua chegada aos portos espanhóis, mais homens, alimentos e utensílios diversos para ajudar os que permaneceram no rio da Prata⁴²¹.

Na ilha dos Timbú, onde estava grande parte da tripulação, o capitão Juan de Ayolas dividiu novamente os expedicionários. Deixou uma parte de seus comandados junto aos nativos locais e continuou a navegar, explorando o rio acima. Do local onde estavam, batizado de porto Boa Esperança, subiram o rio Paraná na expectativa de encontrar um rio chamado Paraguai. Conforme Schmídel, nas margens desse rio haveria um grande povo ribeirinho,

⁴¹⁹ *Carta de Doña Isabel de Guevara á la princesa gobernadora Doña Juana, exponiendo los trabajos hechos en el descubrimiento y conquista del Río de la plata por las mujeres para ayudar á los hombres, y pidiendo repartimiento para su marido*, p. 619.

⁴²⁰ SCHMÍDEL, U., *Viaje al Río de La Plata*. p. 59.

⁴²¹ *Ibidem*.

chamado Carió. Segundo o autor, as notícias sobre esse povo davam conta de que o mesmo

tienen *trigo turco* (maíz), y una raíz con el nombre de *manteochade* (mandioca) y otras raíces como *padades* (batatas) y *manteoch propie* y *mandeoch mandepore*. La raíz *padades* (batatas), se parece a la manzana y es del mismo sabor; *mandeoch propie* sabe a castaña; de *mandeoch poere* se hace vino, que beben los indios. Estos carios tienen pescado y carne, y unas ovejas muy grandes como las mulas de esta tierra (*Alemania*); tienen chanchos del monte, avestruces y otras salvajinas; gallinas y gansos en gran abundancia⁴²².

Considerando as narrativas anteriores que seriam as primeiras efetuadas de maneira mais ampla sobre os povos nativos desta parte do Novo Mundo, esta também seria a primeira vez que o termo carió aparece para identificar um povo nativo. Este fato se torna interessante se considerarmos que também pode estar ligado a questão dos interpretes. Lembramos que a expedição de Pedro Mendoza na qual Schmídel fez parte, navegou diretamente do porto Rio de Janeiro até o porto São Gabriel. Não houve, portanto, uma parada em São Vicente e Santa Catarina.

Por esta ótica, reforçando o que já discutimos anteriormente, os prováveis guias e *lenguas* eram marinheiros de expedições anteriores, nativos locais ou algum europeu daquele porto chamado Rio de Janeiro, que conhecia a região para onde a expedição se dirigia. Nas relações coloniais os habitantes nativos do porto do Rio de Janeiro eram identificados como Tupinambá. Na língua geral do litoral português, os habitantes nativos litorâneos ao sul de São Vicente eram chamados durante grande parte do século XVI de Carijó. Acreditamos que isso ajuda a explicar o porquê de Schmídel não identificar Guarani ou Chandule em sua narrativa.

No percurso até o paraíso dos Carió, a expedição de Ayolas localizou e identificou outros grupos. O primeiro teria sido os Coronda, habitantes das ilhas, homens altos, que falavam o mesmo idioma, furavam e enfeitavam o nariz à semelhança dos Timbú. Nesse local onde se concluiu haver doze mil homens de guerra, eles receberam dois cativos Carió para lhes servirem de *lenguas* e para guiá-los rio acima.

Trinta milhas acima dos Coronda, localizaram casas de nativos próximas a uma grande lagoa na margem esquerda do rio Paraná. Identificaram os habitantes das mesmas

⁴²² SCHMÍDEL, U., *al Viaje Río de La Plata*, p. 163.

como Gulgaise. Conforme a narrativa nos informa⁴²³, esses Gulgaise falavam a mesma língua e tinham costumes semelhantes aos do rio abaixo. Lafone Quevedo deduz que eles fossem os Quiloaza⁴²⁴.

Após quatro dias de descanso e reabastecimento neste local, deixaram para trás o que Schmídel estipulou em quarenta mil homens de guerra. Navegando dezoito dias sem encontrar grupo algum e estando a sessenta e quatro milhas dos Gulgaise, localizaram na margem direita do rio Paraná, casas onde provavelmente viviam dezoito mil homens de guerra com suas famílias. No físico e ornamentos seriam semelhantes aos povos contatados anteriormente. No entanto, esses falavam outro idioma, sendo chamados de Mocoretá⁴²⁵.

Dezoito milhas acima localizaram um povo chamado de Zeckennaus Saluaischco (Chana Selvagem). Uma “gente petiza y gruesa, no tienen más de comer que pescado y miel. Esta gente, tanto hombres como mujeres, mozos como viejos, andan en cueros vivos, así como fueron lanzados al mundo”⁴²⁶. Conforme o autor, seu hábitat natural ficava a vinte milhas do rio Paraná, mas devido ao baixio do rio, os dois mil homens de guerra que compunham esse povo, haviam se dirigido para as margens do Paraná, a fim de pegar pescado e combater os Mocoretá.

Algumas milhas acima toparam com outro povo nativo que foi chamado de Mepene. Esse seria composto por aproximadamente uns dez mil homens de guerra. Conforme Schmídel, os mesmos viviam espalhados por quarenta milhas de comprimento e de largura nas margens do rio Paraná. O cronista não nos dá maiores detalhes sobre esse povo, mas observa que eles atacaram os espanhóis com quinhentas canoas e que somente lutavam na água⁴²⁷.

Subindo rio acima navegaram por oito dias até chegar à foz do rio Paraná com o rio Paraguai. Algumas milhas acima desse último rio chegaram às casas dos Kurgmaibei (Curumeguá).

Son altos y corpulentos, así hombres como mujeres. Estos hombres se horadan las narices y en la aberturita meten una pluma de papagayo;

⁴²³ Ibidem.

⁴²⁴ QUEVEDO, S. L., *Viaje al Río de la Plata*, p. 61.

⁴²⁵ Ibidem, p. 165.

⁴²⁶ Ibidem, p. 166.

⁴²⁷ Ibidem, p. 167.

las mujeres se pintan la parte inferior de la cara con unas rayas largas de azul, que les duran por toda la vida; y se tapan las vergüenzas con un pañito de algodón desde el ombligo hasta las rodillas⁴²⁸.

Lafone Quevedo⁴²⁹ observou que os traços desses indígenas têm muito a ver com os traços dos Toba ou Abipone, que fizeram parte do *rol* dos Guaicuru. Schmidel não tece maiores considerações, mas observa que eles foram muito bem tratados e no local permaneceram três dias. No quarto dia, seguiram o curso do rio Paraguai acima até as tolderias dos Agace, fixados na altura do rio *Bermejo*. Esses eram nativos que tinham como seu principal habitat, a água. Conforme Schmidel, ao som de guerra esperaram os espanhóis. Um forte combate foi travado na terra e na água, em que morreram centenas desses guerreiros e quinze espanhóis. Schmidel os considerou os melhores guerreiros que encontrou. Lutavam tanto em terra quanto na água, sendo neste último domínio sua especialidade⁴³⁰.

Os espanhóis não podendo pilhar os vencidos porque estes haviam se antecipado a estratégia ibérica da pilhagem, escondendo suas provisões e suas famílias em locais distantes do campo de batalha, seguiram rumo aos casarios dos Carió que estava cinquenta milhas acima dos Agace. Para os espanhóis, a terra dos Carió era o paraíso na terra e, para nós, os Carió foram o centro daquilo que entendemos ser o Guarani colonial. Ou seja, se houve um povo que possa ser etnicamente definido como Guarani *no período em que estamos tratando*, este povo seria os Carió.

3.2.1 Os Carió: quiçá Guarani

Ao chegar à *cidade* desses nativos que estaria a 50 milhas dos Agace, a expressão que Schmidel usou para se referir à fartura de alimentos que ele e seus companheiros encontraram, é que o deus cristão permitiu⁴³¹,

que encontrássemos como nos haviam avisado, milho, umas raízes brancas, as batatas que se parecem às maçãs e tem também o mesmo sabor, e

⁴²⁸ SCHMÍDEL, U., *al Viaje Río de La Plata*, p. 169.

⁴²⁹ QUEVEDO, S. L., *Viaje al Río de la Plata*, p. 62.

⁴³⁰ SCHMÍDEL, U., *al Viaje Río de La Plata*, p. 170.

⁴³¹ SCHMÍDEL, U., *Viaje al Río de La Plata*, p. 171.

mandioca que tem sabor de castanhas, da qual tiram os índios seu vinho. Também tem em abundância peixe e carnes, veados, javalis, avestruzes, ovelhas indianas, grandes como mulas e coelhos, galinhas e cabras, assim como mel do que fazem também vinho. Também há muito algodão⁴³².

O cronista permaneceu quase vinte anos explorando o território por terra e água. Neste aspecto, ao possuir uma ideia geral da área de mobilidade do povo Carió, ele comentou que o território dos mesmos era de quase 300 milhas de comprimento⁴³³. Números expressivos se considerarmos que uma milha terrestre, neste caso, pode ser calculada em aproximadamente 1,600 metros de comprimento.

Essa medida nos daria um território de aproximadamente 480 km de extensão. Um pouco diferente da afirmação de Domingo Martinez de Irala, que em sua *relación*⁴³⁴ de 1541, atribuiu um território de 30 léguas ao redor de Assunção para os Carió. Considerando que uma légua equivale a aproximadamente 7 km, teríamos 210 km ao redor de Assunção.

Schmídel ainda observa que subindo o rio Paraguai a partir de Assunção, havia aproximadamente 80 milhas (128 km) para se chegar até a última aldeia Carió, estabelecida rio acima. Sendo que neste trecho do rio pela margem oriental, a cada 5 milhas (8 km) havia uma grande aldeia Carió. Essas aldeias dos Carió eram vistas acima do rio Paraguai⁴³⁵ (acima da antiga aldeia *Lambere*, local onde foi erguida Assunção).

A cada 5 milhas concluídas (percorridas) até a aldeia encontramos sempre alguém dos Carios que habitavam próximo ao rio Parabor. Estes, no caminho, forneceram para nós o alimento necessário, sem dúvida peixes e carnes, galinhas, também gansos, ovelhas índicas e avestruzes. Quando então chegamos até a aldeia do último dos povos Carios, que é chamado Vvveybingen, distante 80 milhas da cidade de Noster Signora Desumsion, nos provemos de comida e outras coisas necessárias, tanto quanto era possível fazer⁴³⁶.

⁴³² FIORETO, T., “*Verissima et ivcndissima descriptio...*”, de *Ulrico Schmidl: literatura de viagem ou relato de viagem?*, p. 46.

⁴³³ SCHMÍDEL, U., *Viaje al Río de La Plata*, p. 171.

⁴³⁴ IRALA, D. M., *La relación que dejó Domingo Martinez de Irala en Buenos Aires al tiempo que la despobló (1541)*.

⁴³⁵ SCHMÍDEL, U., *Viaje al Río de La Plata*, p. 172.

⁴³⁶ FIORETO, T., “*Verissima et ivcndissima descriptio...*”, de *Ulrico Schmidl: literatura de viagem ou relato de viagem?*, p. 54.

Calculando hipoteticamente a população Carió assentada na margem oriental do rio Paraguai, num trecho equivalente a aproximadamente 128 km acima de Assunção, considerando que a cada 8 km teríamos uma grande aldeia, que nos dá um total de 16 aldeias com uma média populacional de 3 mil pessoas. Teríamos um entorno populacional de 48 mil habitantes⁴³⁷.

Esses habitantes, considerando a visão do autor que se refere a parte masculina dos moradores, eram “hombres petizos y gruesos (...). Los varones tienen en el labio un agujero pequeño en el que meten un cristal amarillo, que en lengua de ellos se llama *parabol* (barbote), de dos jemes de largo y grueso como el canuto de una pluma”⁴³⁸.

A descrição do tipo físico dos mesmos é muito semelhante aos Chana Selvagem, descritos anteriormente. No entanto, se fossem os mesmos, acreditamos que seria muito provável que Schmídel se apercebesse dessa questão, já que ele vai perceber a presença dos Carió em outras regiões mais distantes.

Voltamos a frisar que em nosso entendimento, este cronista parecia simples e objetivo em suas observações, conseguindo distinguir diferentes grupos em seus aspectos linguísticos e culturais quando fosse o caso. Assim como observou Bartomeu Melià ao comentar que “ingênuo, imediato, não pouco irônico, Schmidl, observa bem e descreve com precisão”⁴³⁹.

Com isso, queremos salientar que há uma diferença muito grande de sentido, quando se procura afirmar que um povo está em grande parte do território, ocupando os mesmos pela força, numa situação em que impõem a outros povos sua língua e cultura, em relação a outra afirmação, quando se observa que um povo é a “gente (...) más caminadora de cuantas naciones hay en el Río de la Plata” *siendo* “grandes guerreros por tierra”⁴⁴⁰, conforme narrou Schmídel.

Em nosso entendimento, uma das chaves na ideia de guaranização em papéis escritos, antigos ou contemporâneos, é a forma como se expressa a provável presença de

⁴³⁷ Baseado nas informações de Schmídel, realizamos essa conta hipotética, mas, se considerarmos que em cada aldeia onde houve resistência dos Cariós contra os espanhóis a média de guerreiros informada por Schmídel é de 3 mil homens e replicássemos para o restante das supostas aldeias que margeavam o rio Paraguai, teríamos um número de habitantes bastante superior.

⁴³⁸ SCHMÍDEL, U., *Viaje al Río de La Plata*, p. 172.

⁴³⁹ MELIÀ, B.; SAUL, M. V.; MURARO, V. F., *O Guaraní: uma bibliografia etnológica*, p. 21.

⁴⁴⁰ SCHMÍDEL, U., *Viaje al Río de La Plata*, p. 172..

determinado povo em amplo território e como se procura explicar essa presença. Para Caboto “la mas principal generación de Indios de aquella tierra, son los Guaranis, gente guerrera, traidora, i soberbia, i que llaman esclavos à todos que no son de su lengua”⁴⁴¹. Para Luis Ramírez “éstos andan derramados por esta tierra y por otras muchas, como cosarios, a causa de ser enemigos de todas estotras naciones (...) éstos señorean gran parte desta India”⁴⁴².

Conforme o capítulo anterior, percebemos claramente o princípio de *guaranização* nas falas de Luis Ramírez e no dito relatório de Sebastião Caboto. Pois, além dos mesmos generalizarem e ampliarem a presença do povo Guarani em espaços contínuos e amplos, atribuíram aos mesmos, entre outros elementos, o caráter de principal povo do território.

Essa situação se apresenta de forma diferente em Schmídel. O soldado alemão vislumbrou uma ampla população Carió, mas definiu limites, pois, ele também percebeu a presença de outros grandes povos no território. E, quando ele distinguiu o caráter guerreiro desses Carió, a organização de suas aldeias, sua rica produção de alimentos, ele não amplificou o caráter sociocultural dos mesmos em relação a outros povos. Ele não tornou os Carió melhores do que outros. Essas questões podem parecer simplistas, mas produziram reflexos em parte da historiografia indígena colonial que se construiu nos anos que seguiram.

3.3 Os Guarani em Cabeza de Vaca

Sem dúvida, juntamente com Ulrich Schmídel, Cabeza de Vaca é provavelmente um dos cronistas mais conhecidos do século XVI. É quase leitura obrigatória quando se busca conhecer o contexto humano das terras das províncias do Rio da Prata no período da conquista e colonização. Álvaro Núñez Cabeza de Vaca chegou às terras meridionais no ano de 1541 na condição de “*adelantado, gobernador y capitán general del Río de la Plata*”⁴⁴³ e, é por meio de suas memórias escritas e do que escreveu sobre sua passagem por estas terras,

⁴⁴¹ HERRERA Y TORDESILLAS, A. *Historia General de los hechos de los Castellanos en las Islas i Tierra Firme del Mar Océano*, p. 168.

⁴⁴² RAMÍREZ, L., *Carta de Luis Ramírez, do Rio da Prata a 10 de julho de 1528*, p. 27.

⁴⁴³ MAURA, J. F., *El Gran burlador de América: Álvaro Núñez Cabeza de Vaca*, p. 25.

que temos um olhar mais amplo sobre o indígena que foi categorizado de Guarani naquele período.

Quando Cabeza de Vaca chegou a estas terras, não seria a primeira vez que ele pisava o solo do *Novo Mundo*. Segundo sua própria memória histórica, ele havia estado no que seria hoje a América do Norte alguns anos antes, quando havia participado de uma expedição comandada por Pánfilo de Narváez no ano de 1527. Sobrevivendo a naufrágio, fome, hostilidade nativa e cativeiro, foi um dos três sobreviventes de um total de 600 homens que teriam feito parte dessa expedição⁴⁴⁴.

A partir das informações de sua crônica de viagem publicada pela primeira vez no ano de 1542 na cidade de Zamora, sob o título *La relación que dio Álvar Núñez Cabeza de Vaca de lo acaecido en las Indias en la armada donde ya por gobernador Pamphilo de Narbaez desde el año de veinte y siete hasta el año de treinta y seis que volvió a Sevilla con tres de su compañía*⁴⁴⁵. Estima-se que ele e seus companheiros tenham percorrido mais de oito mil km desde a derrocada final da expedição que teria acontecido em algum ponto da costa da Flórida até a cidade do México.

Aproximadamente três anos após seu retorno à Espanha, por volta de 1540, Cabeza de Vaca foi requisitado pelo imperador Carlos V para comandar uma expedição de socorro aos homens de Pedro de Mendoza, que estavam no rio da Prata. Conhecendo as aventuras de Álvar Núñez e seus serviços prestados à Coroa por meio da *Relación* que o próprio Vaca teria efetuado aos oficiais reais, o imperador concedeu a Álvar Núñez a governança geral da nova capitania e título de *adelantado*⁴⁴⁶.

Quem narra a passagem desse eminente personagem pelas terras do Prata, é Pero Hernández. Escrivão de Cabeza de Vaca, “hombre de su confianza y testigo presencial de los sucesos que narra”⁴⁴⁷. A crônica dessa aventura sob a pena de Pero Hernández é publicada dez anos após o retorno de Cabeza de Vaca a Espanha sob o título de *Comentários*. É quase um anexo a reedição da crônica de 1542 que Vaca trouxe novamente a público na cidade de *Valladolid* no ano de 1555, só que dessa vez sob o título *La relación y comentarios del*

⁴⁴⁴ Cf. MAURA, J. F., *El Gran burlador de América: Álvar Núñez Cabeza de Vaca*.

⁴⁴⁵ Cf. EI JABER, L., *Álvar Núñez Cabeza de Vaca: Gustos y olvidos. Legalidad, viaje y escritura*, p. 2.

⁴⁴⁶ Cf. CABEZA DE VACA, A. N. *Naufrágios & comentarios*, p. 147.

⁴⁴⁷ PÉREZ, R. F., (introdução e notas). *Álvar Núñez Cabeza de Vaca: naufragios e comentarios*, p. 104.

*gobernador Álvaro Núñez Cabeza de Vaca de lo acaecido en las dos jornadas que hizo a las Indias*⁴⁴⁸. Conforme Loreley el Jaber, o título que conhecemos comumente como Naufrágios, foi utilizado somente em 1749 por Andrés González Barcia, quando publicou uma nova edição⁴⁴⁹.

Da mesma forma que os documentos de outros cronistas que analisamos anteriormente, este apresenta certas dificuldades no que tange a interpretação histórica. Neste sentido, além do que já discutimos anteriormente sobre o cuidado que devemos ter com o contexto da produção escrita, com as intenções dos indivíduos que viveram a ação e testemunharam os fatos, além dos interesses de copistas, tradutores e editores, há que se ter especial atenção ao fato de que a crônica, *Comentarios*, foi escrita por Pero Hernández.

Secretário de Cabeza de Vaca, já estava no Paraguai quando da chegada deste. Ele fazia parte da expedição de Pedro de Mendoza na qualidade de escrivão da armada. Conforme Serrano y Sanz,

Comentarios, obra de Pero Hernández, apasionada como escrita por un partidario de Alvar Núñez y que en cierta manera es una apología, más que historia imparcial, que no otra cosa podía esperarse de las circunstancias en que fue compuesta, cuando la ambición y el odio mutuo de los conquistadores hizo de las Indias un campo de Agramante⁴⁵⁰.

A tendência a uma narrativa a favor de Cabeza de Vaca, que o historiador Serrano identifica como sendo quase uma apologia, tem a ver com uma sedição interna ocorrida entre os conquistadores espanhóis estabelecidos em Assunção na época. Acontecimento que resultou na prisão de Vaca e sua condução a Espanha para ser julgado. O documento escrito por Pero Hernández sobre a trajetória de Cabeza de Vaca, desde sua chegada às províncias do Rio da Prata, seu cárcere e condução para a Espanha, é nas palavras de Juan Francisco Maura, uma “auto propaganda continua y descarada a lo largo de la narración con la descripción de todas las virtudes del protagonista: valor, generosidad, entrega, compañerismo, lealtad a la Corona y comportamiento Cristiano”⁴⁵¹. A apologia a Cabeza de Vaca seria uma maneira de

⁴⁴⁸ Cf. EL JABER, L., *Álvar Núñez Cabeza de Vaca: Gustos y olvidos. Legalidad, viaje y escritura*, p. 2.

⁴⁴⁹ Ibidem.

⁴⁵⁰ SERRANO Y SANZ, M., (edição e notas). *Relación de los Naufragios y Comentarios*, p. 21.

⁴⁵¹ MAURA, J. F., *El Gran burlador de América: Alvar Núñez Cabeza de Vaca*, p. 186.

recuperar a imagem do mesmo perante a opinião pública, pois, no seu retorno a Espanha ele foi “juizado y condenado al destierro en África, hasta 1556 en que obtuvo el perdón por parte de Felipe II”⁴⁵².

Cabeza de Vaca necessitava melhorar sua imagem, retomar sua honra e seu antigo prestígio perante a Corte espanhola. Trazer novamente ao público a crônica, *Naufregios*, e na sequência a crônica, *Comentarios*, esta última escrita em terceira pessoa, tem a ver com essa pretensão. Enquanto a edição de 1542 “sería mucho más concisa, mientras en la entregada al publico Álvar Núñez daría paso a su fantasía e imaginación”⁴⁵³.

Muitos pesquisadores que estudaram a vida e obra de Cabeza de Vaca são unânimes em afirmar que a Pero Hernández coube muito mais a pecha de escrivão do que cronista, pois, o verdadeiro cronista seria o próprio Cabeza de Vaca que narrou os fatos e induziu a escrita dos mesmos. “Resumiendo, podemos decir, como ya se ha apuntado, que se trata de unas memorias exculpatorias de su fracasada gobernación, firmadas por un hombre de toda su confianza”⁴⁵⁴.

Em nosso entendimento, especialmente para nosso trabalho, *Comentarios*, a crônica que trata da presença de Cabeza de Vaca nas terras do rio da Prata é um dos textos coloniais do século XVI que traz impresso a marca da guaranização, principalmente quando é narrada a marcha que o então governador do Paraguai realizou desde a ilha de Santa Catarina até Assunção. Conforme análise que realizaremos de sua passagem até chegar ao rio Paraná, todos os povos nativos com quem ele manteve contato eram Guarani.

A edição que estamos utilizando para desenvolvermos nossas análises sobre a contribuição de Cabeza de Vaca aos estudos históricos coloniais, foi publicada pela Editora CALPE no ano de 1922 em Madrid, como parte de um conjunto publicações intituladas *Grandes Viajes Clásicos*. De acordo com Juan Miguel Vigil, o conteúdo das obras “estaba relacionado con el descubrimiento y colonización de América”⁴⁵⁵. Estamos utilizando outras edições da crônica, *Naufregios e Comentarios*, para cotejar com a edição da CALPE. A edição brasileira em formato *pocket* publicada pela L&PM de 1999 com prefácio de Henry

⁴⁵² PÉREZ, R. F., (introdução e notas). *Álvar Núñez Cabeza de Vaca: naufragios e comentarios* p. 1115.

⁴⁵³ Ibidem, p. 99.

⁴⁵⁴ PÉREZ, R. F., (introdução e notas). *Álvar Núñez Cabeza de Vaca: naufragios e comentarios*, p. 104.

⁴⁵⁵ SANCHEZ VIGIL, J. M., *La editorial CALPE y el Catálogo general de 1923*, p. 269.

Miller e introdução de Eduardo Bueno; a edição espanhola digital da editora Himale de 2013 com prefácio e notas de Roberto Ferrando Pérez; a edição espanhola da Librería General de Victoiano Suárez de 1906, com anotações, prefácio e notas de Manuel Serrano y Sanz.

Cabeza de Vaca e sua tripulação aportaram em março de 1541 nas imediações da ilha de Santa Catarina, partindo da mesma numa caminhada rumo à Assunção em novembro do mesmo ano. Chegando a seu destino final aproximadamente cinco meses mais tarde. Ao superar obstáculos naturais como, rios, florestas, montanhas e campos, Cabeza de Vaca permeou sua narrativa exclusivamente com a presença Guarani. Em momento algum ele acusou o fato de estar tratando com outros povos. Todos os povos do caminho eram Guarani. O único momento em seus *Comentários* que ele empregará o termo carió será no início de sua aventura nas terras meridionais, quando recebeu notícias sobre a situação dos espanhóis estabelecidos em um local chamado Assunção⁴⁵⁶.

Lembramos, conforme discussão no primeiro capítulo, que os comandantes de expedição adquiriam junto a Casa de Contratação ou Conselho das índias, um pré-conhecimento do que iriam encontrar. Enquanto Cabeza de Vaca organizava sua expedição, as relações de viagem de Caboto e Diego García já faziam parte da documentação oficial espanhola e, conforme capítulo anterior, Sebastião Caboto havia definido o principal povo das províncias do Rio da Prata como sendo os Guarani.

Observamos que entre os *lenguas* que acompanhavam Cabeza de Vaca havia um que foi requisitado pela corte espanhola para guiá-lo. Conforme pontuamos anteriormente, tratava-se de Gonzalo de Acosta. Um português que durante muitos anos havia morado em São Vicente e serviu de interprete nas expedições de Diego García, Pedro Mendoza e, agora, trabalhava com Álvaro Núñez. Da mesma maneira que os portugueses de São Vicente definiam aos nativos mais ao sul do litoral atlântico de Carijó, assim também o fez Gonzalo de Acosta⁴⁵⁷.

O percurso que Vaca teria efetuado ao sair da ilha de Santa Catarina seria um dos ramais de um caminho principal que a literatura histórica consagra como *Peabiru*. Um caminho construído e utilizado pelos indígenas para se dirigirem ao interior do continente.

⁴⁵⁶ Cf. CABEZA DE VACA. A. N., *Nafragios y Comentarios*, p. 161.

⁴⁵⁷ Conforme podemos observar em *El Portugués Gonzalo de Acosta al servicio de España* (MEDINA, 1908), há somente referência aos Carió.

Thiago Cavalcante em seu trabalho sobre o mito de São Tomé, nos dá maiores informações sobre o mesmo.

A extensão total do caminho é calculada na atualidade em cerca de três mil quilômetros. Suas trilhas passavam pelos atuais estados brasileiros de São Paulo, Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso do Sul e pelos atuais países sul-americanos Paraguai, Bolívia e Peru. Ele seria dividido em cinco rotas, sendo a mais importante a que se estendia entre São Vicente e Assunção, passando pelos rios Tibagi e Piquiri no atual estado Paraná. Uma segunda via partiria de São Vicente, chegando ao rio Paranapanema e posteriormente atingindo o Ivaí. A terceira sairia de Cananéia até o vale do Tibagi. Outra rota incluía o interior catarinense, partindo do rio Itapocu até encontrar o ramal paulista. A última passaria pelo vale do rio Uruguai⁴⁵⁸.

Ao sair da ilha de Santa Catarina e subir em direção ao norte, Cabeza de Vaca e seus comandados chegaram ao rio *Itabuco* - designado por *Itapocu*, passa atualmente pelo município de Jaraguá do Sul e tem sua foz no oceano Atlântico - costearam o mesmo e ao décimo nono dia de caminhada passando somente por lugares desabitados “(...) no teniendo de comer, plugo a Dios que sin se perder ninguna persona de la hueste descubrieron las primeras poblaciones que dicen del Campo donde hallaron ciertos lugares de indios”⁴⁵⁹. Em homenagem a família de seu pai, Cabeza de Vaca nomeou essa região de Província de Verá.

Nessa região eles localizaram as primeiras povoações indígenas e chegaram a três aldeias que estavam próximas uma das outras. Cada uma com seu cacique principal receberam os espanhóis com muitos mantimentos, demonstrando muita alegria.

Esta es una gente y generación que *se llaman guaraníes*; son labradores, que siembran dos veces en el año maíz, y asimismo siembran cazabi, crían gallinas a la manera de nuestra España, y patos; tienen en sus casas muchos papagayos, y *tienen ocupada muy gran tierra, y todo es una lengua*; los cuales comen carne humana, así de indios sus enemigos, con quien tienen guerra, como de cristianos, y aun ellos mismos se comen unos a otros. Es gente muy amiga de guerras, y siempre las tienen y procuran, y es gente muy vengativa; de los cuales pueblos, en nombre de Su Majestad, el gobernador tomó la posesión, como tierra nuevamente descubierta, y la intituló y puso por nombre la provincia de Vera⁴⁶⁰.

⁴⁵⁸ CAVALCANTE, T. L. V., *Apropriações e ressignificações do mito de São Tomé na América: a inclusão do índio na cosmologia cristã*, p. 82.

⁴⁵⁹ CABEZA DE VACA, A. N., *Naufragios y Comentarios*, p. 166.

⁴⁶⁰ CABEZA DE VACA, A. N., *Naufragios y Comentarios*, p. 167.

diversas povoações de índios Guarani⁴⁶⁴ chegaram no dia 14 de janeiro de 1542 a um rio que na crônica aparece como *Iguatu*.

A los 14 días del mes de enero, yendo caminando por entre lugares de indios de la generación de los guaraníes todos los cuales los recibieron con mucho placer, y los venían a ver y traer maíz, gallinas y miel y de los otros mantenimientos; y como el gobernador se lo pagaba tanto a su voluntad, traían le tanto, que lo dejaban sobrado por los caminos. Toda esta gente anda desnuda en cueros, así los hombres como las mujeres; tenían muy gran temor de los caballos, y rogaban al gobernador que les dijese a los caballos que no se enojasen, y por los tener contentos los traían de comer; y así llegaron a un río ancho y caudaloso que se llama Iguatu (...) Este Iguatu está de la banda del oeste en veinte y cinco grados; será tan ancho como el Guadalquivir. En la ribera del cual, según la relación hubieron de los naturales y por lo que vio por vista de ojos, está muy poblado, y *es la más rica gente de toda aquella tierra y provincia*, de labrar y criar, porque crían muchas gallinas, patos y otras aves, y tienen mucha caza de puercos y venados, y dantas y perdices, codornices y faisanes, y tienen en el río gran pesquería, y siembran y cogen mucho maíz, batatas, cazabi, mandubíes (1), y tienen otras muchas frutas, y de los árboles cogen gran cantidad de miel⁴⁶⁵.

Vamos abrir um parêntese nesta passagem para comentarmos a questão do nome desse rio Iguatu. Não encontramos esse rio em mapas antigos e atuais: não significa que não exista. Na edição brasileira de *Naufregios e Comentários* publicada pela Editora L&PM de 1999, esse rio Iguatu é considerado o rio Iguaçú. Também na edição espanhola da Editora HIMALI de 2013, é considerado o rio Iguaçú. No entanto, fica nossa dúvida, pois o governador vai chegar ao rio Iguaçú somente ao final de janeiro de 1542.

A postrero día del dicho mes de enero, yendo caminando por la tierra y provincia, llegaron a un río que se llama Iguazu, y antes de llegar al río anduvieron ocho jornadas de tierra despoblada, sin hallar ningún lugar poblado de indios. Este río Iguazu es el primer río que pasaron al principio de la jornada cuando salieron de la costa del Brasil⁴⁶⁶.

O próprio narrador, conforme podemos perceber teve consciência de que já haviam passado o rio Iguaçú no início da jornada. Acreditamos que o Iguatu seja na verdade o Piqueri, pois, há duas passagens neste documento que contribuem para esta hipótese. A primeira é quando Pero Hernández fala da chegada Cabeza de Vaca, na sequência da

⁴⁶⁴ CF. CABEZA DE VACA, A. N., *Naufregios y Comentarios*, p. 170-176.

⁴⁶⁵ CABEZA DE VACA, A. N., *Naufregios y Comentarios*, p. 179.

⁴⁶⁶ *Ibidem*, p.181.

narrativa, ao rio Iguatu, comentando sobre a situação de alguns espanhóis. “Estando en este río del Piqueri una noche mordió un perro en una pierna a un Francisco Orejón, vecino de Ávila, y también allí le adolecieran otros catorce españoles, fatigados del largo camino”⁴⁶⁷. Na outra passagem, Pero Hernández comenta o seguinte: “habiendo dejado el gobernador los indios del río del Piqueri muy amigos y pacíficos, fue caminando con su gente por la tierra, pasando por muchos pueblos de indios de la generación de los guaraníes⁴⁶⁸” para chegar, conforme citação acima, ao final de janeiro no rio Iguazu.

Outro documento que reforça ser o rio Piqueri é a *Relación General* que Cabeza de Vaca apresentou aos oficiais do Conselho das Índias no ano de 1545 para informar sobre os acontecimentos que se sucederam a partir de sua presença nas províncias do Rio da Prata. Conforme podemos observar, a passagem abaixo é muito semelhante a descrição que se encontra presente nos *Comentários*, e a data de chegada é a mesma.

Por el mes de enero del año de mili é quinientos é cuarenta y dos años llegué á un río que se llama Piquiri, que es tierra donde hallé *mayor población de gente y más rica de bastimentos que hasta allí avía visto*, é de muchas gallinas y patos y caga y pesquerías; toda la ribera deste río está poblada de mucha gente, y toda la tierra y población que pasé se comunica y entiende por un solo lenguaje y toda es una generación que se llaman Guaraníes⁴⁶⁹.

O rio Piqueri é um afluente do rio Paraná que foi de grande importância para a conquista e povoamento de um local que algumas décadas mais tarde em relação à passagem de Cabeza de Vaca, será chamado de Guairá. O rio Piqueri em suas margens e afluentes menores era densamente povoado, sendo local de diversas *encomiendas* de espanhóis⁴⁷⁰. Junto à foz do mesmo com o rio Paraná os espanhóis organizaram uma vila chamada *Ciudad Real*.

Após a passagem pelo rio Piqueri (Iguatu), o governador se dirigiu com sua expedição ao rio Iguazu e dali seguiu até o rio Paraná. Conforme algumas passagens do relato que estamos apresentando, encontraram-se somente com índios que ele considerou serem Guarani. Neste sentido, esse foi o contexto emoldurado pela narrativa de Pero Hernández, do contato humano que teve Cabeza de Vaca na sua marcha até Assunção. Se eles passaram por algum

⁴⁶⁷ Ibidem, p. 179.

⁴⁶⁸ Ibidem, p. 181.

⁴⁶⁹ CABEZA DE VACA, A. N., *Relación general*, p. 14.

⁴⁷⁰ CF. CORTESÃO, J., *Jesuítas e bandeirantes no Guairá* (1549-1640).

outro povoado ou grupo que caracterizasse ser outra população, evitaram apontar diferenças ou não os reconheceram como diferentes.

Há nestas passagens alguns pontos que gostaríamos de discutir. O primeiro é sobre a região do Campo onde o governador passou. Essa região, em meados da primeira metade do século XVII esteve em evidência na literatura jesuítica do Paraguai pelo fato de que os padres da Companhia de Jesus estavam expandindo as reduções do Guairá para uma área que até aquele momento era pouco conhecida. Na literatura jesuítica produzida no início do século XVII, os povos nativos que habitavam essa região do Campo foram classificados genericamente de Campero, Cabeludo ou Coroado e foram considerados povos que faziam fronteira com grupos Guarani, mas não pertenciam aos mesmos⁴⁷¹.

Mapa 2: Etnografia do Guayrá organizada por Carlos Teschauer. Adaptado para este trabalho com a inclusão de povos considerados não guarani - em destaque -.



TESCHAUER, C., Vida e obras do padre Roque Gonzáles de Santa Cruz: primeiro apóstolo do Rio Grande do Sul, 1928.

Essas regiões de campo, planalto e grandes serras, tanto no atual estado do Paraná, quanto nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, são percebidas por estudiosos dos

⁴⁷¹ Cf. FREITAS DA SILVA, A. L., *Reduções Jesuítico-Guarani: espaço de diversidade étnica*.

povos de língua Jê, como sendo espaços de circulação e habitação dos mesmos⁴⁷². Povos que são considerados horticultores e ceramistas⁴⁷³. Além dos mesmos, na região entre o rio Piquiri e o Iguaçu havia outro grupo não Guarani que foi chamado de Chiqui. Sobre esses indígenas, o padre Ruiz de Montoya observou que eles,

tienen sus casas redondas y pequeñas, *todos son labradores*, su cosecha es de maíz. No cuidan de otra cosa y dese comen poco, su sustento es de piñones y caza de venados, puercos y antas, cogen los a la flecha, o en trampas, o gestos muí largos y grandes que hacen los cuales los ponen al modo que las nasas en los ríos para coger camarones⁴⁷⁴.

Também próximo a Vila Rica do Espírito Santo, havia outro povo não Guarani que foi chamado de *Ibirayára*. Conforme Pedro Lozano, esses formavam 10 mil homens de guerra, eram amigos dos espanhóis, horticultores e habitavam o campo de forma dispersa, não se concentravam em aldeias⁴⁷⁵. Todos os grupos desta região que não falavam a língua guarani foram chamados genericamente de *Guanana* e *Gualacho*⁴⁷⁶. São identificados como pertencentes à família linguística Jê Meridional, cuja dispersão deu-se do Sudeste ao Sul do Brasil, inclusive atingindo áreas correspondentes a atual província de *Misiones* na Argentina⁴⁷⁷.

Para o arqueólogo Igor Chmyz, geralmente as cidades (vilas), tais como Vila Rica do Espírito Santo, que os espanhóis organizaram no antigo território do Guairá, foram estabelecidos próximos aos caminhos construídos por indígenas. Conforme veremos mais à frente⁴⁷⁸, ramais do *Peabiru* passavam pelo rio Piquiri e tinham sentidos diversos. Próximos a esses ramais, em prospecções realizadas na década de 1970 no baixo rio Piquiri e médio rio

⁴⁷² Conforme podemos observar em SILVA (2001) e PROUS (2006).

⁴⁷³ Conforme SILVA (2001).

⁴⁷⁴ *Carta Ânua do padre Antonio Ruiz de Montoya superior da missão do Guairá dirigida ao padre Nicolau Duran em 1628*, p. 297.

⁴⁷⁵ LOZANO, P. *Historia de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay*. Tomo I, p. 72.

⁴⁷⁶ Cf. TECHO, N., *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús*. Tomo III, p. 119.

⁴⁷⁷ Cf. SILVA, S. B., *Etnoarqueologia dos Grafismos Kaingang: um modelo para a compreensão das sociedades Proto-Jê meridionais*.

⁴⁷⁸ Cf. SCHMYZ, I., *Nota prévia sobre as pesquisas arqueológicas no vale do rio Piquiri*.

Iguaçu, o arqueólogo e sua equipe identificaram uma grande quantidade de sítios a céu aberto e subterrâneos que afirmam serem da Tradição Itararé⁴⁷⁹.

Outra consideração não menos importante está na *Relación General* que o próprio Cabeza de Vaca efetuou aos oficiais do Conselho das Índias no ano de 1545 para informar sobre acontecimentos que sucederam a sua presença na província do Rio da Prata. Ao seguir uma mesma linha cronológica do relato produzido por Pero Hernández para um amplo público leitor, dez anos antes, Cabeza de Vaca redigiu de forma oficial sua relação histórica. Na qual consta a sua passagem pelo rio *Itabuco* e de sua chegada logo no início de novembro de 1541 a região do campo. “Al cabo destes diez é nueve días plugo a Dios nuestro señor que sin perder ninguna persona llegué a las primeras poblaciones que dicen del Campo”⁴⁸⁰.

O governador nesta passagem pela região do Campo não vai se referir aos Guarani. Ele somente fala em *pueblos* de índios que saem a lhe receber. Enquanto que na versão pública do relato, desde sua chegada aos povos do Campo até o rio Piquiri, diretamente ele se refere cinco vezes a presença de Guarani em diferentes paragens, e indiretamente se refere quatro vezes, “(...) habiendo pasado por algunos pueblos de indios de la generación de los guaraníes”⁴⁸¹; “(...) pasaron por cinco lugares de indios de la generación de los guaraníes”⁴⁸²; “(...) pasaron por muchos pueblos de indios de la generación de los guaraníes”⁴⁸³; “(...) yendo caminando por entre lugares de indios de la generación de los guaraníes”⁴⁸⁴.

Em seu relato aos oficiais da administração espanhola é somente no mês de janeiro de 1542 quando chega ao rio Piquiri que ele vai fazer menção aos mesmos.

Por el mes de enero del año de mili é quinientos é cuarenta y dos años llegué á un río que se llama Piquiri, que es tierra donde hallé *mayor población de gente y más rica de bastimentos que hasta allí avía visto*, é de muchas gallinas y patos y caga y pesquerías; toda la ribera dese río está poblada de mucha gente, y toda la tierra y población que pasé se comunica y entiende por un solo lenguaje y toda es una generación que se llaman Guaraníes⁴⁸⁵.

⁴⁷⁹ Ibidem, p. 24.

⁴⁸⁰ CABEZA DE VACA, A. N., *Relación general*, p. 10.

⁴⁸¹ CABEZA DE VACA, A. N., *Naufrajos y Comentarios*, p. 171.

⁴⁸² Ibidem, p. 175.

⁴⁸³ Ibidem, p. 176.

⁴⁸⁴ Ibidem, p. 178.

⁴⁸⁵ CABEZA DE VACA, A. N., *Relación general*, p. 14.

Essas questões nos levam a pensar que dificilmente a expedição de Cabeza de Vaca não tenha contatado outros grupos indígenas que não aqueles identificados como sendo Guarani. A não presença de outros povos nestas passagens levou a se interpretar a hipótese de que a expedição de Cabeza de Vaca tenha contornado o território de povos, hoje considerados de língua jê, pelo fato das disputas intertribais.

Não concordamos com o olhar que enxerga, por um lado os Guarani, e por outro, seus inimigos históricos. Como se esses povos erguessem fronteiras intransponíveis para quem não pertencesse ao seu meio e vivessem assim, numa eterna luta intertribal. Nossa assertiva com relação ao fato de Cabeza de Vaca somente ter encontrado com Guarani em seu caminho, possivelmente tem mais a ver com sua opção narrativa⁴⁸⁶. Pois, que impacto favorável teria na corte espanhola se constantemente ele fosse auxiliado por pequenos grupos indígenas, irrelevantes, desconhecidos, quando ele poderia ser guiado e amparado em sua marcha, por um grupo nativo que já ganhava destaque, como principal povo, nas narrativas que lhe antecederam?

Um estudo que pode nos ajudar em nossas observações sobre a provável presença de outros povos no percurso de Cabeza de Vaca, tem a ver com a pesquisa realizada sobre o caminho do *Peabiru*, pelo arqueólogo Igor Chmyz e sua equipe de arqueólogos, por volta da década de 1970. Nessa época, quando a cultura da soja começava a avançar pelas terras do estado do Paraná, ele e sua equipe conseguiram apontar um traçado parcial da rota no município de Campina da Lagoa, com trinta quilômetros de extensão em sentido sudoeste/nordeste⁴⁸⁷.

Ao concluir as pesquisas a equipe de especialistas constatou que o dito caminho e seus ramais era resultado de uma construção realizada por grupos da Tradição Arqueológica Itararé, ligada ao grupo linguístico Jê, que os grupos indígenas Kaingang e Xokleng se filiam atualmente. No estado do Paraná, a Tradição Itararé é anterior a Tradição Tupi-Guarani⁴⁸⁸.

Pensávamos, como é que um caminho, com essa extensão atravessando

⁴⁸⁶ Conforme podemos ver em MAURA (2008), Cabeza de Vaca procurava constantemente adequar suas narrativas para tender seus propósitos junto a corte espanhola.

⁴⁸⁷ CF. CHMYZ, I; SAUNER, Z. C., *Nota prévia sobre as pesquisas arqueológicas no vale do rio Piquiri*, p. 16.

⁴⁸⁸ *Ibidem*.

territórios ocupados por grupos que tradicionalmente eram inimigos, como ele poderia ser usado? Como é que um membro do grupo Jê poderia continuar sua caminhada entrando em território Tupi-Guarani e vice-versa? Então a coisa ficava complicada. Naquela época eu pensava, inclusive, que seria muito difícil a própria filiação do caminho a um determinado grupo indígena, mas hoje estou convencido de que ele está ligado de fato ao Jê, à tradição arqueológica que nós chamamos de Itararé⁴⁸⁹.

A equipe de arqueólogos, segundo Igor Chmyz, constatou que esses caminhos construídos pela Tradição Itararé, que os Tupi-Guarani utilizavam, guardam semelhanças com as estradas que contornam nossas cidades. Devido à grande quantidade de sítios que eles localizaram em suas margens⁴⁹⁰. Eles apontam muitas semelhanças com os caminhos indígenas localizados nos estados de Goiás e Minas Gerais, que também foram construídos por povos Jê. Sendo que estes últimos estariam filiados aos Kayapó. Lembramos que os Kayapó Meridionais teriam habitado até o interior do Rio Grande do Sul e podem ter ligação com os Ibirayara⁴⁹¹.

Pensar na possibilidade de que os conhecidos caminhos históricos tal como *Peabiru* e seus ramais tenham sido caminhos que apenas passavam por territórios de Guarani ou que fossem caminhos exclusivos de Tupi e Guarani é uma forma de guaranizar o espaço físico. Indiretamente é atribuir uma ideia de que este povo estava em um grau de desenvolvimento superior aos demais povos do campo e da floresta. É fazer crer que quem conduzia a história dos *povos sem história* nesta parte das terras da América Meridional eram os Tupi e os Guarani. De maneira análoga, é semelhante ao pensamento ideológico de uma parcela da historiografia indigenista de parte do século XIX e XX que buscou idealizar o Tupi para fins de se construir uma matriz para a nacionalidade brasileira⁴⁹².

Não podemos crer que a presença marcante de povos, principalmente de língua Macro-Jê nas terras do sul, em relatos históricos produzidos a partir da segunda metade do século XVIII e posteriormente no século XIX, se deve ao extermínio dos povos considerados de língua Tupi-Guarani, permitindo que os primeiros retomassem seus antigos territórios ou ocupassem novos espaços, semelhante ao que teria observado Aryon Rodrigues quando disse

⁴⁸⁹ CHMYZ, Y., *O Peabiru foi Aberto pelos Itararés. Entrevista a Luiz Osmar Gabardo*, p. 22.

⁴⁹⁰ *Ibidem*.

⁴⁹¹ CF. FREITAS DA SILVA, André. L. *Reduções Jesuítico-Guarani: espaço de diversidade étnica*.

⁴⁹² Cf. MONTEIRO, J. M., *Tupis, Tapuias e historiadores: Estudos de História Indígena e do Indigenismo*.

que com as bandeiras criou-se um “vazio demográfico (dos Guarani), que só aos poucos voltou a ser ocupado, mas então já por outros indígenas, os Kaingáng (da família linguística Jê)”⁴⁹³. Com isso queremos observar que os grupos que hoje se atribui ser de língua Jê, podem estar presentes em relatos históricos do passado como sendo Guarani.

Talvez, devemos pensar que o oleiro que produziu a cerâmica guarani, tenha sido outro que não o próprio Guarani, ou que a presença de falantes de guarani em determinados locais não se deva ao fato de serem nativos falando sua língua materna, mas sim indivíduos fazendo uso de uma língua geral que diferentes povos dominavam. Acreditamos que o exemplo logo abaixo possa ilustrar esta última situação.

Como el P. Francisco Díaz estaba tan versado en los varios idiomas con que se diferencian unas naciones de otras en la lengua Guaraní, á todos universal, pareció le que hablaban con más expedición y propiedad que los camperos; hízoles varias preguntas, pero constantes negaban su nación⁴⁹⁴.

Quem narra é o jesuíta Francisco Jarque. Ele fala sobre uma missão do jesuíta Diaz Tano no Guairá na redução de São Francisco Xavier entre os anos 1626 e 1630. Quando Diaz Tano lá estava, o cacique Guarani chamado *Tayaoba*, que tinha a intenção de receber os missionários em sua aldeia, enviou seu filho a São Francisco Xavier para investigar a forma como os padres trabalhavam. O filho de Tayaoba vestiu-se ao modo dos *Campero* para se passar por um integrante do povo do *Guarayú*.

Conforme a passagem a cima, Diaz Tano percebeu que não se tratava de um índio Campero pelo fato do mesmo dominar o idioma guarani com mais precisão e propriedade do que falaria um *Campero*. Ou seja, a língua guarani era uma língua geral e neste caso os Campero que não eram Guarani, faziam uso da mesma para falar com outros grupos ou com os próprios indígenas que tinham a mesma como primeira língua ou língua materna.

Da mesma forma que nós, falantes da língua portuguesa, utilizamos a língua inglesa para falar com indivíduos de outros povos ou para falar com indivíduos que têm na língua materna o inglês, que necessariamente podem não ser ingleses, mas americanos dos EUA. Será que Cabeza de Vaca e alguns *lenguas* europeus teriam a precisão de diferenciar pela

⁴⁹³ RODRIGUES, A. D., *As línguas gerais Sul-americanas*, p. 9.

⁴⁹⁴ JARQUE, F., *Ruiz Montoya en Indias (1608-1652)*, p. 175.

língua falada os diferentes indivíduos sem ter a clareza do universo humano daquelas terras e como ele era organizado?

3.4 A homogeneização indígena nas províncias do Rio da Prata em Juan López de Velasco: crônica oficial de gabinete.

Desde que o almirante Colombo chegou às Índias Ocidentais, os olhares do mundo antigo se voltaram para as façanhas castelhanas que atraíam curiosidades alheias desde a queda de Granada e a expulsão dos Mouros⁴⁹⁵. Isabel, a Católica, tendo ao seu lado Fernando de Aragão, expandia o poder de Castella e submetia outros reinos ao seu cetro real. Estava à frente da expansão e fortalecimento da Igreja Católica enquanto descortinava o *novo mundo* para uma Europa renascentista. *Los Hechos de los Castellanos*, singraram os mares do tempo por meio dos registros escritos produzidos por uma plêiade de cronistas que escreveram suas histórias juntamente com a aurora da expansão marítima espanhola.

O primeiro grande cronista foi Pedro Mártir de Anglería que, de *ouvir*, conforme comentamos no primeiro capítulo, escreveu suas *Décadas del Nuevo Mundo* sendo seguido por outros na produção escrita, tais como Gonzalo Fernández de Oviedo, Bartolomé de las Casas e Francisco López de Gómara⁴⁹⁶, entre outros. À medida que *os feitos dos castelhanos aumentavam*, o número de papéis e documentos também se avolumavam ao longo da passagem dos anos.

Cronistas diversos, historiadores e geógrafos, presentes ou não a cena do acontecimento, foram de extrema importância para o registro dos acontecimentos que se desenvolviam nas Índias Ocidentais até o início da década de setenta do século XVI. Momento em que o Rei Felipe II, devido à má gestão dos arquivos e papéis do Supremo Conselho das Índias, em que “se desconocía el medio y el hombre objeto de la normativa”⁴⁹⁷, resolveu criar o cargo renumerado de *cronista e cosmógrafo maior dos estados e reinos das índias, ilhas e terra firme de mar oceano*. Posto que coube a Juan López de Velasco.

⁴⁹⁵ Cf. CUESTA DOMINGO, M., *Los Cronistas oficiales de Indias. De López de Velasco a Céspedes del Castillo*.

⁴⁹⁶ *Ibidem*.

⁴⁹⁷ CUESTA DOMINGO, M., *Los Cronistas oficiales de Indias. De López de Velasco a Céspedes del Castillo*, p. 119.

A necessidade de se criar esse cargo oficial no Conselho das Índias quase um século após a chegada de Colombo a América se deve a necessidade da coroa espanhola em saber a real situação das novas terras. As *ordenanzas* de 24 de setembro de 1571 expressavam o “interés que aquel conocimiento tenía para la Corona; conocer para gobernar: recibir la descripción de todo lo relativo a las Indias (...), de su naturaleza y usos de sus pobladores así como de los asuntos temporales, eclesiásticos y seculares, pasados y presentes”⁴⁹⁸.

Portanto, a pessoa nomeada para essa função deveria estar apta a sintetizar um quadro do que havia, de quem vivia, e como eram todas as terras das Índias ocidentais pertencentes aos reis da Espanha. O quadro social, cultural, político, físico e natural.

En ese estudio aparece por qué determinaciones y procedimientos, creada la Casa de la Contratación de Sevilla por el rey D. Fernando V, se recogían las noticias facilitadas por los navegantes descubridores de tierras ignotas y cómo en progresivo avance se fueron sometiendo á reglas uniformes las informaciones, obligando á los pilotos á consignarlas en libro diario con prevención de situar los cabos, puertos y ríos por sus alturas y rumbos; de tener cuenta con los vientos y corrientes; de escribir por separado relaciones y comentarios de lo que veían y de dar fe de todo á su regreso (...)⁴⁹⁹.

Foi com a chegada em junho de 1567 do licenciado Juan de Ovando ao Conselho das Índias, na qualidade de visitador daquele órgão de Estado, que começou a ganhar forma a ideia de se criar um cargo de cronista oficial. Juan de Ovando chegou para realizar uma espécie de auditoria interna no Conselho das Índias. Ele montou uma equipe de investigação na qual constava Juan Lopez de Velasco como secretário. Este já trabalhava no Conselho desde 1563.

Este equipo colaboró con Ovando durante los cuatro años que duró la visita: tuvieron a su cargo recoger testimonios mediante la real cédula del 23 de enero de 1569. El interrogatorio que la acompañaba sobre el Consejo y las instituciones indianas, redactar informes y cartas, y organizar la gran investigación que lanzó Ovando pretendía conseguir una información completa sobre la administración de las Indias en todos sus aspectos⁵⁰⁰.

⁴⁹⁸ Ibidem.

⁴⁹⁹ CESÁREO, Fernández Duro. *Geografía y descripción universal de las Indias, recopilada por el cosmógrafo-cronista, Juan López de Velasco, desde el año de 1571 al de 1574, publicada por D. Justo Zaragoza*.

⁵⁰⁰ BERTH, J. P., *Juan López de Velasco. cronista y cosmógrafo mayor del Consejo de Indias: su personalidad y su obra geográfica*, p. 348.

Conforme Jean Berth o primeiro projeto de Ovando era conhecer as coisas das índias e o segundo projeto, era reorganizar sistematicamente todas as disposições legislativas desde que se conquistou o Novo Mundo⁵⁰¹. Em agosto de 1571 o visitador encerrou os trabalhos e com a aprovação do resultado por de Felipe II, em setembro do mesmo ano, autorizou a criação de “un nuevo oficio, el de "cosmógrafo cronista" del Consejo de Indias”⁵⁰². Esse funcionário real deveria fazer a “recopilación de la historia general, moral y particular así como de los acontecimientos memorables y de las cosas naturales excepcionales y especialmente todo lo relativo a la cosmografía y descripciones de las Indias”⁵⁰³.

Em outubro do mesmo ano, Velasco foi o escolhido para assumir a função. Foram diversos os motivos que levaram Velasco a assumir o cargo, entre os mesmos, estaria sua grande experiência e familiaridade com as coisas das Índias, pois há alguns anos ele já estava à frente de questões administrativas do Conselho das Índias. A confiança de Felipe II que o tornará secretário particular alguns anos mais tarde e do próprio visitador Ovando, lhe permitiram galgar o cargo.

De acordo com Alejandro Camacho, por seu trabalho, Juan Lopez de Velasco atualmente é conhecido e reconhecido como um dos mais importantes humanistas espanhóis, pois, ele também foi responsável pela mais importante obra sobre a ortografia espanhola do século XVI, que ajudou a fixar uma norma comum para a escrita do castelhano, além de ter sido um grande pedagogo voltado especialmente para “la alfabetización y los maestros de primeras letras”⁵⁰⁴.

Para responder a importante demanda da Coroa espanhola, esse primeiro cronista oficial das índias passou a ter acesso a uma série de papéis e documentos arquivados sob a guarda dos oficiais da Casa de Contratação e do Conselho das Índias, além de outros documentos produzidos por cronistas anteriores e contemporâneos a ele. Um desses cronistas foi Alonso de Santa Cruz.

⁵⁰¹ Cf. BERTH, J. P., *Juan López de Velasco. cronista y cosmógrafo mayor del Consejo de Indias: su personalidad y su obra geográfica*, p. 148.

⁵⁰² Ibidem, p. 149.

⁵⁰³ CUESTA DOMINGO, M., *Los Cronistas oficiales de Indias. De López de Velasco a Céspedes del Castilla*, p. 119.

⁵⁰⁴ CAMACHO, A. G., *Las ideas pedagógicas de Juan López de Velasco: alfabetización y maestros en la España de Felipe II*, p. 88.

Cosmógrafo e um dos cronistas maiores das Índias, havia acompanhado a expedição de Sebastião Caboto, vivendo a aventura do rio da Prata como capitão de navio e tesoureiro. De volta a Europa se dedicou aos estudos e a escrita. Tornou-se cosmógrafo da Casa de Contratação, produziu várias obras, tais como o *Islario General* e organizou uma vasta documentação que tratava sobre os assuntos do Novo mundo⁵⁰⁵. Essa documentação de Santa Cruz, com sua morte, estava nas mãos de herdeiros. Tão importantes eram esses papéis para o Estado espanhol, que os mesmos foram confiscados e repassados ao Conselho das Índias para acesso de Juan Lopes de Velasco⁵⁰⁶.

Após dois anos de dedicação, nasceu em 1574 a *Geografía y descripción universal de las Indias*, que logo foi submetida para análise ao Conselho Real das Índias. Em sua obra, Velasco procurou responder às demandas do Conselho das Índias e do rei Felipe II. Ao discorrer sobre uma gama de assuntos referentes às novas províncias de Castella na América, ele também escreveu sobre a questão indígena, em especial sobre aqueles que habitavam nas províncias do Rio da Prata.

*Así como estas provincias son grandes, son muchas las naciones de indios que hay, y más la diversidad de lenguas que platican, aunque se reducen á dos diferencias de naturales; unos que llaman gandules, por la mayor parte muy altos, más que españoles, bien hechos y de buenas facciones, enjutos y morenos, y bien proporcionados, de buenas fuerzas aunque sin maña, mal vestidos; no siembran, y se sustentan de la caza y pesca, holgazanes, y su más continuo ejercicio es la guerra: los otros son los indios labradores guaraníes, que quiere decir guerreros, porque van muy lejos de su tierra á guerrear, de estatura de españoles, y bien agestados, que hacen sus sementeras, y entretanto que se crían también ejercitan la guerra, caza y pesca: entre ellos, los que están alrededor de la Asunción, son los que más se derraman por la tierra, y así la lengua de los que se llaman guaraníes es la que generalmente se habla en todas las provincias, aunque tienen lenguaje particular*⁵⁰⁷.

Poderíamos até afirmar que Velasco é nosso *Toque de Midas* no que tange a ideia de guaranização do espaço nativo nas províncias do Rio da Prata no século XVI. Não é simplesmente o que ele escreveu, mas o que ele constatou a partir de sua experiência nos vários anos de trabalho no Conselho das Índias, principalmente das leituras e análises dos

⁵⁰⁵ Cf. CUESTA DOMINGO, M., *Estudio crítico: Alonso de Santa Cruz*, p. 17.

⁵⁰⁶ BERTH, J. P., *Juan López de Velasco. cronista y cosmógrafo mayor del Consejo de Indias: su personalidad y su obra geográfica*, p. 153.

⁵⁰⁷ VELASCO, J. L., *Geografía y descripción universal de las Indias*, p. 555.

inúmeros papéis produzidos ao longo de setenta anos, se considerarmos desde a passagem de Américo Vespúcio no ano I do século XVI pelas terras meridionais.

Vale lembrar novamente, conforme já pontuamos, que os capitães tinham como obrigação “descrever para o rei suas atividades e como eram as novas terras descobertas”⁵⁰⁸. Tinham que apresentar suas *relaciones* de viagem aos oficiais reais. Além do mais, a tripulação de um modo geral, por interesses particulares, também produzia informação por iniciativa própria. Ulrich Schmídel e Luis Ramírez são exemplos.

Também houve outra gama de documentos gerados em processos administrativos que os oficiais do Conselho das Índias abriam contra e a favor de membros das expedições. Nesses pleitos, a tripulação era chamada a testemunhar. Informações que muitas vezes não estão presentes nos relatórios oficiais ou nas edições públicas aparecem somente nesses processos. Sebastião Caboto e Cabeza de Vaca sofreram essas ações processuais devido a fatos ocorridos em suas expedições.

Entendemos que o acesso a diferentes documentos escritos e, possivelmente a outras fontes orais, permitiu a Velasco ser objetivo. *Por mais que haja uma diversidade de nações com linguagens diferentes, elas se reduzem apenas duas diferenças naturais. O primeiro grupo são os vagabundos errantes, chamados Gandule; o segundo grupo são os guerreiros agricultores, chamados Guarani.*

Se considerarmos que o parecer de Velasco foi ao encontro da demanda do rei, que buscava saber a real situação de seus domínios para assim fazer a gestão do território, ele estava oficializando ao monarca espanhol que: em uma de suas províncias havia uma pluralidade de povos que trabalhavam a terra, que eram agricultores, guerreiros e que falavam diferentes línguas, mas que deveriam ser vistos como sendo um único povo por apresentarem semelhanças e terem linguagem comum a todos.

Entendemos que essa passagem define de forma categórica o Guarani colonial. É por esse motivo que diferentes povos indígenas podem ter sido percebidos como sendo Guarani, pois, eram horticultores, guerreiros e falavam a língua geral. Não podemos estranhar o comentário atribuído a Antonio Ruiz de Montoya⁵⁰⁹, enquanto reduzia a língua geral do

⁵⁰⁸ PORTUGAL, A. R., *Confluência cultural nas Crônicas das Índias*, p. 43.

⁵⁰⁹ FURLONG, G., *Misiones y sus Pueblos de guaraníes*, p. 80.

Paraguai, ao observar que povos muitas vezes próximos uns dos outros não se entendiam, muito provavelmente porque não eram Guarani.

Em relação ao quadro que estamos expondo, algo nos chama atenção e tem a ver com as categorias aplicadas. É a semelhança entre os termos *gandule* e *chandule*. Conforme Velasco, de maneira geral os Gandule eram guerreiros e não cultivavam a terra. Para Luis Ramírez, de maneira geral os Chandule eram guerreiros e andavam espalhados pela terra. Para Julio Baroja, que elaborou um estudo sobre a presença dos Mouros em Granada, a palavra *gandul* para os espanhóis, uma herança da língua árabe, tinha um significado semelhante “a un hombre que pudiendo trabajar y hacer algo de provecho se dedica a la holganza. De gandul se a formado incluso un verbo gandulear”⁵¹⁰.

Esse termo, conforme estamos percebendo, foi apropriado pelos espanhóis para ser aplicado aos indígenas que resistiam ao sistema colonial. Conforme Ana Zavala “existía la visión del indio nómada que se había resistido a la evangelización y que causaba estragos a las poblaciones fronterizas, como salvaje, bárbaro, hostil, *gandul*, enemigo, al que se le debía combatir con las armas”⁵¹¹. Julio Baroja nos observa que para os mouriscos a palavra *gandule* era referência a um *jovem* membro de uma milícia urbana⁵¹². Conforme este autor, os mouriscos de Granada haviam formado esquadrões guerreiros com os jovens para defender áreas da cidade contra possíveis ataques.

O que estamos tentando formular com essa exposição, é um quadro hipotético em que existe a possibilidade de que Luis Ramírez, conforme capítulo anterior, tenha se referido aos Chandule (guarenis/guerreiros), quando teria identificado semelhanças com os Gandule dos Mouros, possivelmente na forma de fazer guerra e na forma como estavam inseridos no contexto dos povos nativos. Lembramos que Ramírez havia se referido aos Chandule como corsários. Corsário é uma espécie de miliciano dos mares a serviço de alguém que o contrata. Os Gandule dos mouriscos atuavam em forma de guerrilha e estavam a serviço do seu rei. Os Chandule/guareni formavam um grupo de guerreiros.

⁵¹⁰ BAROJA, J. C., *Los Moriscos del Reino de Granada*, p. 171.

⁵¹¹ ZAVALA, A. L. R., *Indio/indígena 1750-1850*, p. 1672.

⁵¹² Cf. BAROJA, J. C., *Los Moriscos del Reino de Granada*, p. 171

Tudo isso é mera hipótese que ainda carece de uma maior fundamentação, mas fica o registro para pesquisa futura. Lembramos que o termo chandule somente está presente na documentação dos anos iniciais da conquista e colonização, desaparecendo logo em seguida.

Observamos que tal qual asseverou Lopes de Velasco, que nas províncias do Rio da Prata havia apenas dois povos hegemônicos, os Guarani e os Gandule, o jesuíta Nicolau Duran, aproximadamente 60 anos mais tarde, observou que Guarani é o “nombre general que comprende todas las naciones del Paraguay que son muchísimas”.⁵¹³ Na mesma linha de pensamento do cosmógrafo real, esse eminente religioso era a autoridade maior dos jesuítas nesta parte da América Meridional. Sendo provincial em Córdoba no ano de 1628, velava pelo bom funcionamento da estrutura inaciana na Província Jesuítica do Paraguai, coadunando com as prescrições da corte espanhola e do generalato romano. Em sua descrição, ele não negou a existência de outras especificidades nativas, assim como o fez Velasco, mas reafirmou a assertiva propugnada pelo mesmo.

Ao concluirmos, observamos que Cabeza de Vaca e Ulrich Schmídel formam um dueto interessante para a história indígena colonial, em especial a dos Guarani. Ambos estiveram no mesmo processo histórico, sendo que o segundo chegou a ser subalterno do primeiro enquanto a conquista se desenvolvia no antigo Paraguai. No entanto, enquanto Vaca desconheceu os Carió em sua narrativa, Schmídel, por sua vez, desconheceu os Guarani. Mas, conforme podemos observar nas discussões mais acima, enquanto Cabeza de Vaca realçou a presença Guarani, enaltecendo sua economia doméstica, seu modo de ser, sua atitude guerreira e sua demografia, Schmídel, por outro lado, foi um fator moderador. Pois, não apenas atestou a presença e aspectos da cultura dos Carió, demarcando lugares no espaço físico para esses, como reconheceu e enalteceu a presença de outros povos indígenas. Neste sentido, quando entendemos que houve guaranização na narrativa de Cabeza de Vaca, entendemos que a narrativa de Schmídel é um forte contrapondo a esta ideia.

Quanto a Juan López de Velasco, não nos restam dúvidas de que nos seus escritos a ideia de guaranização é uma marca indelével. A questão de amplitude demográfica, linguística e cultural do povo Guarani é evidenciada ao considerá-lo o principal povo das províncias do Rio da Prata. É muito provável que o enunciado de Velasco sobre os Guarani só foi possível porque deste o início da conquista e colonização os agentes ibéricos passaram a

⁵¹³ DURAN, N. *Décima segunda carta ânua escrita no ano de 1628*, p. 234.

reconhecer os falantes da língua geral como sendo Guarani, pois, pelo que Pero Lopes deu a entender, guarani era o nome da língua.

CONCLUSÃO

Conforme procuramos observar na introdução desta tese, não estamos trabalhando com populações etnográficas, ou seja, com os povos atuais que possuem como idioma próprio língua da família Tupi-guarani. Entre os quais podemos citar os *Mbyá*, os *Xetá*, os *Ñandeva* (*Txiripá*), os *Kaiowá* (*Paĩ Tavyterã*), os *Chiriguano*, os *Tapieté* e os *Izoceño* que estão distribuídos no Brasil, Paraguai, Argentina e Bolívia. Mas, trabalhando com o Guarani do período colonial, um *guarani no papel*, que não é o Guarani reduzido, pelo fato de que as reduções organizadas por jesuítas se desenvolveram em tempo posterior ao período que analisamos.

Para Thiago Cavalcante “se hoje existe diversidade étnica entre os grupos falantes da língua Guarani, é fácil deduzir que esta diversidade era bem maior nos séculos XVI e XVII”⁵¹⁴. No entanto, conforme observou Jorge Eremites⁵¹⁵, “como perceber um fenômeno assim a partir dos registros textuais incompletos (etno-históricos) e evidências arqueológicas”, ou seja, como podemos analisar o passado colonial indígena a partir de conceitos do presente, se nos falta a voz dos atores indígenas, principalmente.

Neste sentido, se os indivíduos pertencentes ao povo Kaiowá e ao povo Ñandeva, atualmente são vozes consonantes que conseguem fazer-se ouvir e registrar, sendo porta vozes de suas próprias histórias, o mesmo não ocorreu com os antigos povos indígenas do período colonial, em especial do século XVI. Pois, as vozes desse longínquo passado foram legadas por agentes da exploração, da conquista e do povoamento, que nos transmitiram informações sobre os povos indígenas, privilegiando na maior parte dos casos, conforme Carlos Fausto, a unidade de costumes e línguas em detrimento de informações “sobre diferenças interétnicas, sinais diacríticos de identidade [e] distinções dialetais”⁵¹⁶.

⁵¹⁴ CAVALCANTE, T. L. V., *Tomé: o apóstolo da América. Índios e Jesuítas em uma história de apropriações e resignificações*, p. 21.

⁵¹⁵ OLIVEIRA, J. E., *Cultura Material e Identidade Étnica na arqueologia brasileira: um estudo por ocasião da discussão sobre a tradicionalidade da ocupação Kaiowá da terra indígena Sucuri*, p. 99.

⁵¹⁶ FAUSTO, C., *Fragments de história e cultura tupinambá: da etnologia como instrumento crítico de conhecimento etnohistórico*, p. 385.

Portanto, é nesse contexto em que a voz indígena está ausente para falar em causa própria, que elaboramos nossa análise sobre dados históricos referentes ao Guarani, em especial do século XVI e, indiretamente sobre trabalhos posteriores que postularam a ideia de que o mesmo era uma unidade sociocultural demograficamente ampla e homogênea, seja, como exemplo, habitando as serras do Tape (atual Rio Grande do Sul) ou a planície pantaneira do Itatim (atual Mato Grosso do Sul), em meados da primeira metade do século XVII, ou habitando por volta de 1526, ilhas do delta do rio Paraná (Chandule) e uma parte da densa floresta subtropical de Mata Atlântica da região do Alto Paraná⁵¹⁷, por volta de 1698 (Tobatim).

Observamos que logo na chegada ao rio da Prata, os espanhóis passaram a implementar uma política de reconhecimento, identificação e nomeação das terras e das gentes, seguindo orientação dos monarcas castelhanos, conforme consta na *Recopilación de Leyes de los Reinos de las Indias*⁵¹⁸. Por esta ação *adâmica*⁵¹⁹, a categoria indígena Guarani foi concebida para a história. No papel, ela deve sua existência à língua geral presente nas terras das províncias do Rio da Prata, pois, foi sob a égide de uma língua composta de dialetos de muitos falantes que se congregou uma variedade de grupos nativos.

Entre esses grupos, se encontravam os que foram notadamente nomeados de Carijó (ilha de Santa Catarina), Chandule/Guarani (ilhas no rio Paraná e rio Uruguai) e Carió (rio Paraguai). As relações estabelecidas com esses grupos foram por meio da língua geral que os guias e interpretes europeus, estabelecidos no litoral português ou nas posses espanholas, falavam. Além dos mesmos, os guias indígenas que acompanharam Sebastião Caboto, Diego García, Pero Lopes de Souza, Pedro de Mendoza e Cabeza de Vaca, dominavam essa língua geral, que de maneira ampla, era falada na costa atlântica desde a foz do Amazonas até o rio da Prata, se dirigindo em sentido leste/ oeste para o interior do continente.

⁵¹⁷ Conforme DI BITETTI; PLACCI e DIETZ (2003), no atual território paraguaio a Ecorregião Florestas do Alto Paraná abrange uma área que esta dividida pelos departamentos de Alto Paraná, Amambay, Caaguazú, Caazapá, Canindeyú, Concepción, GuairaItapúa, Paraguari e San Pedro.

⁵¹⁸ La Recopilación de las Leyes de los Reinos de las Indias. De los Descubrimientos, Libro IV, Tít. Primero, Ley

8ª. Que los descubridores pongan nombres à las provincias, montes, ríos, puertos y pueblos.

⁵¹⁹ Cf. CUNHA. M. C., *Índios no Brasil: história, direitos e cidadania*.

Esta língua, que é definida como pertencente à família linguística Tupi-Guarani, já, em 1531/1532⁵²⁰ aparece na documentação como sendo língua guarani e, em 1609, nas palavras de Torres Bollo⁵²¹, como língua geral guarani. Neste sentido, tomando por base as palavras do português Pero Lopes de Souza, ainda num contexto de reconhecimento, além de outras passagens da documentação jesuítica do início do século XVII, é possível deduzirmos que os Carijó de Assunção, os Carijó de Santa Catarina e os Chandule, falavam a língua guarani e de Guarani foram nomeados.

Se a questão da língua falada foi decisiva para a concepção da categoria Guarani, outros fatores não foram menos importantes, um deles foi a percepção de que os índios nomeados de Guarani se deslocavam no espaço geográfico percorrendo grandes distâncias para, por meio da guerra, conquistar e ampliar seus domínios. Neste sentido, da língua geral falada e desse modo de ser, naturalizou-se no cotidiano colonial o termo guarani para ser a representação de uma categoria indígena que tinha seu nome derivado da palavra *guarini*, *guareni*, que em sentido *lato*, tinha haver com guerra, guerreiro e guerrear, conforme discutimos no segundo capítulo. Também, aliada a questão da língua falada e ao modo de ser, somou-se o importante fato desses grupos, serem todos, em maior ou menor grau, horticultores.

Portanto, diante da babel de línguas faladas e da grande diversidade sociocultural, esse conjunto de fatores que foi identificado, primeiramente nos Carijó, Carijó e Chandule - mesma língua, semelhanças na produção de alimentos e aptidão para a guerra e o trabalho - sanou os anseios dos espanhóis no decorrer do século XVI. Diante de tais fatores, consolidaram, ao menos no papel, uma unidade sociocultural para fazer frente a fragmentação sociocultural e linguística, que na prática, se desenvolvia. A organização de povoados, as reduções de índios no século XVII e sua consolidação no século XVIII, foi a resposta encontrada para efetivar a ideia de um povo, uma língua e uma cultura, concebida no século XVI, mesmo que de forma discreta.

Diante do quadro que se iniciou no século XVI e que se estende até a atualidade, em que por um lado o Guarani do período colonial é visto como tendo sido uma unidade linguística, culturalmente homogênea e demograficamente dispersa e por outro lado,

⁵²⁰ SOUZA, P. L., *Diário da navegação que foi á terra do Brasil em 1530*, p. 47/8.

⁵²¹ BOLLO, D. T., *Primera carta, del padre Diego de Torres, desde Córdoba del Tucumán (1609)*, p. 8.

fragmentado sociopoliticamente⁵²², alguns pesquisadores estão se utilizando do termo *Guarani falante*, quando querem se referir a esse povo. Um exemplo é a fala de Pablo Antunha na sua obra *La Tierra sin mal: historia de un mito*, quando observa, de maneira geral, que:

A medida que pasaba el tiempo y que los grupos particulares iban siendo mejor conocidos, surgió una enorme cantidad de etnónimos específicos para individualizar a estos “guaraníes”, tales como “itatines” o “tapes”, por ejemplo, para referirse a los habitantes de las misiones jesuíticas instaladas en las provincias homónimas del antiguo Paraguay. En cuanto al nombre “guaraní”, acabó fijándose, por un lado, como etnónimo específico de algunos grupos, como los antiguos “chiriguano” del Chaco, o los Nandevás de Mato Grosso do Sul. Continúa sin embargo funcionando como una macrocategoría o una categoría genérica, general y hasta caricatural, que designa a todas las personas que hablan la lengua guaraní y sus variantes. Para evitar confusiones, prefiero referirme en estos casos a grupos “guaraní-hablantes”⁵²³.

Na visão de Pablo Antunha, o *guarani falante* passa a ser uma chave de leitura para se tentar escapar da confusão semântica que se apresenta quando o nome guarani está em evidência. Essa confusão semântica ganha contornos, porque diferentes unidades socioculturais como Tape, Itatim e Tobatim, por exemplo, foram percebidos como diferentes, mas considerados todos Guarani. Esse é o espírito da guaranização, diferentes grupos, em diferentes tempos e lugares, percebidos como se fosse um único povo. Uma unidade sociocultural ampla e homogênea.

A visão que se construiu com caráter hegemônico sobre o Guarani do período colonial, a qual o percebeu como sendo um povo com uma mobilidade geográfica notável, que ampliava seus territórios ao conquistar outros povos, aos quais impôs sua cultura, seu modo de ser e sua língua, mas, ficou imune aos mesmos, é herdeiro de uma narrativa guaranizante que começou logo no início da exploração e conquista das terras e das gentes das províncias do Rio da Prata. Pois, foi sob a pena dos cronistas Luiz Ramírez, Sebastião Gaboto, Cabeza de Vaca e principalmente do primeiro cronista oficial do Conselho das Índias, Juan López de Velasco, que ganhou os primeiros contornos que se realçaram na posteridade.

⁵²² MONTEIRO, J. M., *Os guarani e a história do Brasil meridional: séculos XVI e XVII*, p. 477.

⁵²³ BARBOSA, P. A., *La tierra sin mal: historia de un mito*, p. 14.

Así como estas provincias son grandes, son muchas las naciones de indios que hay, y más la diversidad de lenguas que platican, aunque *se reducen á dos diferencias de naturales; unos que llaman gandules*, por la mayor parte muy altos, más que españoles, bien hechos y de buenas facciones, enjutos y morenos, y bien proporcionados, de buenas fuerzas aunque sin maña, mal vestidos; no siembran, y se sustentan de la caza y pesca, holgazanes, y su más continuo ejercicio es la guerra: *los otros son los indios labradores guaraníes*, que quiere decir guerreros, porque van muy lejos de su tierra á guerrear, de estatura de españoles, y bien agestados, que hacen sus sementeras, y entretanto que se crían también ejercitan la guerra, caza y pesca: entre ellos, los que están alrededor de la Asunción, son los que más se derraman por la tierra, y así la lengua de los que se llaman guaraníes es la que generalmente se habla en todas las provincias, aunque tienen lenguaje particular⁵²⁴.

Essa passagem dá o tom do que foi a representação que os espanhóis conceberam para a categoria indígena Guarani ainda no período da conquista e como ela ganhou um caráter oficial na fala de Juan López de Velasco. A partir da fala desse cronista de gabinete, também podemos inferir que Tupi, Tapuia, Gandule, além do próprio Guarani, eram todas faces diferentes de uma mesma moeda. Por um lado, índios bons e por outro, índios maus. A diferença é que o Guarani colonial se *etnificou*, ou seja, se perpetuou nos escritos como sendo uma unidade sociocultural indígena, enquanto os outros permaneceram como sendo categorias genéricas.

Conforme discorremos no terceiro capítulo, se pensarmos que Velasco começou a trabalhar sua obra em 1570, devemos considerar que as informações que o fundamentaram são de período anterior. Portanto, além dos documentos legados por Alonso de Santa Cruz que esteve com Sebastião Gaboto em 1526 nas terras do Rio da Prata, provavelmente Velasco serviu-se dos relatórios, entre outros papéis, de Diego Garcia, do próprio Gaboto e de Cabeza de Vaca para constituir de maneira oficial a categoria Guarani, que se concebe com a ideia de ampla dispersão espacial, forte belicosidade e presença marcante da língua em todo o território.

Neste sentido, a fala de Velasco encontrou ressonância na fala de Luís Ramírez “*estos andan derramados por esta tierra y por otras muchas, como cosarios, á causa de ser enemigos de todas (las naciones) [...] señorean gran parte desta India y confinan con los que*

⁵²⁴ VELASCO, J. L., *Geografía y descripción universal de las Indias*, p. 555.

habitan en la sierra”⁵²⁵; na fala de Sebastião Gaboto “*que la más principal generación de Indios de aquella tierra, son los Guaranís, gente guerrera, traidora, i soberbia, i que llaman esclavos à todos que no son de su lengua, con los cuales siempre andaban en guerra*”⁵²⁶; na fala de Cabeza de Vaca “, *y tienen ocupada muy gran tierra, y todo es una lengua [...]. Es gente muy amiga de guerras, y siempre las tienen y procuran, y es gente muy vengativa*”⁵²⁷.

Vozes que foram produzidas no incipiente contexto de reconhecimento das terras e das gentes, tornaram-se posteriormente marcadores demográficos e socioculturais dos Guarani para a época da colônia. Em relações históricas e análises mais contemporâneas, esses dados estão presentes, tanto para explicar a expansão ou a possível presença desse povo em espaços diversos, quanto para explicar o modo de ser dos mesmos e a forma como ocorreram os processos de conquista e a disseminação da cultura e da língua. Em síntese, para explicar os processos de guaranização.

É fato que quando queremos nos reportar ao passado colonial para termos um olhar mais próximo de determinadas especificidades nativas, nos deparamos com a praticamente intransponível categoria indígena Guarani. Se na documentação escrita, por exemplo, conseguimos rastrear o etnônimo Guató desde o início do século XVI até os dias atuais, como habitando determinados espaços do rio Paraguai, reproduzindo sua cultura canoeira, os Guarani, ao contrário, são uma profusão de povos de tempos e lugares distintos, que é muito difícil determinar. Por isso, concluímos que houve guaranização em escritos do século XVI, pois, narrativas de natureza genérica nos induzem enxergar a pluralidade sociocultural de parte das terras das antigas províncias do Rio da Prata como sendo formada por um povo amplo em seu caráter demográfico e homogêneo em seus aspectos socioculturais.

Ao concluirmos este trabalho, que não esgota o assunto sobre o tema que discutimos, ao contrário, acreditamos que ficaram nuances para serem aprofundadas, mas, considerando que nossos objetivos foram alcançados, esperamos que o mesmo, de forma positiva, possa fazer parte desta *grande árvore* que são os estudos sobre o Guarani colonial, cujos ramos não param de crescer, suscitando novas e revendo velhas controvérsias.

⁵²⁵ RAMÍREZ, L., *Carta do Rio da Prata em 10 de julho de 1528*, p. 27

⁵²⁶ HERRERA Y TORDESILLAS, A. *Historia General de los hechos de los Castellanos en las Islas i Tierra Firme del Mar Océano*, p. 168.

⁵²⁷ CABEZA DE VACA, A. N., *Naufragios y Comentarios*, p. 167.

REFERÊNCIAS

FONTES

CABEZA DE VACA, Alvar Núñez. **Naufraios y Comentarios**. Madrid: CALPE, 1922.

_____. **Naufraios & Comentarios**. (Prefácio de Henry Muller. Introdução de Eduardo Bueno). Porto Alegre: L&PM, 1999.

_____. **Relación de los Naufraios y Comentarios**. Tomos I. (Edição e notas de Manuel Serrano y Sanz) MADRID: Librería General del Victoriano Suárez, 1906.

Disponível em: <<https://archive.org>>

Acessado em: 18/01/2017.

_____. **Relación general [1545]**. In: **Relación de los Naufraios y Comentarios**, Tomo II, (Edição e notas de Manuel Serrano y Sanz) Madrid: Librería General del Victoriano Suárez, 1906.

Disponível em: <<https://archive.org>>

Acessado em: 18/01/2017.

_____. **Álvar Núñez Cabeza de Vaca: naufragios e comentarios**. (Edição digital. Introdução e notas de Roberto Ferrando Pérez). Editora Himali, 2013.

Disponível em: <<http://assets.espdf.com>>

Acessado: 23/11/2015.

GARCÍA DE MOGUER, Diego. **Memoria de la navegación que hice este viaje en la parte del mar océano desde que Salí de Ciudad de la Coruña, que allí me fue entregada la armada por los oficiales de S. M. que fue en al año de 1526**. (Transcrição e Tradução de Francisco Adolfo Varnhagen). Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil. Tomo XV (2º da terceira série). Rio de Janeiro: Tipografia Universal de Laemmert 1852.

_____. **Relación y derrotero de Diego García, que salió de La Coruña en 15 de enero de 1526 (...)**. In: MEDINA, José Toribio. **Los viajes de Diego García del Moguer al Rio de la Plata**. Santiago de Chile: Imprenta Elzeviriana, 1908.

Disponível em: <<http://www.memoriachilena.cl/archivos>>

Acessado: 23/07/2015.

RAMÍREZ, Luís. **Carta do Rio da Prata a 10 de julho de 1528**. (Transcrição e tradução de Francisco Adolfo Varnhagen). Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil. Tomo XV (2º da terceira série). Rio de Janeiro: Tipografia Universal de Laemmert, 1852.

_____. **Carta de Luis Ramírez á su padre**. In: MEDINA, José Toribio. **Juan Diaz de Solís. Estudio Histórico**. Santiago de Chile: Impreso en casa del autor, 1897.

Disponível em: <<http://www.memoriachilena.cl/archivos>>

Acessado: 22/07/2015.

_____. **Carta de Luis Ramírez a su padre desde el Brasil (1528): orígenes de lo 'real maravilloso' en el Cono Sur**. (Introducción, edición, transcripción y notas Juan Francisco Maura). Revista Lemir. 2007. Edición electrónica.

Disponível em: <<http://parnaseo.uv.es/Lemir/Textos>>

Acessado em: 10/04/2015.

SCHMÍDL, Ulrich. **Viaje al Río de la Plata**. (notas biográficas e bibliográficas por Bartolomé Mitre – tradução, prólogo e notas de Samuel A. Lafone Quevedo). Buenos Aires: Editora Cabaut, 1903.

_____. **Historia y descubrimiento del Río de la Plata y Paraguay por Uldérico Schmidel**. (introdução e notas de Mariano A. Pelliza). Buenos Aires: Imprenta y librería de Mayo, 1881.

Disponível em: <<https://archive.org/details>>

Acessado: 26/04/2015.

SOUZA, Pero Lopes de. **Diário da navegação que foi á terra do Brasil em 1530**. In: VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. **Diário da navegação da armada que foi a terra do Brasil em 1530, sob a Capitania-Mór de Martin Affonso de Souza, escrito por seu irmão Pero Lopes de Souza**. 1ª Ed. Lisboa [Portugal]: Typ. da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, 1839.

Disponível em: <<http://bd.camara.gov.br/bd/handle>>

Acessado em: 12/01/2015.

_____. **Diário da navegação de Pero Lopes de Souza pela costa do Brazil até o rio Uruguay (de 1530 até 1532)**. Tradução, Transcrição e edição de Francisco Adolfo de Varnhagen. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Typ. de D. L. dos Santos, 1867.

_____. **Diário da navegação de Pero Lopes de Souza (de 1530 a 1532)**. (Prefácio de Capistrano de Abreu com notas e comentários de Eugenio de Castro). Vol. I. Série Eduardo Prado- Editor Paulo Prado. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger, 1927.

_____. **Diário da navegação de Pero Lopes de Souza (de 1530 a 1532): documentos e mapas**. (Comentado por Eugenio de Castro). Vol. II. Série Eduardo Prado- Editor Paulo Prado. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger, 1927.

VELASCO, Juan López de. **Geografía y Descripción Universal de las Indias [1574]**. (Publicada por primera vez en el Boletín de la Sociedad geográfica de Madrid, con adiciones é ilustraciones, por don Justo Zaragoza) Madrid: Boletín de la Sociedad Geográfica de Madrid. Fortanet, 1894.

Disponível em: <<http://catalog.hathitrust.org>>

Acessado: 17/11/2016.

HERRERA Y TORDESILLAS. Antonio. **Historia General de los hechos de los Castellanos en las Islas y Tierra-Firme del Mar Océano**. Decada Primera. Madrid: Imprenta Real, 1601.

Disponível em: <<https://archive.org/details>>

Acessado: 21/03/2016.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Capistrano de. **Capítulos de história colonial**. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 1998.

_____. (prefácio) **Diário da navegação de Pero Lopes de Souza (de 1530 a 1532)**. Vol. I. Série Eduardo Prado- Editor Paulo Prado. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger, 1927.

AGUIRRE, Juan Francisco. **Etnografía del Chaco: manuscrito del capitán de fragata D. Juan Francisco Aguirre - 1793**. (Edição de Henrique Peña). Buenos Aires: Boletín del Instituto Geográfico Argentino, tomo XIX, 1898.
Disponível em: <<http://www.etnolingüística.org>> Acessado: 17/03/2015.

ALVEAR, Diego de. **Relación geográfica é histórica de la provincia de Misiones / del brigadier D. Diego de Alvear**. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836.
Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr>> Acessado: 03/01/2017.

ANCHIETA, José de. **Arte da gramática da língua mais usada na costa do Brasil (1595)**. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 1981.

ANGLERIA, Pedro Mártir de. **Décadas do Novo Mundo**. Apud: TORRE REVELLO, José. **Pedro Mártir de Angleria y su obra de orbe novo**. Revista Thesaurus, tomo XII, nº 1, 2 e 3. 1957. Arquivo do Centro Virtual Cervantes.
Disponível em: <<http://cvc.cervantes.es/lengua/thesaurus/pdf>> Acessado: 14/07/2006

ANGLERIA, Pedro Mártir de. **De orbe novo decades**. Apud: MEDINA, José Toribio. **Juan Diaz de Solís. Estudio Histórico**. Santiago de Chile: Impreso en casa del autor, 1897.

ASSENJO, Darío Arce. **Etnónimos indígenas en la historiografía uruguaya: Desensamblando piezas de diferentes puzles**. In: Anuario de Antropología Social y Cultural en Uruguay 2015, Montevideo, 23-35, FHCE.

AZARA, Félix. **Geografía Física y Esférica de las Provincias del Paraguay, Misiones Guaraníes**. Bibliografía, prólogo y anotaciones por Rodolfo R. Schuller. Montevideo: 1904.

_____. **Descripción e historia del Paraguay y del Río de la Plata**. Obra póstuma de Don..., la publica su sobrino y heredero del señor don Agustín de Azara bajo la dirección de D. Basilio Sebastián Castellanos de Losada. Tomo I, II, Madrid: 1847.

BARACE, C., **Carta del Padre Cipriano de Barace al Provincial sobre la conversión de los infieles. Santa Cruz de la Sierra, 10 de septiembre de 1680**. ARSI, Per. 20, f. 237.

BARBOSA, Pablo Antunha. **La tierra sin mal: historia de un mito**. Revista Suplemento Antropológico – Asunción, v. L, n. 2, Diciembre 2015.

BAROJA, Julio Caro. **Los Moriscos del Reino de Granada**. Madrid: Editorial Istmo, 1995.

BARTH, Fredrik. **O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Tradução de John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

BARTOLOMÉ, Miguel Alberto. **As Etnogêneses: Velhos Atores e Novos Papéis no Cenário Cultural e Político**, Rio de Janeiro: Mana vol.12 nº.1. 2006, p. 39-68.

BARZANA, Alonso de. **Carta de la Asunción del Paraguay, dirigida á su Provincial, el P. Juan Sebastián, el día 8 de Septiembre de 1594.** In: PASTELLS, R. P. Pablo. **Historia de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay (Argentina, Paraguay, Uruguay, Perú, Bolivia y Brasil).** Según los Documentos Originales del Archivo General de Indias. Tomo I. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1912.

BATALHONE JÚNIOR, Vítor Claret. **Uma história das notas de rodapés: a anotação da história geral do Brasil de Francisco Adolfo Warnhagen (1854-1953).** 2011. 123 f. Dissertação (Mestrado em História) - Porto Alegre, RS: UFRGS.

BECKER, Ítala Irene Basile. **Os Índios Charrua e Minuano na Antiga Banda Oriental do Uruguai.** São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2002.

BÉCKER, Jerónimo. **La política Española en las Indias.** Madrid: Imprenta de Jaime Ratés Martín, 1920.

BEINART, William; MIDLETON, Karen. **Transferências de plantas em uma perspectiva histórica: o estado da discussão.** Tradução: Henrique Bertulani. Topoi - Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, jul./dez. p. 160-180, 2009.

BERTH, Jean Pierre. **Juan López de Velasco: cronista y cosmógrafo mayor del Consejo de Indias: su personalidad y su obra geográfica.** Revista Relaciones Estudios de Historia y Sociedad, v. 19, n 75, 1998.

Disponível em: <colmich.edu.mx/relaciones>

Acessado em: 10/09/2016.

BOLLO, Diego de Torres. **Primera carta anua de la Provincia del Paraguay, Chile y Tucumán de 1609.** In: PASTELLS, R. P. Pablo. **Historia de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay (Argentina, Paraguay, Uruguay, Perú, Bolivia y Brasil).** Según los Documentos Originales del Archivo General de Indias. Tomo I. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1912.

_____. **Primera carta anua de la Provincia del Paraguay, Chile y Tucumán de 1609.** In: LEONHARDT, Carlos. 1927. **Cartas Anuas de la Provincia del Paraguay, Chile y Tucumán, de la Compañía de Jesús.** Documentos para la Historia Argentina. Tomo XIX (1609-1614), Iglesia. Talleres S.A. Casa Jacobo Peuser. Buenos Aires.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os Guarani: índios do sul, religião, resistência e adaptação.** Estudos avançados. vol.4 nº. 10, São Paulo, Sep./Dec. 1990.

_____. **Identidade e Etnia. Construção da Pessoa e Resistência Cultural.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

BURKE, Peter. **Variadas de história cultural.** São Paulo - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CAMACHO, Alejandro Gómez. **Las ideas pedagógicas de Juan López de Velasco: alfabetización y maestros en la España de Felipe II.** Revista de estudios Sociales – Bogotá, Universidad de los Andes, n. 58, p. 87-95, 2016.

Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo>>

Acessado em: 05/02/2017.

CARDIM, Fernando [1583/90]. **Tratados da Terra e Gente do Brasil**. Rio de Janeiro: Editores J. Leite e Cia, 1925.

CASTRO, Celso. **Evolucionismo cultural: textos de Morgan, Tylor e Frazer**. (Tradução Maria Lúcia de Oliveira). Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR editor, 2005.

CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. **Colonialismo, território e territorialidade: a luta pela terra dos Guarani e Kaiowa em Mato Grosso do Sul**. 2013. 470 f. Tese (Doutorado em História) - Assis, SP: UNESP.

_____. **Tomé: o apóstolo da América. Índios e jesuítas em uma história de apropriações e ressignificações**. Dourados, MS: Editora da UFGD, 2009.

_____. **Apropriações e ressignificações do mito de São Tomé na América: a inclusão do índio na cosmologia cristã**. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados.

_____. **Etno-história e história indígena: questões sobre conceitos, métodos e relevância da pesquisa**. *História*, Jun 2011, vol.30, no.1, p.349-371.

CENTENERA, Martin del Barco. **La Argentina o la conquista del río de la Plata**, 1601. In: ANGELIS, Pedro de. **Colección de obras y documentos relativos a la Historia Antigua y moderna de las Provincias del Río de la Plata**. Compilados por Pedro de Angelis. Tomo. II Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

CESÁREO, Fernández Duro. (Edição e comentários) **Geografía y descripción universal de las Indias, recopilada por el cosmógrafo-cronista, Juan López de Velasco, desde el año de 1571 al de 1574**. Publicada pela primeira vez por D. Justo Zaragoza.

Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/obra>>

Acessado em: 07/09/2014.

CHAMORRO, Graciela. **Terra Madura: yvy, araguyje: fundamento da palavra guarani**. Dourados, MS: Editora da UFGD, 2008.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. (Tradução de Maria Manuela Galhardo). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. **A História Cultural entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

CLASTRES, Pierre. **A Sociedade Contra o Estado**. 2.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

COLAVITE. Ana Paula; BARROS, Mirian Vizintim Fernandes. **Geoprocessamento Aplicado a estudos do caminho do Peabiru**. Revista da AMPEGE, v. 5, p. 86 - 105, 2009.

COLOMBO, Cristóvão. **Diários da descoberta da América: as quatro viagens e o testamento**. Porto Alegre: LP&M Editores, 1999. Revista Anthropos,

COMBÈS, Isabelle; VILLAR, Diego. **Os Mestiços mais Puros. Representações Chiriguano e Chané da Mestiçagem**. Revista Mana, vol.13 n° 1, Rio de Janeiro Apr. 2007.

COMBÈS, Isabelle. **Pai Sumé, el Rey Blanco y el Paititi**. Revista Anthropos, n°106, 2011: 99-114.

COPIA DE LAS INSTRUCCIONES dadas a Diego García, Juan de Sandoval e Gonzalo Hernández Platero para el viaje que han de hacer al Rio de la Plata. In: MEDINA, José Toribio. **Los viajes de Diego García de Mouguer: estudio histórico**. Santiago de Chile: Imprenta Elzeviriana, 1908.

Disponível em: <<https://archive.org/details>>

Acessado: 25/05/2015

CORRÊA-DA-SILVA, Beatriz Carretta. **Mawé/Awetí/Tupí-Guarani: Relações Linguísticas e Implicações Históricas**. 2010. 448 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Brasília, Universidade de Brasília – UNB.

CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Itatim (1596-1760)**, Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1952.

_____. **Antecedentes do Tratado de Madri: jesuítas e bandeirantes no Paraguai (1703-1751)**. Biblioteca Nacional, 1955.

_____. **Jesuítas e Bandeirantes no Guairá (1549-1640)**: Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1951.

CUNHA. Manuela Carneiro da. **Índios no Brasil: história, direitos e cidadania**. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

CUESTA DOMINGO, Mariano. **Los Cronistas oficiales de Indias. De López de Velasco a Céspedes del Castillo**. Revista Complutense de Historia de América, Universidad Complutense, Madrid, v. 33, p. 115-150, 2007.

_____. **Estudio crítico: Alonso de Santa Cruz**. Madrid: Fundación Ignacio Larramendi – Biblioteca Virtual Ignacio Larramendi de Polígrafos, 2016.

Disponível em: <www.larramendi.es>

Acessado em: 21/04/2017.

CUESTA, María del Pilar. **Una colección de historiografía náutica del siglo XVI**. Revista de Historia Naval, Madrid, v. 11, n. 42, p. 61-69, 1993.

Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo>>

Acessado em: 22/07/206

DOBRIZHOFFER, Martin. **Historia de los Abipones**. Tomo III. Traducción de Edmundo Wernicke. Advertencia editorial del Profesor Ernesto J. A. Maeder. Noticia biográfica y

bibliográfica del Padre Martín Dobrizhoffer, por el Académico Guillermo Furlong, S. J. Universidad Nacional del Nordeste Facultad de Humanidades. (CHACO) 1967.
Disponível em: <<http://www.bvp.org.py>>. Acessado: 21/05/2010.

DURAN, Nicolau. **Décima segunda carta ânua da Província Jesuítica do Paraguai, escrita em 1628**. In: CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Guairá (1549-1640)**: Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1951.

EDELWEISS Frederico G. **Tupis e guaranis: estudos de etnonímia e linguística**. Salvador: Publicações do museu da Bahia, n.7, Secretaria de educação e saúde, 1947.

El JABER, Loreley., **Álvar Núñez Cabeza de Vaca: Gustos y olvidos. Legalidad, viaje y escritura**. Cuadernos del CILHA. Mendoza [Argentina] vol.13, n.2, pp. 57-74, 2012.
Disponível em: < <http://www.scielo.org.ar>>. Acessado: 22/08/2014.

FAUSTO, Carlos. **Fragmentos de historia e cultura tupinambá: da etnologia como instrumento crítico de conhecimento etnohistórico**. In: CUNHA, Manuela Carneiro da. **Índios no Brasil: história, direitos e cidadania**. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

FERNANDEZ, Florestan. **A função social da guerra na sociedade Tupinambá**. (Prefácio de Roque de Barros Laraia). 3. ed. - São Paulo : Globo, 2006.

FERNANDEZ, Juan Patricio. **Relacion Historial de las Misiones de los Indios, que llaman Chiquitos, que están à cargo de los Padres de la Compañia de Jesus de la provincia del Paraguay**. Madrid, Impressor Manuel Fernadez, 1726.
Disponível em: <http://books.google.com.br> Acessado: 17/04/2011.

FERNÁNDEZ DE OVIEDO, Gonzalo. **Historia general y natural de las Indias, islas y tierra-firme del mar océano**. Tomo II, por José Amador de los Ríos. Madrid: Imprenta de la Real Academia de la Historia, 1853.
Disponível em: < <https://archive.org>> acessado: 18/10/2016.

FERREIRA NETO, Edgard. **História e etnia**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FERRER, Diogo. **Carta ânua para o padre provincial sobre a geografia e etnografia dos indígenas do Itatim escrita em 1633**. In: CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Itatim (1596-1760)**, Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1952.

FIORETO, Thissiane. **Verissima et ivcvndissima descriptio..., de Ulrico Schmidl: literatura de viagem ou relato de viagem?**. 2015. 245 f. Tese (doutorado) - UNESP.

FLORES, Moacyr. **Colonialismo e Missões Jesuíticas**. Porto Alegre: Instituto de Cultura Hispânica do RS, 1983.

FREITAS DA SILVA, André Luis. **Reduções Jesuítico-Guarani: espaço de diversidade étnica**. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2013.

FURLONG, Guillermo, S.J. **Misiones y sus Pueblos de Guaranies**. Buenos Aires: Ediciones Theoria, 1962.

GAULIN, Jean-Louis. **A ascese do texto ou o retorno às fontes**. In: Jean, Bautier; Dominique, Julia (Org.). **Passados Recompuestos: Campos e canteiros da História**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

GAY, João Pedro. **História da Republica Jesuítica do Paraguai desde o descobrimento do Rio da Prata até nossos dias, ano de 1861**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1863.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GÓMARA, Francisco López. **La historia general de las Indias**. Tomo I. Madrid, CALPE, 1922.

_____. **La historia general de las Indias**. Tomo I. Edição de Juan Belero. Amberes: 1554.

Disponível em: < <http://estudiosindianos.org>>

Acessado: 17/09/2015

GUEVARA, Isabel de. **Carta de Doña Isabel de Guevara á la princesa gobernadora Doña Juana, exponiendo los trabajos hechos en el descubrimiento y conquista del Río de la plata por las mujeres para ayudar á los hombres, y pidiendo repartimiento para su marido**. (Asunción, 2 de julio de 1556). In: **CARTAS DE INDIAS**. Ministerio de Fomento. Madrid: Imprenta de Manuel G. Hernández, 1877.

Disponível em: <<https://archive.org/>>

Acessado: 22/02/2014.

GUEVARA, José. **Historia de la conquistada del Paraguay, Rio de la Plata y Tucumán**. (Una introducción por Andrés Lamas). Tomo I. Buenos Aires: Editor S. Ostwald, 1882.

GUEVARA, José. **Historia del Paraguay, Rio de la Plata y Tucumán**. In: ANGELIS, Pedro de. **Colección de obras y documentos relativos a la Historia Antigua y moderna de las Provincias del Río de la Plata**. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836.

Disponível em: <<https://archive.org/>>

Acessado: 22/02/2014.

GUZMÁN, Ruy Díaz de. [1612] **Argentina : historia del descubrimiento y conquista del Río de la Plata de Ruy Díaz de Guzmán**. (Edición crítica, prólogo y notas de Silvia Tieffemberg con la colaboración de Javiera Jaque Hidalgo). Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires, 2012.

IRALA, Domingo Martinez. **La relación que dexo Domingo Minez de Yrala en Buenos Ayres al tiempo que la despobló, 1541** (anexo). In: SCHMIDL, Ulrich. **Viaje al Río de la Plata**. (Notas biográficas y bibliograficas por Bartolomé Mitre - traducción por Samuel A. Lafone Quevedo). Buenos Aires: Editora Cabaut, 1903.

ISQUIERDO, Sebastián. Apud. PASTELLS, R. P. Pablo. **Historia de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay (Argentina, Paraguay, Uruguay, Perú, Bolivia y Brasil)**.

Según los Documentos Originales del Archivo General de Indias. Tomo II. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1915.

JARQUE, Francisco. **Ruiz Montoya en Indias (1608-1652)**. Tomo II. Madrid: Editor Victoriano Suárez, 1900.

Disponível em: <<https://archive.org/>>

Acessado: 10/02/2015.

JESUITA ANÔNIMO. **Informe de um jesuíta anônimo sobre as cidades do Paraguai e do Guairá espanhóis, índios e mestiços**. Dezembro de 1620. In: CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Guairá (1549-1640)**: Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1951.

JOÃO. Pacheco de Oliveira. **Uma Etnologia dos “Índios Misturados”? Situação Colonial, Territorialização e Fluxos Culturais**. Mana, 4(1):47-77, São Paulo, 1998.

Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc>>

Acessado: 10/11/2010.

JOLIS, José. **Ensayo sobre la historia natural del Gran Chaco**. Apud: LUCAIOLI, Carina Paula. **Los grupos abipones hacia mediados del siglo XVIII**. Buenos Aires: Sociedad Argentina de Antropología, 2005.

GARAY, Juan de. **Fundación de la ciudad de Buenos Aires por D. Juan de Garay con otros documentos de aquella época**. In: ANGELIS, Pedro. **Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Río de la Plata**. Tomo III (ilustrados con notas y disertaciones por Pedro de Angelis). Tomo III, Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836.

KALIL, Luis Guilherme Assis. **A conquista do Prata: análise da crônica de Ulrich Schmidel**. 2008. 191 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

_____. **Os canibais tonsurados: a antropofagia nas crônicas de Schmidl, Staden e Léry**. Anais Eletrônicos do VIII Encontro Internacional da ANPHLAC, Vitória, 2008.

Disponível em: <<http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac>>

Acessado: 26/10/2016.

LABRADOR, José Sánchez. **El Paraguay Católico**. Tomo I, Buenos Aires: Imprenta de Coni Hermanos 1910.

_____. **El Paraguay Católico**. Tomo II. Buenos Aires: Imprenta de Coni Hermanos 1910.

LAFONE QUEVEDO, Samuel Alejandro. **El Sebastián Gaboto de Henry Harrisse**. Boletín del Instituto Geográfico Argentino, Tomo XIX. Imprenta y Papelería la Buenos Aires, 1898.

_____. **Los Indios Chanases y su lengua con apuntes sobre los Querandíes, Yaros, Boanes, Güenoas o Minuanes y un mapa étnico**. Boletín del Instituto Geográfico Argentino, Tomo XVIII, 1897.

Disponível em: <<http://biblio.etnolinguistica.org>>

Acessado: 11/03/2017.

_____. (tradução, prólogo e notas). In: SHMÍDEL, Ulrich. **Viaje al río de la Plata (1534-1554)**. Buenos Aires: Editora Cabaut, 1903.

Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor>> Acessado em: 18/02/2014

LAPONTE, Daniel; ACOSTA, Alejandro. **La construcción de la unidad arqueológica Guaraní en el extremo meridional de su distribución geográfica**. Cuadernos del Instituto Nacional de Antropología y Pensamiento Latinoamericano, Series Especiales. Buenos Aires, Vol 1, No 4, 2013.

Disponível em: <<http://ppct.caicyt.gov.ar>> Acessado: 18/02/2017.

LAS CASAS, Bartolomé de. **Historia de las Indias**. Tomo IV (por el Marqués de la Fuensanta del Valle y José Sancho Rayón). Madrid: Imprenta de Miguel Ginesta, 1876.

Disponível em: <<https://archive.org/details>> Acessado: 21/04/2016.

LEMONS BARBOSA, Antonio. **Pequeno vocabulário Português-Tupi**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1970.

LÉRY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil**, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

LOZANO, Pedro. **Descripción corográfica del gran Chaco Gualamba**. Tucumán: Universidad Nacional de Tucumán, 1941.

_____. **Historia de la Compañía de Jesús de la Provincia del Paraguay**. Madrid: Imprenta de la Viuda de Manuel Fernández, 1754. Tomo I.

_____. **Historia de la Compañía de Jesús de la Provincia del Paraguay**. Madrid: Imprenta de la Viuda de Manuel Fernández, 1754. Tomo II.

_____. **Carta del P. Pedro Lozano, de la Compañía de Jesús, de la Provincia del Paraguay, escrita al P. Bruno Morales de la misma Compañía, y Provincia, existente en esta Corte de Madrid, 1746**. Portugal: Biblioteca Nacional Digital.

Disponível em: <<http://purl.pt/>> Acessado: 08/04/2017

MALINOWSKI, Izabel. **Antropología Paraguaya**. Asunción: Centro de Estudios Antropológicos de la Universidad Católica Nuestra Señora de la Asunción.

MAROTO, María Isabel Vicente. **El arte de la navegación en el siglo de oro**. Cátedra Jorge Juan. Curso 2000-2001, Jesús Ramón Victoria Meizoso (dir.). A Coruña: Universidade, 2003, p. 187-230.

Disponível em: <<http://ruc.udc.es/dspace/bitstream/handle>> Acessado: 10/07/2016

MAURA, Juan Francisco. **El gran burlador de América: Alvar Núñez Cabeza de Vaca**. Valencia: Universidad de Valencia, Parnaseo - Lemir, 2011.

Disponível em: <<http://parnaseo.uv.es/lemir/Textos/Maura>> Acessado: 11/05/2015

MEDINA, José Toribio. **El Veneciano Sebastián Caboto al servicio de España y especialmente de su proyectado viaje a las Molucas por el Estrecho de Magallanes y al**

reconocimiento de la costa del Continente hasta la gobernación de Pedrarias Dávila. Santiago de Chile: Universidad de Chile. Imprenta y encuadernación Universitaria, 1908.

_____. **Juan Diaz de Solís. Estudio Histórico.** Santiago de Chile: Impreso en casa del autor, 1897.

Disponível em: <<https://archive.org/details>>

Acessado: 21/05/2015.

_____. **Los viajes de Diego García del Moguer al Rio de la Plata.** Santiago de Chile: Imprenta Elzeviriana, 1908.

Disponível em: <<http://www.memoriachilena.cl/archivos>>

Acessado: 23/07/2015.

_____. **El Portugués Gonzalo de Acosta al servicio de España.** Santiago de Chile: Imprenta Elzeviriana, 1908.

Disponível em: <<https://archive.org/details>>

Acessado: 21/05/2015.

MELATTI, Julio Cezar. **Corrida de Toras.** Brasília, Revista de Atualidade Indígena, Ano I, nº 1, pp. 38-45, FUNAI, 1976.

_____. **Índios do Brasil.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

MELIÀ, Bartomeu; SAUL, Marcos, V, A; MURARO, V, F. **O Guaraní: uma bibliografia etnológica.** Santo Ângelo: FUNDAMES, 1987.

_____. **El guaraní conquistado y reducido.** Asunción: Centro de Estudios Antropológicos de la Universidad Católica – CEADUC, 1988.

_____. **El pueblo guaraní: unidad y fragmentos.** Campo Grande: Tellus, ano 4, nº6 p. 151-162. Abr. 2004.

_____. **Pasado, presente y futuro de la lengua guaraní.** Asunción. Universidad Católica de Asunción, 2010.

_____. **La lengua guaraní del Paraguay.** Asunción: Editora Mapfre, 1992.

MEMORIAL de Diego García en que se ofrece á ir á descubrir el Mar del Sur pasando por el Estrecho de Magallanes. In: MEDINA, José Toribio. **Los viajes de Diego García del Moguer al Rio de la Plata.** Santiago de Chile: Imprenta Elzeviriana, 1908.

Disponível em: <<http://www.memoriachilena.cl/archivos>>

Acessado: 23/07/2015

MÉTRAUX, Alfred. **Etnografía del Chaco.** (Tradução de Frank Samson. Edição, revisão e notas de Miguel Chase-sardi). Asunción: Editorial El lector, 1996.

_____. **The Guaraní.** In: STEWARD, Julian H. **Handbook of South American Indians.** Vol. 3. United States Government printing Office Washington, 1948.

MITRE, Bartolomé. (notas) In: SCHMÍDEL, Ulrich. *Viaje al Río de la Plata*. Buenos Aires: Editora Cabaut, 1903.

MONTEIRO, John. **Tupis, Tapuias e Historiadores, Estudos de História Indígena e do Indigenismo**. 2001 241 f. Tese (Livre Docência em Etnologia) – Campinas, SP: UNICAMP.

_____. **Os Guarani e a história do Brasil meridional séculos XVI e XVII**. In: CUNHA, Manuela Carneiro da. (org). **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MONTOYA, Antonio Ruiz de. **Tesoro de la lengua Guaraní**. Madrid: Juan Sánchez, 1639. Disponível em: < <https://archive.org/details>> Acessado: 17/08/2016.

_____. **Carta ânua escrita em 1628 para o padre Nicolau Duran, provincial da Companhia de Jesus**. In: CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Guairá (1549-1640)**: Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1951.

NETZOW, A. A., **Diferentes interpretações sobre o rio da Prata quinhentista: reflexões sobre uma abordagem histórico-arqueológica**. 2001. 128 f. Dissertação (Mestrado em Historia). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUC, RS.

NIMUENDAJÚ, Curt. **A corrida de toras dos Timbira**. *Mana* vol.7 n°2 Rio de Janeiro, 2001.

NOELLI, Francisco Silva. **La Distribución Geográfica de las Evidencias Arqueológicas Guaraní**. *Revista de Indias*, 2004, vol. LXIV, núm. 230 Págs. 17-34. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es>> Acessado: 14/08/2015

NUSDORFFER, Bernardo. Apud: FURLONG, Guillermo. **Misiones y sus Pueblos de Guaraníes**. Buenos Aires: Ediciones Theoria, 1962.

OLIVEIRA, Jorge Eremites de. **Cultura Material e Identidade Étnica na arqueologia brasileira: um estudo por ocasião da discussão sobre a tradicionalidade da ocupação Kaiowá da terra indígena Sucuri**. Goiânia, *Revista Cultura e Sociedade*, 10(1): 95-113.

PAGDEN, Antony. **La caída del hombre natural: el indio americano y los orígenes de la etnología comparativa**. Versión española de Belén Urrutia Domínguez. Madrid: Alianza Editorial natural, 1988. Disponível em: < <https://pt.scribd.com/doc>> Acessado: 22/06/2017.

PANNOFF, Michel; PERRIN, Michel. **Dicionário de etnologia**. (Tradução Carlos Veiga Ferreira). Lisboa - Portugal: Editora 70, 1979.

PORTO, Aurélio. **História das Missões Orientais do Uruguai**. Vol. III, Porto Alegre: Livraria Selbach, 1954.

PICANÇO, Jefferson de Lima; MESQUITA, Maria José. **O Sertão do Tibagi, os diamantes e o mapa de Ângelo Pedroso Leme (1755)**. In: Simpósio brasileiro de cartografia histórica, 2011, Paraty. Anais eletrônico... Paraty: CRCH/UFMG, 2011.
Disponível em: <<https://www.ufmg.br/rededemuseus/simposio>> Acessado em: 13/07/2016.

PORTUGAL, Ana Raquel. **Confluência cultural nas Crônicas das Índias**. In: _____; HURTADO, Liliana R. de (orgs). São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2015.

PROUS, André. **Arqueologia brasileira**. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1992.

RAMOS, Antonio Dari. **O medo instrumentalizado: província jesuítica do Paraguai (1609 - 1637)**. Campinas, SP. Curt Nimuendajú, 2007.

RAZZERA DOS SANTOS, Cristina. **Aspectos de la resistencia Guaraní: los proyectos de integración en el Virreinato del Río de la Plata (1786-1805)**. 2002. 466 F. Tese (Doutorado em Antropologia da América) – Madrid: Universidad Complutense de Madrid.

REAL CÉDULA por la que se encomienda á Juan Diaz de Solís y á Juan Vespuchi que hagan el padrón real, 24 de julio de 1512. In: MEDINA, José Toribio. **Juan Diaz de Solís: estudio histórico**. Santiago de Chile: impreso en casa del autor, 1897.
Disponível em: <<https://archive.org/details>> Acessado: 21/05/2015

RECOPIACIÓN de las Leyes de los Reinos de las Indias. Mandadas imprimir y publicar por la Majestad Católica del Rey Don Carlos II, Nuestro Señor. Tomo I, 1686.
Disponível em: <<http://www.gabrielbernat.es/espana/leyes>> Acessado: 10/02/2010.

RENGGER, Johann Rudolf. **Viaje al Paraguay en los años 1818 a 1826**. Trad. al castellano, prologado y comentado por Alfredo Tomasini y José Braunstei. Asunción: Tiempo de Historia, 2010.

REIS, Anderson Roberti dos; FERNANDES, Luiz E. de Oliveira. **1492: partos do fecundo oceano**. Belo Horizonte: Varia Historia, vol. 30, nº 54, p.727-751, set/dez 2014.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO BRASIL. Tomo XV (2º da terceira série). Rio de Janeiro: Tipografia Universal de Laemmert 1852.

RICARDO, Carlos Alberto. **Passados 500 anos, sequer sabemos seus nomes**. In: Grupioni, Luís Donisete; Vidal, Lux; e Fischmann, Roseli (orgs.). **Povos indígenas e tolerância – construindo práticas de respeito e solidariedade**. São Paulo: Edusp, 2001.

RODRIGUES, Antônio. **Cópia de uma carta do irmão Antonio Rodrigues para os irmãos de Coimbra, 1553**. De S. Vicente, do último de maio de 1553.
Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/obra>> Acessado em: 14/03/2015

RODIGUES, Aryon Dall'Igna. **As línguas gerais Sul-americanas**. PAPIA: Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares. Brasília, 4(2), p. 6-18, 1996.

ROGGE, Jairo Henrique. **Fenômenos de fronteira: um estudo das situações de contato entre os portadores das tradições cerâmicas pré-históricas no Rio Grande do Sul**. 2004. 241 f. Tese (Doutorado em História) – PPGH/UNISINOS, São Paulo.

SALVADOR, Frei Vicente de. **História do Brasil (1500-1627)**. Rio de Janeiro. Itatiaia, 1982.

SANCHEZ VIGIL, Juan Miguel. **La editorial CALPE y el Catálogo general de 1923**. *Revistas Científicas Complutenses. Documentación de las Ciencias de la Información*. Universidad Complutense de Madrid, vol, 29, p. 259-277, 2006.

Disponível em: < <http://revistas.ucm.es> >

Acessado em: 01/06/2017.

SANTOS, Maria Cristina dos; BAPTISTA, Jean Tiago. **Reduções Jesuíticas e Povoados de Índios: controvérsias sobre a população indígena (séc. XVII e XVIII)**. *Revista de História da UNISINOS*. São Leopoldo, v. 11, n° 2 p. 240-251, Maio/Agosto 2007.

SANTOS, Maria Cristina dos. **Clastres e Susnik: uma tradução do “Guarani de papel”**. In: GADELHA, Regina Maria A. F. **Missões Guarani: impacto na sociedade contemporânea**. São Paulo: EDUC, 1999.

SANTOS. Lucicleide Gomes. **Cerâmica Kinikinau: a arte de um povo tido como extinto**. 2011, 135 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS.

SCHADEN, Egon. **Aculturação Indígena: ensaio sobre fatores e tendências da mudança cultural de tribos índias em contato com o mundo dos brancos**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1969.

SCHALLENBERGER, Erneldo. **O Guairá e o espaço missionário: índios e jesuítas no tempo das missões rio-platenses**. Cascavel: Editora Coluna do Saber, 2006.

SCHWANBORN. Ingrid. **O Guarani era um Tupi? Sobre os romances indianistas O Guarani, Iracema, Ubirajara de José de Alencar**. (Tradução de Carlos Almeida Pereira). Fortaleza: editora UFC, 1987.

SCHULLER, Rodolfo. (Prologo). In: AZARA, Félix de. **Geografía Física y Esférica de las Provincias del Paraguay y Misiones Guaraníes**. Montevideo: Anales del Museo Nacional, 1904.

Disponível em: <<https://archive.org/details>>

Acessado: 17/05/2015.

CHMYZ. Igor; SAUNER, Zulmara Clara. **Nota Prévia sobre as Pesquisa no Vale do Rio Piquiri, Dédalo**, São Paulo, n. 13, p. 07-31, jun. 1971.

CHMYZ. Igor. **O Peabiru foi Aberto pelos Itararés**. Entrevista a Luiz Osmar Gabardo, *Caderno da Ilha*, Florianópolis, n. 03, p. 20-23, maio. 2004

SERRANO, Antonio. **Etnografía de la Antigua Provincia del Uruguay**. Paraná, Melchior, 1936.

SILVA, Sergio Batista da. **Etnoarqueologia dos Grafismos Kaingang: um modelo para a compreensão das sociedades Proto-Jê meridionais**. 2001. 366 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) FFLSCH/USP, São Paulo.

SOARES, André Luis Ramos. **Pelo Fim do Frankenstein Guarani**. (Maringá Online) Revista Diálogos, v. 16, n.2, p. 767-790, mai.-ago./2012.

Disponível em: <www.dialogos.uem.br>

Acessado em: 25/09/2012.

_____. **Guarani: organização social e arqueologia** Porto Alegre, EDIPUCRS, 1997.

_____. **Contribuição à Arqueologia Guarani: estudo do sítio Röpke**. 2005. 237 f. Tese (Doutorado em Arqueologia). USP, Museu de arqueologia e etnologia.

_____. **Organização Sócio-Política Guarani: Aportes para a Investigação Arqueológica**. 1996. 217 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Porto Alegre, RS: Pontificia Universidade Católica do Rio grande do Sul, PUC.

_____. **Índios Guaranis: Seria a diversidade arqueológica das vasilhas cerâmicas um parâmetro étnico?** Criciúma, Santa Catarina, Revista Tecnologia e Ambiente, Dossiê IX Reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira / Regional Sul, v. 21, nº 1, 2015.

STADEN, Hans. **Duas viagens ao Brasil**, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

SUSNIK, Branislava. **Los aborígenes del Paraguay**, Tomo II. Asunción: Museo etnográfico Andrés Barbero, 1979-1980.

_____. **El indio colonial del Paraguay**. Tomo I. Asunción: Museo etnográfico Andres Barbero, 1965.

_____. **Las Características Etno-Socio-Culturales de los Aborígenes Del Paraguay en el Siglo XVI**. Museo Etnográfico Andrés Barbero. Asunción, 1993.

TECHO, Nicolas del. **Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús**. (Versión del testo latino por Manuel Serrano y Sans. Con prólogo de Blas Garay). Tomo I. Librería y Casa Editorial A. de Uribe y Compañía, 1897.

_____. **Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús**. (Versión del testo latino por Manuel Serrano y Sans. Con prólogo de Blas Garay). Tomo II. Librería y Casa Editorial A. de Uribe y Compañía, 1897.

_____. **Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús**. (Versión del testo latino por Manuel Serrano y Sans. Con prólogo de Blas Garay). Tomo III. Librería y Casa Editorial A. de Uribe y Compañía, 1897.

TORRE REVELLO, José. **Pedro Mártir de Angleria y su obra de orbe novo**. Revista Thesaurus, tomo XII, nº 1, 2 e 3. 1957. Arquivo do Centro Virtual Cervantes. Disponível em: <<http://cvc.cervantes.es/lengua/thesaurus/pdf>> Acessado: 14/07/2006.

TRIGGER, Bruce G. **História do pensamento arqueológico**. (Tradução Ordep Trindade Serra). São Paulo: Odysseus Editora, 2004.

TZVETAN, Todorov. **A conquista da América: a questão do outro**. Tradução de Beatriz Perrone Moi. São Paulo: Martins Fontes, 2ª Ed., 1983.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **História e análise de textos**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

VESPUCCIO, Américo. **Novo mundo: cartas de viagens e descobertas**. Tradução e introdução de Luiz Renato Martins. Porto Alegre: Editora L&PM, 1984.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. **Diário da navegação da armada que foi a terra do Brasil em 1530, sob a Capitania-Mór de Martin Affonso de Souza, escrito por seu irmão Pero Lopes de Souza**. Lisboa: Tipografia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, 1839.

Disponível em: <<http://books.google.com.br>> Acessado em: 12/01/2009

VICENTE, José Antonio Armillas. **Pedro Mártir de Anglería, contino real y cronista de Castilla. La invención de las nuevas Indias**.

Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es>> Acessado: 12/06/2017.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Histórias Ameríndias**. In: CUNHA, Manuela Carneiro da. (org). **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

WILDE, Guillermo. **Territorio y Etnogénesis Misional en el Paraguay del siglo XVIII**, In: Revista Fronteiras, Dourados, MS, v. 11, nº19, p. 83-106, jan./jun. 2009.

ZAVALA, Ana Luz Ramírez., **Indio/indígena 1750-1850**. Historia Mexicana [en línea] 2011, LX (Enero-Marzo).

Disponível em: <:<http://www.redalyc.org/articulo>> Acessado em: 12/06/2017.

Autorizo a reprodução deste trabalho.

Dourados, 22 de Fevereiro de 2018.

André Luis Freitas da Silva